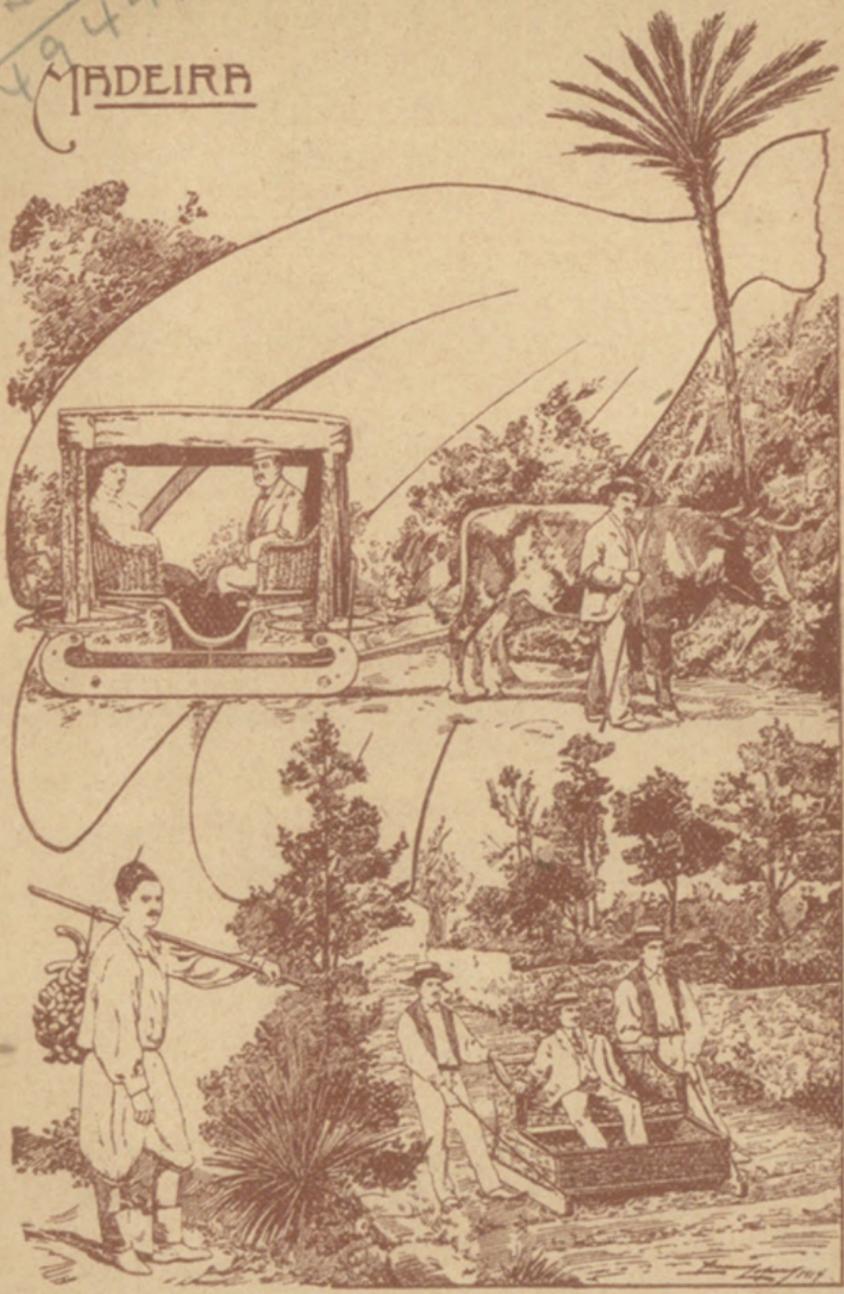
The book cover features a dark green background with a detailed, embossed decorative border. The border consists of vertical columns on the left and right sides, each topped with a crown-like ornament and containing a series of smaller, repeating motifs. The central area is framed by an arch at the top and a base with three shield-like elements containing crosses. The text is centered within this frame.

Carlos Dickens

OLIVEIROS TWIST



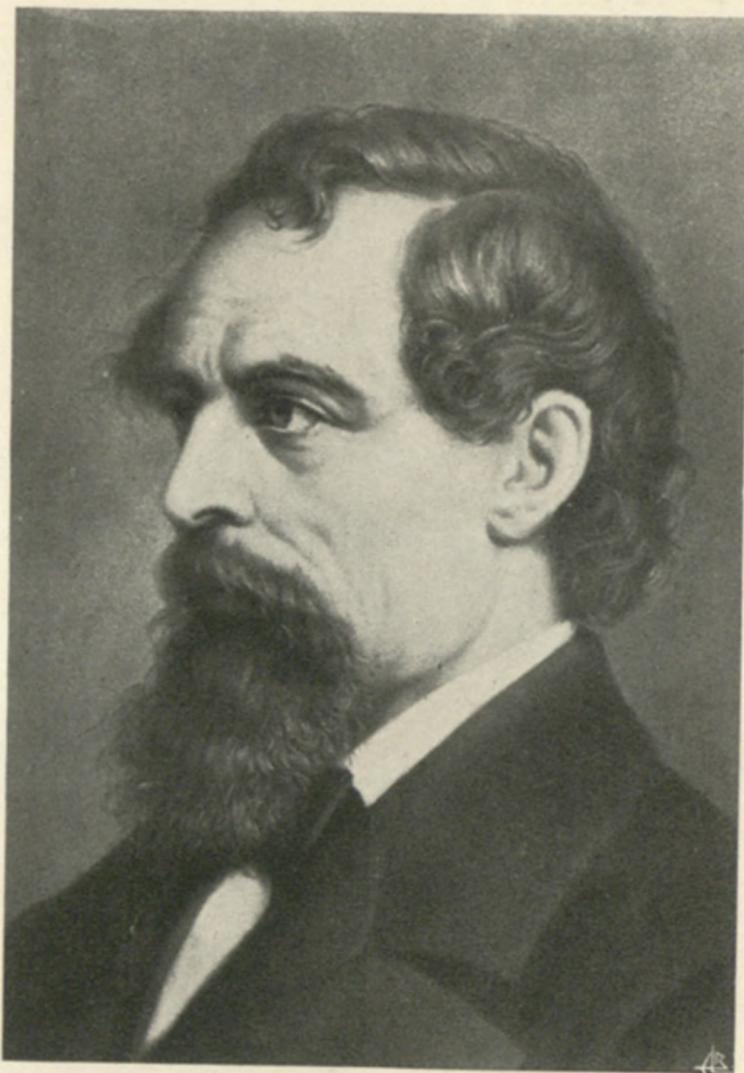
to
34949 P.
MADERA



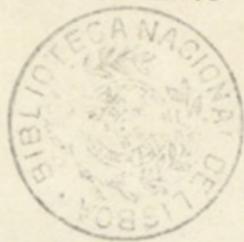
PÓRTO — ARTES GRÁFICAS

6.
m 4949 A

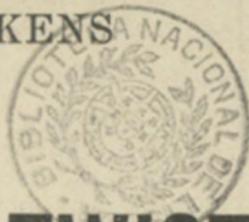




CARLOS DICKENS



CARLOS DICKENS



OLIVEIROS TWIST

L. 34949 P.

TRADUZIDO DO INGLÊS

I VOLUME

R. 151313



LIVRARIA LELLO & IRMÃO, EDITORES
144, Rua das Carmelitas — PÔRTO
AILLAUD & LELLOS, LIMITADA
76, Rua do Carmo, 80 a 84 — LISBÔA

Colecção Lusitania



Esta colecção, de que já estão publicados 66 volumes, é a mais selecta, económica e elegante de quantas se têm editado em português, e destina-se a vulgarizar não só as obras primas da literatura pátria, como também, em cuidadas traduções, as melhores da literatura estrangeira

Possuir a Colecção Lusitânia completa, é o mesmo que possuir uma pequena biblioteca.





I

Do lugar onde nasceu Oliveiros Twist, e das circunstâncias que acompanharam o seu nascimento

Entre os monumentos públicos de certa povoação de que, por prudência, calarei o nome, e à qual não quero dar qualquer nome suposto, existe um, que foi outrora comum à maior parte das cidades, grandes ou pequenas : é o asilo de mendicidade. Um dia, do qual não é necessário precisar a data, tanto mais que ela nenhuma importância tem para o leitor, nasceu nesse asilo de mendicidade o pequeno mortal cujo nome se vê no cabeçalho d'êste capítulo.

— Por muito tempo ainda, depois que o cirurgião dos pobres da paróquia o introduziu neste mundo de atribulação e de dôr, se duvidou bastantê se a pobre criança viveria o tempo suficiente para vir a usar qualquer nome ; se tivesse morrido, é mais que provável que estas memórias nunca tivessem sido publicadas, ou, se o tivessem sido, compreendendo como certamente aconteceria apenas algumas páginas, teriam tido o mé-

rito inestimável de serem o mais conciso e fiel modelo de biografia que a literatura de qualquer época ou país houvesse jámais produzido.

Embora me sinta pouco disposto a sustentar que seja para um homem um favor extraordinário da fortuna nascer num asilo de mendicidade, devo todavia dizer que, neste caso particular, era o que de melhor poderia ter sucedido a Oliveiros Twist. O facto é que só com grande trabalho se conseguiu decidir Oliveiros a desempenhar as suas funções respiratórias, exercício fatigante, mas que o hábito tornou necessário ao bem-estar da nossa existência : durante algum tempo conservou-se estendido sobre um pequeno colchão de lã ordinária, fazendo esforços para respirar, hesitando, por assim dizer, entre a vida e a morte, mas inclinándose muito mais para esta. Se, durante esse pequeno espaço de tempo, Oliveiros estivesse rodeado de avós solícitas, de tias inquietas, de amas experientes e de médicos de muito saber, teria infalivelmente perecido ; mas como não havia ali ninguém, salvo uma pobre velha, que pouco via em consequência duma ração de cerveja fora do vulgar, e um cirurgião municipal pago ao ano para fazer esse serviço, Oliveiros e a natureza lutaram frente a frente. O resultado foi que, após alguns esforços, Oliveiros respirou, espirrou, e avisou os habitantes do asilo do novo encargo que ia pesar sobre a paróquia, soltando um grito tão forte quanto razoavelmente se poderia esperar duma criança do sexo masculino que só havia três minutos e um quarto se achava de posse desse tão útil dom que se chama a voz.

Na ocasião em que Oliveiros dava esta primeira prova da força e da liberdade dos seus pulmões, a pequena coberta remendada lançada negligentemente sobre o leito de ferro agitou-se levemente ; o rosto pálido duma jovem ergueu-se penosamente de sobre o travesseiro, e uma voz fraca articulou com dificuldade

estas palavras : « Quero ver o meu filho antes de morrer ! »

O cirurgião estava sentado com o rosto voltado para o fogão e esfregando as mãos alternadamente. Ao ouvir a jovem, levantou-se, e, aproximando-se da cabeceira do leito, disse com mais doçura do que poderia esperar-se do seu ministério :

— Oh ! não deve ainda falar em morrer !

— Oh ! não, que Deus abençõe a sua boa alma — disse a enfermeira, metendo rapidamente no bolso uma garrafa verde de que, metida num canto, acabara de apreciar o conteúdo com evidente satisfação. — Que Deus abençõe a sua boa alma ; quando ela tiver vivido tanto como eu, senhor, e tiver tido treze filhos e perdido todos, salvo dois, que estão comigo no asilo, pensará doutro modo. Que Deus abençõe a sua boa alma ! Vamos, lembre-se da felicidade de ser mãe deste querido cordeirinho !

É provável que esta perspectiva consoladora de felicidade maternal não produzisse muito efeito. A doente abanou a cabeça e estendeu as mãos para a criança. O cirurgião pôs-lha nos braços ; ela colocou com ternura, sobre a fronte da criança, os lábios pálidos e frios ; depois passou as mãos sobre o próprio rosto, lançou em torno um olhar desvairado, estremeceu, caju novamente sobre o leito — e expirou. Esfregaram-lhe o peito, as mãos e as fontes ; mas o sangue estava gelado para sempre ; falavam-lhe de esperança e de socorro, mas ela tinha deles estado privada por demasiado tempo.

— Acabou tudo, senhora Thingummy — disse emfim o cirurgião.

— Ah ! pobre mulher, é bem certo — disse a enfermeira, apanhando a rólha da garrafa verde, que tinha caído sobre o travesseiro quando ela se abaixava para pegar na criança. — Pobre mulher !

— É desnecessário mandar-me chamar se a criança

chorar — disse o cirurgião, calçando as luvas com modo decidido. — É muito provável que ela não esteja muito tranqüila; se assim fôr, dê-lhe um pouco de caldo de aveia.

Pôs o chapéu, e, dirigindo-se para a porta, parou junto do leito, acrescentando: — Era uma linda rapariga, na verdade. ¿ Donde veio ela?

— Trouxeram-na para aqui ontem à noite, — respondeu a velha — por ordem do inspector; encontraram-na caída na rua; tinha caminhado muito, porque o calçado estava em pedaços; ¿ mas donde vinha, para onde ia? ninguém o sabe.

O cirurgião inclinou-se sobre o cadáver, e levantando-lhe a mão esquerda: — Sempre a mesma história! — disse êle, abanando a cabeça. — Não tem aliança . . . Vamos! boa noite!

O médico foi jantar, e a enfermeira, depois de levar aos lábios mais uma vez a garrafa verde, assentou-se numa cadeira baixa, diante do fogo, e pôs-se a vestir o recém-nascido.

Que frisante exemplo da influência do vestuário deu então o pequeno Oliveiros Twist! Embrulhado no cobertor que até então tinha sido o seu único vestuário, tanto podia ser filho dum nobre como dum mendigo: teria sido difícil ao mais presunçoso designar-lhe um lugar na sociedade; mas depois que o envolveram no velho vestido de chita amarelado pelo uso, ficou marcado e etiquetado, e achou-se imediatamente no seu lugar; um filho da paróquia, o órfão do hospício, o humilde arre-burrinho esfomeado, destinado às pancadas e aos maus tratos, ao desprezo de todos e à piedade de ninguém.

Oliveiros chorava com tôdas as suas fôrças. Se êle pudesse saber que era órfão, e que estava abandonado à terna compaixão dos fabriqueiros e dos inspectores, talvez tivesse chorado ainda mais.

II

Como Oliveiros cresceu, e como foi criado

Durante os oito ou dez meses que se seguiram, Oliveiros Twist foi vítima dum sistema continuo de enganos e de decepções. Foi criado a biberão. As autoridades do hospício informaram devidamente as autoridades da paróquia do estado precário e famélico do pobre órfão. As autoridades da paróquia inquiriram com dignidade das autoridades do hospício se não haveria uma mulher, vivendo actualmente no estabelecimento, que estivesse em estado de proporcionar a Oliveiros Twist a consolação e o alimento de que êle necessitava. As autoridades do hospício responderam humildamente que não : em vista do que as autoridades da paróquia tiveram a humanidade e a magnanimidade de decidir que Oliveiros seria *farmed* (1), ou, por outra, que seria enviado para uma sucursal a três milhas de distância, onde vinte a trinta outros pequenos transgressores da lei dos pobres passavam os dias a reboarem-se no sobrado sem o inconveniente de serem excessivamente alimentados nem andarem demasiadamente enroupados, sob a superintendência maternal dumá velha que recebia os delinquentes à razão de sete pence e meio por cabeça e por semana. Sete pence e meio por semana perfazem uma soma assaz redonda para o sustento dumá criança ; muitas coisas se podem obter por sete pence e meio ; bastantes, realmente, para lhe sobrecarregar o estômago e alterar a saúde. A velha era cheia de sabedoria e de experiência ; sabia o que convinha às crianças, e sabia também perfeitamente o que lhe convinha a ela : graças a isto,

(1) Enviado para uma *farm* ou casa de campo (granja, casal, herdade). — N. T.

destinava para seu uso particular a maior parte do estipêndio hebdomadário, e reduzia a pequena geração da paróquia a um regime ainda mais magro do que aquêle que lhe distribuam na casa de refúgio. Porque a boa senhora levava aos seus extremos limites a economia, e mostrava-se uma consumada filósofa experimental.

Tôda a gente conhece a história dêsse outro filósofo experimental que tinha uma bela teoria sôbre a possibilidade de um cavalo viver sem comer, e que a demonstrou tão bem, que reduziu pouco a pouco a ração do seu cavalo a uma palha por dia ; sem dúvida alguma, êste animal ter-se-ia tornado singularmente ágil e fogoso se não tivesse morrido, precisamente vinte e quatro horas antes de receber pela primeira vez uma abundante ração de ar puro. Desgraçadamente para a filosofia experimental da velha a cujos cuidados tinha sido conflado Oliveiros Twist, um resultado análogo era a maior parte das vezes a consequência natural do seu sistema ; porque justamente na ocasião em que a criança tinha conseguido viver com a mínima porção possível do mais fraco alimento possível, sucedia, oito ou nove vezes sôbre dez, que ela tinha a maldade de adoecer de frio ou de fome, de se deixar cair no lume por negligência, ou de se asfixiar por acidente ; em qualquer dêstes casos, o desgraçado pequeno era convocado para outro mundo, onde ia encontrar pais que neste não conhecera.

Fazia-se por vezes um inquérito, mais interessado que de costume, a propósito duma criança que tinha sido abafada na cama ou que por descuido se tinha escaldado quando acontecia haver barrela, bem que êste último acidente fôsse muito raro, porque na granja era raro haver qualquer coisa que se aproximasse de uma barrela. Então o júri lembrava-se de fazer algumas perguntas embaraçosas, ou os habitantes da paróquia tinham a audácia de assinar uma reclamação ;

mas essas impertinências eram de-prensa reprimidas pelo atestado do cirurgião e pelo testemunho do prefeito : o primeiro declarava que tinha autopsiado o cadáver e que nada havia encontrado, o que era, com efeito, muito provável, e o segundo jurava invariavelmente tudo o que a paróquia necessitava, o que era duma bela dedicação. Demais, a comissão administrativa fazia excursões periódicas à granja, tendo o cuidado de enviar sempre na véspera o prefeito a anunciar a visita ; as crianças estavam limpas e bem tratadas quando esses cavalheiros chegavam : ¿ que mais queriam ?

Não se podia esperar que este sistema de educação desse produtos extraordinários ou exuberantes. No dia em que completou nove anos, Oliveiros Twist era uma criança pálida e delicada, de estatura um tanto diminuta e decididamente de reduzida circunferência. Mas a natureza, ou a hereditariedade tinham implantado um carácter vigoroso no peito de Oliveiros. O espirito tinha tido muito espaço para se desenvolver, graças à magra dieta do estabelecimento ; e talvez a esta circunstância deva ser atribuído o ter podido atingir o nono ano do seu nascimento. Como quer que fôsse, fazia nesse dia nove anos, e estava festejando essa data com um grupo selecto de dois outros jóvens cavalheiros que, depois de terem partilhado com elle uma boa sova, haviam sido fechados à chave por haverem tido a audácia de se queixar de ter fome, quando a snr.^a Mann, a excelente directora da casa, foi surpreendida pela imprevista aparição do snr. Bumble, o prefeito, que procurava abrir a porta do jardim.

— Bemdito seja Deus ! ¿ é o snr. Bumble ? — exclamou a snr.^a Mann, chegando à janela e simulando uma grande alegria. — Suzana, vai buscar Oliveiros e os outros dois fedelhos, e lava-lhes de-prensa a cara. — Meu Deus ; como me sinto feliz em o ver, snr. Bumble !

O snr. Bumble era gordo e irascível ; assim, em vez

de responder afavelmente a esse sincero acolhimento, pôs-se a sacudir com toda a força o postigo, acabando por lhe dar um destes pontapés que não podia vir de outra pessoa que não fôsse a de um prefeito.

— Ora uma coisa assim! — disse a sr.^a Mann correndo a abrir a porta (porque já entretanto tinha pôsto em liberdade os três pequenos). — Ora uma coisa assim! ; Como me pude eu esquecer de que a porta estava fechada por dentro, por causa desses queridos pequenos? Queira entrar, senhor, queira entrar, se faz favor, sr. Bumble!

Bem que este convite fôsse feito com uma amabilidade que teria tocado o coração dum fabricante, não impressionou de forma alguma o do prefeito.

— ; Parece-lhe respeitável e conveniente, sr.^a Mann, — perguntou Bumble, apertando nas mãos a bengala — fazer esperar os funcionários da paróquia à porta do seu jardim, quando eles veem aqui, no desempenho das suas funções paroquiais, visitar os órfãos da paróquia? ; A sr.^a Mann esquece que é, por assim dizer, delegada da paróquia e estipendiada por ela?

— Oh! não, sr. Bumble! — respondeu a sr.^a Mann humildemente. — Mas tinha idó dizer a uma ou duas dessas queridas crianças, que tanto o estimam, que era o senhor quem chegava, sr. Bumble!

O sr. Bumble fazia uma elevada idéja do seu talento oratório e da sua importância; tinha ostentado um e salvaguardado a outra: afrouxou.

— Bem, bem, sr.^a Mann — respondeu êle, num tom mais calmo. — Pode ser que assim seja, pode ser; entremos, sr.^a Mann; venho para negócios; preciso falar-lhe.

A sr.^a Mann introduziu o prefeito numa saleta, calçada de teijolo, chegou-lhe uma cadeira e apressou-se a desembaraçá-lo do seu chapéu de bico e da bengala, que pousou sobre a mesa diante dêle. O sr. Bumble limpou a fronte coberta de suor, lançou um olhar com-

placente sôbre o seu tricórnio, e sorriu. Sim! sorriu; afinal os prefeitos são homens; e o snr. Bumble sorriu.

— Não se ofenda com o que lhe vou dizer — observou a snr.^a Mann com uma cativante amabilidade. — O senhor deu uma grande caminhada, nem eu falaria se não fôsse isso; deveria tomar uma pinga de qualquer coisa, snr. Bumble!

— Nada, absolutamente nada! — disse o snr. Bumble, fazendo um sinal de recusa, com dignidade mas com doçura.

— Há-de tomar — disse a snr.^a Mann, que tinha notado o tom e o gesto do prefeito. — Só uma gota com um pouco de água fresca e um torrãozinho de açúcar.

O snr. Bumble tossiu.

— Apenas uma gota — insistiu a snr.^a Mann, com a sua voz mais cativante.

— ¿ Que vem a ser? — perguntou o prefeito.

— Tenho de ter um pouco disto em casa para deitar na farinha dessas queridas crianças, quando estão doentes — respondeu a snr.^a Mann, abrindo um pequeno armário, de onde tirou uma garrafa e um copo. — É genebra. Não o quero enganar, snr. Bumble; é genebra.

— ¿ Então dá farinha às crianças, snr.^a Mann? — perguntou Bumble, seguindo com o olhar a interessante operação da mistura.

— Ah! sim, dou — disse ela — bem que a araruta custe muito cara; mas não posso vê-los sofrer, isso é mais forte do que eu.

— Não — disse o snr. Bumble em tom de aprovação — não, a snr.^a não pode... a snr.^a Mann é uma mulher compassiva. (Ela coloca o copo sôbre a mesa). Aproveitarei a primeira oportunidade para falar de si à comissão, snr.^a Mann. (Ele aproxima o copo). Estas crianças tem na senhora uma mãe, snr.^a Mann. (Agita

a genebra e a água). Bebo de todo o meu coração à sua saúde, snr.^a Mann. (Bebe metade).

— Agora, conversemos de negócios, — disse o prefeito, tirando do bôlso uma pequena carteira de coiro. — A criança que foi baptizada com o nome de Oliveiros Twist faz hoje nove anos . . .

— Que Deus o abençõe ! — disse a snr.^a Mann, esfregando o ôlho esquerdo com o canto do avental.

— E, a-pesar-de se oferecer uma recompensa de dez libras esterlinas, que se elevou sucessivamente até vinte ; a-pesar dos mais extraordinários e, se assim me é permitido exprimir, sobrenaturais esforços feitos pela paróquia, — disse Bumble — nunca pudemos descobrir quem é o pai, nem qual era o estado, nome ou condição da mãe.

A snr.^a Mann ergueu as mãos em sinal de espanto, e disse depois, após um momento de reflexão :

— ¿ Mas então, como é que êle tem um apelido ?

O prefeito endireitou-se altivamente :

— Fui eu que o inventei, — disse êle.

— ¿ O senhor, snr. Bumble ?

— Eu mesmo, snr.^a Mann ; nós nomeamos os nossos enjeitados por ordem alfabética ; o último estava na letra S, chamei-o Swubble ; êste estava na letra T, chamei-lhe Twist ; o seguinte chamar-se-á Unwin, e o outro a seguir Vilkins. Tenho nomes sempre prontos duma extremidade à outra do alfabeto ; e, chegando ao Z, volta-se ao princípio.

— O senhor é muito ilustrado, — disse a snr.^a Mann.

— Bem, bem, talvez assim seja, snr.^a Mann, — disse o prefeito, evidentemente satisfeito com o cumprimento — talvez assim seja.

Acabou de beber a genebra com água e continuou :

— Como Oliveiros está agora muito crescido para continuar aqui, o conselho resolveu que êle volte para o asilo, e eu venho buscá-lo. Traga-mo imediatamente.

— Trago-lho num instante, — disse a snr.^a Mann, saindo da sala.

Oliveiros, que, entretanto, tinha sido desembaraçado, tanto pelo menos quanto era possível fazê-lo por uma só lavagem, da porcaria que lhe cobria o rosto e as mãos, foi introduzido pela sua benévola protectora.

— Oliveiros, cumprimente êste senhor — disse a snr.^a Mann.

Oliveiros cumprimentou ao mesmo tempo o prefeito na sua cadeira e o tricórnio sôbre a mesa.

— ¿ Quere vir comigo, Oliveiros? — disse o prefeito com majestade.

Oliveiros ia dizer que não desejava outra coisa senão ir-se embora dali fôsse com quem fôsse, quando, levantando os olhos, surpreendeu um olhar da snr.^a Mann, que se tinha colocado por detrás da cadeira do prefeito, mostrando-lhe o punho com furor; compreendeu imediatamente o que aquilo queria dizer, porque êsse punho lhe tinha caído demasiadas vezes sôbre as costas para que lhe não estivesse profundamente gravado na memória.

— ¿ E a snr.^a Mann irá também? — perguntou o pobre Oliveiros.

— Não, é impossível, — respondeu o snr. Bumble; — mas irá vê-lo de tempos a tempos.

Não era esta uma esperança muito consoladora para a criança; mas, a-pesar-de muito novo, tinha senso bastante para fingir uma grande mágoa por se ir embora; não era muito difícil à pobre criança fazer vir as lágrimas aos olhos; a fome e os maus tratos recentemente recebidos são de certa utilidade quando se tem necessidade de chorar; e Oliveiros pôs-se a chorar da maneira mais natural. A snr.^a Mann deu-lhe muitos beijos e, o que era de muito maior utilidade para Oliveiros, uma fatia de pão com manteiga, para que êle não parecesse ter muita fome quando chegasse ao asilo.

Com um pedaço de pão na mão e na cabeça o pe-

queno boné de pano castanho dos rapazes da paróquia, Oliveiros foi levado pelo snr. Bumble para fora dessa horrível morada onde nunca uma palavra nem um olhar de afeição haviam alegrado os seus tristes anos de infância. E, todavia, rompeu em soluços quando a porta se fechou por detrás de si ; por mais miseráveis que fôsem os pequenos companheiros de infortúnio que deixava, eram os únicos amigos que conhecera, e, pela primeira vez, o sentimento do seu isolamento no vasto mundo se tornou sensível ao coração da criança.

O snr. Bumble caminhava rapidamente, e o pequeno Oliveiros, apertando com tóda a fôrça o canhão agalado do prefeito, trotava a seu lado, perguntando ao fim de cada quarto de milha se não estavam já perto. O snr. Bumble respondia às suas perguntas de uma maneira breve e dura : já não estava sob a benéfica influência que a genebra com água exerce em certos corações, e voltava a ser prefeito.

Não havia ainda um quarto de hora que Oliveiros transpusera o limiar do asilo de mendicidade, e mal acabara de engolir um segundo naco de pão, quando o snr. Bumble, que o tinha confiado aos cuidados duma velha, voltou para lhe dizer que era dia de *Board* (1) (conselho) e que o conselho o mandava chamar.

Oliveiros, que não tinha uma idéia precisa do que era um *Board*, ficou muito admirado com esta notícia, não sabendo muito bem se devia rir ou se chorar ; de resto, não teve tempo de fazer demoradas reflexões ; porque o snr. Bumble, manejando a sua vara, deu-lhe uma pequena pancada na cabeça para o despertar, outra nas costas para o tornar ágil, ordenou-lhe que o seguisse, e conduziu-o a uma grande sala caiada de branco, onde oito ou dez gordos cavalheiros estavam sentados em tórno duma mesa. Na extremidade desta

(1) Para intelligência do que se vai seguir deve dizer-se que *Board* tem também em inglês o significado material de tábua. — N. T.

um cavalheiro de particular corpulência, de rosto redondo e rubicundo, estava sentado numa poltrona mais elevada do que as outras.

— Cumprimente o *Board*, — disse Bumble.

Oliveiros enxugou duas ou três lágrimas que teimavam em demorar-se-lhe nos olhos, e não vendo tábua nenhuma, mas uma mesa, saüdou esta.

— ¿ O teu nome, pequeno ? — disse o cavalheiro que ocupava a poltrona mais elevada.

Oliveiros amedrontou-se à vista de tantos cavalheiros, e pôs-se a tremier. O beleguim applicou-lhe outra pancada nas costas que o fêz chorar. Estas duas razões resolveram-no a responder com voz muito baixa e trémula : em vista do que um cavalheiro de colete branco disse que êle era idiota, meio excelente para tranquillizar a criança e de a pôr inteiramente à vontade.

— Escuta, pequeno, — disse o cavalheiro da poltrona mais alta ; — ¿ tu sabes que és órfão, supponho eu ?

— ¿ O que é isso ? — perguntou o pobre Oliveiros.

— Êste pequeno é idiota, vi-o logo, — disse o cavalheiro de colete branco.

— Chitom ! — disse o cavalheiro que primeiro tinha falado. — Tu sabes que não tens pai nem mãe, e que foste criado à custa da paróquia, ¿ não é verdade ?

— Sim, senhor, — respondeu Oliveiros, chorando amargamente.

— ¿ Por que choras ? — perguntou o cavalheiro de colete branco. (Era com efeito um caso muito extraordinário ; ¿ que tinha essa criança para chorar assim ?)

— ¿ Eu quero crêr que tu fazes as tuas orações tôdas as noites, — disse outro cavalheiro com ar severo — e que nelas rezas, como bom cristão, por aquêles que te teem sustentado e cuidado de ti ?

— Sim, senhor, — balbuciou a criança.

O cavalheiro que acabara de falar tinha inconscientemente razão ; seria preciso com efeito que Oliveiros

fôsse um muito bom cristão e mesmo um cristão maravilhosamente bom, para rezar por quem o alimentava e cuidava d'êle ; mas êle não o fazia, porque ninguém lho tinha ensinado.

— Está bem, — disse o cavalheiro da mais alta poltrona e de fisionomia rubicunda ; — vieste para aqui para te educares e para aprenderes um officio útil.

— Portanto amanhã às seis horas da manhã começarás a limpar estôpa, — disse o mais mal humorado, de colete branco.

Mandar limpar estôpa a Oliveiros, era combinar de uma maneira muito simples os dois favores que lhe concediam ; êle reconheceu um e outro por uma saúdação feita por instigação do prefeito. Depois levaram-no para um leito bem duro, onde adormeceu soluçando. Prova excelente da doçura das leis da Inglaterra ! Elas que permitem que os pobres durmam !

Pobre Oliveiros ! Adormecendo na feliz ignorância do que se passava em tórno de si, mal podia imaginar que nesse mesmo dia o conselho acabava de tomar uma decisão que devia exercer sôbre o seu destino ulterior uma influência irresistível ; mas a decisão estava tomada ; e eis qual era :

Os membros do conselho eram homens duma grande sabedoria e duma filosofia profunda ; fixando a sua atenção no asilo de mendicidade, haviam súbitamente descoberto o que espíritos vulgares jãmais teriam notado, que os pobres ali se sentiam bem ! Era para as classes pobres uma morada de bom agasalho, uma estalagem onde não havia nada a pagar, onde tirham durante todo o ano almôço, jantar, merenda e ceia ; era um verdadeiro Eliseu de tejolo e argamassa, onde só se gozava e se não trabalhava.

— Oh ! oh ! — disse o conselho entre si com ar entendido ; — nós somos pessoas capazes de pôr isto a direito ; vamos acabar imediatamente com êste estado de coisas.

Em vista do que decidiram em princípio que os pobres poderiam escolher (porque se não obrigava ninguém, bem entendido) entre o morrerem de fome lentamente no asilo, ou imediatamente, se saíssem. Para esse efeito, fizeram um contrato com a administração das águas para obterem dela uma quantidade ilimitada, e com um negociante de cereais para lhes fornecer em períodos determinados pequenas quantidades de farinha de aveia; resolveram que fôsem distribuídas três vezes ao dia leves rações de papas de aveia, com uma cebola duas vezes por semana, e metade dum molete ao domingo. Tomaram, relativamente às mulheres, muitas outras disposições assisadas e humanitárias, de que é inútil falar; ocuparam-se, por simples bondade, de separar por uma espécie de divórcio os pobres casados, o que lhes poupava as enormes despesas dum processo perante o tribunal eclesiástico; e, em vez de obrigarem o marido a sustentar a família, como até ali tinham feito, arrancavam-lhe a família e tornavam-no celibatário. Não seria possível calcular-se o número de pessoas, de todas as classes da sociedade, que desejariam aproveitar-se destes dois benefícios, se elles não fôsem associados com a vida no hospício; mas os administradores eram homens previdentes e tinham obviado a essa dificuldade. Para gozar dessas regalias era necessário viver no asilo, e de papas de aveia; isto assustava as gentes.

Seis meses depois da chegada de Oliveiros Twist, o novo sistema achava-se inteiramente em vigor. Foi um pouco dispendioso a princípio, em virtude do aumento dos honorários do agente de funerais, e tornou-se necessário apertar os vestuários de todos os pobres, emmagrecidos e escaqueirados após uma semana ou duas de papas; mas o número dos habitantes do asilo de mendicidade minguava tanto como os pobres, e os administradores estavam radiantes.

O lugar onde comiam as crianças era uma grande

sala lajeada, ao fundo da qual estava um caldeirão de onde o director do asilo, com um avental diante de si e ajudado por uma ou duas mulheres, tirava as papas às horas das refeições. Cada criança recebia uma pequena tigela cheia e nada mais, salvo nos dias de grande festividade, em que havia mais duas onças e um quarto de pão (1). As tigelas nunca precisavam de ser lavadas; as crianças puliam-nas com as colheres até que elas se tornassem brilhantes; e, quando haviam terminado esta operação, sempre rápida, porque as colheres eram quasi tão grandes como as tigelas, ficavam em contemplação ante a caldeira, com olhos que pareciam querer devorá-la, e lambiam os dedos, para não perderem qualquer pequena parcela de papas que tivesse podido aderir-se-lhes. As crianças teem, em geral, excelente apetite; Oliveiros Twist e os seus companheiros sofreram durante três meses a tortura duma lenta consumpção; por fim adquiriram tal voracidade e a fome acabou por os desvairar a tal ponto que um rapaz, desenvolvido para a idade e pouco habituado a tal existência (porque seu pai mantivera uma pequena casa de pasto), deu a entender aos seus camaradas que, se não lhe dessem mais uma ração de papas por dia, receava muito ter de devorar alguma noite o pequeno que partilhava com elle a cama, e que por acaso era muito novo e débil. Tinha, falando assim, um olhar feroz e esfaimado; e os seus companheiros acreditaram-no. Deliberou-se; tirou-se à sorte para saber quem iria nessa mesma noite depois da ceia pedir ao director outra ração: a sorte designou Oliveiros Twist.

Chegada a noite, as crianças tomaram os seus lugares; o director do estabelecimento, com o seu traje de cozinheiro, estava em pessoa diante do caldeirão;

(1) Ao todo, menos de 70 gramas. — N. T.

os pobres que o coadjuvavam nesse serviço estavam alinhados por trás d'ele ; distribuíram-se as papas ; e um longo *benedicite* foi dito sôbre essa mesquinha refeição. As papas desapareceram ; os rapazes cochichavam entre si e faziam sinais a Oliveiros, enquanto os seus vizinhos o acotovelavam. Por muito criança que fôsse, estava exasperado pela fome e o excesso de meséria endurecera-o um pouco ; levantou-se da mesa, e avançando para o director, com a tigela e a colher na mão, disse, espantado da sua audácia :

— Eu queria mais, senhor, se fizesse favor.

O director era um homem gordo e nédio, mas fez-se muito pálido. Durante alguns segundos, estupefacto de surpresa, fitou o pequeno rebelde ; depois encostou-se à caldeira, para se poder sustentar de pé ; os que o ajudavam estavam transidos de espanto, e os rapazes de terror.

— Como ! — disse enfim o director, com voz alterada.

— Queria mais, senhor, se fizesse favor, — respondeu Oliveiros.

O director atirou à cabeça de Oliveiros uma pancada com a colher de tirar as papas, deu-lhe um apertão entre os seus braços e chamou em altos gritos pelo prefeito.

O conselho estava em sessão solene quando o snr. Bumble, completamente fora de si, se precipitou na sala, e dirigindo-se ao homem da alta tribuna, disse :

— Snr. Limbkins, peço perdão, senhor ! Oliveiros Twist pediu mais !

Foi uma estupefacção geral ; pintou-se o horror em tôdas as fisionomias.

— ¿ Pediu mais ? — disse o snr. Limbkins — ponha-se em termos, Bumble, e responda claramente. ¿ Devo compreender que pediu mais alimento, depois de ter comido a ceia abonada pelo regulamento ?

— Sim, senhor, — respondeu Bumble.

— Esse rapaz há-de vir a acabar no patíbulo, — disse o cavalheiro de colete branco ; — sim, não tenho dúvidas que esse rapaz há-de vir a acabar no patíbulo.

Ninguém contradisse a profecia d'este cavalheiro. Seguiu-se uma animada discussão. Oliveiros foi metido imediatamente em reclusão, e no dia seguinte de manhã, um aviso afixado à porta oferecia uma recompensa de cinco libras esterlinas a quem quisesse desembaraçar a paróquia de Oliveiros Twist ; por outras palavras, ofereciam-se cinco libras esterlinas e Oliveiros Twist a quem quer que, homem ou mulher, tivesse necessidade de um aprendiz para qualquer negócio ou serviço.

— Em tôda a minha vida nunca estive mais convencido de qualquer coisa, — dizia o cavalheiro de colete branco batendo à porta no dia seguinte de manhã e lendo o aviso ; — em tôda a minha vida nunca estive mais convencido de qualquer coisa como estou agora de que este rapaz há-de acabar na forca.

Como me proponho, na continuação desta história, mostrar se o cavalheiro de colete branco tinha ou não razão, prejudicaria talvez o interêsse da minha narrativa (se todavia tem algum), se me atrevesse a insinuar, desde este momento, se a vida de Oliveiros Twist teve ou não esse violento desfecho.

III

Como Oliveiros Twist esteve a ponto de apanhar um lugar que não seria uma sinecura

Durante uma semana, depois de ter cometido o ímpio e sacrilego crime de pedir mais, Oliveiros esteve rigorosamente encerrado na escura e solitária quadra a que o tinham relegado a misericórdia e a sabedoria do conselho de administração. Parece, à primeira vista,

não ser inteiramente falho de razão supor que, se elle tivesse acolhido com respeito o vaticínio do cavalheiro de colete branco, teria podido fundar, de uma vez para sempre, a reputação profética d'este sapiente administrador, prendendo uma ponta do seu lenço de assoar a um prego da parede, e suspendendo-se da outra. Havia apenas um obstáculo à execução d'esse acto; é que, por ordem expressa do conselho, assinada, rubricada e selada por todos os membros, os lenços, considerados como objectos de luxo, tinham sido, para todo o sempre, interditos aos pobres do asilo. A pouca idade de Oliveiros era um obstáculo ainda mais sério. Contentou-se, pois, em chorar amargamente durante todo o dia; e quando vinham as longas e tristes horas da noite, punha as mãozitas diante dos olhos para não ver a escuridão e encolhia-se a um canto para tentar dormir; por vezes despertava em sobresalto e todo trémulo, e encostava-se bem à parede, como se encontrasse no contacto com essa superfície dura e fria, uma protecção contra as trevas e a solidão que o cercavam.

É preciso que os inimigos do « sistema », não imaginem que, durante o tempo da sua prisão, Oliveiros esteve privado das vantagens do exercício, do prazer da sociedade, ou das consolações da religião. Quanto ao exercício, como o tempo estava bom e frio, tinha permissão de se lavar todas as manhãs com água tirada da bomba, num pátio lajeado, em presença do snr. Bumble, que, para evitar que elle se constipasse, lhe activava a circulação do sangue por meio de repetidas bastonadas. Quanto à sociedade, levavam-no dia sim dia não ao refeitório das crianças, e administravam-lhe uma enérgica correcção, para exemplo e edificação dos outros. E longe de lhe recusarem os benefícios das consolações religiosas, faziam-no entrar, a pontapés, na sala, todas as noites à hora da oração, e era-lhe permitido ouvir, para sua maior consolação, a oração dos

seus camaradas, aumentada duma frase especial, inserida pelo conselho, em que pediam para serem bons, virtuosos, alegres e obedientes, e para serem preservados dos pecados e dos vícios de Oliveiros Twist, que a oração claramente apresentava como estando exclusivamente sob o patronato e protecção das más influências, como um artigo directamente produzido pela fábrica do próprio diabo.

Emquanto os negócios de Oliveiros tomavam esta feição auspiciosa e confortável, aconteceu uma manhã que o snr. Gamfield, de profissão limpa-chaminés, descia a rua principal, dando tratos à imaginação para saber como pagaria alguns trimestres da renda de casa, pelos quais o seu senhorio há um tempo que insistia. Por mais que calculasse e computasse, não conseguia chegar à quantia de cinco libras esterlinas, de que precisava. No seu desespero de não poder completar essa soma, batia alternativamente na testa e no seu jumento, quando, ao passar diante do asilo, lançou os olhos sôbre o anúncio colado na porta.

— Oh, uh! — disse o snr. Gamfield ao jumento.

O jumento estava num momento de profunda abstracção: perguntava provavelmente a si próprio se não teria ao almôço um ou dois talos de couve para se regalar, quando o tivessem desembaraçado dos dois sacos de fuligem que arrastava numa pequena carroça; não prestou, pois, atenção à ordem de seu amo, e continuou o seu caminho.

O snr. Gamfield dirigiu ao jumento uma enérgica praga, correu após êle e applicou-lhe na cabeça uma pancada que teria quebrado qualquer outro crânio que não fôsse o de um jumento; depois, agarrando a rédea, sacudiu-lhe rudemente a maxila para lhe gentilmente fazer lembrar que não era senhor de si próprio; obrigou-o assim a dar meia volta e deu-lhe outra pancada na cabeça, de maneira a deixá-lo aturdido até

à sua volta. Tendo feito estes preparativos, subiu a escada para ler o anúncio.

O cavalheiro do colete branco estava em pé diante da porta, com as mãos atrás das costas, depois de ter opinado com profundidade na sala do conselho; havia assistido à pequena disputa entre o snr. Gamfield e o seu burro; sorriu com satisfação vendo o limpa-chaminés aproximar-se do anúncio, porque viu imediatamente que o snr. Gamfield era bem o amo que convinha a Oliveiros. O snr. Gamfield sorriu também, lendo o anúncio, porque cinco libras era precisamente a soma de que êle precisava; e quanto à criança de que ia encarregar-se, pensou que, em vista do regime do asilo, devia ser de talhe a poder trepar por um cano de fogão; percorreu novamente o anúncio duma extremidade à outra, e, levando respeitosamente a mão ao barrete de peles, dirigiu-se ao cavalheiro de colete branco:

— ¿ Há aqui um rapaz que a paróquia quer pôr em aprendizagem? — perguntou o snr. Gamfield.

— Sim, meu homem — respondeu o cavalheiro de colete branco, com um sorriso de condescendência.

— ¿ Que lhe quer?

— Se a paróquia quer que êle aprenda um officio muito agradável, como é o de limpa-chaminés, — disse o snr. Gamfield — eu tenho necessidade de um aprendiz e estou pronto a encarregar-me dêle.

— Entre — disse o cavalheiro de colete branco.

O snr. Gamfield foi primeiro aplicar ao seu burro outra pancada na cabeça e outra forte sacudidela ao freio, à maneira de precaução, para que lhe não desse a fantasia de se ir embora, e depois seguiu o cavalheiro de colete branco até a sala onde Oliveiros tinha visto pela primeira vez aquêle cavalheiro.

— É um officio bem porco! — disse o snr. Limbkins, quando Gamfield reiterou o seu pedido.

— Tem-se visto crianças morrerem sufocadas nas chaminés — disse outro sujeito.

— É por causa de terem molhado a palha antes de a acenderem para os fazer descer — disse o snr. Gamfield; — só faz fumo e não produz chama. Contudo, o fumo de nada serve quando se quer fazer descer um pequeno; não faz mais do que adormecê-lo, e isso é justamente o que êle quer; os rapazes são muito teimosos, ¿ sabe o senhor? e muito preguiçosos; não há nada melhor do que uma bela chama crepitante para os obrigar a descer num rufo; assim é melhor para êles, ¿ sabe o senhor? porque, mesmo se ficam entalados na chaminé, mexem-se melhor para se tirarem de apertos quando sentem tostar-se-lhes a planta dos pés.

Este esclarecimento pareceu divertir muito o cavalleiro de colete branco, mas um olhar mais grave do snr. Limbkins fêz cessar a sua hilaridade. O conselho esteve deliberando durante alguns minutos, mas em voz tão baixa, que não se ouviam mais do que estas palavras: « Diminuição de despesas... sejamos económicos... ocasião para publicar um belo relatório... » E ainda, se estas expressões se percebiam, era por serem repetidas muitas vezes e com energia.

Por fim, a conversação cessou, e tendo os membros do conselho retomado os seus lugares e a sua solenidade, o snr. Limbkins disse:

— Examinámos a sua proposta e não podemos aceitá-la.

— Recusamos terminantemente — disse o cavalleiro de colete branco.

— Sem hesitação — ajuntaram os outros membros.

Como o snr. Gamfield se achava sob a frívola acusação de ter já matado três ou quatro rapazes com pancadas, ocorreu-lhe que talvez o conselho, por uma singular veneta, se capacitasse de que esta circunstância accessória deveria influenciar o seu procedimento.

Se assim fôsse, os administradores desviavam-se, evidentemente, da sua habitual maneira de proceder; entretanto, como Gamfield não tinha empenho algum em reavivar essa recordação, pôs-se a torcer o barrete entre os dedos, e afastou-se lentamente da mesa.

— ¿ Então, senhores, não querem confiar-mo? — disse êle, parando no limiar da porta.

— Não, — respondeu o snr. Limbkins — ou, pelo menos, como é um officio pouco limpo, somos de opinião que a recompensa deve ser diminuída.

A fisionomia do snr. Gamfield tornou-se radiante. Aproximou-se rapidamente da mesa e disse:

— ¿ Quanto querem dar-me, senhores? Vejamos, não sejam muito duros para um pobre homem! ¿ Quanto me darão?

— Parece-me que seria bastante três libras e dez xelins — disse o snr. Lambkins.

— São ainda dez xelins a mais — disse o cavalheiro de colete branco.

— Vamos, — disse Gamfield — digamos quatro libras, senhores; dêem-me quatro libras e ficam desembaraçados dêle para sempre! ¿ Está dito?

— Três libras e dez xelins — repetiu o snr. Limbkins com firmeza.

— Olhem, senhores, dividamos a diferença; — insistiu Gamfield — três libras e quinze xelins.

— Nem um ceutil a mais! — respondeu o snr. Limbkins com a mesma firmeza.

— Os senhores são para mim duma tal dureza! — disse Gamfield, com hesitação.

— Ora, ora! tolices! — disse o cavalheiro de colete branco. — Seria ainda um bom negócio levá-lo sem recompensa, como um bom prémio; leve-o, parvo que você é! É justamente o rapaz de que você precisa... êle necessita de vez em quando de cacete, e isso far-lhe-á bem. Quanto ao seu sustento, não será muito

dispendioso, porque desde que nasceu nunca teve uma indigestão . . . Ah ! ah ! ah !

O snr. Gamfield lançou um olhar dissimulado sobre os membros do conselho, e, vendo o sorriso em todos os rostos, riu também. O negócio estava arrumado. O snr. Bumble recebeu ordem de conduzir nessa mesma tarde Oliveiros Twist perante o magistrado que devia assinar e aprovar o contrato de aprendizagem.

Em consequência dessa determinação, o pequeno Oliveiros foi, com grande espanto seu, tirado da reclusão, e fizeram-lhe vestir uma camisa lavada. Apenas terminada essa *toilette* desacostumada, o snr. Bumble deu-lhe com as suas próprias mãos uma tigela de papas de aveia, e, como nos dias de festa, duas onças e um quarto de pão. Ao ver isto, Oliveiros pôs-se a chorar amargamente, pensando com bastante razão que, se o engordavam de semelhante maneira, era porque o conselho tinha o pensamento reservado de o matar com algum fito utilitário.

— Não vás fazer os olhos vermelhos, Oliveiros. Come e sê agradecido — disse o snr. Bumble com ar magistral. — Vais entrar em aprendizagem, Oliveiros.

— Em aprendizagem, senhor ! — disse a criança, tremendo.

— Sim, Oliveiros — disse o snr. Bumble. — Os homens bemfazejos e generosos que te servem de pai, Oliveiros, pois que já o não tens, vão pôr-te em aprendizagem, lançar-te na vida, fazer de ti um homem, bem que isso custe à paróquia três libras e dez xelins. Três libras e dez xelins, Oliveiros ! setenta xelins ! cento e quarenta peças de seis pence ! E tudo isto por um órfão travesso que ninguém pode estirar !

O snr. Bumble parou para tomar fôlego, depois de ter pronunciado esta alocução em tom imponente. As lágrimas inundavam o rosto da pobre criança, que soluçava amargamente.

— Vamos, — disse o snr. Bumble com menos en-

fase, porque o seu amor próprio sentia-se lisonjeado vendo o efeito que causava a sua eloquência — vamos, Oliveiros, limpa os olhos com a manga da jaqueta e não chores sôbre as papas ; isso é uma parvoíce, Oliveiros.

Era-o sem dúvida alguma, porque as papas tinham já bastante água, mesmo sem as lágrimas.

Emquanto se dirigiam a casa do magistrado, o snr. Bumble disse a Oliveiros tudo o que êle tinha a fazer, e que era mostrar-se muito contente, e, quando lhe perguntassem se queria entrar em aprendizagem, responder que não desejava outra coisa. Oliveiros prometeu submeter-se a essas duas prescrições, tanto mais que o snr. Bumble deu-lhe suavemente a entender que, se êle as não cumprisse, não poderia responder pelo que lhe sucedesse. Ao chegarem ao escritório do magistrado, fecharam-nô sôzinho num pequeno gabinete, onde o snr. Bumble lhe ordenou que esperasse até êle vir buscá-lo.

A criança conservou-se ali durante meia hora, com o coração palpitante. Ao cabo dêsse tempo, o snr. Bumble abriu a porta, mostrou a cabeça desadornada do tricórnio e disse em voz alta :

— Oliveiros, meu amigo, venha à presença do magistrado.

E ao mesmo tempo, lançando um olhar ameaçador, ajuntou em voz baixa.

— Atenção ao que eu te disse, maroto !

Ouvindo estas duas maneiras um pouco contraditórias de falar, Oliveiros fitou ingênuamente o snr. Bumble, com os olhos muito abertos ; mas êste preveniu qualquer observação da criança, introduzindo-a imediatamente numa sala próxima, cuja porta estava aberta. Era uma grande sala, com uma grande janela. Por detrás duma alta secretária, estavam sentados dois velhos de cabeça empoadada, um dos quais lia um jornal, enquanto o outro, com a ajuda dum óculo de aros de tartaruga, percorria um pequeno pergaminho es-

tendido diante d'êlé. Em frente da secretária, estavam em pé, dum lado o snr. Limbkins e do outro o snr. Gamfield, com o rosto só lavado por partes, enquanto dois ou três matulões com botas altas passeavam ao longo da sala.

O velho dos óculos adormeceu pouco a pouco sôbre o bocado de pergaminho, e houve uma pequena pausa depois de Oliveiros ter sido colocado pelo snr. Bumble em frente da secretária.

— Aqui tem V. Ex.^a o pequeno ! — disse o snr. Bumble.

O velho que lia o jornal levantou por um instante a cabeça, e puxou o seu vizinho pela manga.

— Ah ! ¿ é êste o pequeno ? — disse o velho.

— Sim, senhor — respondeu o snr. Bumble. — Cumprimente o magistrado, meu amigo.

Oliveiros revestiu-se de coragem e cumprimentou o melhor que pôde. Com os olhos fixos na cabeleira empoadada dos magistrados, perguntava a si próprio se êles teriam nascido com aquela estôpa branca na cabeça, e se era a isso que deviam o serem magistrados.

— Está bem ! — disse o velho. — ¿ Suponho que êle tem gôsto pelo officio de limpa-chaminés ?

— Tem por êle paixão, Excelência ! — respondeu Bumble, beliscando disfarçadamente Oliveiros, para lhe fazer compreender que não tinha nada melhor a dizer.

— Êle *quere* ser limpa-chaminés, ¿ não é verdade ? — perguntou o velho magistrado.

— Saiba V. Ex.^a que, se amanhã lhe quisessem fazer seguir outra carreira, fugiria imediatamente — retorquiu o snr. Bumble.

— ¿ E êste homem é que deve ser o teu patrão ? E quanto ao senhor, ¿ tratá-lo-á bem, não é verdade ? ¿ dar-lhe-á de comer, emfim terá muito cuidado com êle ? — perguntou o velho magistrado.

— Quando digo que sim, é porque sim ! — respondeu o snr. Gamfield, enfadado.

— O senhor tem os modos bruscos, meu amigo, mas parece-me um homem honesto e cheio de franqueza — disse o velho magistrado, voltando os óculos para o candidato ao prémio de Oliveiros, cujo exterior repugnante respirava crueldade. Mas o magistrado estava quasi cego e na segunda infância : portanto não se podia esperar que elle visse tão claro como toda a outra gente.

— Lisonjeio-me disso, senhor — disse o snr. Gamfield, com um medonho sorriso.

— Não duvido, meu amigo — respondeu o velho, segurando as lunetas no nariz e procurando com os olhos o tinteiro.

Foi este o momento crítico do destino de Oliveiros. Se o tinteiro estivesse no lugar em que o velho magistrado o procurava, elle teria molhado a pena, assinado o acto de aprendizagem, e Oliveiros teria sido levado immediatamente. Mas o acaso quis que o tinteiro lhe ficasse precisamente debaixo do nariz e que elle o procurasse com os olhos por todos os lados sem o ver ; e como acontecesse, no decurso destas pesquisas, olhar em frente de si, o seu olhar encontrou o rosto pálido e transtornado de Oliveiros Twist, que, a despeito dos olhares significativos e dos beliscões de Bumble, considerava o exterior repulsivo do seu futuro amo com uma expressão de horror e de receio, demasiadamente visível para que pudesse escapar, mesmo a um magistrado meio cego.

O velho parou, depôs a pena e olhou para o snr. Limbkins, que tomava uma pitada, affectando um ar de alegria e de indiferença.

— Meu rapaz ! — disse o velho magistrado, inclinándose-se sobre a secretária.

Oliveiros estremeceu ao ouvir estas palavras, e deve desculpar-se a sua perturbação, porque elas foram ditas com modo carinhoso, e um ruído desconhecido causa sempre alvoroço ; todo o seu pequeno corpo se pôs a tremer, e rompeu em soluços.

— Meu rapaz, — disse o velho magistrado — tu estás pálido e pareces assustado ; porquê ?

— Afaste-se um pouco dêle, prefeito, — disse o outro magistrado, pousando o jornal e inclinando-se para Oliveiros com uma expressão de interêsse. — Vejamos, rapaz, ¿ que tens tu ? não tenhas mêdo.

Oliveiros caiu de joelhos e, juntando as mãos, supplicou aos magistrados que dessem ordem para que êle fôsse novamente levado para o quarto escuro, dizendo que preferia morrer de fome, levar pancadas, que o matassem mesmb, se assim quisessem, a ser entregue a êsse homem que lhe causava horror.

— Bem boa essa ! — disse o snr. Bumble, erguendo os olhos e as mãos com os modos mais solenes. — Bem, Oliveiros ! De todos os órfãos manhosos e embusteiros que tenho conhecido, és tu um dos mais descarados.

— Cale a bôca, prefeito — disse o segundo magistrado, quando o snr. Bumble deu vasão a êste superlativo.

— Peço perdão a V. Ex.^a — disse o snr. Bumble, que não podia acreditar no que ouvia ; — ¿ é a mim que V. Ex.^a se dirige ?

— Sim, cale a bôca.

O snr. Bumble ficou estupefacto ; ordenar a um prefeito que se calasse ! era uma revolução moral !

O velho dos óculos de tartaruga olhou para o seu colega e fez-lhe com a cabeça um movimento que testemunhava a sua aprovação.

— Recusamos a nossa sanção a êste acto de aprendizagem, — disse o magistrado, e ao mesmo tempo pôs de lado a fôlha de pergaminho.

— Espero, — balbuciou o snr. Limbkjns — que, pelo testemunho sem valor duma simples criança, os magistrados não suspeitarão do procedimento das autoridades.

— Os magistrados não são chamados a pronuncia-

rem-se sôbre esse assunto, — disse num tom sêco o segundo velho ; — leve outra vez esse pequeno para o asilo, e trate-o bem. Êle parece ter disso bastante necessidade.

Nessa mesma noite, o cavalheiro de colete branco afirmou da maneira mais nítida e mais formal que Oliveiros, não só se faria enforçar, mas, ainda para mais, esquartejar. O snr. Bumble abanou a cabeça com ar sombrio e misterioso, e disse que desejava que o rapaz levasse bom caminho ; ao que o snr. Gamfield respondeu que desejaria que êle lhe fôsse confiado. Êste desejo parecia estar em contradição directa com o do prefeito, bem que os snrs. Bumble e Gamfield estivessem quási sempre de acôrdo.

No dia seguinte, o público foi novamente informado de que Oliveiros Twist estava ainda para contratar, e que quem quisesse encarregar-se dêle receberia cinco libras esterlinas.

IV

Oliveiros encontra outro lugar e faz a sua entrada no mundo

Nas famílias numerosas, quando um rapaz cresce e se lhe não pode obter uma colocação vantajosa por compra, sucessão, reversibilidade ou sobrevivência, é costume enviá-lo para o mar. O conselho de administração, para seguir um exemplo tão assisado e salutar, deliberou sôbre a oportunidade de embarcar Oliveiros Twist a bordo de algum pequeno navio mercante com destino a um portozinho bem doentio. Êste partido parecia aos administradores o melhor que se poderia seguir em relação a êle, é provável com efeito que o patrão se divertisse um dia depois do jantar a açoitar

o pequeno até lhe dar a norte, ou a fazer-lhe saltar os miolos com uma barra de ferro; é sabido que estes dois passatempos são as diversões preferidas e as mais comuns entre as pessoas dessa classe. Quanto mais o conselho encarava o caso sob este ponto de vista, mais vantagens lhe encontrava. A conclusão foi que o único meio de assegurar o futuro de Oliveiros era fazê-lo embarcar sem demora.

O snr. Bumble tinha sido incumbido de fazer algumas investigações preliminares, a-fim-de descobrir um capitão ou outra qualquer pessoa que quisesse um moço pelo qual não havia alma humana que se interessasse; e voltava êle ao asilo de mendicidade para dar conta da sua missão, quando encontrou à porta nem mais nem menos que o agente de funerais da paróquia, o snr. Sowerberry em pessoa.

O snr. Sowerberry era um homem alto, sêco, de forte arcaboço, vestido com uma andaina preta já coçada, meias de algodão da mesma côr, tôdas remendadas, e sapatos à proporção. A natureza não lhe dera à fisionomia traços próprios para assumir uma expressão sorridente; mas a disposição faceta era-lhe habitual. Ao dirigir-se ao snr. Bumble e ao apertar-lhe cordialmente a mão, o seu andar era por assim dizer elástico e o seu rosto denotava uma jovialidade íntima.

— Acabo de tomar a medida das duas mulheres que morreram a noite passada, snr. Bumble, — disse o agente de funerais.

— Há-de fazer fortuna, snr. Sowerberry, — disse o prefeito introduzindo o polegar e o indicador na caixa de rapé que lhe apresentava o cangalheiro, a qual figurava uma engenhosa e minúscula representação de um ataúde privilegiado. — Digo-lhe que há-de fazer fortuna, snr. Sowerberry, — repetiu o snr. Bumble, dando-lhe amigavelmente no ombro uma pequena bengalada.

— ¿ Julga isso? — disse o cangalheiro, com um

tom que não queria dizer nem sim nem não ; — os preços fixados pela administração são bem exíguos, snr. Bumble.

— E os seus caixões também, — respondeu o beleguim com um modo que se aproximava do gracejo, tanto quanto convinha a um alto funcionário.

O snr. Sowerberry sentiu-se muito lisonjeado com isto, como devia e era natural, e riu durante um grande espaço de tempo.

— Pois bem, snr. Bumble, — disse êle finalmente. — Não devo negar que desde que o novo sistema de alimentação entrou em vigor, os caixões são um pouco mais estreitos e menos fundos que antigamente ; mas nós temos que ganhar alguma coisa, snr. Bumble ; a madeira boa para a obra custa muito caro, e tudo o que é ferragens vem de Birmingham, pelo canal.

— Ora, ora — disse o snr. Bumble — cada officio tem os seus espinhos. Um lucro conveniente é perfeitamente lícito.

— Sem dúvida, sem dúvida, — respondeu o cangalheiro ; — se nada ganho em cada artigo em particular, desferro-me no conjunto, ¿ sabe o senhor ? Eh ! eh ! eh !

— Justamente — disse o snr. Bumble.

— Contudo deve dizer-se, — continuou o snr. Sowerberry retomando o fio do discurso que o beleguim havia interrompido — contudo deve dizer-se, snr. Bumble, que tenho contra mim uma grande desvantagem : é que as pessoas robustas morrem mais de pressa. Quero eu dizer que as pessoas que viveram na abundância, que pagaram as suas contribuições durante muito tempo, são as primeiras a succumbir quando entram para o asilo ; e, deixe-me dizer, snr. Bumble, que três ou quatro polegadas a mais do que o cálculo que se tinha feito, fazem uma grande brecha nos lucros duma pessoa, especialmente quando se tem uma familia a sustentar.

Como Sowerberry falasse no tom indignado de um homem que tem razão para se lastimar, e o snr. Bumble sentisse que esta conversa poderia levar a algumas considerações desfavoráveis aos interesses da paróquia, este último julgou prudente mudar o rumo da conversa; e como Oliveiros Twist não se lhe tirava do sentido, forneceu-lhe ele o assunto da conversação.

— Não conhecerá por acaso — perguntou o snr. Bumble — alguém que queira um aprendiz? É um rapaz da paróquia que lhe é nesta ocasião um pesado encargo, uma mó de moínho, por assim dizer, suspensa ao pescoço da paróquia! Ofertas vantajosas, snr. Sowerberry, ofertas vantajosas!

E, à medida que falava, o snr. Bumble dirigia o seu bastão para o anúncio que se ostentava em frente d'ele, e batia três pequenas pancadas nas palavras: *cinco libras esterlinas*, que estavam impressas em maiúsculas de grandes dimensões.

— Palavra de honra! — disse o cangalheiro agarrando o snr. Bumble pela aba debruada de ouro do seu traje oficial. — Pois é esse precisamente o assunto de que lhe queria falar. Sabe... Que lindo botão que tem, meu querido snr. Bumble! nunca o tinha notado.

— Sim, creio que é bonito — disse o beleguim, considerando com orgulho os grandes botões de cobre que lhe enfeitavam o casaco. — O assunto é o mesmo do selo paroquial: o bom Samaritano curando o viajante ferido e fatigado. Deu-mo o conselho pela consoada, snr. Sowerberry. A primeira vez que o usei, foi para assistir ao inquérito relativo a esse negociante arruinado, que morreu alta noite no vão de uma porta.

— Recordo-me, — disse o cangalheiro. — O júri declarou que ele tinha morrido de frio e de falta de recursos necessários à vida, ¿ não é verdade?

O snr. Bumble fez um sinal de cabeça afirmativo.

— E o veredicto ajuntava, creio eu, duma maneira

especial, — disse o cangalheiro — que se o funcionário que ocorreu . . .

— Basta de disparates ! — interrompeu o beleguim. — Se o Conselho prestasse atenção a tôdas as parvoíces que dizem êsses ignorantes dos jurados, teria que fazer !

— É bem verdade isso — disse o cangalheiro — teriam realmente que fazer.

— Os jurados, — disse o snr. Bumble, apertando fortemente o bastão, o que nêle era sinal de cólera — os jurados são criaturas sem educação, criaturas vis e abjectas.

— São-no de facto — anuiu o cangalheiro.

— Todos êles juntos não entendem de filosofia e de economia política tanto como isto — disse o prefeito, fazendo estalar os dedos com desdém.

— Não têm realmente — aquiesceu Sowerberry.

— Desprezo-os ! — disse o prefeito, cujo rosto se colôria cada vez mais.

— E eu também — retorquiu o cangalheiro.

— Eu só queria ver êsses jurados com tôda essa independência, uma semana ou duas no asilo — continuou o prefeito ; — as instruções e os regulamentos da administração abater-lhes-iam a grimpa bem de-prensa.

— Emfim, deixá-los lá — replicou o cangalheiro ; e sorria ao mesmo tempo com um ar de aprovação, para acalmar a cólera crescente do irritado funcionário da paróquia.

O snr. Bumble tirou o tricórnio, puxou do lenço, enxugou o suor de que a cólera lhe inundara a fronte, pôs novamente o tricórnio ; depois, voltando-se para o cangalheiro, disse num tom mais calmo :

— Bem ! e o rapaz ?

— Oh ! bem sabe, snr. Bumble, — respondeu o fabricante de ataúdes — eu pago uma grande contribuição para os pobres.

— Hein ! — fez o snr. Bumble — e então ?

— Pois bem ! — replicou o snr. Sowerberry — eu penso que, se pago muito para os pobres, tenho o direito de tirar d'elles também o mais que puder, snr. Bumble, e então . . . então . . . julgo que levarei comigo o rapaz.

O snr. Bumble tomou o cangalheiro pelo braço e fê-lo entrar no asilo. O snr. Sowerberry encerrou-se com os administradores durante cinco minutos ; e ficou combinado que Oliveiros entraria para sua casa nessa mesma noite, para experiência, o que quer dizer, no caso de um aprendiz da paróquia, que, se, ao cabo de algum tempo, o patrão visse que o trabalho do pequeno lhe dava mais resultado do que lhe custava pelo sustento, tomá-lo-ia então por um determinado número de anos, com o direito de o empregar como lhe viesse.

O pequeno Oliveiros foi nessa noite conduzido perante os administradores e informado de que ia entrar essa noite, na qualidade de aprendiz, para casa dum fabricante de ataúdes, e que se êle se queixasse da sua situação, ou voltasse a ficar outra vez a cargo da paróquia, embarcá-lo-iam para que o afogassem ou moessem com pancadas. A vida parecia-lhe de tão pouco valor que Oliveiros não manifestou a menor comoção. Esses senhores declararam todos que êle era um pequeno tratante sem coração, e ordenaram ao snr. Bumble que o levasse imediatamente.

Conquanto fôsse natural pensar que os administradores, mais do que ninguém, deviam experimentar um legitimo sentimento de surpresa e de horror ao menor sinal de insensibilidade, enganavam-se todavia completamente nas actuais circunstâncias. O facto é que Oliveiros, longe de lhe faltar a sensibilidade, tinha-a, pelo contrário, em excesso, e se estava em risco de chegar a um estado de estupidez e embrutecimento para o resto da sua vida, só o devia aos maus tratos que tinha recebido. Tomou conhecimento do seu novo des-

tino sem dizer uma palavra, meteu debaixo do braço a sua pequena bagagem, que não era pesada, porque cabia num pedaço de papel de embrulho de meio pé quadrado por três polegadas de espessura, enterrou o boné até os olhos, e agarrando-se mais uma vez ao canhão do casaco do snr. Bumble, foi conduzido por este funcionário a um novo lugar de sofrimento.

Durante algum tempo, o snr. Bumble arrastou após si Oliveiros, sem lhe prestar atenção : porque o prefeito caminhava de cabeça alta, como convém a um prefeito. Como fazia vento, o pequeno Oliveiros ficava completamente escondido pelas abas do casaco do snr. Bumble, que, abrindo-se, deixavam ver com vantagem o colete de rebuços e o calção curto de pelúcia.

Quando estavam já próximos, o snr. Bumble julgou conveniente lançar um golpe de vista sôbre a criança, para ver se êle estava apresentável, e fê-lo com um modo competente e sabedor, como convém a um protector benévolo.

— Oliveiros ! — disse o snr. Bumble.

— Senhor — respondeu a criança, com voz fraca e trémula.

— Não carregue o barrête sôbre os olhos e levante a cabeça, senhor . . .

Oliveiros obedeceu com presteza, passando rapidamente a mão pelos olhos ; mas uma lágrima nêles tremia ainda quando fitou o seu guia, e lhe rolou pelas faces emquanto o snr. Bumble o examinava com olhar severo ; essa lágrima foi seguida por outra, e por outra ainda. A criança bem desejava conter-se, mas os seus esforços foram baldados ; deixou a manga do prefeito, pôs as duas mãos sôbre o rosto, e uma torrente de lágrimas se escapou através dos seus dedos descarrados.

— Bem ! — exclamou o snr. Bumble, parando de repente e lançando ao seu pequeno protegido um olhar cheio de maldade. — Muito bem ! de todos os rapazes

mais ingratos, mais viciosos que tenho conhecido, és tu . . .

— Não, não, senhor — exclamou Oliveiros soluçando e agarrando-se à mão que segurava a famosa bengala. — Não, não, senhor ; eu quero ser bom : sim, quero ser bom, senhor ! sou tão novo, senhor, e sou tão . . . tão . . .

— ¿ Tão quê ? — perguntou o snr. Bumble assombrado.

— Tão só, senhor, tão completamente só ! — exclamou a criança. — Todos me detestam. Oh !, senhor, peço-lhe que não esteja zangado comigo.

E a criança ao mesmo tempo batia no peito e olhava para o seu companheiro com angústia.

Durante alguns instantes o snr. Bumble contemplou com certo espanto a fisionomia lastimosa e desolada de Oliveiros ; tossiu três ou quatro vezes, como um homem constipado, lastimando-se entre dentes dessa tosse importuna, e disse a Oliveiros que enxugasse os olhos e se comportasse bem. Depois, pegando-lhe na mão, continuou a caminhar em silêncio.

Acabava o cangalheiro de pôr os taipais da loja, e preparava-se para inscrever algumas entradas no seu livro de contas, à luz duma reles vela de sêbo, quando o snr. Bumble fez a sua aparição.

— Ah ! — disse êle levantando os olhos e detendo a pena no meio da palavra — ¿ é o snr., Bumble ?

— Nem mais, snr. Sowerberry — respondeu o oficial. — Olhe, trago-lhe o rapaz.

Oliveiros cumprimentou.

— Ah ! é o rapaz de que falámos — disse o cangalheiro, levantando a vela para ver bem Oliveiros. — Snr.^a Sowerberry, faça favor de chegar aqui um instante, minha querida ?

A snr.^a Sowerberry saiu dum pequeno aposento por detrás da loja ; era uma mulher baixa, magra, de feições contraídas ; uma verdadeira megera.

— Minha querida, — disse o snr. Sowerberry com deferência — aqui está o rapaz do asilo em que te falei. Oliveiros cumprimentou novamente.

— Meu Deus ! — disse a mulher — elle é muito pequeno !

— Com effeito, não é alto — respondeu o snr. Bumble fitando Oliveiros severamente, como se fôsse culpa sua o não ter mais corpo. — É pequeno, não há negá-lo. Mas crescerá, snr.^a Sowerberry, — crescerá.

— Sim, — disse a mulher com mau humor — graças à nossa comida e à nossa bebida. ¿Que se pode ganhar com rapazes da paróquia ? Custam sempre mais do que o que valem. Mas os homens só querem governar-se pela sua cabeça . . . Vamos lá para baixo, carga de ossos !

A estas palavras abriu uma pequena porta, empurrou Oliveiros para uma escada muito íngreme que conduzia a uma pequena adega, sombria e húmida, que formava a antecâmara da loja da lenha e a que chamavam a *cozinha* ; e ali se encontrava uma rapariga imunda, com sapatos acalcanhados e grossas meias azúis em farrapos.

— Carlota, — disse a snr.^a Sowerberry, que descera com Oliveiros — dê a este rapaz alguns dos restos que se puseram de parte para Trip ; elle não voltou a casa em todo o dia, portanto ficará sem comer. Suponho que se não fará esquisito, — ¿ hein, rapaz ?

Oliveiros, cujos olhos brilharam ao ouvir falar em comida e que morria de desejos de a devorar, respondeu que não, e um prato de restos grosseiros foi colocado diante dêle.

Eu desejava que algum filósofo bem alimentado, em quem a boa mesa não tivesse criado bilis, cujo sangue é de gêlo e o coração de ferro, tivesse visto Oliveiros Twist lançar-se sôbre essas vitualhas que o cão tinha enjeitado, e contemplar a medonha avidez com que elle devorou os pedaços. Só uma coisa eu

preferiria, porém : seria ver esse filósofo tomar a mesma refeição, e com o mesmo deleite.

— Então ! — disse a mulher quando Oliveiros acabou a ceia, a que ela assistira com um horror silencioso, espantada com o futuro apetite do pequeno. — Acabaste ?

Como nada mais havia a devorar, Oliveiros respondeu que sim.

— Nesse caso, vem comigo — disse ela.

E, pegando num candeeiro sujo e fumoso, conduziu o pequeno ao cimo da escada, e disse-lhe :

— A tua cama é debaixo do balcão. Tu não tens medo de dormir no meio dos caixões, suponho eu ? Demais, que importa que te convenha ou não, pois que não dormirás noutra parte. Anda. Não me obrigues a ficar aqui tóda a noite !

Oliveiros, sem perda de tempo, seguiu dócilmente a sua nova ama.

V

Oliveiros toma novos conhecimentos, e a primeira vez que assiste a um funeral concebe uma idéia desfavorável do modo de vida de seu amo.

Abandonado assim a si mesmo na loja do cangaheiro, Oliveiros poisou o candeeiro sobre um banco e relanceou um olhar tímido em torno de si, com um sentimento de terror que muitas pessoas de muito mais idade podem facilmente compreender. Ocupava o centro da loja um caixão ainda por terminar, poisado sobre cavaletes negros, com uma aparência tão soturna e sinistra, que a criança sentia arripiar-se tódas as vezes que os seus olhares se dirigiam para o lúgubre ataúde ; pouco se admiraria se dêle visse a pouco e pouco levantar-se a cabeça de algum horrível fantasma

cujo aspecto o enlouqueceria de terror. Ao longo da parede estava disposta regularmente uma longa ruma de tábuas de olmo cortadas uniformemente, que, na meia obscuridade, tinham um ar de espectros de largos ombros, com as mãos nos bolsos dos calções. Espalhados pelo chão, viam-se chapas para caixões, lascas de madeira, pregos de cabeça luzidia, pedaços de pano preto; e a parede por detrás do balcão estava ornamentada com a graciosa representação de dois gatos-pingados de laços engomados, em serviço diante da porta de uma casa (1), e a distância um carro mortuário puxado por quatro ginetes negros. A loja era apertada e abafada; e a atmosfera parecia carregada do cheiro dos ataúdes. Debaixo do balcão, o buraco onde tinham colocado o colchão de Oliveiros apresentava o aspecto duma cova.

Não era só este lúgubre espectáculo o que impressionava a criança; estava sozinho nesse estranho lugar, e todos sabemos quanto os mais corajosos de entre nós se impressionam muitas vezes numa tal situação. A criança não tinha um amigo por quem se interessasse ou que por ela se interessasse; não tinha a chorar a morte recente de nenhuma pessoa querida; o seu coração não tinha a sofrer com a ausência de nenhuma pessoa amada e de que guardasse recordações agradáveis; e contudo o seu coração estava profundamente triste. Ao meter-se na sua estreita cama, como elle desejou que ela fôsse o seu caixão e poder dormir um eterno e tranqüilo sono no cemitério da igreja, enquanto a erva alta se balouçasse brandamente sobre a sua cabeça, e os sons graves do velho sino lhe embalsassem o sono.

Foi despertado de manhã pelo ruído dum grande pontapé dado de fora na porta da loja, e que foi rei-

(1) São estes gatos pingados os *mutes* (mudos) que, na Inglaterra, se põem à porta de uma casa onde há algum defunto. — N. T.

terado, dum modo irado e impetuoso, vinte e cinco vezes, antes que elle pudesse embrulhar-se na sua roupa. Quando começou a correr os fechos, os pés cessaram de bater e uma voz se fêz ouvir.

— ¿ Queres ou não abrir a porta ? — gritou a voz.

— Sim, senhor, immediatamente ! — respondeu Oliveiros, correndo o fecho e fazendo girar a chave na fechadura.

— ¿ Tu és o novo aprendiz, não é verdade ? — disse a voz através do buraco da fechadura.

— Sim, senhor — respondeu Oliveiros.

— ¿ Que idade tens tu ?

— Dez anos, senhor — retrucou Oliveiros.

— Então eu te abanarei quando entrar ; — disse a voz — vais ver se o não faço, meu fedelho sem pai nem mãe !

Depois dessa graciosa promessa, a voz pôs-se a assobiar.

Oliveiros havia muitas vezes sido sujeito aos processos a que a tão expressiva palavra havia pouco ouvida fazia referência para nutrir a mais pequena dúvida de que aquêle que lhe falava, quem quer que elle fôsse, cumpriria a sua promessa com a maior honra. Puxou os fechos com mão trémula e abriu a porta.

Olhou durante alguns instantes para um e outro lado da rua e na sua frente, pensando que o desconhecido que lhe dirigira a palavra pelo buraco da fechadura tinha dado alguns passos para se aquecer, porque não via ali viv'alma a não ser um rapaz gordo de alguma escola de caridade, sentado num marco em frente da casa, occupado em comer uma fatia de pão com manteiga, que partia em bocados do tamanho da bôca com uma navalha, e que consumia com grande destreza.

— Perdão, senhor, — disse emfim Oliveiros, vendo que nenhum outro visitante apparecia — ¿ foi o senhor quem bateu ?

— Fui eu quem deu os pontapés ! — respondeu o outro.

— ¿ Precisa de algum caixão, senhor ? — perguntou ingenuamente Oliveiros.

Ao ouvir isto, o rapaz ficou furioso e disse que seria Oliveiros quem dentro de muito pouco tempo teria necessidade dum, se se permitisse semelhantes gracejos com os seus superiores.

— ¿ Não sabes, ao que vejo, quem eu sou, enjeitado ? — disse êle, descendo do marco com edificante gravidade.

— Não, senhor — respondeu Oliveiros.

— Eu sou o senhor Noé Claypole, — replicou o outro — e tu és meu subordinado. Vamos, tira os taipais, malandrete !

Ao mesmo tempo, o snr. Claypole gratificou Oliveiros com um pontapé, e entrou na loja com um modo digno que lhe deu muita importância, embora seja difícil a um rapaz com uma grande cabeçorra, olhos pequenos e uma fisionomia estúpida e tansa, parecer digno seja em que circunstâncias fôr, e muito especialmente quando a êsses atractivos especiais junta um nariz rubicundo e algumas sardas.

Oliveiros tirou os taipais, e, quando quis levá-los para um pequeno pátio ao lado da casa, onde os deixavam durante o dia, cambaleou com o péso e partiu uma vidraça ; Noé veio graciosamente em seu auxílio, consolou-o assegurando-lhe que *êle o pagaria*, e dignou-se ajudá-lo. Pouco depois desceu o snr. Sowerberry, e logo após appareceu a snr.^a Sowerberry ; Oliveiros *pagou-o*, segundo a predição de Noé, e desceu com êsse *cavalheiro* para almoçar.

— Venha para o pé do lume, Noé — disse Carlota. — Tirei para si, do almôço do patrão, um bom pedaço de toucinho. Oliveiros, fecha a porta detrás do snr. Noé ; pega nos bocados que eu pus sôbre a arca do pão ; aqui tens o teu chá ; vai bebê-lo para cima

daquela arca e avia-te, porque é preciso ir olhar pela loja, ouves ?

— ¿ Ouves, enjeitado ? — disse Noé Claypole.

— Senhor ! como você é original, Noé ! — disse Carlota. — ¿ Não pode deixar êsse pequeno ?

— Deixá-lo ! — disse Noé. — Mas é assim mesmo que todos o deixam. Êle não tem pai nem mãe que se entremetam nos seus negócios ; todos os seus parentes o deixam proceder como lhe pareça ; hein, Carlota ? Ah ! ah ! ah !

— Que farsista que é ! — disse Carlota rindo às gargalhadas.

Noé imitou-a ; depois lançaram ambos um olhar escarninho sôbre o pobre Oliveiros Twist, que tremia sentado sôbre a arca no canto mais frio do aposento, e comia os pedaços de pão duro que lhe tinham especialmente reservado.

Noé era um rapaz criado por caridade, mas não um órfão dum asilo de mendicidade ; não era enjeitado, porque podia fazer remontar a sua genealogia até seu pai e sua mãe, que moravam perto dali ; sua mãe era lavadeira ; seu pai, antigo soldado, bêbedo e reformado, com uma perna de pau e uma pensão de dois pence e meio por dia, além duma fracção não mencionável. Os caixeiros da vizinhança tiveram por muito tempo o costume de apostrofar Noé pelas ruas com os epítetos mais injuriosos, e êle tinha-os suportado sem lhes dar réplica. Mas agora que a fortuna lhe havia pôsto no caminho um órfão sem nome, a quem a criatura mais miserável podia apontar a dedo com desprezo, vingava-se nêle com usura. Isto proporciona um interessante assunto para reflexões. Mostra-nos que belo aspecto apresenta por vezes a natureza humana, e com que imparcialidade as mesmas amáveis qualidades se podem achar desenvolvidas no mais nobre gentil-homem e no mais imundo filho da caridade.

Havia três semanas ou um mês que Oliveiros vivia em casa do cangalheiro, e o snr. e a snr.^a Sowerberry, depois de terem fechado a loja, ceavam no pequeno compartimento por detrás da loja, quando o snr. Sowerberry, depois de ter concedido a sua mulher vários olhares cheios de deferência, encetou a conversação.

— Minha querida . . .

Ia continuar, mas a snr.^a Sowerberry levantou os olhos com modo tão pouco propício, que êle se deteve imediatamente.

— Que é ? — atalhou a snr.^a Sowerberry com aspereza.

— Nada, querida amiga, nada, — disse o snr. Sowerberry.

— Uf ! que parvo você é ! — disse a snr.^a Sowerberry.

— De modo nenhum, minha querida, — disse humildemente o snr. Suwerberry ; — pensava que não queria ouvir-me ; desejava dizer somente . . .

— Oh ! guarde para si o que ia a dizer, — interrompeu a snr.^a Sowerberry ; — comigo não se conta para nada ; não me consulte para nada, ouviu ? Não tenho necessidade nenhuma de me intrometer nos seus segredos.

Dizendo estas palavras, soltou uma gargalhada affectada, que fazia recear violentas conseqüências.

— Mas, minha querida, — disse o snr. Sowerberry — queria pedir-lhe o seu parecer.

— Não, não, não mo peça ! — replicou a mulher — Peça conselhos a outros.

E repetiu êsse riso forçado que fazia estremecer o snr. Sowerberry. Seguia nisto a politica ordinária das mulheres, a que é mais aprovada e que melhores resultados dá. Isso obrigava o marido a solicitar, como um particular favor, a permissão de lhe dizer o que ela estava ansiosa por ouvir. Depois de uma curta alter-

cação que não chegou a durar três quartos de hora, a permissão foi graciosamente concedida.

— Trata-se apenas do pequeno Twist, — disse o snr. Sowerberry; — tem muito boa aparência este rapaz.

— Não admira! Come bastante para isso! — respondeu a dama.

— O seu rosto tem uma expressão de tristeza que lhe dá um ar muito interessante, — insistiu o snr. Sowerberry. — Daria um excelente *mute* (1), meu amor.

A snr.^a Sowerberry ergueu a cabeça em sinal de espanto; seu marido notou-o e, sem deixar tempo à boa dama para colocar uma observação, continuou:

— Não digo um *mute* para assistir a pessoas grandes, minha querida, mas apenas a crianças; seria uma grande novidade ser o *mute* de uma idade em relação com a do defunto. Esteja certa que faria um soberbo feito.

A snr.^a Sowerberry, que mostrava um gosto muito delicado em tudo o que se referia a pompas fúnebres, ficou bastante impressionada com a novidade da idéia; mas como seria comprometedor para a sua dignidade dizer tal coisa, nas circunstâncias ocorrentes, contentou-se em perguntar-lhe, dum modo desabrido, como era que essa idéia lhe não tinha ocorrido há mais tempo. O snr. Sowerberry concluiu daí, com razão, que a sua proposta fôra bem acolhida; ficou, pois, decidido imediatamente que Oliveiros seria desde logo iniciado nos mistérios do officio e que, com esse fim, acompanharia seu amo na primeira ocasião em que os seus serviços fôsem requeridos.

Essa ocasião não se fez esperar muito. No dia seguinte de manhã, meia hora depois do almoço, o snr.

(1) Como dissemos, dá-se o nome de *mutes* (mudos) a homens que estacionam à porta duma casa em que há defunto, e que acompanham os salmentos — N. T.

Bumble entrou na loja, e, apoiando a vara do officio contra o balcão, tirou do bolso a sua grande carteira de coiro, e dela extrahiu um pedaço de papel que entregou a Sowerberry.

— Ah ! — disse o cangalheiro, percorrendo-o com os olhos com ar satisfeito ; — ½ encomenda para um caixão, hein ?

— Para um caixão em primeiro lugar, e um entêrro paroquial em seguida, — disse o snr. Bumble, atando a correia da sua carteira, que era, como o dono, muito volumosa.

— Bayton ? — disse o cangalheiro, cessando de ler, e olhando para o snr. Bumble. — É a primeira vez que oiço este nome.

— Uns obstinados, snr. Sowerberry, — respondeu o snr. Bumble, abanando a cabeça ; — obstinados e orgulhosos, receio-o bem.

— Orgulhosos ? — exclamou o snr. Sowerberry com um riso sardónico ; — isso é demais !

— Oh ! é revoltante — retorquiu o beleguim. — Revoltante, snr. Sowerberry !

— De acôrdo, — aprovou o fabricante de ataúdes.

— Só ouvimos falar na noite de anteontem, — disse o prefeito, — e nada teríamos sabido ácêrca déles, se uma mulher que habita na mesma casa se não tivesse dirigido á comissão paroquial para lhe pedir que enviasse o seu cirurgião a visitar uma mulher que estava muito mal. Ele tinha siado para jantar ; mas o seu ajudante, que é um rapaz muito hábil, enviou-lhes immediatamente uma droga num frasco de tinta de tingir.

— Ah ! eis o que se pode chamar prontidão, — disse o cangalheiro.

— De facto ; — replicou o prefeito — ½ mas que resultou daí ? ½ até que ponto vai a ingratitude dèsses rebeldes ? Porque o marido recambiou o remédio, dizendo que êle não convinha á doença de sua mulher

e que ella o não tomaria. Disse que ella o não tomaria, senhor ! um remédio excelente, enérgico, salutar, que se tinha administrado com muito bom resultado, ainda não havia oito dias, a dois trabalhadores irlandeses e a um carregador de carvão — um remédio que lhe tinha sido dado de graça, com um frasco de tintas ainda por cima ; — e elle manda dizer que ella o não tomaria !

Como a atrocidade dêste procedimento se apresentasse em tôda a sua fôrça ao espirito do snr. Bumble, elle vibrou, rudemente, uma grande bengalada no balcão, e corou de indignação.

— Oh ! — balbuciou Sowerberry — nunca na mi . . . nha vi . . . da . . .

— Nunca tal aconteceu ! — exclamou o official — nunca se viu uma coisa assim ; mas agora que ella está morta, temos que a enterrar ; aqui está a direcção ; e quanto mais cedo melhor.

Dizendo isto, o snr. Bumble pôs o tricórnio às avessas, e num acesso de excitação paroquial, precipitou-se para fora da loja.

— Olha ! Oliveiros, elle estava tão furioso que se esqueceu de perguntar por ti, — disse o snr. Sowerberry seguindo com os olhos o prefeito, que descia a rua a grandes passos.

— Sim, senhor, — respondeu Oliveiros, que se tinha conservado prudentemente afastado durante a conversa, e que tremia desde os pés até à cabeça só com a simples recordação da voz do snr. Bumble.

Todavia era supérfluo escapar-se aos olhares do snr. Bumble ; porque êste funcionário, em quem a predição do cavalheiro do colete branco havia feito uma vivissima impressão, pensava que, agora que o cangalheiro tinha recebido Oliveiros como experiência, mais valia evitar que êsse assunto se ventilasse, até que a respeito do rapaz se fizesse um contrato por sete annos, e que todo o perigo de voltar novamente a cons-

tituir um encargo para a paróquia fôsse efectiva e legalmente superado.

— Vamos, — disse o snr. Sowerberry, pondo o chapéu — quanto mais cedo se acabar este trabalho, melhor. Noé, olha pela loja. Oliveiros, põe o teu boné e vem comigo.

Oliveiros obedeceu e seguiu o seu amo no exercício da sua profissão.

Caminharam durante algum tempo através do bairro mais populoso da cidade, depois desceram uma rua estreita mais imunda e mais miserável que as outras, e pararam para procurar com o olhar a casa de que se tratava. Dos dois lados da rua, as casas eram altas e grandes, mas muito velhas, e ocupadas por gente da classe mais pobre, como a sua aparência descurada o teria suficientemente indicado, sem que fôsse necessário o testemunho oferecido pelo aspecto esqualido de alguns homens e mulheres que, de braços cruzados e o corpo meio dobrado, atravessavam de tempos a tempos furtivamente a rua. A maior parte dessas habitações tinham na frente lojas herméticamente fechadas e caíndo em ruínas; só os andares superiores eram habitados. Outras ameaçavam desmoronar-se e estavam escoradas por grossas traves applicadas às paredes e sólidamente fixadas no sólo; mas êsses próprios redutos desmantelados, pareciam ter sido eleitos para lhes servirem de retiro durante a noite por alguns vagabundos sem abrigo; porque muitas das tábuas grosseiras que faziam de portas e janelas tinham sido retiradas das suas posições, de maneira a deixar uma abertura sufficiente para por ela passar um corpo humano. A água da valeta era estagnada e imunda. Os próprios ratos, que aqui e ali revolviam nessa imundície, eram de uma magreza espantosa.

Não havia argola nem cordão de campainha à porta ante a qual se detiveram Oliveiros e seu amo, mas estava aberta; o patrão da agência penetrou à

apalpadelas numa passagem escura, disse a Oliveiros que fôsse muito rente a êle e não tivesse mêdo, subiu ao primeiro andar e, tropeçando contra uma porta no patamar, bateu a ela com os nós dos dedos.

Uma rapariga de treze a catorze anos veio abrir. O cangalheiro viu imediatamente, pelo aspecto do aposento, que era bem ali que êle tinha que fazer ; entrou e Oliveiros seguiu-o.

Não havia lume no quarto ; um homem estava maquinalmente deitado sôbre um sítio onde houvera um fogão ; perto dêle estava uma mulher idosa sentada num pequeno banco ; a um canto conservavam-se algumas crianças esfarrapadas, e num pequeno recanto, em frente da porta, jazia no soalho algo que estava envolto numa velha coberta. Oliveiros estremeceu ao dirigir o olhar para êsse lado e chegou-se involuntariamente para seu amo ; porque, a-pesar-de coberto, Oliveiros adivinhou que era um cadáver.

O homem era pálido e descarnado ; tinha os olhos injectados e a barba e os cabelos grisalhos. A velha tinha o rosto coberto de rugas ; os dois dentes que lhe restavam avançavam sôbre o lábio inferior ; e os seus olhos brilhantes furavam como verrumas. Oliveiros sentiu mêdo de olhar tanto para uma como para o outro ; pareciam-se muito aos ratos que êle tinha visto na rua.

— Ninguém lhe tocará, — disse o homem, precipitando-se para o cangalheiro, que se aproximara do grabato. — Para trás, para trás ! lhe digo eu, se tem amor à vida.

— Tolices ! meu bom homem ; — disse o cangalheiro, que estava já muito habituado a ver a miséria sob tôdas as suas formas — tolices.

— Repito-lhe, — disse o homem, apertando os punhos e batendo furiosamente o pé no chão — repito-lhe que não quero que a enterrem ; ela não poderá lá des-

cansar. Os vermes atormentá-la-iam . . . não a comeriam . . . ela está tão descarnada.

O cangalheiro não deu resposta ao delírio do infeliz, mas, tirando um cordel do bôlso, ajoelhou-se por um instante ao lado do corpo.

— Ah ! — disse o homem, desfazendo-se em pranto e lançando-se de joelhos aos pés da morta — ajoelhem-se, ajoelhem-se todos em tôrno dela e escutem-me. Foi a fome que a matou ; enquanto a febre a não atacou, eu não sabia que ela estava tão mal ; mas então os ossos furavam-lhe a pele ; nós não tínhamos lume nem luz ; ela morreu às escuras, sim, às escuras ; nem mesmo pôde ver o rosto de seus filhos, embora a ouvissemos murmurar os seus nomes. Eu fui à rua mendigar para ela, e prenderam-me. Quando voltei, estava moribunda ; o meu coração empederniu-se quando vi que a tinham deixado morrer de fome. Juro-o perante Deus que disto é testemunha, deixaram-na morrer de fome ! . . .

E arrancando os cabelos, soltou um grito horrível e rolou pelo soalho com o olhar fixo e a espuma a escorrer-lhe dos lábios.

As crianças, assustadas, começaram a chorar ; mas a anciã, que até então se conservara imóvel, como se nada tivesse visto nem ouvido do que em tôrno dela se passava, impôs-lhes silêncio ; depois, tendo desatado a gravata do homem que continuava deitado no soalho, encaminhou-se cambaleando para o cangalheiro.

— Era minha filha, — disse ela, fazendo um sinal com a cabeça para o lado do cadáver e falando com o modo espantado duma idiota, mais medonho que a própria morte. — Meu Deus ! meu Deus ! dizer que lhe dei a vida e que eu era então uma mulher, e que agora estou viva e prazenteira, enquanto que ela ali jaz, hirta e fria. Meu Deus ! meu Deus ! quando penso nisto ! é uma comédia ! uma verdadeira comédia !

Enquanto a pobre velha resmoneava estas pala-

vras com um riso medonho, o cangalheiro dispunha-se a sair.

— Espere ! espere ! — disse ela forçando a voz cansada — ¿ o entérro é para amanhã, para depois de amanhã, ou para esta noite ? Fui eu que a amortalhei e devo acompanhá-la, ¿ não é assim ? Mande-me uma capa grande ; uma capa bem quente, porque o frio é muito ; havemos de comer também bôlos e beber algum vinho, antes de partirmos ! Não se esqueça ; mande-nos pão ; nada mais que um pedaço de pão e um copo de água. ¿ Mandar-nos-á pão, meu amigo ? — disse ela vivamente, agarrando-se ao casaco do snr. Sowerberry, que novamente se dirigia para a porta.

— Sim, sim, sem dúvida, — disse êle — terão alguma coisa ; tudo o que precisarem.

Desprendeu-se das mãos da anciã e, arrastando Oliveiros após si, precipitou-se para fora.

No dia seguinte, tendo a família recebido entretanto o socorro de um pão de dois arrátéis (1) e de um pedaço de queijo, levado pelo snr. Bumble em pessoa, Oliveiros e seu amo voltaram a essa miserável moradia, onde o snr. Bumble os havia precedido, acompanhado de quatro homens do asilo de mendicidade, que deviam servir de condutores. Uma velha capa preta cobria os andrajos do marido e da anciã. Ataraxou-se o caixão ; os condutores carregaram-no aos ombros e desceram à rua.

— E agora, velha, trate de andar de-prensa ; — disse muito baixo Sowerberry — estamos atrasados e é preciso não fazer esperar o padre . . . Despachem-se, condutores . . . o mais de-prensa que possam.

Assim dirigidos pelo agente, tomaram uma marcha rápida sob o péso do seu leve fardo, emquanto as duas

(1) Em inglês, a *half-quarten loaf*, ou de 2 arrátéis ou libras (*pounds*), tendo o arrátel 16 onças : vem assim a perfazer cêrca de um quillo (907 gramas). — N. T.

peessoas de família os seguiam de tão perto quanto lhes era possível. O snr. Bumble e Sowerberry caminhavam na frente com passo ágil, e Oliveiros, cujas pernas não eram tão compridas como as do seu patrão, corria ao lado do féretro.

Todavia não era tão urgente apressarem-se como o snr. Sowerberry pretendia; porque quando chegaram ao canto sombrio do cemitério onde crescem as urtigas e ficam as sepulturas da paróquia, o padre não tinha ainda chegado, e o coadjutor, sentado ao canto do fogão, na sacristia, deu a entender que provavelmente elle não viria antes de uma hora. Em vista do que, foi o ataúde poisado à beira do coval; o homem e a velha esperaram pacientemente com os pés na lama, sob uma chuva fria e humectante, enquanto algumas crianças andrajosas, atraídas pela curiosidade, brincavam ruidosamente às escondidas por entre as pedras tumulares, ou variavam os seus divertimentos saltando a pés juntos por cima do caixão. Sowerberry e Bumble, amigos íntimos do coadjutor, sentaram-se ao lado do fogo próximo d'ele e liam o jornal.

Emfim, depois de mais duma hora de espera, viu-se o snr. Bumble, Sowerberry e o coadjutor dirigirem-se à pressa para a cova, e logo após appareceu o padre, envergando a sobrepeliz. Nessa altura o snr. Bumble repreendeu um ou dois pequenos para salvar as aparências; e o reverendo, depois de ter lido do officio dos mortos o que se poderia comportar em quatro minutos, entregou a sobrepeliz ao coadjutor e retirou-se.

— E agora, Bill — disse Sowerberry ao coveiro — chega-lhe terra!

O trabalho não era difficil; porque a vala estava tão cheia que o último caixão ficava apenas a alguns pés abaixo do nivel do solo. O coveiro deitou sobre o caixão algumas pásadas de terra que negligentemente calçou aos pés, pôs a pá ao ombro, e afastou-se, seguido

pelos garotos, que se lastimavam num grande berreiro de lhes ter acabado tão cedo o divertimento.

— Vamos, bom homem ; — disse Bumble batendo levemente no ombro do desgraçado — vai fechar-se o cemitério.

Este, que não havia feito um movimento desde que chegara à beira da cova, estremeceu, levantou a cabeça, olhou fixamente para quem lhe falava, deu alguns passos e caiu desmaiado. A velha demente estava muito ocupada com a perda da capa, que o cangalheiro lhe tinha tirado, para prestar atenção a outra coisa ; assim despejaram sobre ele uma caneca de água fria ; e quando veio a si, saíram todos do cemitério, fecharam a porta, e cada um seguiu o seu caminho.

— Então, Oliveiros — disse Sowerberry, no caminho para a loja — ¿ como achas tu isto ?

— Assim, assim, senhor, obrigado ; — respondeu o pequeno, após considerável hesitação — não acho lá muito bem, senhor.

— Ora ! hás-de habituar-te, Oliveiros ; — disse Sowerberry. — Isto nada é quando estamos habituados, meu rapaz.

Oliveiros desejava bastante saber se teria sido preciso muito tempo a seu amo para se habituar ; mas julgou prudente não aventurar essa pergunta. E voltou para a loja, com a imaginação povoada de tudo o que acabara de ver e de ouvir.

VI

Oliveiros, acirrado pelos sarcasmos de Noé, dá-lhe batalha e derrota o seu inimigo

Passado o mês de experiência, Oliveiros ficou definitivamente aprendiz. Precisamente por esse tempo houve um bom período de epidemias. Para empregar-

rios a linguagem comercial, os ataúdes estavam na *alta*; e no espaço de algumas semanas, Oliveiros adquiriu muita experiência. O sucesso da engenhosa especulação do snr. Sowerberry excedia as suas esperanças. Os habitantes do local mais avergados em anos não se lembravam de nenhuma época em que o sarampo houvesse tido tal predominio e fôsse tão fatal para as crianças; numerosos foram os préstitos fúnebres à frente dos quais caminhava o pequeno Oliveiros com um chapéu guarnecido com um crepe que lhe chegava aos joelhos, para indescritível admiração e emoção de tôdas as mãis da localidade. Oliveiros acompanhava também seu amo em quâsi todos os enterros de adultos a-fim-de adquirir a impassibilidade de porte e a insensibilidade completa que tão necessárias são a um perfeito gato-pingado, e teve muitas ocasiões de observar a bela resignação e fôrça de alma com que algumas pessoas corajosas sabem suportar as suas provações e a perda dos seus parentes.

Assim, quando encomendavam a Sowerberry um entérro para alguma pessoa velha e rica, que tivesse um grande número de sobrinhos e sobrinhas, os quais durante a última doença se haviam mostrado inconsoláveis, e cuja dôr não pudera conter-se mesmo nas ocasiões mais solenes e em público, encontravam-se em sua casa tão felizes quanto possível, alegres e satisfeitos, conversando uns com os outros com tanta alegria e liberdade de espirito como se não tivessem experimentado perda alguma. Alguns maridos suportavam também com o mais heróico sangue frio a perda de suas mulheres. As mulheres, por seu lado, vestiam luto por seus maridos como se, longe de se mortificarem contra a ostentação da dôr, tivessem exercido tôdas as capacidades do seu espirito para a tornar tão elegante e atraente quanto possível. Era também observado que aquêles cuja dôr mais se havia manifestado durante as cerimónias do saimento, se acalmavam

assim que entravam em casa, e estavam completamente tranqüilos antes da hora do chá. Tudo isto constituía um espectáculo bastante divertido e edificante ; e Oliveiros observava-o com grande admiração.

Se Oliveiros Twist tinha sido disposto à resignação pelo exemplo dessa boa gente, é o que não posso, a-pesar-de ser biógrafo, afirmar com qualquer grande convicção ; mas o que posso afirmar com certeza é que continuou durante alguns meses a suportar o domínio e os maus tratos de Noé Claypole, que se entregou a tais processos mais do que nunca depois que lhe nasceu uma grande inveja ao ver o novo serviçal promovido à vara negra e ao fumo no chapéu, emquanto elle, mais antigo, não passava da cepa torta com o seu barrête e o seu calção de pele. Carlota maltratava-o porque Noé o fazia ; e a snr.^a Sowerberry era sua inimiga declarada, por seu marido ter boas disposições para com elle ; de sorte que entre êsses três, dum lado, e uma indigestão de funerais, do outro, Oliveiros não se achava tão cômodamente como o porco esfomeado a quem fecharam por engano no celeiro duma fábrica de cerveja.

Tenho agora que falar duma passagem muito importante na história de Oliveiros ; de uma acção que pode parecer talvez insignificante e sem importância, mas que indirectamente produziu uma mudança radical em todos os seus projectos e procedimento futuros.

Oliveiros e Noé tinham um dia descido à cozinha, à hora habitual do jantar, para se banquetear com um pedaço de carneiro, arrátel e meio do mais ordinário bocado do cachaço, quando, tendo Carlota saído, se seguiu um breve intervalo de tempo em que o snr. Noé Claypole, esfomeado e vicioso como era, julgou que não podia consagrar a tarefa mais digna do que apoquentar e torturar o pequeno Oliveiros Twist.

Para se entregar a essa inocente distracção, Noé

colocou os pés sôbre a toalha, pôs-se a puxar pelos cabelos e pelas orelhas de Oliveiros, e declarou-lhe que êle não era mais que um miserável ; para mais, annunciou-lhe a intenção em que estava de o ver um dia no patíbulo, fôsse lá quando fôsse que êsse desejável acontecimento pudesse vir a succeder ; e encetou ainda outros temas de tortura bem mesquinha, como um malicioso e perverso pupilo da caridade que era. Mas, como nada disto fazia chorar Oliveiros, Noé tentou crescer ainda na facécia, e fêz o que muitas almas mesquinhas, bem mais célebres que Noé, fazem hoje às vezes para serem espirituosas : recorreu às alusões pessoais.

— Enjeitado! — disse Noé — ¿ como vai tua mãe?

— Morreu, — respondeu Oliveiros. — Não me fale dela, peço-lhe.

O pequeno còrou ao dizer estas palavras. A respiração tornou-se-lhe precipitada e, ao ver-lhe a contracção dos lábios e das narinas, o snr. Claypole julgou que se tratava dos sinais precursôres duma violenta crise de chôro ; sob esta impressão, voltou à carga.

— ¿ De que morreu ela, enjeitado ? — perguntou Noé.

— De desespêro, segundo me disseram ; — respondeu Oliveiros, como se falasse mais a si próprio do que se respondesse a Noé — e creio que sei o que deve acontecer para se morrer assim !

— Trá lá lá, bastardo ! — disse Noé, vendo uma lágrima correr pela face da criança. — ¿ O que é que te faz choramingar agora ?

— Não é o senhor ; — respondeu Oliveiros, enxugando ràpidamente a lágrima que lhe humedecia a face — não pense que é o senhor.

— Ah ! realmente ! ¿ não sou eu ? — disse Noé em ar de motejo.

— Não, não é o senhor ; — replicou Oliveiros em

tom sêco — olhe, basta ; não diga mais uma palavra a respeito dela ; é o que tem de melhor a fazer.

— O que tenho de melhor a fazer ! — exclamou Noé — na verdade ! o que tenho de melhor a fazer ! não te faças insolente, enfeitado. Parece que a tua mãe era uma mulher de estalo, hein ?

E aqui Noé fêz um sinal expressivo com a cabeça e franziu com tôda a fôrça o seu pequeno nariz rubicundo.

— Tu bem sabes, enfeitado, — continuou Noé, animado pelo silêncio de Oliveiros, e com tom de zombaria e fingida compaixão (que é de todos o mais injurioso) — tu bem sabes, enfeitado, que nem tu nem ninguém podem coisa alguma contra isso ; sinto-o muito por tua causa ; estou certo mesmo que todos nós o sentimos, e temos todos dó dela ; mas tu sabes sem dúvida, enfeitado, que tua mãe era uma verdadeira meretriz.

— ¿ O que é que disse ? — perguntou Oliveiros, erguendo vivamente a cabeça.

— Uma verdadeira meretriz, enfeitado ; — respondeu friamente Noé — e de facto muito mais vale que ela tenha morrido então, enfeitado, porque teria feito com que a prendessem, a fizessem trabalhar rudemente em Bridewell, a deportassem, ou enforcassem, o que é ainda mais provável, ¿ não é verdade ?

Com o rosto em fogo, Oliveiros precipitou-se, atirou ao chão a cadeira e a mesa, agarrou Noé pelo pescoço, sacudiu-o com uma raiva tal que os dentes batiam-lhe, e, reunindo tôdas as suas fôrças, applicou-lhe uma tal pancada que o atirou a terra.

Um instante antes, essa criança sobrecarregada de maus tratos era a mansidão em pessoa ; mas a sua coragem despertava enfim ; o ultraje feito à memória de sua mãe deu-lhe um ânimo desconhecido até ali ; o coração batia-lhe violentamente ; tinha uma attitude altiva, o olhar brilhante e vívido ; tudo nêle havia

mudado, agora que via o seu covarde perseguidor estendido a seus pés, e desafiava-o com uma energia de que antes se não julgava capaz.

— Assassino ! — gritava Noé. — Carlota ! senhora ! o novo serviçal quiere assassinar-me ; socorro ! socorro ! Oliveiros está danado ! Car . . . lota !

Aos bramidos de Noé, Carlota respondeu por um grito penetrante e a snr.^a Sowerberry por um grito mais penetrante ainda ; a primeira precipitou-se para a cozinha por uma porta lateral ; a segunda demorou-se na escada até ter adquirido a certeza que era compatível com a conservação da vida humana ir mais longe.

— Ah ! miserável ! — vociferou Carlota, segurando Oliveiros com tôda a sua fôrça, que igualava bem a de um homem razoavelmente forte e bem treinado — ah ! ingrato ! assassino ! monstro horrendo !

E a cada silaba Carlota dava a Oliveiros uma pancada com tôda a fôrça que tinha ao seu dispor e acompanhava-a de um grito penetrante, para maior proveito da sociedade.

O punho de Carlota não era leve ; mas com receio de que êle não fôsse sufficiente para acalmar a cólera de Oliveiros, a snr.^a Sowerberry aventurou-se até à cozinha e com uma mão ajudou-a a prender-lhe os movimentos, enquanto com a outra lhe arranhava o rosto. Emfim, Noé, aproveitando-se das vantagens da situação, levantou-se do chão e pôs-se a bater-lhe pelas costas.

Este exercício era demasiado violento para durar muito ; quando todos três se sentiram fatigados de bater, arrastaram a criança, que gritava e se debatia, mas não estava de modo nenhum intimidado, para o lugar mais escuro da casa, onde o fecharam à chave ; depois, a snr.^a Sowerberry caiu extenuada numa cadeira e desatou a chorar.

— Meu Deus ! ela perde os sentidos ! — disse Car-

lota. — Noé, meu querido, depressa, um copo com água.

— Oh! Carlota! — disse a snr.^a Sowerberry, falando perfeitamente, a-pesar da sua sufocação e da forte dose de água fria que Noé lhe deitara pela cabeça e ombros — oh! Carlota; que sorte nós tivemos em não sermos todos assassinados nas nossas camas!

— Ah! uma grande sorte, na verdade, senhora, — respondeu Carlota. — Eu só espero que isto ensinará o patrão a não receber mais destas terríveis criaturas, que nasceram para assassinos e para ladrões, desde o berço em que vieram ao mundo. Pobre Noé! estava quasi morto quando eu entrei.

— Pobre rapaz! — disse a snr.^a Sowerberry, lançando um olhar de compaixão ao aprendiz.

Noé, que tinha a mais que Oliveiros tôda a altura da cabeça e ombros, esfregava os olhos com a parte interior dos pulsos enquanto as duas lastimavam a sua sorte, e soluçava o melhor que podia.

— ¿ Que havemos de fazer? — exclamou a snr.^a Sowerberry. — Meu marido saiu, não há nenhum homem em casa; e elle vai arrombar a porta a pontapés antes de dez minutos.

As vigorosas sacudidelas que este imprimia à porta tornavam com efeito esse facto bastante provável.

— Meu Deus! meu Deus!, não sei, senhora... — disse Carlota. — ¿ Se chamássemos a policia?

— ¿ Ou a guarda? — propôs o snr. Claypole.

— Não, não, — disse a snr.^a Sowerberry, recordando-se do antigo amigo de Oliveiros. — Noé, corra a casa do snr. Bumble e diga-lhe que venha immediatamente, sem perda de um minuto; deixe lá o barrete! Apresse-se! Corra; leve pelo caminho uma faca aplicada sobre o olho, far-lhe-á diminuir a inchação.

Noé não esperou mais e precipitou-se para fora o mais rapidamente que pôde. As pessoas que o viram passar admiraram-se de ver um rapaz da escola de

beneficência correr daquêle modo através da rua, sem barrete e com a lâmina duma faca sôbre um dos olhos.

VII

Oliveiros persiste na rebelião

Noé Claypole corria à desfilada e não parou nem uma só vez para tomar fôlego até que chegou à porta do asilo de mendicidade. Esperou um minuto aproximadamente, para poder recomeçar os soluços com mais fôrça, e dar ao rosto uma expressão de sofrimento e de terror; depois bateu com tal fôrça à porta, e mostrou ao velho indigente que veio abri-la uma fisionomia tão lamentável, que este, bem que habituado a só ver rostos desgraçados, recuou espantado.

— ¿ Que aconteceu a este rapaz? — perguntou de si para si o velho.

— Snr. Bumble! snr. Bumble! — gritou Noé, fingindo terror, e com tal fôrça que não só se fez ouvir do snr. Bumble, que era um pouco surdo, mas assustou-o de tal forma que êle se precipitou para o pátio sem o tricórnio — circunstância notável e muito curiosa, pois mostra como é que um prefeito, pode momentâneamente perder, sob o império duma emoção súbita e poderosa, o domínio de si mesmo e esquecer a sua dignidade pessoal.

— Oh! snr. Bumble; — disse Noé — foi Oliveiros, senhor; foi Oliveiros que...

— ¿ Que foi? ¿ Que foi? — interrompeu o snr. Bumble, com uma expressão de alegria nos seus olhos metálicos. ¿ Êle não fugiu? ¿ não fugiu, não é verdade, Noé?

— Não, não, senhor, não fugiu; mas tornou-se muito mau, — respondeu Noé. — Quis assassinar-me,

senhor, depois tentou matar Carlota e a senhora. Oh ! como eu soffro ! oh ! senhor, que tortura !

E Noé torcia-se em todos os sentidos como uma enguia, para fazer acreditar ao snr. Bumble que, no violento e sanguinário ataque de Oliveiros Twist, tinha soffrido alguma grave lesão interna que lhe causasse dôres atrozes.

Quando Noé viu o efeito que as suas palavras produziam no snr. Bumble, mudo de espanto, quis augmentar-lhe a comoção lamentando os seus ferimentos com mais fôrça do que antes ; e quando viu um cavalheiro de colete branco atravessar o pátio, gemeu de maneira mais trágica que nunca, porque julgou da maior importância chamar a atenção e provocar a indignação da dita personagem.

A atenção dêsse cavalheiro foi com efeito bem depressa despertada, porque não tinha ainda dado três passos quando se voltou bruscamente e perguntou por que razão é que gritava assim êsse garoto, e por que é que o snr. Bumble lhe não administrava uma correccção tal que os gritos que estava soltando fôsem soltados um pouco menos voluntariamente.

— É um pobre rapaz da escola de beneficência, senhor, — respondeu o snr. Bumble — que esteve a pontos de ser assassinado pelo moço Twist.

— Por vida minha, disse estava eu certo ! — exclamou o cavalheiro de colete branco, detendo-se immediatamente — logo desde o principio que eu tive o singular pressentimento de que êsse pequeno selvagem há-de vir a acabar na força.

— Também tentou assassinar a criada, — disse o snr. Bumble, amarelo como cêra.

— E também a senhora, — ajuntou o snr. Claypole.

— E ainda o patrão, & não é verdade, Noé ? — acrescentou o snr. Bumble.

— Não, tinha saído, senão tê-lo-ia morto ; — respondeu Noé — êle dizia que o queria matar.

— Ah ! ; êle disse isso, meu rapaz ? — perguntou o cavalheiro do colete branco.

— Sim, senhor, — respondeu Noé — e a minha ama manda perguntar se o snr. Bumble poderia vir imediatamente ter com êle e castigá-lo, em vista de o patrão ter saído.

— De-certo, meu rapaz, de-certo, — disse o cavalheiro de colete branco, sorrindo com benignidade e passando a mão pela cabeça de Noé, que se elevava, pelo menos, três polegadas acima dêle ; e ajuntou : — Tu és um bom rapaz, um óptimo rapaz ; aqui tens um péni para ti. Bumble, pegue na sua bengala e vá a casa de Sowerberry. Faça o melhor que puder ; não o poupe, Bumble !

— Não, senhor, tenha a certeza que não, — respondeu o prefeito adaptando a ponta encerada que fazia torcer em volta da extremidade da sua bengala para objectivos de flagelação paroquial.

— Diga a Sowerberry que o não poupe ; nunca se fará nada dêle se o não zurzirem a valer, — disse o cavalheiro de colete branco.

— Fico por isso, senhor, — respondeu o prefeito ; e depois de ter pôsto o tricórnio e pegado na bengala, o snr. Bumble tomou a tóda a pressa, com Claypole, o caminho da casa do cangalheiro.

A situação não tinha melhorado. O snr. Sowerberry não tinha ainda voltado, e Oliveiros continuava a dar vigorosos pontapés na porta do recinto onde tinha sido encerrado. A snr.^a Sowerberry e Carlota fizeram uma tão extraordinária descrição da ferocidade do pequeno que o snr. Bumble julgou prudente parlamentar antes de abrir a porta. Começou por dar na porta um pontapé, à maneira de exórdio ; depois, applicando a bôca à fechadura, disse com voz forte e solene :

— Oliveiros !

— Vamos, deixe-me sair daqui ! — respondeu o pequeno.

— ¿ Reconheces a voz que te fala, Oliveiros ? — perguntou o snr. Bumble.

— Sim, — respondeu êle.

— ¿ E não está assustado, senhor ? ¿ Não treme ao som da minha voz, senhor ? — perguntou o snr. Bumble.

— Não ! — respondeu acintosamente Oliveiros.

Uma resposta tão diversa da que esperava e a que estava habituado, fêz hesitar o snr. Bumble. Abandonou o buraco da fechadura, endireitou-se a tóda a sua altura, e contemplou uma após outra as três testemunhas desta cena, sem pronunciar uma palavra.

— ¿ Vê, snr. Bumble ? — disse a snr.^a Sowerberry. — É impossível que êle não tenha enlouquecido. Um rapaz, por muito pouco razoável que fôsse, não se atreveria a falar-lhe assim.

— Não é loucura ; — respondeu o snr. Bumble, após alguns instantes de profunda reflexão — é a carne.

— Como ? — exclamou a snr.^a Sowerberry.

— Sim, senhora, a carne ; — replicou Bumble em tom magistral — a senhora deu-lhe alimento em demasia. Criou-lhe uma alma e um espirito artificiais, deslocado num individuo da sua condição, como os senhores do conselho de administração, que são filósofos práticos, lho dirão, snr.^a Sowerberry. ¿ Que necessidade têm os pobres duma alma e dum espirito ? Bem basta que lhes conservemos a vida nos corpos. Se só tivesse dado papas de aveia a êste rapaz, nunca semelhante coisa teria acontecido.

— Meu Deus ! — disse a snr.^a Sowerberry, erguendo piedosamente os olhos para o teto da cozinha — eis o que nos vale ser generosos !

A generosidade da snr.^a Sowerberry para com Oliveiros tinha consistido em prodigalizar-lhe tódas as porcarias e sobejos que ninguém mais queria. Havia portanto uma grande humildade e abnegação da sua

parte em se sujeitar a ficar sob o péso da acusação que lhe fazia Bumble, e de que ela, para lhe fazer justiça, era absolutamente inocente, em pensamentos, palavras e obras.

— Olhe, — disse o snr. Bumble à dama — a única coisa que há agora a fazer, ao que creio, é deixá-lo ali durante um dia ou dois, até que a fome o enfraqueça, e depois que dali saia, sustentá-lo a papas de aveia durante toda a sua aprendizagem. Ele vem de má origem. Pessoas irritáveis, snr.^a Sowerberry ! Disseram-me tanto a enfermeira como o médico que a mãe chegara aqui após dificuldades e fadigas que teriam morto há muito uma mulher robusta.

Chegava o snr. Bumble a este ponto do seu discurso quando Oliveiros, que ouvia do diálogo o suficiente para compreender que faziam de novo alusão a sua mãe, recomeçou a dar pontapés na porta, com tal violência que não permitia que se ouvisse qualquer outro som. Sowerberry voltou nesta conjuntura ; explicaram-lhe o atentado de Oliveiros, com todo o exagêro que as mulheres julgaram necessário para o encolerizar ; num abrir e fechar de olhos, êle abriu a porta da casa e, agarrando-o pela gola, fêz de lá sair o aprendiz rebelde.

O fato de Oliveiros havia-se rasgado na luta ; tinha e rosto arranhado e esfolado ; os cabelos em desordem caíam-lhe sobre a fronte. A sua cólera contudo não se tinha extinguido, e, ao sair da sua prisão, lançou a Noé um olhar altivo e corajoso.

— És um gentil rapaz ! — disse Sowerberry, dando-lhe uma bofetada e um sóco sobre a orelha.

— Ele insultou minha mãe, — replicou Oliveiros.

— E então ! quando assim fôsse . . . miserável ingrato ; — disse a snr.^a Sowerberry — ela merecia o que êle disse e ainda pior.

— Não, — disse a criança.

— Merecia, sim, — insistiu a snr.^a Sowerberry.

— É uma falsidade ! — disse Oliveiros.

A snr.^a Sowerberry desfez-se em pranto. Essa torrente de lágrimas não deixava a seu marido nenhuma alternativa. Se hesitasse um instante em punir Oliveiros mais severamente, é claro que, segundo os precedentes observados nas contendas do casal, êle teria sido um animal, um marido desnaturado, um sêr desprezível com aparência humana, sem contar outros mil agradáveis epítetos demasiadamente numerosos para terem lugar neste capítulo. Para ser justo, deve reconhecer-se que, tanto quanto de si dependia (mas a sua autoridade era muito limitada), êle estava bem disposto para com o pequeno, ou fôsse porque assim convinha aos seus interêsses, ou fôsse porque sua mulher o detestava. A torrente de lágrimas da dama não lhe deixava, porém, recurso algum. Em conseqüência, pois, êle administrou a Oliveiros uma sova tal, que a própria snr.^a Sowerberry se mostrou satisfeita, e tornou a subsequente aplicação do bastão paroquial do snr. Bumble quâsi inteiramente desnecessária. No resto do dia, Oliveiros ficou fechado na casa por detrás da cozinha em companhia da bomba e de um naco de pão sêco; à noite, a snr.^a Sowerberry, depois de ter feito de fora da porta várias considerações que estavam longe de constituir um cumprimento para a memória de sua mãe, soltou-o emfim, e, em meio das graçolas e das zombarias de Noé e de Carlota, ordenou-lhe que fôsse para a cama.

Foi apenas quando foi abandonado a si próprio no silêncio e na soturnidade da loja sombria do cangalheiro que Oliveiros deu vasante aos sentimentos que o tratamento que acabava de lhe ser feito durante o dia podê supor-se ter despertado na alma dessa simples criança. Ouvira os seus motejos com um olhar de desprezo; suportara o látêgo do chicote sem um grito, porque sentia desenvolver-se-lhe no coração um sentimento de orgulho que o teria impedido de soltar

um gemido, ainda que o tivessem queimado vivo. Mas agora que ninguém o podia ver nem ouvir, caiu de joelhos no soalho, e, escondendo o rosto nas mãos, derramou lágrimas tais, que para honra da nossa natureza devemos desejar que Deus permita que raras vezes tenham motivo de as verter crianças da sua idade.

Oliveiros ficou por muito tempo imóvel nessa attitude. A vela acabara de arder inteiramente no encaixe do castiçal quando elle se pôs de pé ; olhou atentamente em tórno de si, applicou o ouvido, e depois correu mansamente os fechos da porta da entrada e olhou para a rua.

A noite estava fria e escura ; as estrélas pareciam à criança mais afastadas da terra do que nunca as tinha visto ; não havia vento ; as sombras que as árvores projectavam no solo, de tão paradas, tinham um ar sepulcral e soturno. De novo fechou a porta, mansamente. Aproveitando-se dos últimos lampejos da vela para juntar num lenço a pouca roupa que possuia, sentou-se num banco e esperou que se fizesse manhã.

Logo que o primeiro raio de luz penetrou através das frestas, Oliveiros levantou-se e correu novamente os fechos. Lançou em tórno um olhar tímido, hesitou alguns instantes ; fechou a porta atrás de si e estava na rua.

Olhou para um e para outro lado, incerto na direcção em que devia fugir. Recordava-se de ter visto as carroças, quando saíam da cidade, treparem a colina ; tomou a mesma direcção, e ao chegar a um atalho que elle sabia que pouco adiante ia dar à estrada, embrenhou-se nêle e pôs-se a caminhar rapidamente.

Lembrava-se muito bem de ter seguido esse atalho, quando corria atrás do snr. Bumble, ao ir da Granja para o asilo de mendicidade. O caminho ia dar directamente em frente da casa ; o coração bateu-lhe

violentamente a esta recordação, e esteve quasi decidido a voltar para trás ; mas tinha já andado bastante, e uma volta far-lhe-ia perder muito tempo ; de mais a mais era tão cedo, que era pouco para reccar ser visto ; continuou, pois, a marchar.

Assim chegou à Granja ; nada indicava que os seus pequenos habitantes estivessem a pé a essa hora matinal ; Oliveiros parou e lançou um olhar para o jardim ; uma criança arrancava as ervas daninhas a um canteiro e numa ocasião em que elle levantou o rosto pálido, Oliveiros reconheceu um dos seus antigos companheiros. Oliveiros sentiu-se feliz em o ver antes de se afastar ; embora mais novo do que elle, esse pequeno tinha sido o seu amiguinho e companheiro de brincados ; por mais duma vez elles tinham sido espancados, esfomeados e fechados juntos !

— Chut, Dick ! (1) — disse Oliveiros, vendo o pequeno correr para a porta e passar os bracinhos através das grades para lhe apertar a mão — ¿ está alguém levantado ?

— Não, só eu, — respondeu a criança.

— Não deves dizer que me viste, Dick ; — disse Oliveiros — resolvi fugir ; batiam-me e maltratavam-me, Dick ; vou procurar fortuna, tão longe, tão longe que nem sei onde. Como tu estás pálido !

— Ouvi o médico dizer que eu estava a morrer ; — respondeu a criança, com um leve sorriso — estou muito contente por te ver, amigo ; mas não te demores, não te demores.

— Sim, sim ; mas quero dizer-te até à vista, — replicou Oliveiros. — Tornar-te-ei a ver, Dick, estou certo disso ; tu terás saúde e serás feliz.

— Assim espero, — disse a criança — depois de ter morrido, e não antes. O médico tem razão, Oliveiros ;

(1) *Dick* : abreviatura diminutiva de *Richard*, Ricardo. — N. T.

porque sonho muitas vezes com o céu e os anjos, e com caras de bondade que nunca vejo quando estou acordado. Dá-me um beijo! — ajuntou a criança, trepando o portão, e enrolando os bracitos em tórno do pescoço de Oliveiros. — Adeus, querido amigo; que Deus te abençoe!

Esta bênção saía da bôca de uma criança, mas era a primeira que Oliveiros a ouvia chamar sôbre a sua cabeça. No meio das provações, dos sofrimentos, das vicissitudes da sua vida, jâmais a esqueceu.

VIII

Oliveiros vai a Londres e encontra no caminho um singular mancebo

Chegando à cancela em que o atalho terminava, Oliveiros achou-se na estrada. Eram oito horas; e embora estivesse a perto de cinco milhas da cidade, corria a bom correr, cosendo-se de quando em quando com as sebes, receoso de ser perseguido e apanhado. Assim deu meio-dia; sentou-se então ao lado dum marco para descansar, e pôs-se a pensar, pela primeira vez, no lugar que devia escolher para sua residência.

O marco junto do qual se tinha sentado, indicava, em grandes caracteres, que iam precisamente setenta milhas de aí a Londres (1). Êste nome evocou no espirito do pequeno uma nova série de pensamentos. Londres! . . . a enorme cidade! . . . ninguém . . . nem mesmo o snr. Bumble . . . poderia descobri-lo ali! Tinha ouvido dizer muitas vezes aos velhos do asilo, que um rapaz desembaraçado nunca se via na miséria

(1) A milha inglesa equivale a 1.609 metros; portanto a distância indicada no marco era de cêrca de 112 km. e meio, ou pouco mais de 22 léguas e meia. — N. T.

em Londres, e que havia nessa vasta cidade modos de vida de que as pessoas criadas no campo nem sequer faziam idéia. Era bem o lugar que convinha a um rapaz sem amparo, que tinha que morrer na rua se o não socorressem. Entregue, pois, a estes pensamentos, pôs-se de pé e continuou o seu caminho.

Diminuiu ainda de quatro boas milhas a distância que o separava de Londres, sem pensar quanto deveria sofrer antes de atingir o fim da viagem; como esta reflexão lhe acudisse ao espírito, afrouxou a marcha, e pôs-se a meditar sobre os meios de chegar a Londres. Tinha na sua trouxa uma côdea de pão, uma camisa grosseira e dois pares de meias, e no bôlso um péni que lhe tinha dado Sowerberry depois de um entêrro em que se tinha distinguido ainda mais que de ordinário. «É muito bom ter uma camisa lavada, — pensava Oliveiros — dois pares de meias remendadas e um péni; mas são de pouco auxílio para quem tem a fazer sessenta e cinco milhas a pé durante o inverno». Oliveiros tinha, como muita gente, o espírito pronto e engenhoso para descobrir as dificuldades, mas perplexo em descobrir o meio de as vencer; de sorte que depois de ter reflectido muito, sem encontrar a solução que procurava, mudou o seu pequeno embrulho para o outro ombro e estugou o passo.

Andou vinte milhas nesse dia, sem tomar nada mais que o seu bocado de pão sêco e alguns goles de água que pediu na estrada, à porta das choupanas. Quando veio a noite entrou num prado, encolheu-se junto de uma mêda de fêno e resolveu esperar ali o romper da manhã. Experimentou a princípio um sentimento de receio ouvindo o vento sibilar tristemente na campina deserta. Tinha frio e fome, e achava-se mais só do que nunca; a fadiga da marcha proporcionou-lhe todavia um pronto sono, e esqueceu os seus pesares.

De manhã, ao levantar-se, sentiu-se entorpecido pelo frio, e com tanta fome que se viu obrigado a gas-

tar o seu péni na primeira povoação por que passou para obter um bocado de pão. Não tinha andado mais que doze milhas quando a noite o surpreendeu de novo ; tinha os pés inchados e as pernas tão fracas que tremiam com o peso do corpo. Uma segunda noite passada ao ar livre, por um tempo frio e húmido, acabou de esgotar-lhe as forças ; e quando quis de manhã continuar a viagem, mal podia arrastar-se. Esperou no sopé de uma encosta bastante íngreme que passasse uma diligência, e pediu esmola aos viajantes da imperial ; não havia quasi ninguém que lhe prestasse atenção ; os que o notaram, disseram-lhe que esperasse que chegassem ao alto da encosta e que lhes mostrasse depois quanto tempo podia correr por meio péni. O pobre Oliveiros tentou seguir a diligência, mas não o pôde conseguir, por causa da falta de forças e dos pés inchados ; então os viajantes da imperial meteram novamente o seu meio péni no bolso, declarando que elle era um mandrião, que não merecia coisa alguma. A diligência afastou-se, não deixando após si mais que uma núbem de poeira.

Em algumas aldeias, havia grandes tabuletas colocadas na estrada, com um escrito annunciando que quem mendigasse na área da região seria metido na cadeia ; isto enchia-o de receio e dava-lhe ânimo para se afastar dessas aldeias o mais depressa que podia. Noutras, parava diante dos pátios das hospedarias e contemplava tristemente as pessoas que iam e vinham, procedimento que geralmente terminava por uma ordem da hospedeira a algum dos postilhões que estanciavam no pátio para expulsar esse rapaz que por ali andava, certamente para roubar alguma coisa. Se mendigava á porta duma granja, acontecia nove vezes sobre dez soltarem o cão atrás dele ; se metia o nariz numa loja, falavam-lhe do beleguim da paróquia, e, a este nome, estremezia.

Sem o bom coração dum guarda barreira e a be-

nevolência duma dama já idosa que encontrou, os sofrimentos de Oliveiros teriam sido abreviados pelo mesmo processo que os de sua mãe, isto é, teria morrido na estrada real. Mas o guarda-barreira deu-lhe pão e queijo, e a dama de idade, cujo neto havia naufragado e errava em alguma longínqua parte do mundo, teve piedade do pobre órfão e deu-lhe o pouco que podia dispensar-lhe (e mesmo mais), com palavras tão affectuosas e tão boas, e com tais lágrimas de simpatia e compaixão, que se gravaram mais profundamente na alma de Oliveiros que todos os sofrimentos que até então experimentara.

Na manhã do sétimo dia depois de ter abandonado a sua terra natal, Oliveiros entrava, manquejando, na pequena cidade de Barnet. Os taipais estavam ainda fechados, as ruas desertas, e ninguém ainda se dirigia para os trabalhos do dia. O sol erguia-se em tôda a sua esplêndida beleza, mas o seu brilho só servia para fazer ver à pobre criança todo o horror da sua-miséria e do seu isolamento; sentou-se, coberto de poeira e com os pés em sangue, na soleira de uma porta.

Pouco a pouco abriram-se os taipais; os transparentes das janelas levantaram-se; e os transeúntes começaram a circular. Alguns paravam um instante para contemplar Oliveiros, ou à medida que iam passando, apressados, deitavam-lhe um olhar rápido; mas ninguém o socorreu, nem se deu ao trabalho de lhe perguntar como tinha vindo até ali; não tinha coragem para pedir esmola, e ali se conservou sentado.

Estendeu-se um pouco durante algum tempo na soleira; admirava-se de ver tantas tabernas, porque uma casa e outra não de Barnet eram tabernas, grandes ou pequenas; olhava com indiferença as carruagens que passavam, e achava surpreendente que elas pudessem fazer tão facilmente em algumas horas um trajecto que lhe levava uma longa semana a percorrer

com uma coragem e uma resolução tão acima da sua idade.

Foi tirado do seu devaneio à vista de um rapaz que, tendo passado por elle sem mostras de grande interesse alguns minutos antes, retrocedera e, collocando-se do outro lado da rua, o observava atentamente. A principio pouca atenção lhe prestou ; mas o rapaz conservou-se tanto tempo diante d'elle na mesma attitude de aturada observação, que Oliveiros levantou a cabeça e o fitou com o mesmo interesse. Então aquêle, atravessando a rua e dirigindo-se para Oliveiros, disse-lhe :

— Então ! camarada, ¿ que se passa ?

O rapaz que dirigia esta pergunta ao nosso jovem viandante era quasi da mesma idade que elle, mas um dos rapazes de apparencia mais singular que Oliveiros tinha visto até então. Tinha o nariz arrebitado, a fronte deprimida, as feições vulgares, e o exterior mais sujo que se possa imaginar, o que o não impedia de ter o ar e as maneiras de um homem. Era de pequena estatura, com as pernas um pouco arqueadas e uns olhos penetrantes e impudentes ; usava o chapéu tão levemente collocado na cabeça que ameaçava cair a cada momento, — o que de facto succedia muitas vezes se o seu possuidor lhe não desse de vez em quando um safanão por uma sacudidela brusca da cabeça, o que o fazia voltar ao seu lugar primitivo. Vestia um casaco de homem, que lhe descia até aos calcanhares ; tinha as mangas arregaçadas quasi até ao cotovelo, para ficar com as mãos livres e naturalmente meter nos bolsos das suas calças de belbutina, porque as tinha aí nessa occasião. Emfim, tinha um ar tão pimpão, com os seus borzeguins à Blucher, como nunca o foi mancebo da sua estatura, isto é, um mancebo de quatro pés e seis polegadas, ou algo menos (1).

(1) Quatro pés e seis polegadas, ou quatro pés e meio, equivale no sistema métrico decimal, a um pouco menos de 1^m,40. — N. T.

— Então ! camarada, ¿ que se passa ? — perguntou a Oliveiros êsse estranho interlocutor.

— Tenho muita fome e estou muito cansado, — respondeu Oliveiros com as lágrimas nos olhos. — Tenho feito um longo trajecto. Há sete dias que estou a andar.

— Sete dias de marcha ! — disse o rapaz — ah ! entendo. ¿ Foi por ordem *do bico*, hein ? Mas — continuou êle, vendo o espanto de Oliveiros, — ¿ supponho que tu ignoras o que é um *bico*, meu catita camarada ?

Oliveiros respondeu com candura que sempre julgara que essa palavra significava a bôca duma ave.

— Vida minha, como estás verde ! — exclamou o rapaz. — Um *bico*, é um magistrado ; e quando se anda por ordem *do bico*, não se anda direito para diante ; trepa-se sempre sem nunca descer. ¿ Já estiveste no *moínho* ?

— ¿ Qual moínho ? — perguntou Oliveiros.

— Que moínho ! Qual há-de ser ! *o moínho* (1) — o moínho que ocupa tão pouco espaço que trabalha num jarro de pedra . . . Mas vem comigo ; tu precisas de pitaça, e tê-la-ás. Eu estou em baixa de fundos ; a bôlsa é magra, mas emquanto dura, *vida e doçura*. Vá, de pé nessas gâmbias ! upa !

O rapaz ajudou Oliveiros a levantar-se e levou-o para uma mercearia próxima onde comprou um pouco de presunto e um pão de dois arráteis, ou, como êle disse, « um casqueiro de quatro pénis » (2) ; teve a engenhosa idéia, para conservar o presunto limpo e ao abrigo da poeira, de abrir o pão, tirar uma parte do miolo e meter lá dentro o presunto. Metendo o pão debaixo do braço, entrou num pequeno botequim e lê-

(1) Alusão ao *moínho* que os condenados fazem girar. — N. T.

(2) Em inglês, « a fourpenny bran ». — N. T.

vou Oliveiros para um gabinete na parte de trás do estabelecimento.

Aí, por ordem do misterioso jovem, foi servida uma medida de cerveja ; a convite do seu novo amigo, Oliveiros lançou-se ao festim e pôs-se a devorar ávidamente, enquanto o estrangeiro o contemplava de tempos a tempos com a maior atenção.

— ¿ Vamos então a Londres ? — disse o extraordinário mancebo, quando Oliveiros acabou.

— Sim.

— ¿ Temos uma pousada ?

— Não.

— Dinheiro ?

— Não.

O indivíduo pôs-se a assobiar e enterrou as mãos nos bolsos, tanto quanto lho permitiam as largas mangas do casaco.

— ¿ O senhor vive em Londres ? — perguntou Oliveiros.

— Sim, quando estou em casa, — respondeu o rapaz. — Tu precisas dum pouso para passares a noite, ¿ não é assim ?

— Sim ; — respondeu Oliveiros — não dormi ainda debaixo de telha depois que saí de minha terra.

— Não te aflijas por tão pouco ; — disse o jovem gentleman — devo estar em Londres esta noite, e conheço lá um respeitável velho que te alojará de graça, e que nada te pedirá em troca, com a condição de que lhe sejas apresentado por uma pessoa do seu conhecimento ; e vamos lá que eu não sou do seu conhecimento ! Oh não ! Isso sim . . . De modo nenhum . . . Certamente que não !

O jovem gentleman sorriu, para mostrar que as palavras do discurso eram ditas por ironia ; e ao mesmo tempo esvaziou o corpo.

Esse oferecimento inesperado dum abrigo era demasiado sedutor para ser recusado, principalmente

quando foi seguido pela garantia de que o velho cavalheiro arranjará, sem dúvida nenhuma, uma boa colocação a Oliveiros, dentro de muito pouco tempo. Isto deu origem a uma conversa mais amigável e confidencial, em que Oliveiros descobriu que o seu amigo se chamava Jack Dawkins, e que era o favorito e protegido do velho cavalheiro antes mencionado.

O exterior do sr. Dawkins não abonava muito os confortos que o crédito do seu patrão proporcionava aos que tomava sob a sua protecção; mas como tinha uma maneira de conversar um tanto volúvel e libertina, e confessava que os seus íntimos o conheciam pela alcunha de « o Astuto Marau », Oliveiros concluiu daí que, sendo o seu companheiro de um natural estouvado e dissoluto, não tinham por isso tido até então influência sobre ele os preceitos morais do seu bemfeitor. Sob esta impressão, secretamente resolveu cultivar, tão rapidamente quanto possível, a boa opinião do velho gentleman, e, se ele julgava o Marau incorrigível, como estava inclinado a supor, renunciar à honra de privar com ele para o futuro.

Jack Dawkins não quis entrar em Londres antes da noite, e eram perto de onze horas quando chegaram à barreira de Islington. Passaram pela rua de S. João, desceram a pequena rua que vai dar ao teatro de Sadlerwell, costearam Exmonth-Street e Coppice-Row, e depois o pequeno largo junto do asilo de mendicidade; atravessaram em seguida o terreno clássico que se chamou outrora Hockley-in-the-Hole; passaram em seguida ao Little Saffron-Hill e ao Saffron-Hill the Great, que o Astuto Marau transpôs com passo rápido, recomendando a Oliveiros que o seguisse de perto.

Embora Oliveiros tivesse bastante para ocupar a sua atenção não perdendo de vista o seu guia, não pôde deixar de lançar alguns olhares furtivos para os dois lados do caminho por onde ia passando. Era o sítio mais imundo e miserável que jamais vira.

A rua era estreita e lamacenta, e o ar estava carregado de miasmas fétidos. Havia um grande número de pequenas lojas; mas os únicos artigos expostos pareciam ser acervos de crianças que, a-pesar da hora avançada da noite, gatinhavam para dentro e para fora das casas ou faziam um grande berreiro de dentro delas. Os únicos lugares que pareciam prosperar, em meio da miséria geral, eram as tabernas, onde irlandeses da mais baixa escória altercavam com tôdas as suas fôrças. Pátios e passagens cobertas, que aqui e ali divergiam da rua principal, deixavam ver pequenos grupos de casas, em que homens e mulheres embriagados chafurdavam positivamente na imundície; e de alguns dos portais viam-se sair cautelosamente indivíduos de aspecto sinistro, que partiam, segundo tôda a aparência, para desempenhar missões não muito benévolas ou inofensivas.

Oliveiros perguntava de si para si se não faria melhor em fugir dali, quando chegaram ao fim da colina. O seu guia tomou-o pelo braço, empurrou a porta dumã casa perto de Field Lane, fê-lo entrar num corredor e fechou a porta atrás de si.

— ¿ Quem vem lá? — gritou uma voz em resposta a um assobio do Marau.

— Plummy e Slam! — foi a resposta.

Era sem dúvida um sinal ou o santo-e-senha para indicar que não havia novidade; porque o débil clarão dumã vela iluminou a parede ao fundo do corredor, e viu-se surgir o rosto dum homem ao nível do solo, por detrás do corrimão quebrado dumã escada que levava noutro tempo a uma cozinha.

— São dois; — disse o homem levantando a vela e pondo a mão por cima dos olhos para melhor distinguir os objectos — ¿ quem é o outro?

— Um novo recruta, — respondeu Jack Dawkins, fazendo avançar Oliveiros.

— ¿ De onde vem êle?

— Da Terra dos Inocentes. (1) ¿Fagin está lá em cima ?

— Sim, está juntando os lenços. Suba.

O homem desapareceu e com êle a luz da vela.

Oliveiros, tateando o caminho com uma das mãos e tendo a outra fortemente agarrada pelo seu companheiro, subiu penosamente os degraus escuros e carcomidos que o seu guia galgava com uma facilidade e uma presteza que bem mostrava quanto êles lhe eram familiares. Empurrou a porta de um quarto das traseiras e introduziu nêle Oliveiros. As paredes e o teto estavam ennegrecidos pelo tempo e pela imundície. Diante do fogão, sôbre uma mesa de pinho, via-se uma vela metida no gargalo duma garrafa de *ginger-beer* (2), dois ou três púcaros de estanho, um pão com manteiga e um prato. Numa frigideira que estava ao lume, prêsa por um barbante à pedra da chaminé, assavam umas salsichas; e de pé, junto delas, com um grande garfo na mão, estava um judeu muito velho e encarquilhado, cuja fisionomia ignóbil e repelente se achava, em parte, oculta por uma emmananhada cabeleira ruiva; vestia um imundo roupão de flanela, sem nada que lhe protegesse a garganta, e parecia dividir a sua atenção entre a frigideira e uma corda da qual pendiam grande número de lenços de sêda. Algumas camas grosseiras, feitas de velhos sacos, estavam estendidas no soalho, ao lado umas das outras. Sentados em volta da mesa estavam quatro ou cinco rapazes, nenhum dêles mais velho do que o Marau, fumando cachimbo e bebendo licores, dando-se ares de homens de meia idade. Todos rodearam o seu camarada, ao êle dizer ao judeu algumas palavras baixinho; depois voltaram-se, arreganhando os dentes,

(1) Na gíria do novo companheiro do protagonista dêste romance. *Greenland* (à letra, Terra Verde, ou das Verduras). — N. T.

(2) Mistura refrigerante feita de cerveja e gengibre. — N. T.

para Oliveiros. O mesmo fêz o judeu, com o seu garfo na mão.

— Fagin, apresento-lhe o meu amigo Oliveiros Twist, — disse Jack Dawkins.

O judeu arreganhou mais uma vez a dentuça. Fêz uma profunda vénia a Oliveiros, tomou-o pela mão e disse-lhe que esperava ter a honra de fazer com éle mais amplo conhecimento.

Então os pequenos fumadores rodearam-no, deram-lhe grandes apertos de mão de maneira a fazer-lhe cair o seu pequeno embrulho; um dêles apressou-se a desembaraçá-lo do boné; outro teve a amabilidade de lhe vasculhar os bolsos para lhe poupar o trabalho, visto o seu estado de fadiga, de os esvaziar antes de se deitar. Estas delicadezas não se teriam limitado a tão pouco se não fóssem as pancadas pelo judeu dadas com o garfo sôbre as cabeças e ombros dos carinhosos jóvens que as prodigalizavam.

— Estamos encantados por te ver, Oliveiros, — disse o judeu. — Marau, tira do lume as salsichas e põe um caixote ao pé do fogo para Oliveiros se sentar. Ah! tu estás a olhar pasmado para os lenços! É uma bela colecção, não é assim, amigo? Acabávamos exactamente de os preparar para a barrela. Eis tudo, Oliveiros, eis tudo; ah! ah! ah!

As últimas palavras do judeu foram acolhidas com aclamações pelos seus jóvens discípulos. Depois começou a ceia.

Oliveiros comeu a sua parte; em seguida o judeu deitou-lhe um copo de grogue, recomendando-lhe que o bebesse logo, porque outro conviva precisava do copo. Oliveiros obedeceu. Em breve sentiu que o deitavam docemente sôbre um dos sacos, onde adormeceu com um profundo sono.

IX

Onde se encontrarão novas informações sôbre o agradável velho e sôbre os seus discípulos, mancebos de grandes esperanças.

No dia seguinte ia a manhã já adiantada quando Oliveiros despertou após um sono profundo e prolongado. No quarto estava apenas o velho judeu, que fazia ferver café numa panela para o almoço, e assobiava baixinho entre dentes, agitando o líquido com uma colher de ferro. De tempos a tempos parava para escutar, quando em baixo se ouvisse o mais leve ruído; e quando se certificava de que tudo estava tranqüilo, continuava a assobiar e a mexer o café.

Bem que Oliveiros já não dormisse, não estava contudo perfeitamente acordado. Há um estado de modorra, entre o sono e a vigília, em que se sonha mais em cinco minutos, com os olhos meio abertos e sem ter bem consciência do que se passa, do que em cinco noites, com os olhos bem fechados e os sentidos completamente entorpecidos numa absoluta inconsciência. Nesses momentos, o homem sabe apenas o que se passa no seu espírito, o bastante para fazer uma pálida idéia das poderosas faculdades desse espírito, quando, libertado das prisões do corpo, se eleva para longe da terra e zomba do tempo e do espaço.

Oliveiros estava precisamente num desses momentos. Com os olhos semi-cerrados, via o judeu, ouvia-o assobiar baixinho, distinguia o ruído da colher batendo contra a borda da panela; e, todavia, o seu espírito, durante esse tempo, viajava pelo passado, e estava com todos aquêles que tinha conhecido.

Quando acabou de preparar o café, o judeu poisou a panela no chão e ficou alguns instantes numa atitude indecisa como se não soubesse que partido to-

mar; depois voltou-se, olhou para Oliveiros e chamou-o pelo nome; êste não respondeu e pareceu completamente adormecido. O judeu, tranqüilo por êsse lado, dirigiu-se sem fazer ruído para a porta, fechou-a, e tirou dum alçapão que havia no soalho, tanto quanto Oliveiros pôde ver, uma pequena caixa que pousou cautelosamente sôbre a mesa; os olhos brilhavam-lhe quando levantava a tampa e lançava um olhar para o interior; aproximou da mesa uma cadeira velha, sentou-se e tirou do cofre um magnífico relógio de ouro refulgente de jóias.

— Ah! os patuscos! — disse o judeu erguendo os ombros e com o rosto contraído por um medonho sorriso — os valentes patuscos! firmes até ao fim! Nunca disseram ao velho padre onde é que estavam. Nunca acusaram o velho Fagin! E por que é que o fariam? Isso não desataria o nó corredio nem lhes retardaria a queda dum minuto; não, não, não! Soberbos maganões, soberbos maganões!

Com estas e outras reflexões de igual teor o judeu tornou a meter o relógio em lugar seguro. Tirou do cofre pelo menos mais meia dúzia dêles, e contemplou-os com o mesmo prazer; isto além de anéis, broches, pulseiras, jóias de tôda a espécie, tão preciosas e de um trabalho tão delicado, que Oliveiros, nem de nome, conhecia tôdas essas coisas.

O judeu colocou-as novamente no cofre e tirou dêle uma última jóia, tão pequena que lhe cabia na palma da mão; parecia que nela estava gravada uma inscrição muito delicada, porque o judeu poisou-a sôbre a mesa, abrigou-a cuidadosamente com a mão, e contemplou-a por muito tempo atentamente; emfim, como se desesperasse de decifrar êsses caracteres, guardou a jóia na caixa, e recostando-se na cadeira, continuou a resmungar.

— Que bela coisa é a pena capital! Os mortos nunca se arrependem! os mortos nunca voltam para

revelarem histórias desagradáveis! Ah! é uma bela coisa para o comércio! Cinco em fila, amarrados à mesma corda! e nem um cobarde, nem um se fez amarelo!

Dizendo estas palavras, o judeu circunvagava em tórno de si os olhos negros e brilhantes, até que caíram no rosto de Oliveiros. A criança contemplava-o com uma curiosidade muda; num volver de olhos o velho compreendeu que tinha sido observado; fechou ruídosamente a tampa da caixa, e agarrando numa faca de sôbre a mesa, levantou-se furioso; mas tremia a tal ponto, que Oliveiros, a-pesar do seu terror, podia ver vacilar a lâmina da faca.

— ¿ Que é? — disse o judeu — ¿ por que me observas? ¿ Tu não dormias? ¿ Que viste? Fala, rapaz! De-pressa! de-pressa! vai nisso a tua vida!

— Não pude dormir mais, senhor, — respondeu Oliveiros com doçura, — e sinto muito tê-lo incomodado.

— ¿ Tu não estás acordado há uma hora? — perguntou o judeu com ar ameaçador.

— Não, senhor, com certeza que não, — respondeu Oliveiros.

— ¿ Estás bem certo disso? — exclamou o judeu, com um olhar ainda mais sinistro e em atitude igualmente ameaçadora.

— Não estava, senhor, — respondeu vivamente Oliveiros — dou-lhe a minha palavra que não.

— Está bem! está bem! amigo, — disse o judeu retomando abruptamente as suas maneiras ordinárias e brincando durante uns momentos com a faca antes de a colocar novamente no seu lugar, como para fazer acreditar que tinha pegado nela por passatempo. — Eu bem sabia isso, amigo; queria apenas meter-te médo. Tu és um valente. Ah! ah! tu és um valente, Oliveiros!

E o judeu esfregava as mãos rindo, mas lançava, a-pesar-de tudo, um olhar inquieto sôbre a caixa.

— ¿ Viste alguma dessas lindas coisas, amigo ?
— disse o judeu, após um curto silêncio, poisando a mão sôbre ela.

— Sim, senhor, — respondeu Oliveiros.

— Ah ! — disse o judeu empalidecendo um pouco.
— Elas . . . são minhas, Oliveiros . . . é a minha pequena fortuna . . . tudo o que me resta para a velhice ; chamam-me avarento, meu amigo, sômente avarento . . . nada mais.

Oliveiros pensou que o velho devia ser com efeito duma sôrdida avareza, para viver em tão imundo lugar, tendo tantos relógios ; mas, pensando que a sua ternura pelo Marau e pelos outros rapazes lhe custava talvez muito dinheiro, deitou ao judeu um olhar de deferência e perguntou-lhe se se podia levantar.

— Pois já se vê, amigo, já se vê ; — respondeu o velho ; — olha, está uma bilha com água no canto ao pé da porta ; vai buscá-la e dar-te-ei uma bacia para te lavares, amigo.

Oliveiros levantou-se, atravessou o quarto e baixou-se para pegar na bilha ; quando voltou a cabeça, a caixa tinha desaparecido.

Mal acabara de se lavar e de fazer tudo com arranjo, despejando, por ordem do judeu, a bacia pela janela, quando o Marau entrou, acompanhado por um rapaz muito vivo que Oliveiros vira na noite anterior a fumar, e que nesse momento lhe foi apresentado com o nome de Charley Bates. Depois sentaram-se à mesa ; o almoço constava de café e de pãozinhos quentes com presunto, que o Marau tinha trazido no fundo do chapéu.

— Então ! — disse o judeu, dirigindo-se ao Marau e olhando sorratamente para Oliveiros. — Quero crer que tenham trabalhado esta manhã, hein ?

— Rijamente, — respondeu o Marau.

— Com unhas, — acrescentou Charley Bates.

— Bons rapazes, bons rapazes ! — disse o judeu
— ¿ que trazes tu, Marau ?

— Duas carteiras, — respondeu o mancebo.

— Recheadas? — perguntou o judeu com ansiedade.

— Sofrivelmente, — respondeu o Marau, exibindo duas carteiras, uma verde e outra vermelha.

— Poderiam ser mais pesadas, — disse o judeu, depois de lhes ter revistado cuidadosamente o interior — mas são completamente novas e de bom trabalho; é de um hábil operário, ¿ não é verdade, Oliveiros?

— Certamente, senhor, — disse Oliveiros.

Esta resposta fez rir ruídosamente o snr. Charley Bates, com grande espanto de Oliveiros, que nada via de risível no que se tinha passado.

— E tu, meu amigo, ¿ que trazes tu? — perguntou Fagin a Charley Bates.

— Limpa-ventas, — respondeu mestre Bates; e tirou quatro lenços do bôlso.

— Bem, — disse o judeu, examinando-os minuciosamente — são bons, muito bons; mas tu não os marcaste bem, Charley. Será necessário tirar-lhes as marcas com uma agulha; ensinaremos a Oliveiros como isso se faz; ¿ não é assim, Oliveiros? Ah! ah!

— Como quiser, senhor, — disse Oliveiros.

— Tu gostarias de ser capaz de fazer lenços com a facilidade com que o faz Charley Bates, ¿ não é verdade, amigo? — perguntou o judeu.

— De todo o coração, senhor, se quiser ensinar-me, — respondeu Oliveiros.

Mestre Bates achou esta resposta tão deliciosamente burlesca que soltou uma nova gargalhada; o que, como nessa ocasião bebia o seu café, fez com que elle seguisse um caminho errado, a pontos de ficar sufocado.

— Elle é duma tal verdura! — disse elle, quando pôde falar, como para se desculpar junto dos assistentes da sua indelicadeza.

O Marau nada disse; mas passou a mão pelos ca-

belos de Oliveiros, e fêz-lhos cair para os olhos, ajuntando que êle em breve aprenderia. O velho, que viu còrar a criança, mudou de conversa e perguntou se a execução que tivera lugar essa manhã atraíra grande multidão. O espanto de Oliveiros redobrou; porque era evidente, pela resposta dos dois rapazes, que ambos tinham assistido a ela, e achava extraordinário que o tempo lhes tivesse chegado para trabalharem tanto.

Depois do almoço, o alegre velho e os dois rapazes entregaram-se a um divertimento curioso e invulgar. Eis no que êle consistia: o judeu meteu uma caixa de rapé num dos bolsos das calças, uma carteira no outro, no bôlso do colete um relógio prêso a uma cadeia que passou em volta do pescoço; espetou um alfinete com uma pedra a imitar diamante na camisa, abotoou o casaco até acima, e metendo nos bolsos o lenço e a caixa dos óculos, começou a passear no quarto de um lado para o outro, com uma bengala na mão, para imitar os cavalheiros de idade que passeiam nas ruas. Ora parava diante do fogão, ora à porta, como se contemplasse atentamente as montras e escaparates dos estabelecimentos. Poç vezes lançava em tórno olhares vigilantes, como com receio dos ladrões, e apalpava todos os bolsos um após outro, para ver se não tinha perdido alguma coisa, e tudo isto com uns modos tão jocosos e tão naturais que Oliveiros ria até as lágrimas. Entretanto os dois rapazes seguiam-no de perto e tôdas as vezes que êle se voltava, furtavam-se à sua vista com tanta agilidade, que era impossível seguir-lhes os movimentos. Por fim, o Marau pisou-lhe os pés enquanto Charley tropeçava com êle por detrás, e num volver de olhos, caixa do rapé, carteira, relógio, cadeia, alfinete, lenço de assoar, tudo, até a caixa dos óculos, desapareceu com a mais extraordinária rapidez. Se o velho sentia uma mão em algum dos bolsos, dizia em qual, e recomeçava-se.

Depois de se terem divertido com estes exercícios um grande número de vezes, vieram duas jóvens damas visitar os dois jóvens cavalheiros ; a uma foi dado o nome de Betty e à outra o de Nancy (1). Tinham cabeleiras espessas, mas mal cuidadas, e eram um pouco desmazeladas quanto ao calçado e às meias ; não eram talvez, para falar com rigor, bonitas ; mas tinham muita côr nas faces e o olhar resolutivo e atrevido. Como as suas maneiras eram agradáveis e duma grande liberdade, Oliveiros pensou que elas eram umas raparigas muito amáveis. No que não se enganava.

As visitantes demoraram-se bastante tempo. Uma das damas queixou-se de sentir frio lá por dentro ; vieram por isso licores e a conversa tomou um tom jovial e confiante. Por fim, Charley Bates declarou que era tempo de dar à perna. Oliveiros julgou que isto queria dizer sair, em francês ; porque o Marau, Charley e as duas jóvens retiraram-se imediatamente, depois de o amável e velho judeu lhes ter dado dinheiro para gastarem.

— Ora aqui está, amigo, — disse Fagin. — É um género de vida agradável, ¿ não é assim ? Eles saíram por todo o dia.

— ¿ Já acabaram o seu trabalho, senhor ? — perguntou Oliveiros.

— Sim ; — disse o judeu — a não ser que encontrem por acaso qualquer coisa a fazer pelo caminho ; não têm o hábito de faltar a isso ; tudo depende disso. Toma-os por modelos, amigo, toma-os por modelos ; — ajuntou o judeu, dando com a pá uma pancada na lareira, para reforçar as suas palavras — faz tudo o que elles te disserem, aconselha-te com elles em tôdas as coisas . . . especialmente com o Marau, amigo ; aí

(1) *Betty* e *Nancy* : abreviaturas, reciprocamente, de *Elizabeth* (Isabel) e *Ana*. — *N. T.*

está um que será um grande homem e fará também outro de ti, se o tomares por modelo. ¿ O lenço não me sai do bolso, amigo? — disse êle, parando de repente.

— Sim, senhor, — disse Oliveiros.

— Procura tirar-mo sem que eu perceba, como êles faziam quando brincávamos esta manhã.

Oliveiros levantou com uma das mãos o fundo do bolso, como tinha visto fazer ao Marau, e com a outra tirou ligeiramente o lenço.

— ¿ Está pronto? — perguntou o judeu.

— Aquí está, senhor, — disse Oliveiros, mostrando-lho.

— És um rapaz hábil, meu amigo, — disse o divertido velho, passando a mão pela cabeça de Oliveiros, em sinal de aprovação. — Nunca vi rapaz mais fino; aqui tens um xelim para ti. Se fôres por êsse caminho, virás a ser o maior homem da época. Agora, vem cá, vou ensinar-te a desmarcar os lenços.

Oliveiros espantava-se de que pudesse haver alguma relação entre escamotear, por brincadeira, o lenço do velho, e a probabilidade de vir a ser um grande homem; mas pensou que o judeu, em vista da sua idade, devia sabê-lo melhor do que êle. Aproximou-se tranqüilamente da mesa, e entregou-se com ardor ao seu novo estudo.

X

Oliveiros trava mais amplo conhecimento com os seus novos companheiros, e adquire experiência à sua custa, o que constitui, em breve, um muito importante capítulo da sua história.

Oliveiros permaneceu muitos dias no quarto do judeu, occupado a desmarcar lenços que chegavam a casa em grande quantidade, tomando algumas vezes parte

na brincadeira que descrevemos, e que se renovava regularmente tôdas as manhãs entre o judeu e os dois rapazes. Ao cabo de algum tempo, começou a suspirar pelo ar livre, e pediu por várias vezes com instância ao velho que lhe permitisse ir trabalhar lá fora com os seus dois companheiros.

Oliveiros desejava trabalhar tanto mais activamente, quanto tinha podido julgar da severa moral do velho judeu. Tôdas as vezes que o Marau ou Charley Bates voltavam à noite com as mãos vazias, discorria largamente e com grande veemência sôbre os inconvenientes da preguiça e da ociosidade, e, para melhor lhes gravar na memória a necessidade de serem activos, mandava-os deitar sem ceia. Chegou mesmo uma vez a precipitá-los do alto dum lance de escadas; mas era raro aplicar a tal grau os seus virtuosos preceitos.

Emfim, uma bela manhã, Oliveiros obteve a permissão que tão vivamente solicitara; havia dois ou três dias que não apareciam lenços para desmarcar, e os jantares tinham sido algo magros; talvez fôsem êsses os motivos por que o velho deu o seu assentimento; mas fôsem ou não fôsem, disse a Oliveiros que podia sair, e colocou-o sob a dupla guarda de Charley Bates e do seu amigo o Marau.

Partiram todos três, o Marau com as mangas arregaçadas e o chapéu sôbre a orelha, como de costume; mestre Bates flanando com as mãos nas algibeiras, e Oliveiros entre os dois, perguntando de si para si aonde iam, e que ramo de indústria ia aprender.

Caminhavam com passo tão descuidado, e com modos de basbaques tão ociosos, que Oliveiros começava a supor que os seus companheiros tinham saído para enganar o velho, e de modo nenhum para trabalharem. O Marau tinha o mau costume de se apoderar dos bonés dos pequenos que encontrava e de os atirar para o primeiro pátio que visse. Charley Bates, por seu lado, parecia ter noções muito vagas do direito

de propriedade ; escamoteava, nas lojas dos negociantes, maçãs ou cebolas e metia-as nos bolsos, que eram de dimensões tão surpreendentes que pareciam invadir-lhe todo o fato em tôdas as direcções. Oliveiros achava êste procedimento tão pouco razoável que esteve a pontos de declarar a sua intenção de voltar como pudesse para casa, quando os seus pensamentos foram súbitamente dirigidos por outra via, por uma mudança de atitude bastante misteriosa da parte do Marau.

Acabavam êles de sair duma passagem estreita a pouca distância da praça de Clerkenwell, ainda hoje chamada, por um estranho abuso de palavras, a *praça Verde*, quando o Marau parou súbitamente, pôs um dedo nos lábios e fêz recuar os seus companheiros, com a maior cautela e circunspecção.

— ¿ Que há ? — perguntou Oliveiros.

— Chitom ! — fêz o Marau — ¿ vês aquêle velho pato na barraca do livreiro ?

— ¿ Aquêle sujeito velho, do outro lado da rua ? — perguntou Oliveiros. — Certamente que vejo.

— Já te arranjo ! — disse o Marau.

— É mesmo uma beleza ! — observou mestre Charley Bates.

Oliveiros contemplava-os a ambos com a maior surpresa, mas não lhe foi permitido fazer-lhes quaisquer perguntas, porque os dois rapazes atravessaram furtivamente a rua, e foram colocar-se sorrateiramente por detrás do velho cavalheiro que fazia o objecto da sua atenção. Oliveiros seguiu-os a alguns passos de distância, e, não sabendo se devia avançar ou recuar, deteve-se a cihar, num pasmo silencioso.

O velho gentleman era uma pessoa de aparência respeitabilíssima, de cabeça empoada e óculos de oiro. Vestia uma casaca verde garrafa, com gola de veludo preto, calça branca e trazia debaixo do braço uma elegante bengala de cana da Índia. Pegara num livro

do escaparate e, de pé, pusera-se a lê-lo com tanta atenção como se estivesse na sua poltrona e no seu próprio gabinete. É mesmo provável que imaginasse estar lá; porque era evidente, tão absorvido estava, que não via nem a livraria, nem a rua, nem os rapazes, nem coisa nenhuma, a não ser o livro que lia conscienciosamente, voltando a fôlha quando chegava ao fim da página, recomeçando a leitura na primeira linha da página seguinte e continuando assim de página em página com o maior interêsse e curiosidade.

Quais não foram o horror e o sobressalto de Oliveiros, colocado alguns passos atrás, e que abria os olhos o mais que podia, quando viu o Marau meter a mão no bôlso do ancião, tirar dêle um lenço que passou a Charley Bates, e alcançarem por fim ambos o canto da rua, correndo a tôda a pressa!

Em um instante, todo o mistério dos lenços, dos relógios, das jóias e do judeu, se desvendou ao espírito da criança. Ficou por um momento imóvel, e o terror fazia-lhe ferver o sangue com tal fôrça como se estivesse num braseiro; depois, aterrorizado e confuso, pôs-se a correr a bom correr, não sabendo o que fazia, só pensando em fugir o mais rápidamente possível.

Tudo isto foi obra dum minuto. No mesmo momento em que Oliveiros deitava a correr, o ancião, levando a mão ao bôlso e dando pela falta do lenço, voltou-se bruscamente. Vendo o pequeno fugir numa fuga tão precipitada, pensou naturalmente que era êle o autor do furto; pôs-se a correr também atrás de Oliveiros, sem deixar o livro, e a gritar com tôda a fôrça: « Agarra, que é ladrão! »

O velho cavalheiro não foi, porém, a única pessoa a fazer algazarra. O Marau e mestre Bates, que não desejavam chamar sôbre si a atenção correndo assim à desfilada em plena rua, entraram logo no primeiro vão de porta que encontraram, depois de terem voltado a esquina da rua. Quando ouviram gritar e

viram Oliveiros a correr, adivinharam perfeitamente o que se passava e saíram rapidamente para a rua ; e, como bons cidadãos, juntaram-se aos perseguidores, gritando — agarra, que é ladrão !

Pôsto que Oliveiros tivesse sido educado por filósofos, não conhecia o belo axioma, que a conservação de nós próprios é a primeira lei da natureza. Se o tivesse conhecido, talvez estivesse preparado para isto ; não estando preparado, isso ainda mais o alarmou ; corria, pois, como o vento, com o ancião e os dois rapazes que gritavam no seu encalço.

« Agarra, que é ladrão ; agarra, que é ladrão ! » — Há qualquer coisa de mágico neste grito. O negociante deixa o balcão e o carreteiro a carroça ; o cortador a faca ; o padeiro o cabaz ; o leiteiro a bilha ; o estafeta as encomendas ; o colegial os belindres ; o calceteiro o alvião ; a criança a raqueta. Todos se precipitam em confusão, desordenadamente, como um raio, derribando, fazendo um berreiro medonho, vociferando, lançando por terra os transeúntes nas esquinas das ruas, açulando os cães e espantando as galinhas. Ruas, praças, largos, tudo ressoa com o mesmo grito : « Agarra, que é ladrão ! agarra, que é ladrão ! » — Cem vozes repetem êsse grito, e a turba cresce a cada esquina. Voam à desfilada, chapinhando na lama e fazendo atroar as pedras das calçadas ; assomam às janelas, saem a correr para a rua, a mole avança, tôda a assistência abandona Polichinelo no mais interessante do enrêdo, e, juntando-se ao tropel e à torrente, veem engrossar a vozearia e trazer um vigor acrescido ao grito : « Agarra, que é ladrão ! agarra, que é ladrão ! »

« Agarra, que é ladrão ! agarra, que é ladrão ! » — Quási todo o homem tem no peito a paixão profundamente enraizada de *perseguir, dar caçada a alguma coisa*. Uma pobre criança ofegante, arquejando de fadiga, com o terror na fisionomia e a agonia nos olhos, o suor correndo em camarinhas pelo rosto, redobra

de esforços para conservar o avanço sôbre aquêles que o perseguem ; e como êles lhe seguem no encalço e a cada momento ganham terreno sôbre êle, vaim os seus esforços declinantes numa gritaria cada vez mais atroadora, fazendo um escarcéu medonho, ber-rando com alegria : « Agarra, que é ladrão ! » Ah ! agarrem-no pelo amor de Deus, quando mais não seja por compaixão !

Agarram-no emfim. Bela façanha, na verdade ! Jaz sôbre a calçada, e a multidão comprime-se em volta dêle ; cada um dos que se vem juntar à turba empurram e lutam com os outros para o ver.

— Afastem-se !

— Dêem-lhe um pouco de ar !

— Tolice ! êle não o merece !

— ¿ Onde está êsse senhor ?

— Vem ali, a descer a rua.

— Abram caminho a êsse senhor !

— É êste o rapaz, senhor !

— Sim.

Oliveiros estava estendido no chão, coberto de lama e de poeira, deitando sangue pela bôca e olhando espavorido para o acervo de faces que o cercavam, quando, à viva fôrça, fizeram entrar o ancião no meio do círculo.

— Sim, — disse êle — receio bem que seja êle !

— Receia ! — murmurou a multidão — isso é que é ser bom !

— Pobre rapaz ! — disse o sujeito — êle feriu-se.

— Fui eu, senhor, — disse um gordo lorpa, adian-tando-se — fui eu que lhe dei um murro, por sinal que também feri os nós dos dedos nos dentes dêle ; fui eu que o agarrei, senhor.

Ao mesmo tempo levava a mão ao chapéu e sorria estúpidamente, esperando receber alguma coisa pelo seu trabalho ; mas o ancião fitou-o com uma expressão de tédio, e olhou ansiosamente em tórno de si, como

se procurasse também meio de se evadir; e teria provavelmente tentado fazê-lo, e ocasionado assim uma nova perseguição, se um agente de polícia (que é geralmente a última pessoa que chega em tais casos), não tivesse rompido nesse momento por entre a multidão e agarrado Oliveiros pela gola.

— Vamos, a pé! — disse êle rudemente.

— Não fui eu, senhor; não é verdade, não é verdade, foram outros dois rapazes; — dizia Oliveiros, torcendo as mãos com desespero e olhando em volta de si — êles estão por ai algures.

— Oh! não, não estão, — disse o agente, que, julgando zombar, dizia a verdade; porque o Marau e Charley Bates tinham-se enfiado pelo primeiro pátio que encontraram. — Vamos, a pé!

— Não lhe faça mal, — disse o ancião compassivamente.

— Oh! não, não se lhe faz mal, — respondeu o agente; e como prova rasgou até meio das costas a jaqueta de Oliveiros. — Levanta-te, eu conheço-te; não é a mim que se engana. ¿ Queres ou não pôr-te de pé, diabrete?

Oliveiros, que mal podia sustentar-se, fêz um esforço para se erguer, e o agente, com passo rápido, arrastou-o pela gola da jaqueta através das ruas. O cavalheiro acompanhava-os, caminhando ao lado do agente de polícia; muitas pessoas de entre a multidão procuravam passar-lhes adiante e voltavam-se de quando em quando para ver Oliveiros. Os rapazes soltavam gritos de triunfo e seguiam o cortejo.

XI

Em que se trata do snr. Fang, commissário de policia, e em que se encontrará uma pequena amostra da sua maneira de administrar justiça.

O delicto fôra praticado dentro da área e mesmo na vizinhança immediata dum notório commissariado de policia.

A multidão teve, pois, apenas o prazer de escoltar Oliveiros através de duas ou três ruas, até um sitio denominado Mutton-Hill, em que o fizeram passar sob uma arcada baixa, e daí para um pátio sujo, situado por detrás do santuário da justiça sumária; ai encontraram um homem bastante alentado com umas grandes suíças na cara e um molho de chaves na mão.

— ¿ Que há de novo ? — perguntou êle com indiferença.

— Um jovem, êste fedelho, — respondeu o agente que conduzia Oliveiros.

— ¿ Foi ao senhor que roubaram ? — perguntou o homem das chaves.

— Sim, — respondeu o ancião — mas não tenho a certeza de que fôsse o pequeno que aqui está que me tivesse tirado o lenço. Eu . . . eu preferia não levar por diante esta questão.

— Agora não há remédio senão comparecer perante o magistrado, senhor, — retorquiu o homem. — Vossa Senhoria vai ficar livre dentro de meio minuto. Vá, malandrete !

Convidava por êste modo Oliveiros a entrar numa pequena cela, da qual, emquanto falava, abria a porta. Ai foi revistado; e como nada lhe tivessem encontrado, foi ali encerrado.

Esta cela assemelhava-se a uma adega; era muito

escura e de uma imundície repugnante ; porque era uma segunda-feira de manhã e tinha sido ocupada por seis ébrios que aí tinham estado fechados desde sábado à noite. Mas não era tudo. Nos postos de polícia, homens e mulheres ficam reclusos tôdas as noites, sob os mais frívolos pretextos, em enxovias em comparação com as quais a prisão de Newgate, ocupada pelos maiores criminosos, processados e pronunciados como tais e condenados à morte, é um verdadeiro palácio. Se alguém duvidar, que as compare.

O ancião parecia quasi tão consternado como Oliveiros quando a chave girou na fechadura, e lançou, suspirando, um olhar ao livro, que fôra a causa inocente de tôda aquela balbúrdia.

— Há no rosto dessa criança, — dizia consigo o ancião passeando vagarosamente dum para outro lado e acariciando pensativamente o queixo com a capa do livro — alguma coisa que me comove e interessa. ¿ Estará inocente? Parece-se . . . vejamos ; — exclamou, parando bruscamente e olhando para o ar — meu Deus ! ¿ onde vi eu um rosto como aquêle ?

Após alguns minutos de reflexão, o velho cavaheiro, sempre pensativo, entrou numa pequena antecâmara que dava para o pátio ; e ali, retirado num canto, passou em revista um vasto anfiteatro de rostos, sôbre os quais uma sombria cortina já há muitos anos que correra.

— Não ; — disse êle, abanando a cabeça — deve ser imaginação.

Mergulhou de novo nas suas reflexões. Êle havia evocado todos êsses rostos, e não era fácil remover a mortalha que durante tanto tempo os tinha encoberto. Despontavam da multidão das recordações feições de amigos e inimigos, e de muitos que lhe tinham sido quasi indiferentes ; eram os rostos de esplêndidas donzelas, que eram hoje velhas decrépitas ; eram rostos que o túmulo modificara e sôbre os quais se fechara,

mas que o espírito, que triunfa da morte, lhe pintava com todo o brilho e beleza de outrora ; revia-as com o esplendor dos seus olhos, a claridade do sorriso, a irradiação da alma através do seu invólucro de argila ; recordações que nos falam baixinho da beleza de além-túmulo, alterada sim, mas para realçar ainda mais, e arrebatadas da terra apenas para se elevarem como uma luz, para derramar com uma suave luz o caminho que leva ao céu.

Mas o ancião não pôde encontrar em nenhum desses rostos as feições de Oliveiros. As recordações que havia evocado fizeram-lhe soltar um profundo suspiro ; mas, como, felizmente para êle, era muito distraído, enterrou-as de novo nas páginas do seu bolorento livro.

Foi tirado do seu devaneio pelo homem das chaves, que lhe deu uma pequena pancada no ombro e lhe pediu que o seguisse. Fechou imediatamente o seu livro, e foi logo levado à imponente presença do celebrado snr. Fang.

A repartição dava para a rua ; a parede era almo-fadada ; ao fundo estava sentado o snr. Fang, por detrás de uma teia, e a um dos lados da porta, num mocho de pau, achava-se já o pobre Oliveiros, todo assustado com a gravidade da cena.

O snr. Fang era um homem magro, de costas largas, pescoço rijo, e de mediana estatura, de cabelo não muito abundante e o que lhe restava cobrindo a parte posterior e os lados da cabeça. O seu rosto era duro e côrado. Se realmente não tinha o hábito de beber um pouco mais do que lhe era estritamente conveniente, poderia intentar ao seu rosto um processo por difamação, e obter uma importante indemnização por perdas e danos.

O ancião inclinou respeitosamente a cabeça ; e, avançando para a escrivania do magistrado, disse, entregando-lhe o seu cartão : « Aqui está o meu nome e

morada, senhor. * Depois deu dois ou três passos atrás, com uma nova inclinação de cabeça, e esperou que o interrogassem.

Ora aconteceu que o snr. Fang se achava justamente ocupado nessa ocasião em ler um artigo de fundo dum jornal da manhã, onde se dava conta de um julgamento por êle pronunciado recentemente e em que o recomendavam pela tricentésima e quinquagésima vez à particular atenção do secretário de Estado do Interior (1). Estava numa grande irritação ; e foi de mau humor que ergueu os olhos.

— ¿ Quem é o senhor ? — perguntou êle.

O velho cavalheiro, surpreendido com esta pergunta, mostrou com o dedo o cartão.

— Agente ! ¿ quem é êste individuo ? — disse o snr. Fang, lançando desdenhosamente para o lado cartão e jornal.

— O meu nome, senhor, — disse o ancião, exprimindo-se com dignidade — o meu nome, senhor, é Brownlow. Permita-me que por minha vez pergunte o nome do magistrado que, sob a protecção da lei, insulta gratuitamente e sem ter recebido para isso nenhuma provocação, uma pessoa respeitável.

Dizendo isto, o snr. Brownlow olhou em roda da sala, como à procura de alguém que lhe pudesse dar a informação pedida.

— Agente ! — disse o snr. Fang, arremessando para o lado um jornal — ¿ de que é acusado êste individuo ?

— Ele não é acusado de coisa nenhuma, Excelência ; — respondeu o agente — comparece como queixoso contra êste rapaz, Excelência.

Sua Excelência sabia isto perfeitamente ; mas era uma questiúncula que vinha a propósito.

(1) * Hune Department *. — N. T.

— Comparece contra o rapaz, ¿ éle é isso ? — disse Fang, contemplando desdenhosamente o snr. Brownlow, da cabeça até os pés. — Preste juramento !

— Antes de prestar juramento, tenho a pedir para dizer uma palavra ; — disse o snr. Brownlow — é que, se eu não fósse realmente testemunha do que se passou, jámais poderia acreditar . . .

— Cale-se, senhor ! — disse o snr. Fang em tom peremptório.

— Não, senhor ! — respondeu o snr. Brownlow.

— Cale-se imediatamente, ou faço-o expulsar da sala ! — disse o snr. Fang. — O senhor é um insolente, um impertinente. Como ousa assim afrontar um magistrado !

— Como ? — exclamou o velho cavalheiro, còrando.

— Faça prestar juramento a este homem ! — disse o snr. Fang ao escrivão. — Não quero ouvir nem mais uma palavra . . . Faça-lhe prestar juramento . . .

A indignação do snr. Brownlow tinha crescido ; mas reflectindo que, se lhe desse largas, poderia talvez prejudicar o rapaz, conteve-se e consentiu em prestar imediatamente juramento.

— Agora, — disse Fang — ¿ de que é acusado este rapaz ? ¿ Que tem a dizer, senhor ?

— Eu estava na loja de um livreiro . . . — começou o snr. Brownlow.

— Cale-se, senhor ! — disse o snr. Fang. — Agente ! ¿ onde está o agente ? vamos, que preste juramento. ¿ De que se trata, agente ?

O agente declarou, em tom humilde e submisso, como havia tomado conhecimento do que se imputava a Oliveiros ; como o revistara e nada lhe tinha encontrado, e que era tudo quanto sabia sòbre o caso.

— ¿ Há testemunhas ? — perguntou o snr. Fang.

— Saiba V. Ex.^a que não, — respondeu o agente.

O snr. Fang guardou silêncio durante alguns mi-

nutos, e, depois, voltando-se para o acusador, disse-lhe com voz irritada :

— ¿ Quere ou não formular a sua queixa contra este rapaz ? O senhor prestou juramento ; se agora se recusa a apresentar provas, puni-lo-ei por falta de respeito à magistratura ; quero, por . . .

Por quê, ou por quem, ignora-se : porque o escrivão e o carcereiro tossiram nesse momento com muita força, e o primeiro deixou cair ao chão um grande livro : o que impediu que se ouvisse o fim da frase — obra do acaso, certamente.

A-pesar-de muitas interrupções e de repetidos insultos, o snr. Brownlow fêz a diligência para contar o caso ; fêz observar que, na surpresa do momento, apenas correra após o pequeno porque o tinha visto fugir ; ajuntou que esperava que, no caso em que o magistrado considerasse Oliveiros não como ladrão mas como relacionado com ladrões, êle o trataria com tanta indulgência quanto a justiça o permitisse.

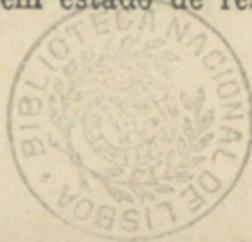
— Demais, este pequeno está já ferido, — disse êle em conclusão — e receio bem — acrescentou com grande energia, olhando através da teia — receio realmente que êle esteja doente.

— Oh ! sem dúvida . . . está claro — disse o snr. Fang, em tom zombeteiro. — Vamos, pequeno vagabundo, nada de trapanças ; comigo não pega ! ¿ O teu nome ?

Oliveiros tentou responder, mas a voz faltou-lhe. Estava mortalmente pálido, e parecia-lhe que tôda a sala andava à roda dêle.

— ¿ O teu nome, tratante ? — perguntou Fang. — Agente ! ¿ como se chama êle ?

Estas palavras dirigiam-se a um homenzinho rude e já de idade, que vestia um colete de riscas, e se conservava de pé junto da teia. O homenzinho inclinou-se para Oliveiros e repetiu a pergunta ; mas vendo que a criança não estava em estado de responder e sen-



tindo que esse silêncio só conseguia enfurecer o magistrado e tornar a sentença mais severa, arriscou um artificio :

— Ele diz que se chama Tom White, Excelência.

— ¿ Recusa-se a falar, não é verdade ? — disse

Fang. — Muito bem, muito bem . . . ¿ Onde mora ele ?

— Onde pode, Excelência — respondeu o agente, como se transmitisse ainda a resposta de Oliveiros.

— ¿ Tem pai e mãe ? — perguntou o snr. Fang.

— Diz que lhe morreram era ele criança, Excelência — continuou o agente.

Neste ponto do interrogatório, Oliveiros levantou a cabeça, e, lançando em tórno olhares suplicantes, pediu com voz apagada uma gôta de água.

— Tolices e trapalhadas tudo isso ! — disse o snr. Fang. — Não tente lograr-me !

— Creio que ele está realmente doente, Excelência — objectou o agente.

— Sei o que devo pensar a esse respeito — disse o snr. Fang.

— Tome cuidado, agente ! — disse o ancião, estendendo os braços instintivamente. — Ele vai cair.

— Afaste-se, agente ! — exclamou Fang. — Que cáia, se isso lhe agrada !

Oliveiros aproveitou-se dessa generosa permissão e caiu no soalho sem sentidos. As pessoas que estavam na sala olhavam umas para as outras, mas nenhuma ousava mexer-se.

— Eu bem sabia que ele estava a simular ! — disse o snr. Fang, como se o acidente fôsse uma prova dessa asserção. — Deixe-o estar, ele se levantará.

— ¿ O que é que pensa fazer neste caso, senhor ? — perguntou o escrivão em voz baixa.

— Sumariamente — respondeu o snr. Fang. — Três meses de prisão, com trabalhos forçados, bem entendido. Faça evacuar a sala.

Abria-se já a porta para este efeito e preparavam-se

dois homens para transportar Oliveiros desmaiado para a sua cela, quando um individuo de certa idade, de aspecto decente, embora pobre, a julgar pelo fato prêto um pouco coçado, se precipitou na sala e se aproximou do assento do magistrado.

— Párem ! párem ! não o levem ! — exclamou o recém-chegado ofegante. — Pelo amor de Deus, esperem um instante !

Embora os homens de génio que presidem aos tribunais dêste género exerçam uma autoridade sumária e arbitrária sôbre a liberdade, a reputação, o carácter e mesmo a vida dos súbditos de Sua Majestade, e especialmente da classe mais pobre ; embora, dentro dessas paredes, se passem quotidianamente cenas sufficientemente fantásticas para arrancar lágrimas aos anjos, o acesso dêsses recintos não é permitido ao público, que só os conhece por intermédio da imprensa diária. Não foi, pois, pequena a indignação do snr. Fang ao ver entrar um visitante que não convidara e duma maneira tão pouco respeitosa.

— ¿ Que é ? ¿ quem é êsse homem ? ponha-o lá fora ! — exclamou êle. — Faça evacuar a sala.

— Quero falar, — bradava o recém-chegado — não quero sair. Vi tudo. Sou o livreiro. Peço para prestar juramento. Não podem mandar-me embora. Ê preciso que me ouça, snr. Fang. O senhor não poderá recusar !

Êste homem estava no seu direito ; os seus modos eram decididos, e o caso tornava-se muito sério para ser assim abafado.

— Faça prestar juramento a êsse homem — resmungou o snr. Fang, de má vontade. — Vamos, homem, ¿ que tem a dizer ?

— Aí vai — disse o livreiro. — Vi três rapazes, o que está prêso e dois outros, que se entretinham do outro lado da rua enquanto êste senhor lia. Foi um dos dois outros rapazes que praticou o roubo ; vi-o

praticar, e vi também o espanto e estupefacção dèste que aqui está.

Tendo entretanto retomado fôlego, o digno livreiro continuou a relatar, de modo mais corrente, as exactas circunstâncias em que se dera o furtô.

— ¿ Por que não veio mais cedo ? — perguntou Fang, após um momento de silêncio.

— Não tinha quem me guardasse a loja — respondeu o livreiro. — Tôda a gente que me poderia ter auxiliado se havia lançado em perseguição do fugitivo ; há apenas cinco minutos que encontrei alguém, e então vim a correr todo o caminho.

— O queixoso estava lendo, ¿ não é verdade ? — perguntou Fang, após outro momento de silêncio.

— Sim, — respondeu a testemunha — o livro que ainda tem na mão.

— Ah ! ah ! ¿ êsse livro, hein ? — disse Fang — ¿ êle pagou-o ?

— Não, ainda não — respondeu o livreiro, sorrindo.

— Não pensei nisso, com efeito, meu honrado homem ! — exclamou com tôda a inocência o distraído ancião.

— Eis uma pessoa decente para se apresentar como acusador duma pobre criança — disse Fang, fazendo esforços cômicos para parecer humano. — Julgo, senhor, que se apoderou dêsse livro em circunstâncias muito suspeitas e deshonrosas, e deve julgar-se muito feliz por o possuidor do objecto o não ter acusado por êsse factô : que isto lhe sirva de lição, meu homem, ou virá a cair sob a alçada da lei. O rapaz está absolvido. Evacuai a sala.

— Irra ! — exclamou o ancião, dando livre curso à cólera que há tanto tempo continha. — Irra ! eu vou . . .

— Evacuai a sala ! — gritou o magistrado. — ¿ Agentes, não ouvem ? façam evacuar a sala !

A ordem foi executada e o indignado snr. Brown-

low conduzido para fora, com o livro numa das mãos e a bengala de cana da Índia na outra, num frenesi de cólera e de protesto. Chegando, porém, ao pátio, a sua ira desapareceu num momento. O pequeno Oliveiros Twist jazia estendido de costas no pavimento, com a camisa desabotoada e as fontes banhadas com água fria; estava pálido como a morte, e um frio tremor convulsivo agitava-lhe os membros.

— Pobre criança! pobre criança! — disse o snr. Brownlow, inclinando-se sobre Oliveiros. — Vá alguém buscar uma carruagem, peço-lhes. Depressa!

Fizeram avançar uma carruagem; Oliveiros foi estendido com cuidado numa das almofadas, e o ancião tomou lugar na outra.

— ¿ Quere que o acompanhe? — perguntou o livreiro.

— Mas, certamente, meu caro senhor! — disse sem detença o snr. Brownlow. — Lá ia outra vez esquecê-lo. Conservo ainda êsse desgraçado livro! Suba. Pobre criança! não há tempo a perder.

O livreiro subiu e a carruagem pôs-se em andamento.

XII

Oliveiros é tratado melhor do que nunca o fôra. — Novas informações sobre o amável judeu e seus jôvens discípulos.

A carruagem desceu o Mount-Pleasant e subiu a Exmouth Street, tomando assim quasi o mesmo caminho que Oliveiros atravessara no dia da sua chegada a Londres, em companhia do Marau. Chegando a Islington, em frente do palácio do Anjo, tomou outra direcção, e parou emfim diante duma linda casa, próximo de Pentonville, numa rua tranqüila e retirada. Preparou-se, sem perda de tempo, uma cama, em que

o snr. Brownlow viu deitar o seu jovem protegido, cuidadosa e confortavelmente instalado, e onde Oliveiros foi tratado com uma bondade e uma solicitude que não conheciam limites.

Mas, durante muitos dias, o pobre Oliveiros foi insensível a todos os cuidados dos seus novos amigos. Muitas vezes o sol despontou e se ocultou no horizonte, e a criança conservava-se estendida no seu leito de dôr, prêsas de uma febre devoradora. Os vermes não trabalham com maior segurança um cadáver do que o faz êste fogo, que se insinua lentamente, num corpo vivo. Fraco, pálido, emmagrecido, acordou enfim de que parecia ter sido um longo e perturbado sono. Levantou-se a custo no leito, apoiou a cabeça no braço trémulo e olhou em tórno com inquietação.

— ¿ Que quarto é êste ? ¿ para onde me trouxeram ? — disse êle. — Êste quarto não é aquêle em que eu dormia !

Debilitado como estava pela febre, pronunciou essas palavras com voz fraca ; mas foram imediatamente ouvidas, porque o cortinado afastou-se logo e uma senhora de idade, de porte simples e digno, levantou-se duma cadeira junto ao leito onde estivera costurando.

— Não fale, meu filho — disse ela com meiguice. — Ê preciso estar muito sossegado, senão voltará a doença ; esteve muito mal, tão mal quanto possível ; deite-se outra vez, como um bom rapazinho !

Ao mesmo tempo deitava muito suavemente a cabeça de Oliveiros no travesseiro, levantava-lhe os cabelos que lhe caíam sôbre a frente, e contemplava-o com um modo tão bondoso e tão terno, que êle não pôde deixar de pegar com a sua mãozinha descarnada na da senhora e de a passar em volta do seu pescoço.

— Meu Deus ! como êle é reconhecido, o pobre pequeno ! — disse a velha senhora, com as lágrimas nos olhos. — Pobre criança ! que comoção sentiria sua

mãe, se depois de ter velado por elle como eu o fiz, o visse agora !

— Talvez ella me veja, — murmurou Oliveiros, juntando as mãos — talvez ella tenha velado junto de mim ; parece-me que ella estava aí.

— É o effeito da febre, meu filho — disse a velha em tom affectuoso.

— É provável ; — respondeu Oliveiros — o céu é tão longe, e quem lá está é demasiadamente feliz para vir a este mundo pôr-se á cabeceira dum pobre rapaz ; mas se ella soube que eu estava doente, deve ter tido muito dó de mim ; ella soffreu tanto antes de morrer ! Não, ella não pode saber o que me succede, — continuou Oliveiros, após um momento de silêncio — porque se ella tivesse visto baterem-me, teria ficado triste, e nos meus sonhos vejo-lhe sempre o seu rosto sorridente e feliz.

A velha dama não respondeu, mas enxugou os olhos e depois as lunetas, que estavam poisadas sobre a coberta, deu a Oliveiros uma bebida refrigerante, e passou-lhe affectuosamente a mão pela face, recomendando-lhe que estivesse muito sossegado, para não tornar a adoecer.

Oliveiros não se mexeu mais, em parte porque desejava obedecer á em tudo bondosa dama, e também, para dizer a verdade, porque as palavras que tinha acabado de pronunciar lhe haviam esgotado as forças. Adormeceu suavemente e foi despertado pela luz de uma vela que, collocada junto do leito, lhe deixava ver um sujeito que tinha na mão um grande relógio de ouro, cujo tiquetaque se fazia rijamente ouvir ; esse sujeito tomou-lhe o pulso e declarou que elle ia muito melhor.

— ¿ Está muito melhor, não é verdade, meu amigo ? — disse elle a Oliveiros.

— Sim, senhor, muito obrigado ! — respondeu o pequeno.

— Eu bem sabia que estava melhor — tornou o sujeito. — ¿ Tem fome, não é verdade ?

— Não, senhor — respondeu Oliveiros.

— Hum ! — disse o doutor. — Não, eu bem sabia que não tinha fome. Ele não tem fome, senhora Bedwin — ajuntou, no tom de pessoa muito sabedora.

A velha dama fêz um sinal de cabeça respeitoso, que parecia dizer que considerava o doutor como muito hábil ; êste parecia ter de si absolutamente a mesma opinião.

— ¿ Tem sono, não é verdade, meu amigo ? — perguntou o doutor.

— Não, senhor — respondeu Oliveiros.

— ¿ Não tem sono ? — disse o doutor com ar sagaz e satisfeito. — Não tem sono. Nem sêde. ¿ Não é assim ?

— Sim, senhor, tenho muita sêde — respondeu Oliveiros.

— É justamente o que eu esperava, snr.^a Bedwin — disse o doutor. — É natural que êle tenha sêde ; pode dar-lhe uma chávena de chá, minha senhora, e uma fatia de pão torrado sem manteiga. Não o agasalhe muito, minha senhora. Mas tome muito cuidado que êle não apanhe frio. ¿ Quere ter essa bondade ?

A velha dama fêz uma reverência, e o doutor, depois de ter provado a tisana refrigerante e de lhe ter apreciado muito a qualidade, saiu apressadamente e desceu a escada, fazendo ranger as botas nos degraus, com ar importante.

Oliveiros tornou a dormir pouco depois, e, quando acordou, era perto da meia noite. A velha dama deu-lhe affectuosamente as boas noites, e confiou-o aos cuidados duma mulher gorda e velha que acabara de entrar, trazendo numa trouxa um pequeno livro de orações e um grande barrete de dormir. Pôs o primeiro sôbre a mesa e o segundo na cabeça, disse a Oliveiros que estava ali para velar por êle, e, puxando a cadeira

para junto do fogão, caiu numa série de sons frequentemente interrompidos por diversos sobressaltos e vários gemidos e sufocações, que não tinham aliás piores efeitos que o fazê-la esfregar muito o nariz, depois do que adormecia novamente.

Assim decorreu lentamente a noite. Oliveiros conservou-se acordado durante algum tempo, ocupado a contar os pequenos círculos luminosos que a lamparina projectava no teto, ou a seguir com o olhar lânguido o intrincado desenho do papel que forrava a parede. A meia-luz e o profundo silêncio que reinava no quarto tinham alguma coisa de solene, e faziam pensar à criança que a morte havia pairado ali sobre elle durante muitos dias e muitas noites, e que podia enchê-lo ainda da sua presença sombria e terrível; voltou-se sobre a travesseira e dirigiu ao céu uma fervorosa oração.

Pouco a pouco apoderou-se d'êle esse profundo e tranqüilo sono que só o alívio de um sofrimento recente pode proporcionar; repouso tão calmo e tão salutar, que com pesar d'êle se desperta. ¿Quem desejaria, se esse repouso fôsse o da morte, acordar ainda para tôdas as lutas e agitações da vida, todos os seus cuidados do presente, as suas inquietações pelo futuro, e mais do que tudo, as suas penosas recordações do passado ?

Ia o dia muito adiantado quando Oliveiros abriu os olhos; e ao fazê-lo, experimentou um sentimento de satisfação e de felicidade; a crise havia passado, e parecia outra vez ao mundo.

Ao cabo de três dias pôde sentar-se numa poltrona, bem guarnecida de almofadas; como estava ainda muito fraco para andar, a snr.^a Bedwin mandou-o transportar para baixo, para o seu quarto, instalou-o diante do fogão, sentou-se junto d'êle, e, no transporte da sua alegria por o ver fora de perigo, pôs-se a soluçar com tôda a fôrça.

— Não faças caso, meu amiguinho ; — dizia a velha dama — isto é mais forte do que eu ; pronto, já acabou ; já estou boa.

— Tem sido muito, muito boa para mim, minha senhora, — disse Oliveiros.

— Não falemos nisso, meu amigo — disse a velha. — Isso nada tem que ver com o seu caldo, e são muito horas de o tomar ; o doutor disse que o snr. Brownlow viria talvez vê-lo esta manhã, e é preciso que nos encontre com muito bom parecer, porque quanto melhor lhe parecermos, mais contente ele ficará.

Dizendo isto, a dama aqueceu numa pequena caçarola uma tigela de caldo suficientemente forte, pensou Oliveiros, para proporcionar um copioso jantar, depois de reduzido à consistência ordinária, a trezentos e cinquenta pobres, pelo menos, do asilo de mendicidade.

— ¿ Gosta de pinturas, meu filho ? — perguntou a snr.^a Bedwin, vendo Oliveiros fixar atentamente os olhos num retrato pendurado na parede, mesmo em frente da sua poltrona.

— Não sei, minha senhora — disse Oliveiros, sem tirar os olhos da tela. — Tenho visto tão poucas, que não sei. Como o rosto daquela senhora é belo e meigo !

— Ah ! criança, — disse a velha dama — os pintores pintam sempre as senhoras mais bonitas do que elas são, senão perderiam tôdas as suas frêguesas. O homem que acaba de inventar um aparelho para obter a semelhança exacta, deveria prever que não será bem sucedido ; é muito sincero, sabe ? é-o mesmo demasiado — ajuntou ela, rindo da sua subtiliza.

— ¿ Este quadro parece-se com alguém, minha senhora ? — perguntou Oliveiros.

— Sim ; — disse a dama, cessando por instantes de olhar para o caldo — é um retrato.

— ¿ De quem, minha senhora ? — perguntou Oliveiros.

— Na verdade, não sei — respondeu alegremente a

velha dama. — Não é o retrato de alguém que eu ou o menino tenhamos conhecido, suponho eu. Mas parece que o interessa muito, meu filho.

— É tão lindo ! — retorquiu Oliveiros.

— ¿ De-veras, não lhe mete medo ? — disse a dama, observando com grande surpresa a admiração e respeito com que a criança contemplava o retrato.

— Oh ! não, não ! — replicou vivamente Oliveiros — mas os seus olhos são tão tristes, e parecem fitar-me. Faz-me bater o coração, — ajuntou Oliveiros, em voz baixa — como se estivesse vivo, quisesse falar-me, e não pudesse !

— Meu Deus ! — exclamou a snr.^a Bedwin, estremecendo — não diga essas coisas, meu amigo ; está fraco e nervoso ; é efeito da doença. Deixe-me rodar-lhe a cadeira para o outro lado, para que não veja esse retrato. Olhe, — disse ela, juntando a acção ás palavras — agora já não pode vê-lo.

Oliveiros via-o, com os olhos da alma, tão distintamente como se não tivesse mudado de posição, mas receava importunar a bondosa senhora ; sorriu-lhe, pois, graciosamente, quando ela olhou para elle, e a snr.^a Bedwin, feliz por o ver mais satisfeito, salgou o caldo e deitou-lhe bocadinhos de pão torrado com toda a seriedade que uma tal operação comporta. Oliveiros bebeu o caldo com uma prontidão notável, e mal acabara de tomar a última colher, bateram brandamente á porta.

— Entre ! — disse a velha dama, e apareceu o snr. Brownlow.

Avançou tão rapidamente quanto possível ; mas não tinha ainda levantado os óculos para a testa, e cruzado as mãos por trás das abas do seu roupão para contemplar á sua vontade Oliveiros, e já o seu rosto se contraía e mudava várias vezes de expressão. Debitado pela doença, Oliveiros, por respeito para com o seu bemfeitor, fez um esforço inútil para se levantar

e caiu outra vez na poltrona; e o facto é, para dizer a verdade, que o coração do snr. Brownlow, que era maior do que o de seis velhos ordinários, de disposições sentimentais, trouxe uma provisão de lágrimas aos seus olhos por algum processo hidráulico que, por não sermos suficientemente filósofos, não estamos em circunstâncias de explicar.

— Pobre criança! pobre criança! — disse êle, procurando aclarar a voz. — Estou rouco hoje, snr.^a Bedwin; receio ter apanhado uma constipação.

— Oxalá que não! — disse esta. — Tudo o que o senhor vestiu estava bem sêco, senhor.

— Não sei, Bedwin, não sei; — disse o snr. Brownlow — creio que ontem ao jantar me deu um guardanapo húmido; mas não falemos mais nisso... ¿ Como se acha o meu amigo?

— Muito feliz, senhor, — respondeu Oliveiros — e muito reconhecido a tôdas as suas bondades.

— Querido filho! — disse o snr. Brownlow, reposto da sua comoção. — ¿ Deu-lhe alguma coisa de comer, Bedwin? ¿ Alguma água suja, hein?

— Acabou agora mesmo de tomar uma tigela de um excelente caldo de substância, senhor — respondeu a snr.^a Bedwin, endireitando-se um pouco e acentuando muito a última palavra, como para mostrar que entre água suja e um caldo de substância bem preparado não há a menor relação.

— Ora! — fêz o snr. Brownlow, encolhendo os ombros — alguns cálices de vinho do Pôrto ter-lhe-iam feito ainda melhor; ¿ não é verdade, Tom White?

— Eu chamo-me Oliveiros, senhor — respondeu o pequeno doente, com mostras de grande espanto.

— Oliveiros? — disse o snr. Brownlow. — ¿ Oliveiros quê? ¿ Oliveiros White, hein?

— Não, senhor; Oliveiros Twist.

— Singular nome! — disse o vêlho gentleman. —

¿ Por que disse então ao magistrado que se chamava White ?

— Eu não lhe disse semelhante coisa, senhor ! — respondeu Oliveiros, todo interdito.

Isto tinha tanto a aparência de não ser verdade, que o snr. Brownlow lançou à criança um olhar um pouco severo ; mas era impossível duvidar da sua palavra : o carácter da verdade estava impresso em todos os traços da sua fisionomia.

— Foi sem dúvida um engano — disse o snr. Brownlow.

Mas embora não tivesse já o mesmo motivo para olhar fixamente para a criança, a velha idéia da semelhança de Oliveiros com um rosto conhecido voltou-lhe ao espírito, e tão vivamente, que não pôde desprender d'ele o seu olhar.

— ¿ Espero que não esteja zangado comigo, senhor ? — disse Oliveiros, erguendo os olhos suplicantes.

— Não, não ! — respondeu o velho gentleman. — O quê ! ¿ que vejo eu ? Bedwin, olhe para ali !

E, falando assim, mostrava com o dedó sucessivamente o retrato colocado por cima da cabeça de Oliveiros e depois o rosto da criança, a sua viva cópia : os mesmos olhos, a mesma cabeça, a mesma bôca ; tôdas as feições eram idénticas. Nesta ocasião, a semelhança era de tal modo frisante, que tôdas as mais pequenas linhas pareciam reproduzidas com uma precisão maravilhosa.

Oliveiros ignorava a causa desta súbita exclamação ; não estava forte bastante para suportar a comoção que ela lhe causou, e perdeu os sentidos. Fraqueza da sua parte que proporcionou à narrativa uma oportunidade de aliviar o leitor da perplexidade, tudo a favor dos dois jóvens discípulos do velho e divertido gentleman israelita ; e de referir . . .

.....
Que quando o Marau e o seu prendado camarada,

mestre Bates, depois de terem operado uma transmissão ilegal da propriedade pessoal do snr. Brownlow, se juntaram à correria da multidão por trás dos calcanhares de Oliveiros, como contámos precedentemente, haviam obedecido a um sentimento louvável e meritório, o de se salvarem a si próprios. Como o respeito da liberdade individual é um dos privilégios de que todo o bom inglês mais se orgulha, não tenho necessidade de fazer observar ao leitor que essa acção deve exaltá-los no conceito de todos os sinceros patriotas em quasi tão elevado grau como esta impressionante prova da vontade da sua própria conservação e segurança vem corroborar e confirmar o que no código das leis que certos filósofos profundos e bem pensantes promulgaram, como sendo a fonte principal dos feitos e acções de tóda a Natureza — visto os ditos filósofos muito sábiamente reduzirem os procedimentos da Senhora da Piedade (1) a matérias de máximas e teoria, e, por um claro e admirável cumprimento á sua excelsa sabedoria e entendimento, se recusarem inteiramente a atender a quaisquer considerações de coração ou de generosas impressões e sentimentos. Porque estas coisas estão absolutamente abaixo duma mulher que é reconhecida por concurso universal como estando muito acima dos numerosos defeitos e fraquezas do seu sexo.

Se eu precisasse de mais provas do carácter estritamente filosófico do procedimento destes jóvens gentlemen nas circunstâncias delicadíssimas em que se encontravam, achá-las-ia imediatamente no facto (já também referido numa parte anterior desta narrativa) de logo que a atenção geral se fixou em Oliveiros, terem cessado de perseguir este, e voltarem para casa pelo caminho mais curto.

(1) Dickens diz * good lady *, com minúsculas. — N. T.

Embora eu não queira afirmar que a maneira de proceder habitual dos homens de bom entendimento e sabedoria seja encurtar o caminho que leva a qualquer grande conclusão (a maneira como procedem geralmente consiste com efeito, de preferência, em alongar as distâncias por meio de vários circunlóquios e rodeios discursivos, como aquêles a que tendem a entregar-se os homens embriagados sob o impulso de uma poderosa torrente de idéias), quero todavia dizer, e dizer claramente, que é costume invariável de muitos eminentes filósofos, ao sustentarem as suas teorias, mostrarem uma grande sabedoria e providência em providenciar contra tôda a contingência que possa verosimilmente affectá-los. Assim, para fazerem um grande bem, podem fazer um pequeno mal, e empregar todos os meios que o fim a atingir justifique; devendo a soma do bem ou a do mal, ou a distinção entre os dois, ser referidas ao filósofo, ser resolvidas e determinadas pela visão clara, comprehensiva e imparcial do seu caso particular.

Foi só depois de terem percorrido com tôda a rapidez um intrincado dédalo de lajes e ruas estreitas que se arriscaram a parar, sob uma abóbada baixa e sombria. Tendo permanecido aqui silenciosos o tempo estritamente necessário para retomarem fôlego, mestre Bates soltou um grito de alegria, e nos transportes da sua satisfação, torcia-se à fôrça de se rir, acabando por se rolar no chão.

— ¿ Por que te ris tu dessa maneira? — perguntou o Marau.

— Ah! ah! ah! — gargalhava Charley Bates.

— Não faças tanto barulho — observou o Marau, lançando em tórno de si um olhar inquieto. — ¿ Queres ser engavetado, animal?

— Tem mais fôrça do que eu, — disse Charley — não posso mais! Vê-lo correr daquela maneira, enfiando por uma rua após outra, tropeçando nos marcos,

e, como se fôsse de ferro como êles, retomando a corrida com mais fôrça ! e eu, com o lenço no bôlso, a gritar atrás dêle : « Agarra, que é ladrão ! » É muito boa !

A viva imaginação de mestre Bates representava-lhe esta cena com côres demasiadamente fortes. Quando chegava a essa apóstrofe, caía de novo sôbre o poial, a rir a bandeiras despregadas, e mais alto que antes.

— ¿ Que vai dizer Fagin ? — perguntou o Marau, aproveitando um momento em que Bates tomava fôlego.

— ¿ Que vai dizer ? — repetiu Charley.

— Sim, ¿ que vai dizer ? — fêz o Marau.

— E então ! ¿ que há-de êle dizer ? — perguntou Charley, pondo sùbitamente têrmo ao seu acesso de riso, porque o tom do Marau era solene. — ¿ Que há-de êle dizer ?

O snr. Dawkins, por única resposta, pôs-se a asso-biar, tirou o chapéu e sacudiu a cabeça, coçando a orelha.

— ¿ Que queres tu dizer com isso ? — perguntou Charley.

— Tra-lari-lo-lê; presunto com espinafres, e olarila — disse o Marau, com um sorriso escarninho na sua fisionomia tão intelectual.

Era uma explicação, mas pouco satisfatória ; mestre Bates sentiu-o ; por isso renovou a pergunta :

— ¿ Que queres tu dizer com isso ?

O Marau não respondeu ; tornou a pôr o chapéu, apanhou nos braços as compridas abas do casaco, encheu a face com a língua, beliscou a ponta do nariz meia dúzia de vezes duma maneira tão familiar como expressiva, e depois, rodando nos calcanhares, precipitou-se no pátio de entrada. Mestre Bates seguiu-o, pensativo.

O ruído de passos que rangeram na escada, alguns

minutos depois de ter havido esta conversa, fêz levantar o divertido velho, que estava já sentado, junto do fogão, em frente de um copo de estanho, segurando numa das mãos um salsichão e um pãozinho, e na outra uma faca. Um medonho sorriso lhe passou no rosto livido, quando se voltou para se pôr à escuta, inclinando o ouvido para a porta e movendo os olhos sob os supercílios ruivos.

— ¿ Que é isto ? — disse êle, com a fisionomia alterada. — Vêm só dois ! ¿ Onde está o outro ? A êstes nada de mal lhes poderia ter acontecido. Atenção !

Os passos aproximavam-se, e em breve se fizeram ouvir no patamar. A porta abriu-se lentamente e o Marau e Charley Bates entraram, fechando-a atrás de si.

XIII

Apresentação feita ao leitor inteligente de alguns novos conhecimentos acêrea dos quais são relatadas particularidades divertidas pertencentes a esta história.

— ¿ Onde está Oliveiros ? — disse o judeu, levantando-se com ar ameaçador. — ¿ Que é feito do rapaz ?

Os jóvens gatunos olharam para o seu preceptor como se os tivesse alarmado a sua violência, depois olharam encavacados um para o outro mas não responderam.

— ¿ Que foi feito do rapaz ? — repetiu o judeu, agarrando o Marau pela gola e ameaçando-o com hórridas imprecações. — Fala, ou estrangulo-te !

O snr. Fagin dizia isto com um tom tão veemente, que Charley Bates, que julgava em todos os casos prudente pôr-se em segurança, e que lhe não parecia de modo algum impossível que o judeu o estrangulasse também por sua vez, caiu de joelhos, e soltou um rugido penetrante e prolongado, qualquer coisa de intermediária-

rio entre o mugido dum toiro enfurecido e os sons dum porta-voz.

— ¿ Falas ou não ? — tornou o judeu com voz de trovão, sacudindo o Marau com tal fôrça, que maravilha foi que o casaco lhe não ficasse nas mãos.

— Caiu na ratoeira, eis tudo, — disse o Marau, com modo aborrecido. — Ora esta ! ¿ quiere deixar-me sossegado ?

E com um só impulso, libertando-se do casaco, que deixou nas mãos do judeu, agarrou no garfo de assar e apontou, ao colete do jocoso velho, um golpe que, se tivesse acertado, lhe teria feito perder por algum tempo o seu ar galhofeiro.

Nesta ocorrência, o judeu recuou com mais agilidade do que se poderia esperar dum homem tão aparentemente decrépito, e agarrando o copo de estanho, preparava-se para o atirar à cabeça do adversário ; mas Charley Bates chamou nesse momento a sua atenção com um rugido espantoso, e foi sobre êle que o judeu lançou o copo cheio de cerveja.

— Então ! ¿ que quiere dizer tôda esta barulheira ? — resmungou súbitamente uma voz cava. — ¿ Quem foi que me atirou isto à cara ? Pode considerar-se muito feliz em que eu só tenha apanhado com a cerveja e não com o copo, senão ter-se-ia de haver comigo. Nunca pensei que um velho judeu infernal e rico, um pilha, um tunante judeu, pudesse permitir-se atirar outra coisa a não ser água, e ainda assim só pelo prazer de defraudar a Companhia das Águas. ¿ Que é que se passa, Fagin ? Com os demónios ! o meu lenço do pescoço está cheio de cerveja . . . ¿ Entras ou não, animal ? ¿ Que fazes tu lá fora, como se tivesses vergonha do teu dono ? Aqui !

O homem que rosnava estas palavras, era um lagtagão de uns trinta e cinco anos, vestindo um casaco de veludo negro, uns calções de brilho muito sujos, borzeguins atacados com cordões e meias de algodão

cinzento, que envolviam umas grossas pernas de grandes barrigas entumecidas, — dessas pernas às quais, com tal traje, parece sempre faltar qualquer coisa, quando as não guarnecem um aderêço de grilhões. Usava um chapéu côr de castanha, e em volta do pescoço um lenço de sêda sujo com cujas pontas esfarpadas enxugava o rosto da cerveja enquanto falava. Quando terminou, deixou ver um rosto grosseiro e caruncudo, com uma barba de há três dias, e dois olhos franzidos, um dos quais mostrava vestígios de ter apanhado um sóco recente.

— Aqui! ouves? — rosmoneou êsse insinuante rufia.

Um branco cão felpudo, com a cabeça rasgada em vinte pontos diferentes, entrou rojando-se no quarto.

— ¿ Por que não entraste há mais tempo? — disse o homem. — És orgulhoso demais para me reconhecer na sociedade, ¿ não é assim? Deita-te aí!

Esta ordem foi acompanhada de um pontapé que atirou com o animal para a outra extremidade do aposento. Ele parecia, de resto, habituado a êsse tratamento, porque se encolheu num canto, sem soltar um grito, fechando e abrindo os feios olhos vinte vezes por minuto, e parecendo ocupado em inspeccionar o aposento.

— ¿ Contra quem grita você? — disse o homem, sentando-se com ar resolutivo. — Você trata mal os rapazes, seu velho avarento, seu velho sovina, seu usurário insaciável! O que a mim me espanta é que eles não dêem cabo de si; se fôsse a eles, é o que eu faria. Se eu fôsse seu aprendiz, há muito tempo que isto se teria feito, e . . . Mas não, eu não poderia nem sequer vendê-lo depois; serviria, quando muito, para se conservar numa garrafa de vidro, como um prodígio de fealdade, e suponho que não se fabricam garrafas de vidro bastante grandes para tal coisa.

— Caluda ! caluda ! snr. Sikes ; — disse o judeu, todo trémulo — não fale tão alto.

— Não me trate por senhor ; — respondeu o rufia — quando se põe com essas, é sinal de que trama alguma coisa. Você sabe o meu nome, ¿ não é assim ? Venha de lá êle ! Não o deshonrarei quando se oferecer a ocasião.

— Está bem, está bem, Bill (1) Sikes ; — disse o judeu, com uma humildade abjecta — parece que está de mau humor, Bill !

— Talvez esteja ; — respondeu Sikes — parece-me que você também está razoavelmente fóra dos gonzos, a não ser que julgue que é um acidente tão pouco desagradável atirar com copos de estanho à cabeça da gente como dar com a língua nos dentes e . . .

— ¿ Está doido ? — disse o judeu, puxando pela manga ao homem e apontando para os rapazes.

O snr. Sikes contentou-se em dar um imaginário nó corredio por baixo da orelha esquerda e em inclinar a cabeça sôbre o ombro direito, pantomima muda que o judeu pareceu compreender perfeitamente. Depois, em termos de jiria, com que a conversa era sem cessar esmaltada, mas que seriam inteiramente ininteligíveis para o leitor se aqui fôsem reproduzidos, pediu um copo de licor.

— E tome cuidado de lhe não deitar veneno, — ajuntou êle, pondo o chapéu em cima da mesa.

Dizia isto gracejando ; mas se tivesse podido ver o sorriso de maldade com que o judeu mordeu os lábios ao dirigir-se para o armário, teria pensado que a precaução não era completamente inútil, e que o desejo de aperfeiçoar o engenho do destilador não estava muito longe do coração do jocoso velho.

Depois de ter emborcado dois ou três copos de li-

(1) Abreviatura de *William*, Guilherme. — *N. T.*

cores, o snr. Sikes condescendeu em prestar alguma atenção aos j6vens gentlemen; e essa amabilidade da sua parte deu em resultado uma conversa em que a causa e as circunstâncias da captura de Oliveiros foram minuciosamente narradas, com as modificações e melhorias que o Marau julgou oportuno introduzir-lhe.

— Tenho medo — disse o judeu — que 6le possa dizer alguma coisa que nos ponha em embaraços.

— 6 muito provável! — respondeu Sikes, com um sorriso malicioso. — Est6 em bons lenç6is, Fagin!

— E tenho medo, sabe voc6, — ajuntou o judeu, sem dar atenç6o 6 interrupç6o, e fitando o seu interlocutor no branco dos olhos — tenho medo de que, se a danç6 começ6 para n6s, n6o comece tamb6m para muitos outros; e que isso possa ainda a vir-lhe sair mais caro do que a mim, meu caro.

O homem estremeceu e voltou-se para o judeu com ar ameaçador; mas 6ste enterrou a cabeç6 entre os ombros, e deixou a vista errar ao acaso pela parede que lhe ficava em frente.

Houve um demorado sil6ncio; cada um dos membros desta respeit6vel associaç6o parecia absorto nas suas pr6prias reflex6es, sem exceptuar o c6o, que, lambendo-se maliciosamente, parecia meditar um ataque contra as pernas do primeiro gentleman ou lady que encontrasse na rua.

— Era necess6rio que algu6m se informasse na esquadra s6bre o que se passou, — disse o snr. Sikes, em tom mais baixo do que o que havia empregado desde a sua chegada.

O judeu f6z com a cabeç6 um sinal de assentimento.

— Se 6le n6o denunciou e 6 engavetado, n6o h6 receio at6 que venha outra vez, — disse o snr. Sikes, — e ent6o deve tomar-se cuidado com 6le. Voc6s devem descobrir o seu paradeiro, seja l6 como f6r.

Novamente o judeu anuiu.

Esta maneira de proceder era evidentemente a melhor, mas desgraçadamente um grave obstáculo se opunha a que ela fôsse adoptada; êsse obstáculo era apenas a violenta e arraigada antipatia do Marau, de Charley Bates, de Fagin e do snr. Guilherme Sikes por se aproximarem duma esquadra de policia, fôsse qual fôsse o motivo ou pretextos.

Seria difficil dizer quanto tempo êles ficaram sem dizer palavra, a olhar uns para os outros, num estado de indecisão que nada tinha de agradável; de resto, supérfluo seria fazer suposição alguma a êsse respeito, porque a súbita chegada das duas raparigas, que Oliveiros precedentemente tinha visto, fêz retomar o rumo da conversa.

— Caiu mesmo como sôpa no mel! — disse o judeu. — Irá lá, Betty, ¿ não é assim, minha querida?

— Onde? — perguntou a jovem dama.

— A esquadra de policia, simplesmente, minha querida, — disse o judeu com tôda a sua lábia.

Deve fazer-se à jovem a justiça de dizer que ella não se recusou positivamente a ir, mas que se limitou a declarar categoricamente que preferia ir para o diabo, maneira polida e delicada de iludir a questão, e que atesta que a jovem possuia essa boa educação natural que nos faz evitar de contrariar o próximo com uma recusa directa e formal.

O rosto do judeu tornou-se sombrio; não tornou a dirigir-se a Betty, que ostentava um vestuário garrido para não dizer magnifico — vestido vermelho, botas verdes e papelotes amarelos — mas à sua companheira.

— ¿ E a Nancy? — disse êle com modo insinuante — ¿ Que diz a isto, minha querida?

— Que comigo não faz nada; — respondeu ella — portanto, Fagin, é inútil insistir.

— ¿ Que quer isso dizer? — exclamou o snr. Sikes, fitando-a com ar impertinente.

— É como lhe digo, Bill, — respondeu a dama, com presença de espírito.

— Ora ! tu és justamente a pessoa que convém ; — percorreu Sikes — ninguém te conhece no bairro.

— E como não tenho empenho algum que me conheçam, — respondeu Nancy com a mesma tranquillidade — recuso terminantemente, Bill.

— Ela irá, Fagin, — disse Sikes.

— Não, Fagin, ela não irá, — exclamou Nancy.

— Sim, Fagin, ela irá, — repetiu Sikes.

O sr. Sikes tinha razão. A força de ameaças, de promessas e de meiguices, obteve-se enfim de Nancy que ela se encarregasse da missão. De resto, ela não era retida pelas mesmas considerações que a sua amável companheira, porque, tendo deixado há pouco tempo o bairro afastado mas elegante de Ratcliffe, para vir habitar nas vizinhanças de Field Lane, não tinha a recear, como Bety, ser encontrada por algum dos seus numerosos conhecimentos.

Pelo que, depois de ter atado à cinta um avental branco, e de ter escondido os papelotes debaixo de um chapéu de palha, artigos de vestuário tirados ambos do inesgotável armazém do judeu, a menina Nancy preparou-se para sair e desempenhar-se da sua missão.

— Um minuto, minha querida ; — disse o judeu apresentando-lhe um pequeno cêsto coberto — leva isto na mão ; dar-te-á um ar mais respeitável.

— Dê-lhe também uma chave grande, Fagin ; — disse Sikes — dar-lhe-á um ar mais natural.

— Sim, sim, tem razão ; — disse o judeu enfiando no dedo indicador da mão direita da jovem uma grande chave de trinco — assim está perfeito. Está magnífico, minha querida, — acrescentou elle, esfregando as mãos.

— Oh ! meu irmão ! meu pobre, querido, meigo, inocente irmãozinho ! — exclamou Nancy, desatando a chorar, e apertando com a mão crispada o pequeno cêsto e a chave do trinco como uma mulher desespe-

rada. — ¿ Que lhe aconteceria? ¿ que teriam feito d'ele? Oh! suplico-lhes, meus senhores, tenham piedade de mim; digam-me o que foi feito do pequenito, senhores. Façam-me esse favor, meus bons senhores!

Depois de ter pronunciado estas palavras com voz lamentosa e dilacerante, para imensurável deleite dos assistentes, a menina Nancy calou-se, piscou os olhos aos assistentes, cumprimentou com um sinal de cabeça em tôda a volta, e, sorrindo, desapareceu.

— Ah! eis uma rapariga hábil, meus amigos! — disse o judeu, voltando-se para os seus jôvens discipulos e sacudindo gravemente a cabeça, como para os convidar, por esta muda advertência, a seguir o brilhante exemplo que tinham acabado de presenciar.

— Faz honra ao seu sexo, — disse o snr. Sikes enchendo o copo e batendo na mesa com o seu enorme punho. — À sua saúde! e possam os outros assemelhar-se-lhe!

Emquanto assim se faziam encómios à prendada Nancy, esta dirigia-se ao commissariado da policia e aí chegava dentro em pouco sã e salva, não sem ter experimentado essa timidez natural numa jovem que atravessa as ruas sòzinha e sem protecção.

Entrou pelas traseiras, deu uma pequena pancada com a chave na porta de uma das celas e escutou. Nenhum ruído se fêz ouvir; então ela tossiu e escutou novamente; como ainda assim lhe não respondessem, decidiu-se a falar.

— Nolly (1), meu querido! — murmurou ela docemente — meu Nolly!

Na cela havia apenas um miserável vagabundo que tinha sido prêso pelo crime de tocar flauta sem licença, e que, uma vez o seu atentado contra a sociedade claramente provado, tinha sido justamente condenado

(1) *Nolly*, abreviatura diminutiva de *Oliver*, Oliveiros. — *N. T.*

pelo snr. Fang a um mês de prisão numa casa de correção ; e o snr. Fang, havia acrescentado essa nota cheia de espírito e de oportunidade, que, visto elle ter tão bom fôlego, lhe seria mais salutar empregá-lo a fazer girar o moíno dô que a soprar numa flauta. O prisioneiro, todo entrêgue ao pesar que lhe causava a perda da sua flauta, confiscada em proveito do Estado, não respondeu a Nancy ; por isso esta passou á cela seguinte e bateu á porta.

— ¿ Quem é ? — perguntou uma voz fraca e desfalecida.

— ¿ Está aí um rapazinho ? — perguntou Nancy, com um soluço preliminar.

— Não ; — respondeu a voz — Deus o livre disso !

Era um vagabundo de sessenta e cinco anos, que haviam metido na prisão por não tocar flauta, ou, por outra, por mendigar nas ruas em vez de fazer alguma coisa para ganhar a vida. Na terceira cela estava outro homem, que fôra para a mesma prisão por exercer o mester de vendedor ambulante de caçarolas de estanho sem estar munido de licença, e por ter por êste meio procurado ganhar a sua vida com prejuízo do Sêlo.

Como nenhum dêstes criminosos respondesse ao nome de Oliveiros, nem dêle pudesse dar noticias, Nancy foi direita ao agente rude de colete de riscas, e, com os mais ternos gemidos e lamentações, dos quais aumentava o efeito agitando a chave do trinco e o pequeno cêsto, reclamou o seu irmãozinho.

— Eu não o prendi, minha querida, — disse o agente.

— ¿ Onde está elle ? — exclamou Nancy, com ar consternado.

— O sujeito levou-o, — respondeu o agente.

— ¿ Que sujeito ? Oh ! meu Deus ! meu Deus !

¿ Que sujeito ? — exclamou Nancy.

Para responder a estas perguntas incoerentes, o agente informou a pobre irmã lacrimosa de que Oli-

veiros tinha caído desmaiado na repartição da policia, que tinha sido dada sem efeito a queixa apresentada contra elle, pois uma testemunha provara que o roubo fôra praticado por outro rapaz, ainda em liberdade, e que tinha sido levado, sem sentidos, pelo queixoso, para a sua própria residência, que devia ser para os lados de Pentonville, porque ouvira pronunciar este nome ao ser dada a direcção ao cocheiro.

Num horrível estado de ansiedade, a angustiada jovem dirigiu-se para a porta, cambaleando. Depois, deixando o seu andar vacilante por uma boa, veloz e firme corrida, voltou, pelo mais desviado e complicado itinerário que se possa imaginar, ao domicilio do judeu.

O snr. Bill Sikes tão de-prensa tomou conhecimento do resultado da diligência de Nancy, chamou immediatamente o seu cão, pôs o chapéu na cabeça, e saiu precipitadamente sem dedicar tempo algum á formalidade de se despedir dos assistentes.

— É preciso que saibamos onde elle está, meus amigos ; é preciso encontrá-lo ; — disse o judeu, numa grande excitação. — Charley, tu não fazes outra coisa enquanto não deres pelo seu paradeiro, e me tragas noticias d'ele. Minha querida Nancy ; é preciso que o encontrem ; confio em ti, em ti e no Marau, sôbre os meios a empregar. Esperai, esperai, — ajuntou elle abrindo, com mão trémula, uma gaveta — aqui está dinheiro, meus amigos. Fecharei esta loja esta noite. Bem sabeis onde me podeis encontrar ; não fiquéis aqui nem mais um minuto, nem um instante ; meus amigos !

Falando assim, empurrou-os para fora do aposento, e, fechando cuidadosamente a porta com duas voltas e trancando-a, tirou do seu esconderijo o cofre que involuntariamente deixara ver a Oliveiros, depois do que se pôs a esconder com precipitação no fato os relógios e as jóias que elle continha. No meio desta

ocupação, uma pancada dada na porta fê-lo estremecer.

— ¿ Quem está aí ? — exclamou, com voz aguda.

— Sou eu ! — respondeu a voz do Marau, através do buraco da fechadura.

— E então ! ¿ o que há ? — perguntou o judeu com impaciência.

— Nancy pergunta se devemos levá-lo (1) à outra casa, — disse o Marau em voz baixa.

— Sim ; — respondeu o judeu — seja onde fór que ela lhe ponha a mão em cima. Encontrem-no, encontrem-no, eis o importante. Eu sei bem depois o que tenho a fazer, não tenham medo !

O Marau murmurou algumas palavras de perfeito entendimento e desceu a escada quatro a quatro, para se juntar aos seus companheiros.

— Até aqui êle não deu à língua, — disse consigo o judeu, continuando o seu trabalho. — Se pensa em se pôr com falaças a nosso respeito com os seus novos amigos, ainda estamos a tempo de lhe calar a bôca.

XIV

Mais pormenores sôbre a estada de Oliveiros em casa do snr. Brownlow. — Profecia notável de um certo snr. Grimwig sôbre o rapazito, ao êste sair a desempenhar-se de certa missão.

Oliveiros depressa despertou do desmaio que lhe causara a abrupta exclamação do snr. Brownlow ; êste e a snr.^a Bedwin evitaram cuidadosamente tornar a falar do quadro, e a conversa que se seguiu não ver-

(1) Mais à letra, raptá-lo ; Dickens emprega *kidnap*, que significa furtar e raptar crianças, ou levar qualquer pessoa para outras terras. — N. T.

sou nem sôbre a história, nem sôbre o futuro de Oliveiros, mas sômente sôbre assuntos próprios a distraí-lo sem o impressionar. Estava ainda fraco demais para se levantar para o almôço ; mas quando desceu no dia seguinte ao quarto da governanta, o seu primeiro movimento foi o de lançar um olhar ansioso para a parede, na esperança de ver novamente o rosto da bela dama ; a sua esperança foi iludida, porque o retrato havia desaparecido.

— Ah ! — exclamou a governanta, notando o olhar de Oliveiros. — Ele já aí não está, como vê.

— Vejo que assim é, minha senhora, — respondeu Oliveiros. — ¿ Por que o tiraram ?

— Tiraram-o, meu filho, — replicou a velha — porque o snr. Brownlow disse que a vista dêsse retrato parecia fazer-lhe mal e retardaria talvez a sua cura, sabe ?

— Oh ! não, minha senhora, não me fazia mal, — disse Oliveiros. — Gostava de o ver. Gostava tanto dêle !

— Ora ! ora ! — disse a velha, de bom humor. — Melhore o mais de-prensa que puder, meu amigo, e colocá-lo-ão novamente no seu lugar. Prometo-lho. Agora, falemos de outra coisa.

Foi tudo o que Oliveiros pôde obter nessa ocasião sôbre o retrato. A senhora tinha sido tão boa para êle durante a sua doença, que procurou não pensar mais nisso ; ouviu atentamente as numerosas histórias que ela lhe contou sôbre uma boa e bela filha que tinha, a qual havia casado com um belo e bom homem, e que vivia no campo ; e sôbre seu filho, empregado de um negociante nas Índias, que era também um excelente mancebo e lhe escrevia quatro vezes por ano cartas tão respeitosas, que só de falar nelas lhe vinham as lágrimas aos olhos. Depois de ter discorrido longamente sôbre as perfeições dos seus filhos e sôbre as qualidades de seu falecido marido, que tinha morrido, o pobre

homem, havia justamente vinte e seis anos, chegou a hora de tomar o chá. Depois do chá ela pôs-se a ensinar o *cribage* (1) a Oliveiros, que o aprendeu logo à primeira. Jogaram com o maior interesse e seriedade até que foi tempo de o jovem convalescente tomar um pouco de vinho quente destemperado com água, e uma fatia de pão torrado, depois do que se deitou novamente.

Foram dias felizes os da convalescença de Oliveiros; em torno d'êle tudo era tão tranqüilo, tão asseado, tão arranjado, tratavam-no com tanta bondade e atenções, que, depois do ruído e da agitação em que havia sempre vivido, se julgava num verdadeiro paraíso. Logo que teve forças bastantes para se vestir, o snr. Brownlow deu-lhe um fato novo, um novo boné e um par de sapatos novos. Disseram a Oliveiros que podia fazer o que quisesse ao seu fato velho; êle deu-o a uma criada que o tinha tratado muito bem, pedindo-lhe que o vendesse a algum judeu e gardasse o dinheiro para ela. Não tardou a fazê-lo, e Oliveiros, vendo da janela da sala o judeu enrolar as roupas, metê-las no saco e afastar-se, experimentou um vivo sentimento de alegria pensando que não as tornaria a ver e que não tinha a recear o perigo de as tornar ainda a vestir. Eram, deve dizer-se, tristes andrajos, e Oliveiros nunca tivera ainda um fato novo.

Cêrca duma semana depois do incidente do retrato, estava êle uma tarde conversando com a snr.^a Bedwin, quando o snr. Brownlow mandou dizer que, se Oliveiros Twist se sentia bastante forte, desejava vê-lo no seu gabinete para conversar um pouco com êle.

— Meu Deus! lave as mãos e deixe-me apartar-lhe o cabelo, meu filho! — disse a snr.^a Bewin. — Senhor! se tivéssemos sabido que êle o mandaria chamar,

(1) Jôgo de cartas muito usado em Inglaterra. — N. T.

ter-lhe-íamos pôsto um colarinho branco. Tê-lo-íamos pôsto janota.

Oliveiros obedeceu à velha senhora, e, bem que ela lastimasse muito não ter sequer tido tempo para lhe frisar o fólho do colarinho, achou-lhe um parecer tão gentil a despeito daquêle senão, contemplando-o, com grande complacência, da cabeça aos pés, que realmente pensou que não podia fazer grande diferença compondo-lhe o vestuário.

Assim animado, Oliveiros foi bater à porta do gabinete. Quando o snr. Brownlow lhe disse que entrasse, achou-se num pequeno aposento guarnecido de livros, cuja janela dava sôbre lindos jardins. Ante a janela estava uma mesa, diante da qual o snr. Brownlow se sentara, lendo. Ao ver Oliveiros, afastou o livro, e disse ao pequeno que se aproximasse da mesa e se sentasse. Oliveiros obedeceu, admirando-se que pudesse haver gente para ler tantos livros, que pareciam ter sido escritos para tornar o mundo mais sábio; assunto que continua a ser objecto de admiração contínua para pessoas mais experientes que Oliveiros Twist.

— Estão aqui uma boa porção de livros, ¿ não é verdade, meu rapaz? — disse o snr. Brownlow, observando a curiosidade com que Oliveiros contemplava as estantes que guarneciam as paredes de alto a baixo.

— Sim, senhor, são muitos; — respondeu Oliveiros — nunca vi tantos.

— Há-de lê-los, se se portar bem, — disse o velho gentleman com bondade — e sentirá nisso maior prazer do que em contemplar a encadernação; contudo nem sempre, porque há livros em que todo o valor está nas lombadas e na capa.

— São talvez aquêles muito grandes, senhor, — disse Oliveiros, apontando com o dedo uns grandes in-quarto de aparo doirado.

— Nem sempre, — disse o velho cavalheiro, sorrindo e dando uma pequena palmada a Oliveiros. —

Há-os que são também muito pesados, embora de muito mais pequeno formato. ¿ Gostaria de vir a ser um homem de valor e escrever livros, hein ?

— Creio, senhor, que gostaria mais de os ler, — respondeu Oliveiros.

— Como ! — fez o snr. Brownlow — ¿ não gostaria de ser escritor ?

Oliveiros reflectiu um pouco e acabou por dizer que julgava que valia muito mais ser livreiro. O velho cavalheiro riu com tóda a vontade e declarou a resposta excelente, o que deu muita satisfação a Oliveiros, embora elle estivesse longe de saber em que consistia a excelência da resposta.

— Muito bem, não tenha medo ; — disse o snr. Brownlow, retomando a sua seriedade — não faremos de si autor enquanto houver um honrado mester a ensinar-lhe, ainda que não fósse senão o de amassar cal.

— Obrigado, senhor, — disse Oliveiros.

E a vivacidade da sua resposta fez rir novamente o velho gentleman, que murmurou entre os dentes qualquer coisa sobre a singularidade do instinto e a que Oliveiros, não entendendo, não prestou grande atenção.

— Agora, — disse o snr. Brownlow, tomando, se é possível, um tom mais benévolo talvez do que nunca, mas ao mesmo tempo muito mais sério — agora, meu rapaz, peço-lhe que preste muita atenção ao que vou dizer-lhe. Falar-lhe-ei sem rodeios, porque estou certo que me poderá compreender melhor que muitas pessoas de mais idade.

— Oh ! senhor, suplico-lhe, não me diga que me vai mandar embora ! — exclamou Oliveiros, inquieto com o tom sério que o seu protector acabava de tomar. — Não me ponha fora da sua casa, para que eu vá outra vez errar por essas ruas. Deixe-me ficar aqui para o servir. Não me mande novamente para o medonho antro de onde acabo de sair. Tenha piedade de um pobre rapaz, senhor, peço-lhe !

— Meu querido filho, — disse o snr. Brownlow, comovido com o ardor com que Oliveiros implorava o seu auxílio — não receie que eu o abandone, a não ser que a isso me obrigue.

— Nunca, senhor, nunca, — interrompeu Oliveiros.

— Assim o espero ; — replicou o velho gentleman — estou persuadido que nunca me dará motivos para isso. Embora eu tenha já sofrido decepções da parte de pessoas a quem tentei fazer bem, estou contudo muito disposto a ter confiança em si, e interesse-me pelo senhor mais do que posso dizer-lhe. As pessoas a quem dediquei as minhas mais caras afeições já não existem ; mas, ainda que elas tenham levado consigo o encanto e a felicidade da minha vida, não fiz do meu coração um túmulo, e não o fechei para sempre sobre as minha melhores afeições. Uma aflicção profunda só conseguiu, pelo contrário, fortificá-las e requintá-las.

O velho, depois de ter dito estas palavras em voz baixa, como se falasse mais consigo do que com o seu companheiro, guardou silêncio por alguns instantes, durante os quais Oliveiros se manteve imóvel.

— Se lhe falo assim, — continuou por fim o snr. Brownlow, em tom mais alegre — é porque a sua alma é moça, e sabendo que eu tenho sentido grandes pesares, evitará talvez com maior cuidado renová-los. Disse-me que era órfão, sem um amigo no mundo. Tôdas as informações que pude recolher confirmam o que me disse. Conte-me a sua história ; de onde veio, quem o criou e como conheceu as pessoas com quem o encontrei. Diga-me só a verdade, e esteja certo que, emquanto eu viver, não estará sem um amigo.

Durante alguns instantes, os soluços impediram Oliveiros de falar ; ia êle contar como tinha sido criado na granja e levado para o asilo de mendicidade pelo snr. Bumble, quando duas pancadas de aldraba, dadas com mão impaciente, ressoaram na porta da rua. O criado subiu a escada, entrou e anunciou o snr. Grimwig.

— ¿ Ele vem a subir ? — perguntou o snr. Brownlow.

— Sim, senhor ; — respondeu o criado — perguntou se havia « sonhos » em casa, e, como eu lhe disse que sim, respondeu que vinha para o chá.

O snr. Brownlow sorriu e, voltando-se para Oliveiros, disse-lhe que o snr. Grimwig era um dos seus velhos amigos e que não devia reparar nas suas maneiras um pouco bruscas, porque no fundo era um excelente homem, como bem o sabia.

— ¿ Devo sair, senhor ? — perguntou Oliveiros.

— Não ; — respondeu o snr. Brownlow — prefiro que fique aqui.

Neste momento entrou um velho gentleman, de certa corpulência, apoiando-se numa grossa bengala ; coxeava um pouco de uma perna, vestia um casaco azul, um colete de riscas, calças e polainas de ganga amarela e um chapéu branco de grandes abas. Do colete saía um pequeno bofe de camisa, pregueado ; uma comprida cadeia de aço, na extremidade da qual apenas havia uma chave, pendia-lhe negligentemente da algibeira. As duas pontas da gravata branca eram atadas em um nó do tamanho de uma laranja ; quanto à mobilidade da sua fisionomia, desafia tóda a descrição. Tinha, quando falava, uma maneira de dar à cabeça de um dos lados e de olhar com o canto do olho, que não podia deixar de lembrar as maneiras de um papagaio. Foi nessa atitude que elle deu entrada no quarto ; e, segurando com a ponta dos dedos um pedacito de casca de laranja, exclamou com mau humor :

— Olhe! veja isto ; ¿ não é estranho e prodigioso que eu não possa entrar numa casa sem encontrar na escada um destes bocados de laranja que fazem a fortuna dos cirurgiões ? Foi já uma casca de laranja que me tornou manco, e tenho a certeza de que será ainda uma casca de laranja a causa da minha morte. Sim,

senhor, morrerrei duma casca de laranja ; ou eu comeria a minha cabeça, senhor !

Era esta a expressão favorita do snr. Grimwig para dar mais péso às suas asserções ; e o que ela tinha de mais singular na sua bôca, era que, mesmo admitindo que a ciência se aperfeiçoasse a ponto de permitir a um indivíduo, se tal lhe desse na gana, comer a própria cabeça, a cabeça do snr. Grimwig era de dimensões tais que o fariam desesperar se tentasse engoli-la duma vez, sem contar que era excessivamente empoada.

— Sim, senhor, comeria a minha cabeça — repetiu o snr. Grimwig, batendo com a bengala noa soalho. — Ah ! ¿ o que é isto ? — ajuntou êle, vendo Oliveiros, e recuando dois passos.

— Ê o jovem Oliveiros Twist, de quem falamos . . . — disse o snr. Brownlow.

Oliveiros cumprimentou.

— ¿ Não quere com isso dizer que é o rapaz que teve a febre, não é assim ? — disse o snr. Grimwig, recuando mais. — Um instante ! Não fale ! Espere . . . — acrescentou êle bruscamente, esquecendo, na alegria da sua descoberta, o receio de apanhar a febre. — Aposto que é êste o rapaz da laranja ! Se não foi êste rapaz quem descascou a laranja e deitou um bocado da casca na escada, eu comeria a minha cabeça e a sua também.

— Não, não foi êle ! — disse o snr. Brownlow rindo. — Êle não comeu nenhuma laranja. Vamos, poise aí o seu chapéu e fale ao meu jovem amigo.

— Isto preocupa-me terrivelmente ; — disse o irascível velho, tirando as luvas — há sempre mais ou menos cascas de laranja na nossa rua, e eu tenho a certeza de que é o rapaz do cirurgião da esquina quem as deita de propósito ; ainda ontem à noite, um dêsses bocados fêz escorregar uma mulher nova que caiu contra a grade do meu jardim. Quando ela se levantou, vi que olhava para essa infernal lanterna vermelha

que ilumina a tabuleta do cirurgião. « Não vá lá » — gritei-lhe eu pela janela — « é um assassino ! um propagador de ciladas ! » E é. Se não é

Aqui o irascível velho deu uma grande bengalada no chão ; era um gesto que era sempre entendido, pelos seus amigos, como equivalendo à sua expressão favorita. Depois, sem deixar a bengala, assentou-se, e abrindo uma luneta que estava presa a uma larga fita preta, pôs-se a contemplar Oliveiros. Este, vendo-se objecto de um exame em regra, corou e cumprimentou de novo.

— ¿ É este o rapaz de que se trata ? — disse emfim o snr. Grimwig.

— É este o rapaz, — respondeu o snr. Brownlow.

— ¿ Como vai isso, meu rapaz ? — disse o snr. Grimwig.

— Obrigado, senhor, muito melhor — respondeu Oliveiros.

O snr. Brownlow, receando provavelmente que o seu singular amigo fôsse proferir alguma palavra desagradável, disse a Oliveiros que descesse e dissesse à snr.^a Bewin para mandar servir o chá. Oliveiros, que não estava encantado com as maneiras do recém-chegado, ficou contente por o fazer.

— ¿ É um rapaz encantador, não é verdade ? — perguntou o snr. Brownlow.

— Não sei — respondeu o snr. Grimwig, rabugento.

— ¿ Não sabe ?

— Não, não sei ; para mim todos os rapazes se assemelham. Só conheci duas espécies de rapazes : os escanifrados e os bochechudos.

— ¿ E em que categoria coloca Oliveiros ?

— Na dos escanifrados. Um amigo meu tem um filho que é muito bochechudo ; chamam àquilo uma bela criança ; tem uma cabeça redonda, faces vermelhas e olhos brilhantes. É horrível : dir-se-á que vai

fazer estalar o fato em tôdas as costuras; tem uma voz de pilóto e um apetite de lóbo; conheço-o muito bem, o patife!

— Vamos, — disse o snr. Brownlow — não é esse o tipo do jovem Oliveiros Twist; portanto, não se encolerize.

— É verdade, — respondeu o snr. Grimwig — mas pode valer menos ainda.

Nesta altura, o snr. Brownlow tossiu impacientado, o que pareceu causar uma grande satisfação ao snr. Grimwig.

— Sim, — repetiu êle — pode valer menos ainda. ¿ De onde vem êle? ¿ Quem é? ¿ O que é? Teve uma febre... ¿ e então? Nem só as pessoas honestas têm febre, ¿ não é verdade? ¿ Os patifes também têm febre algumas vezes, hein? Conheci um individuo que foi enforcado na Jamaica por ter assassinado seu amo; tinha tido febre mais de seis vezes: ¿ julga que lhe foi agradecido por isso? Puh! disparates!

O facto é que, no íntimo do seu coração, o snr. Grimwig estava perfeitamente disposto a admitir que a presença de Oliveiros prevenia muito em seu favor; mas tinha a mania da contradição, e nesta ocasião ella fôra exasperada por ter encontrado uma casca de laranja. Resolvido a que ninguém lhe inspirasse o parecer de que uma criança tinha uma aparência interessante ou não, havia, logo á entrada, tomado o partido de contradizer o seu amigo. Quando o snr. Brownlow lhe confessou que não podia responder de maneira satisfatória a nenhuma das suas perguntas, porque tinha diferido interrogar Oliveiros sôbre a sua história anterior até que êle estivesse bem restabelecido para poder suportar esse exame, o snr. Grimwig riu com um ar malicioso, e perguntou irônicamente se a governanta tinha o hábito de contar á noite a prata porque, se um belo dia encontrasse uma ou duas colheres a menos, êle comeria a sua... e assim por diante.

O sr. Brownlow, bem que de génio muito vivo, suportou tudo isto com muito bom humor, porque conhecia as extravagâncias do seu amigo. Como, ao chá, o sr. Grimwig teve a condescendência de dar a sua inteira aprovação aos «sonhos», tudo se passou tranqüilamente. Oliveiros, que tomava chá com os dois, começou a achar-se mais à vontade na presença do terrível velho.

— ¿E para quando está anunciada a narração completa, circunstanciada e verídica, da vida e aventuras de Oliveiros Twist? — perguntou o sr. Grimwig ao sr. Brownlow depois do chá, lançando ao mesmo tempo a Oliveiros um olhar de revés.

— Amanhã de manhã, — respondeu o sr. Brownlow. — Prefiro que isso se passe só entre nós dois. Virá ao meu gabinete amanhã de manhã às dez horas, meu amigo.

— Sim, senhor — respondeu Oliveiros.

Ele respondeu com alguma hesitação, porque estava intimidado ao ver o sr. Grimwig olhá-lo tão fixamente.

— ¿Quere que lhe diga uma coisa? — murmurou este ao sr. Brownlow — ele não virá amanhã de manhã; vi-o hesitar; o senhor foi entrojado, meu querido amigo.

— Juraria que não — respondeu o sr. Brownlow, com vivacidade.

— Se o não foi, — disse o sr. Grimwig — eu comeria . . .

E bateu com a bengala no chão.

— Juraria pela minha vida que esta criança é sincera — disse o sr. Brownlow, batendo com o punho na mesa.

— E eu sobre a minha cabeça que ele é um patife! — replicou o sr. Grimwig, batendo igualmente na mesa.

— Veremos! — disse o sr. Brownlow, reprimindo um movimento de cólera.

— Sim, veremos ! — replicou o snr. Grimwig com um sorriso provocante — veremos !

O acaso quis que neste momento a snr.^a Bedwin entrasse trazendo na mão um pequeno embrulho com livros que o snr. Brownlow havia comprado nessa manhã, ao mesmo livreiro que já figurou nesta história ; tendo-os poisado sôbre a mesa, preparava-se para sair do gabinete.

— Mande esperar o rapaz, snr.^a Bedwin ; — disse o snr. Brownlow — tem que levar uma coisa.

— Ele já se foi, senhor— respondeu a snr.^a Bedwin.

— Vá chamá-lo ; — disse o snr. Brownlow.— tenho empenho nisso ; êsse livreiro não é rico e os livros não estão pagos. Demais, tem alguns a levar.

Correu-se à porta da entrada ; Oliveiros percorreu a rua num sentido, a criada noutro sentido, e a snr.^a Bedwin, que ficara no limiar, chamou o rapaz com tôdas as suas fôrças : mas êle já ia longe. Oliveiros e a criada voltaram ofegantes, sem terem podido dar com êle.

— Isto contraria-me muito ; — disse o snr. Brownlow — tinha um grande empenho em que êstes livros fôsem restituídos esta noite mesmo.

— Mande-os por Oliveiros ; — disse o snr. Grimwig, com um sorriso irónico — com certeza êle os entregará conscienciosamente, bem sabe.

— Sim, senhor, deixe-me levá-los, peço-lhe ; — disse Oliveiros — irei a correr.

O velho gentleman ia a dizer que Oliveiros não devia sair sob pretexto algum ; mas o snr. Grimwig tossiu com um ar tão malicioso, que o snr. Brownlow resolveu encarregar o pequeno dessa missão, e provar assim ao seu velho amigo quanto as suas suspeitas, pelo menos sôbre êste ponto, eram mal fundadas.

— Tem que lá ir, meu amigo— disse êle a Oliveiros. — Os livros estão sôbre uma cadeira, ao lado da minha mesa. Vá buscá-los.

Oliveiros, encantado por se tornar útil, voltou depressa, com os livros debaixo do braço, e esperou, com o boné na mão, as ordens do snr. Brownlow.

— Dir-lhe-á — disse êste, olhando fixamente o snr. Grimwig — que leva êsses livros de meu marido, e que vai pagar as quatro libras e dez que eu lhe devo. Aqui está uma nota de cinco libras ; deverá, pois, trazer-me de trôco dez xelins.

— Não me serão precisos mais de dez minutos, senhor — respondeu Oliveiros com vivacidade.

Meteu o dinheiro no bôlso, abotoou o casaco até acima, colocou cuidadosamente os livros debaixo do braço, fêz uma vénia respeitosa e saiu. A snr.^a Bedwin acompanhou-o até à porta da rua, para lhe indicar bem exactamente o caminho mais curto, o nome do livreiro e o nome da rua, coisas estas que Oliveiros declarou compreender perfeitamente ; e depois de lhe ter repetido muitas vezes que tivesse muito cuidado em não se constipar, a senhora deixou-o enfim sair.

— Querido filho ! — disse ela, seguindo-o com o olhar. — Não gosto, não sei porquê, de o perder assim de vista.

Neste momento, Oliveiros voltou-se e fêz-lhe alegremente um sinal de adeus antes de transpor a esquina da rua ; a velha senhora retribuiu-lhe o seu cumprimento com um sorriso e, fechando a porta, voltou para o seu quarto.

— Vejamos, — disse o snr. Brownlow tirando o relógio e poisando-o sôbre a mesa — êle estará de volta dentro de vinte minutos, quando muito ; daqui até lá anoitece.

— ¿ Então pensa sèriamente que êle voltará ? — perguntou o snr. Grimwig.

— ¿ E duvida ? — disse o snr. Brownlow, sorrindo.

O espirito de contradição atormentava muito neste momento o snr. Grimwig, e o sorriso confiante do seu amigo mais o fortalecia nessa disposição.

— Sim, duvido ! — disse êle, batendo com o punho na mesa. — O rapaz tem no corpo um fato novo, debaixo do braço alguns livros caros, e na algibeira uma nota de cinco libras. Irá juntar-se aos ladrões dos seus antigos amigos, e zombará de si. Se êle tornar a pôr os pés nesta casa, senhor, comerei a minha cabeça !

Assim falando, aproximou a cadeira da mesa, e os dois amigos ficaram numa expectativa silenciosa, com os olhos fitos no relógio. É digno de nota, por mostrar a importância que ligamos aos nossos próprios juízos e o orgulho com que mantemos as nossas mais arroçadas e apressadas conclusões, que, embora o snr. Grimwig não fôsse de modo nenhum um homem de mau coração, e, pelo contrário, ficasse desolado no fundo da alma se visse o seu amigo vítima de um embuste, desejava todavia de todo o seu coração, nesse momento, que Oliveiros não voltasse.

A noite caiu pouco a pouco, até mal se poderem distinguir os ponteiros no mostrador ; mas os dois homens continuavam imóveis e silenciosos, com os olhos fitos no relógio.

XV

Em que se verá quanto o chistoso judeu e miss Nancy eram afeiçoados a Oliveiros

Na sala escura de uma miserável taberna, situada na parte mais sórdida de Little Saffron Hill, antro tenebroso onde durante o inverno um bico de gás ardia, vacilante, todo o dia, e onde jâmais, durante o verão, brilhava um raio de sol, estava sentado um homem diante de uma pequena medida de estanho e de um pequeno copo, impregnado de um forte cheiro a álcool. Pelo seu casaco de veludo, calções de briche, meias altas e borzeguins, um agente de policia experimen-

tado teria reconhecido nêle imediatamente, a-pesar da meia-luz, o snr. Guilherme Sikes. A seus pés estava um cão de pêlo branco e olhos vermelhos, que se ocupava alternadamente em piscar os olhos fitando o amo, e em lamber o focinho, onde uma grande e sangrenta ferida, de cada lado da bôca, atestava um combate recente.

— Queres estar quieto, patife! Quietos! — disse o snr. Sikes, rompendo bruscamente o silêncio.

Era motivo de discussão se estava talvez por tal forma mergulhado nas suas meditações, que bastava o simples pestanejar dos olhos do cão para o perturbar; ou se a irritação produzida por essas reflexões tinha necessidade de encontrar um derivativo e um alívio nos maus tratos que desse a um animal inofensivo. Fôsse, porém, qual fôsse a causa, o efeito era um pontapé e uma praga dirigidos contra o cão. Em geral, os cães não procuram vingar-se das pancadas que recebem dos donos; mas o do snr. Sikes tinha de comum com o seu proprietário, certos defeitos de compleição, e, exasperado provavelmente nesse momento pela firme convicção da sua inocência, lançou-se sem cerimônia sôbre o pé que lhe batera, enterrando os dentes num dos borzeguins. Tendo-lhe dado um forte abanão, retirou-se, grunhindo, para debaixo dum banco, justamente a tempo de escapar à medida de estanho que o snr. Sikes lhe atirou à cabeça.

— ¿ Querias morder, hein? — disse Sikes, agarrando o atizador com uma das mãos e abrindo com a outra, resolutamente, uma grande navalha de ponta e mola que tirou do bôlso. — Aqui, demónio! aqui! ouves?

O cão ouvia muito bem, porque o snr. Sikes gritava no tom mais duro com que pode fazê-lo uma voz duríssima; mas, como parecia ver alguma inexplicável objecção a deixar-se cortar o pescoço, ficou onde estava, rosnando com mais fôrça do que nunca e agar-

rando entre os dentes a extremidade do atizador, que mordeu furiosamente.

Esta resistência só conseguiu aumentar a cólera do snr. Sikes. Pôs-se de joelhos e começou a atacar o cão ainda com mais furor. O animal saltava para um e outro lado, aguçando a dentuça, rosnando a latindo. O homem praguejava, batia, blasfemava; a luta ia tornar-se critica para um ou outro dos combatentes, quando a porta se abriu repentinamente, e o cão deu um salto para fora, deixando Bill Sikes com o atizador e a navalha de ponta e mola na mão.

Para que haja pegadilha, é preciso que haja dois, diz um velho ditado. O snr. Sikes, desapontado com a fuga do cão, fêz logo recair a sua cólera sobre o recém-chegado.

— ¿ Por que diabo vem você meter-se entre mim e o cão? — perguntou êle, com um gesto feroz.

— Eu não sabia, meu amigo, não sabia — respondeu Fagin, humildemente.

Era, com efeito, o judeu quem acabava de entrar.

— Não sabia, ladrão duma figa! — resmungou Sikes. — ¿ Não ouvia então a algazarra?

— Não ouvi absolutamente nada, tão verdade como aqui estar — respondeu o judeu.

— É verdade, você não ouve nada — replicou Sikes com um sorriso ameaçador. — Você introduz-se em tôda a parte, sem que o ouçam entrar ou sair. Muito desejava eu, Fagin, que você estivesse, há meio minuto, no lugar do meu cão.

— Porquê? — perguntou o judeu, com um sorriso forçado.

— Porque o govêrno, que protege a vida de homens como você, que têm menos coragem que um fraldi-queiro, consente que um homem mate o seu cão, se lhe aprouver — respondeu Sikes, dobrando a navalha com um olhar bastante expressivo. — Eis a razão.

O judeu esfregou as mãos, e, sentando-se à mesa,

fingiu achar graça à facécia do seu amigo; era todavia visível que estava pouco à vontade.

— Vá rir para outra parte; — disse Sikes colocando o aticador no seu lugar e olhando para o judeu com selvajaria e desdém — vá rir para outra parte, mas não me ria na cara, sabe você, ainda que seja por detrás do seu barrête de dormir. Você está nas minhas mãos, Fagin, e o diabo me leve se eu o deixar. Olhe, se eu passar por ela, também você passará. Portanto, tenha cuidado comigo.

— Bem, bem, meu caro — disse o judeu. — Tudo isso eu sei. Nós . . . nós . . . temos interêsses recíprocos, Bill . . . interêsses recíprocos.

— Hum! — fez Sikes, como se lhe parecesse que o judeu era bem mais interessado do que êle na questão. — E então! ¿ que tem você a dizer-me?

— Tudo se passou o melhor possível, — respondeu Fagin — e aqui tem a sua parte; é maior do que devia ser, meu amigo; mas como sei que você me pagará isto para outra vez, e . . .

— Basta de palavreado! — interrompeu o malfeitor com impaciência. — ¿ Onde está isso? Vamos, dê cá isso depressa!

— Sim, sim, Bill, dê-me tempo, dê-me tempo — respondeu o judeu, brandamente. — Aqui está! Tudo salvo!

Dizendo estas palavras, tirou do peito um velho lenço de algodão, desatou um grande nó numa das pontas, e deixou ver um pequeno embrulho de papel pardo, que Sikes lhe arrancou das mãos e que se apressou a abrir, pondo-se a contar as libras que continha.

— ¿ É tudo? — perguntou Sikes.

— Tudo! — respondeu o judeu.

— ¿ Você não abriu o embrulho pelo caminho, para escamotear uma ou duas moedas? — ajuntou Sikes com desconfiança. — Não se me ponha com êsses modos indignados; não é coisa que já não tenha feito mais que uma vez. . . Sacuda o guizo.

Isto queria dizer: «Toque a campainha». Apareceu outro judeu, mais novo do que Fagin, mas quasi tão ignóbil e repugnante como elle.

Bill Sikes não fez mais do que apontar para a medida vazia. O judeu, comprehendendo perfeitamente o gesto, retirou-se para a ir encher, depois de ter trocado um estranho olhar com Fagin, que levantou os olhos por um instante, como se esperasse esse olhar, e respondeu por um aceno de cabeça quasi imperceptível. Sikes não notou coisa alguma, occupado como estava nesse momento a atar os cordões dos sapatos, que o cão lhe tinha arrancado. É provável que se houvesse observado essa rápida troca de sinais, não tivesse agoirado nada de bom.

— ¿Está ai alguém, Barney? — perguntou Fagin, sem levantar os olhos, agora que Sikes o fitava.

— Nem viva alma! — respondeu Barney, cujas palavras, quer lhe viessem do coração quer não, saíam invariavelmente pelo nariz.

— Ninguém? — perguntou Fagin, com um acento de surpresa, que significava talvez que Barney podia dizer a verdade sem receio.

— Ninguém, a não ser a menina Dadsy — respondeu Barney.

— Nancy! — exclamou Sikes — ¿onde está ella? Que eu seja cego, se não respeito essa rapariga pelas suas capacidades naturais!

— Ella mandou que lhe servissem um prato de vaca cozida, no balcão — acrescentou Barney.

— Mande-a para aqui, — disse Sikes, deitando um copo de licor — mande-a para aqui.

Barney olhou timidamente para Fagin, como para lhe pedir a sua autorização. Vendo, porém, que o judeu não dizia palavra e não tirava os olhos do chão, retirou-se e voltou quasi immediatamente, trazendo com elle Nancy, enfeitada com uma touca e um avental, e com um cêsto e uma grande chave na mão.

— ¿ Fôste-lhe na pista, não é verdade, Nancy ? — perguntou Sikes, oferecendo-lhe o copo.

— Sim, fui, Bill,— respondeu a jovem dama, esvaziando o conteúdo — o que me fatigou até bastante. O marotão tem estado doente e de mólho e . . .

— Ah ! minha querida Nancy ! — disse Fagin, erguendo os olhos.

Se o judeu, contraindo as sobrancelhas ruivas e semi-cerrando os olhos, tão profundamente encaixados nas órbitas, quis com isso dar a entender a Miss Nancy que ela ia demasiado longe nas suas confidências, não é uma questão de muita importância. O que nos importa aqui é o facto ; e o facto é que ela se reprimiu imediatamente, e depois de ter dirigido ao snr. Sikes alguns graciosos sorrisos, mudou de conversa. Passados uns dez minutos, o snr. Fagin foi atacado dum acesso de tosse ; depois do que Nancy pôs o seu chale por cima dos ombros e declarou que eram horas de se ir. O snr. Sikes observou que tinha de seguir uma parte do caminho na mesma direcção que ela, e manifestou a intenção de a acompanhar. Saíram portanto juntos, seguidos, a pouca distância, pelo cão, que surdiu de um pátio próximo logo que seu dono lhe ficou longe da vista.

O judeu deitou a cabeça fora da porta na ocasião em que Sikes saía da sala : seguiu-o com os olhos enquanto êle transpunha a escura passagem, ameaçando-o com o punho e murmurando uma praga terrível ; depois, com um sorriso sarcástico, voltou a tomar o seu lugar junto da mesa, onde não tardou a estar profundamente absorvido na interessante leitura do *Jornal dos Tribunais* (1).

Entretanto, Oliveiros Twist, que não sonhava estar

(1) « *The Hue and Cry* », a correria, a perseguição atrás de alguém, com grandes alaridos. — *N. T.*

tão perto do jocoso velho, dirigia-se para o estabelecimento do livreiro. Ao chegar a Clerkenwell, tomou, sem prestar atenção, uma rua que não estava compreendida exactamente no seu itinerário. Tinha já transposto metade dessa rua, quando deu pelo engano; mas como sabia que essa rua ia levá-lo ao ponto para onde se dirigia, julgou inútil voltar para trás, e continuou a andar, com os livros debaixo do braço e tão rapidamente quanto podia.

Emquanto caminhava, ia pensando como se devia sentir feliz e satisfeito, e quanto não daria por ver, embora só por um instante, o pobre e pequeno Dick, que, cheio de pancadas e de fome, talvez chorasse amargamente nesse mesmo momento. Nisto foi arrancado ao seu devaneio por uma mulher que exclamava em altas vozes: «Oh! meu querido irmão!» E apenas levantou os olhos para ver de que se tratava, sentiu que dois braços se lhe apertavam estreitamente em volta do pescoço.

— Deixe-me, — exclamou Oliveiros, debatendo-se — deixe-me lá. ¿O que é que quere? ¿Por que me detém?

Por única resposta, a jovem que o abraçara, e que tinha na mão um pequeno cêsto e uma chave do trinco, pôs-se a soltar altos lamentos.

— Oh! meu Deus! — dizia ela — encontrei-te. Oh! Oliveiros! Oliveiros! oh! que travêso que és, rapaz, ter-me deixado em tal inquietação! Vem para casa, querido, vem! Oh! encontrei-te! Deus seja louvado! encontrei-te!

Depois destas incoerentes exclamações, a rapariga recomeçou os seus lamentos com mais fôrça, num acesso de histerismo tão violento, que algumas mulheres que se aproximaram perguntaram ao rapaz dum carneiro, de cabeleira gordurosa e luzidia, e que contemplava também a cena, se êle não julgava melhor ir procurar um médico. Ao que o rapaz do carneiro,

que parecia de um natural bastante pachorrento, para não dizer indolente, respondeu que não o pensava.

— Oh ! não, não, não vale a pena ! — disse a rapariga, apertando a mão de Oliveiros. — Já estou melhor. Vamos já para casa, traquinas ! vamos !

— ¿ O que foi isso, senhora ? — perguntou uma das mulheres.

— Oh ! senhora, — respondeu a rapariga — éle fugiu há perto dum mês de casa de seus pais, que são operários honrados e trabalhadores, para andar de gorra com um bando de gatunos e tratantes, e a mãe está quasi morta de dôr.

— O dianho do pequeno ! — disse uma mulher.

— Volte para sua casa de-pressa, brutinho ! — disse outra.

— Não sou eu ; — respondeu Oliveiros, muito assustado — não a conheço ; não tenho irmã, nem pai, nem mãe, sou órfão e moro em Pentonville.

— Oh ! vejam isto, como éle é descarado ! — disse a rapariga.

— Como ! é Nancy ! — exclamou Oliveiros, que agora lhe via a cara pela primeira vez ; e recuou num espanto irreprimível.

— Vejam como éle me reconhece ! — disse Nancy aos assistentes. — Nem podia ser de outra forma. ¿ Haverá alguém que tenha a bondade de me ajudar a levá-lo para casa ? sem o que éle será a causa da morte de seu pai e da sua pobre mãe, e a mim deixar-me-á desesperada.

— ¿ Que diabo é isto aqui ? — disse um homem, precipitando-se para fora duma cervejaria, com um cão branco atrás de si. — Como ! o pequeno Oliveiros ! Vai já para junto da tua pobre mãe, perro que tu és ! vai já para casa !

— Eu não lhes pertença. Não os conheço. Socorro ! socorro ! — exclamou Oliveiros, debatendo-se entre as garras do homem.

— Socorro ! — repetiu este — Sim ; sou eu que venho em socorro, grande malvado ! ¿ que livros são estes ? ¿ Roubaste-os, não é verdade ? dá-me cá isso !

A estas palavras, o homem arrancou os volumes que o pequeno levava e bateu-lhe violentamente com eles na cabeça.

— É bem feito ! — disse, do alto duma trapeira, um espectador da cena. — É a única maneira de o fazer entrar na razão !

— Com certeza ! — disse o pacóvio dum carpinteiro, olhando com ar aprovador para o que acabara de falar.

— Isto far-lhe-á bem — disseram as duas mulheres.

— Eh ! é evidente — replicou o homem, dando outro sopapo em Oliveiros e agarrando-o pela gola. — Para a frente, velhaco ! Aqui, tu, Turco ! atenção com ele ! atenção com ele !

Enfraquecido pela doença recente, atordoado pelos sopapos e pelo imprevisto do ataque, assustado com o rosnar ameaçador do cão e com a brutalidade do homem, acabrunhado principalmente pela convicção em que estavam os espectadores de que ele era realmente o velhaco que lhes tinha sido descrito, ¿ que podia a pobre criança ? Era noite fechada, o bairro estava deserto ; nenhum socorro tinha a esperar ; tóda a resistência era inútil. Em um instante, viu-se arrastado por um labirinto de sombrias e estreitas vielas, e com uma rapidez que tornava completamente ininteligíveis os poucos gritos que ousava soltar. ¿ Que importava, além disso, que fôsem inteligíveis ou não, se não havia ninguém para se importar com elles, por mais claros que tivessem soado a ouvidos humanos ?

Os bicos de gás estavam acesos ; a snr.^a Bedwin esperava com ansiedade á porta da casa ; vinte vezes

a criada correu até à extremidade da rua para ver se via vestígios de Oliveiros; e os dois velhos conservavam-se obstinadamente sentados no gabinete mergulhado em trevas, e com os olhos fitos no relógio.

XVI

O que aconteceu a Oliveiros depois de ter sido reclamado por Nancy

As ruas e ruelas estreitas desembocaram por fim num vasto espaço descoberto, que alguns currais designavam por um mercado de gado. Ao chegarem a este sítio, Sikes demorou o passo, porque a rapariga não podia sustentar por mais tempo a rapidez da marcha que haviam tomado até então, e, voltando-se para Oliveiros, ordenou-lhe rudemente que desse a mão a Nancy.

— Ouves-me? — rosnou êle, vendo Oliveiros hesitar e olhar em volta de si.

Estavam num canto sombrio, longe de todo o rasto de transeúntes. Oliveiros reconheceu bem claramente que não havia resistência possível; estendeu a mão a Nancy, que lha apertou com fôrça.

— Dá-me a outra; — disse Sikes — aqui, Turco!

O cão levantou a cabeça, rosnando.

— Olha aqui, rapaz, — acrescentou Sikes, levando a mão à garganta de Oliveiros — se êle proferir só que seja um palavra, lança-te a êle! comprehendes?

O cão rosnou novamente, lambeu o focinho e olhou para Oliveiros, como se estivesse ansioso por saltar-lhe ao gasganete sem mais demora.

— Tão certo como eu estar aqui, eu seja cego se o não fizer! — disse Sikes olhando o animal com um olhar de sarcástica aprovação.

— Agora sabes o que tens a esperar, mestre; por-

tanto, grita, se quiseses ; o cão se encarregará de te fazer calar ; despacha-te, depressa.

Turco agitou a cauda para agradecer ao dono aquellas palavras carinhosas, a que não estava habituado ; depois soltou um novo grunhido a Oliveiros, e tomou a dianteira.

Atravessavam então Smithfield-Square ; se fôsse Grosnenor Square, Oliveiros não o reconheceria melhor. A noite estava sombria e ennevoada. A iluminação dos estabelecimentos mal se entrevia através da espessura da neblina, que aumentava a cada instante e envolvia em trevas as ruas e as casas ; o aspecto desses lugares era ainda mais estranho para Oliveiros, e maior a sua ansiedade.

Tinham dado alguns passos apressados, quando o relógio de uma igreja próxima bateu horas ; á primeira pancada, os seus dois condutores estacaram e applicaram o ouvido na direcção em que vinha o som.

— Oito horas, Bill — disse Nancy, depois de o sino ter dado as horas.

— ¿ Para que me dizes isso ? ¿ eu ouço bem, não é verdade ? — respondeu Sikes.

— ¿ E *êles* ? muito desejaría eu saber se *êles* podem ouvir — disse Nancy.

— Certamente que podem — replicou Sikes. — Foi pelo S. Bartolomeu que eu fui engavetado, e não houve na feira uma gaita de um péni de que eu não ouvisse os toques ; quando era noite, o tumulto e o alarido lá de fora chegavam com tal sussurro ao velho chilindró, que quasi me deu tentações de atirar a cabeça contra os ferros da porta.

— Pobres rapazes ! — disse Nancy, com o rosto sempre voltado para o ponto donde viera o som do relógio. — Que pena, Bill, uns rapagões daquela fôrça !

— Vejam o que são as mulheres, — respondeu Sikes. — Uns rapagões daquela fôrça ! não prestam

atenção a outra coisa. Pois bem ! são tão bons como mortos ; não vale a pena falarmos muito nêles.

Parecia, ao mesmo tempo, reprimir um movimento de ciúme, e apertando com mais força o pulso de Oliveiros, disse-lhe que andasse para a frente.

— Um minuto ; — disse a rapariga — eu não passaria por aqui tão de-pressa se fôsses tu, Bill, que tivesses de ser enforcado no dia seguinte ao toque das oito horas ; por muita que fôsse a neve, e ainda que eu não tivesse chale para me cobrir, daria a volta a êste sitio até se me esgotarem as forças.

— ¿ Para que me serviria isso ? — perguntou o pouco sentimental snr. Sikes. — A não ser que pudesses passar-me uma lima e vinte jardas de boa corda, podias andar cinqüenta milhas ou não te mexeres, que tudo viria a dar no mesmo para mim. Vamos para diante, e deixemo-nos de histórias.

A rapariga desatou a rir, compôs mais o chale em tórno de si, e continuaram a andar ; mas Oliveiros sentiu a sua mão tremer, e ao olhar-lhe para o rosto quando passava sob um bico de gás, viu que estava pálida como a morte.

Caminharam, durante uma boa meia hora, por ruas imundas e pouco freqüentadas, e os poucos individuos que encontraram tinham todos a aparência de occuparem na sociedade uma posição semelhante à do snr. Sikes ; por fim penetraram numa viela muito estreita e sórdida, quási tôda ela cheia de lojas e adelos. O cão deu uma corrida para a frente, como se compreendesse que deixara de haver motivo para estar em guarda, e parou à porta duma loja fechada e na aparência desocupada ; porque a casa caía em ruínas, e um escrito pregado na porta, e que parecia estar ali há muitos anos, anunciava que ela estava para alugar.

— Tudó vai bem — disse Sikes, depois de ter lançado em tórno um olhar perscrutador.

Nancy inclinou-se por baixo da porta, e Oliveiros

ouviu o som duma campainha. Atravessaram a rua e esperaram alguns instantes debaixo duma lanterna; ouviu-se levantar um caixilho com precaução, e pouco depois a porta abriu-se vagarosamente. Sem mais cerimónia, o snr. Sikes agarrou pela gola a criança transida de medo e todos três se acharam em breve dentro da casa.

O corredor estava completamente às escuras. Tiveram que esperar que a pessoa que os havia introduzido collocasse no seu lugar a cadeia e as barras de ferro que trancavam a porta.

— ¿ Não está aí ninguém? — perguntou Sikes.

— Não — respondeu uma voz que Oliveiros julgou reconhecer.

— ¿ O velho está lá? — continuou o bandido.

— Sim, — respondeu a voz — e estava de orelha caída enquanto vos esperava. Como éle vai ficar contente em vos ver! que grande sorte!

O estilo desta resposta, assim como a voz de quem falava, não eram desconhecidos a Oliveiros, mas tornava-se-lhe impossível, na escuridão, ver quem era esse interlocutor.

— Alumie-nos, — disse Sikes — senão vamos quebrar a cabeça ou pôr os pés sôbre o cão, e então, cuidado com as pernas... só lhe digo isto!

— Espere um instante e terá luz — respondeu a voz.

Ouviram-se os passos de alguém que se afastava, e ao cabo de um instante viu-se aparecer o snr. João Dawkins, ou, melhor dizendo, o Astuto Marau, segurando uma vela de sêbo espetada num pau rachado.

O jovem gentleman não se demorou a conceder qualquer sinal de reconhecer Oliveiros a não ser uma careta, e fêz sinal aos visitantes para que o seguissem por uma escada abaixo. Atravessaram uma cozinha onde apenas se viam as quatro paredes, e, abrindo a porta dum aposento baixo e húmido, que dava para

um pátio lamacento, foram acolhidos com grandes gargalhadas.

— Oh! a minha cabeleira, a minha cabeleira! — exclamou mestre Carlos Bates, rindo até apertar as ilhargas. — Aqui o temos! oh! aqui o temos! Olhe para êle, Fagin! Ó Fagin, olhe para êle! Esta é muito forte! Não está má a farsa! Já não posso mais; é de morrer a rir, Segure-me, ou eu abafó!

A alegria de mestre Bates não tinha limites; deixou-se cair com todo o péso do seu corpo no soalho, agitando convulsivamente as pernas, e durante cinco minutos não pôde moderar os seus transportes. Afinal, pôs-se em pé, agarrou na vela que o Marau trazia, e aproximando-se de Oliveiros, examinou-o dos pés à cabeça, enquanto o judeu, tirando o boné, fazia um grande número de salamaleques à criança aturdida; quanto ao Marau, dissimulado como era e pouco inclinado a rir quando se tratava de negócios, revistava os bolsos de Oliveiros com um cuidado minucioso.

— Veja como êle está ataviado, Fagin! — disse Charley, aproximando por tal forma a luz do fato novo de Oliveiros, que quasi o ia queimando. — Olhe-me para isto. Fazenda superfina, e que corte de janota! Oh! como isto é divertido! E livros, também; mas, Fagin, é um perfeito cavalheiro.

— Encantado de o ver em tão bom estado, meu caro; — disse o judeu, cumprimentando irõnicamente Oliveiros até o chão. — O Marau lhe dará outra roupa, meu caro, para que não estrague o seu fato dominigueiro... ¿ Por que nos não escreveu, meu caro, para nos prevenir da sua chegada? teríamos preparado uma ceia quente para lhe oferecer.

A estas palavras, mestre Bates foi novamente tomado por um tal acesso de riso destemperado, que desenrugou a testa do próprio Fagin e fez sorrir mesmo o Marau. Como porém êste tirava, nesse instante, do bolso de Oliveiros, a nota de cinco libras, não se pode

dizer se foi a explosão de alegria de Bates ou essa descoberta que o fez sorrir.

— Oh ! oh ! ¿ o que é isso ? — perguntou Sikes, avançando para o judeu, que ia embolsar a nota. — Isso pertence-me, Fagin.

— Não, meu amigo, não ; — disse o judeu — isso é meu, Bill, muito meu. Você ficará com os livros.

— Se alguém ousar dizer que isso não é meu, — replicou Sikes, pondo o chapéu com resolução — quero dizer, meu e da Nancy, torno a levar o pequeno.

O judeu estremeceu, e Oliveiros também, embora por motivo bem diverso ; pois revira a esperança de que a contenda tivesse por efeito dar-lhe a liberdade.

— Vejamos, — disse Sikes — ¿ quer dar-me isso ? ¿ sim ou não ?

— Não é bem assim, Guilherme ! ¿ Não é verdade, Nancy, que não é bem assim ? — perguntou o judeu.

— Que seja bem ou mal, — replicou Sikes — dê-me isso, já lhe disse ! ¿ Então você pensa que eu e a Nancy não tínhamos mais que fazer do que perder o nosso precioso tempo a correr atrás do primeiro rapaz que se fizesse prender por sua causa ? Dê-me isso, velho sovina, velha múmia, ouviu ?

Emquanto fazia estas gentis exortações, o snr. Sikes agarrou a nota que o judeu segurava entre o polegar e o indicador ; depois, olhando friamente Fagin no branco dos olhos, dobrou muito bem o bilhete e meteu-o no lenço do pescoço.

— Isto é pelo nosso trabalho, — disse Sikes — e não é metade do que valia : quanto a você, guarde os livros, se gosta de ler, ou senão venda-os.

— São muito bonitos ; — disse Charley Bates, que, com mil caretas, fingia ler um dos volumes em questão — bela préza ! hein, Oliveiros ?

E, vendo o olhar sobressaltado com que Oliveiros olhava para os seus verdugos, mestre Bates, que tinha

o dom de apanhar em tôdas as coisas o lado cómico, abandonou-se a um novo transporte de alegria mais ruído do que o primeiro.

— Pertencem ao senhor, — disse Oliveiros, torcendo as mãos — ao bom e generoso senhor que me recebeu em sua casa, que tratou de mim quando eu estava a morrer ! Mande-lhos, peça-lhe ; mande-lhe os livros e o dinheiro ; conserve-me aqui tôda a minha vida ; mas peça-lhe, suplico-lhe, mande-lhos ! Ele vai pensar que os furtei ; a senhora — tôdas essas pessoas, que tão boas eram para mim, — pensarão que os furtei. Oh ! amerceiem-se de mim, e mandem-lhes os livros !

Falando assim, com a energia que dá uma dôr pungente, Oliveiros caiu de joelhos aos pés do judeu, juntando as mãos com um ar suplicante e desesperado.

— O rapaz tem razão — observou Fagin, lançando em volta um olhar dissimulado e franzindo tanto quanto podia as medonhas sobrancelhas. — Tu tens razão, Oliveiros, tens razão ! Pensarão que os roubaste. Ah ! ah ! — acrescentou êle, esfregando as mãos — isso é maravilhoso, e nada poderíamos desejar de melhor.

— Sem dúvida que não podíamos ; — respondeu Sikes — pensei isso logo que o vi entrar em Clerkonwell com os livros debaixo do braço. Tudo está perfeitamente. Devem ser pessoas muito carolas : de outra forma não o teriam levado para casa. Não o procurarão, com receio de serem obrigados a diligências para o fazerem prender ; está aqui bem seguro.

Durante êste diálogo, Oliveiros olhava alternadamente para Fagin e Sikes, como se estivesse espantado e mal pudesse entender o que se passava ; mas ás últimas palavras de Guilherme Sikes, levantou-se súbitamente e precipitou-se desvairado para fora do quarto, gritando por socorro de maneira a despertar todos os ecos da velha casa desmantelada.

— Segura o cão, Bill! — exclamou Nancy, correndo para a porta e fechando-a atrás do judeu e dos seus dois discípulos, que se tinham precipitado em perseguição de Oliveiros. — Segura o cão; faria o rapaz em pedaços!

— E seria bem feito! — disse Sikes, debatendo-se para se desprender dos braços da rapariga. — Deixa-me, ou quebro-te a cabeça contra a parede!

— Não me importa, Guilherme, não me importa! — gritava a rapariga, lutando enérgicamente contra o homem. — A criança não será dilacerada pelo cão, a não ser que tu me mates primeiro!

— Tu vais ver! — disse Sikes, rangendo os dentes. — Tira-te daí, ou será negócio dum instante!

O bandido atirou a rapariga para a outra extremidade do quarto, exactamente no momento em que o judeu e os dois rapazes voltavam, arrastando consigo Oliveiros.

— Então! ¿ o que é isto aqui? — perguntou o judeu, olhando em tórno de si.

— Creio que esta rapariga enlouqueceu! — respondeu Sikes com ar feroz.

— Não, não estou louca! — disse Nancy, pálida e ofegante. — Não estou louca, Fagin, tenha a certeza!

— Muito bem, então calem-se! — disse o judeu com ar ameaçador.

— Não, não me calarei! — replicou Nancy, em voz muito alta. — Vejamos, ¿ o que é que tem a dizer a isto?

O snr. Fagin conhecia suficientemente o carácter e os costumes da categoria particular da humanidade a que Nancy pertencia para compreender que era um tanto arriscado prolongar nesse momento a conversa com ela. Para fazer diversão, dirigiu-se a Oliveiros:

— ¿ Então queria fugir, meu amigo? — disse êle, pegando num cacete nodoso e dentado que estava a um canto do fogão; — hein?

Oliveiros não respondeu : mas observava os movimentos do judeu, e o coração batia-lhe com fôrça.

— ¿ Gritava por socorro, queria fazer vir a policia, não é assim ? — continuou Fagin com um riso escarninho, agarrando o pequeno por um braço. — Nós lhe faremos passar êsse desejo, mancebo !

O judeu applicou uma vigorosa pancada nos ombros de Oliveiros, e levantava o braço para recommençar, quando a rapariga se lançou sôbre êle e lhe arrancou o pau, que lançou ao fogo com tanta fôrça, que os carvões rolaram até ao meio do quarto.

— Não consentirei semelhante coisa, Fagin ! — exclamou a rapariga. — Você tornou a encontrar o pequeno ; ¿ que quer mais ? Trate de o deixar sossegado, entende ?, ou eu vos arranjarêi de maneira a fazer-me enforcar antes de tempo.

Proferindo estas ameaças, a rapariga batia violentamente com o pé no chão ; de lábios cerrados, as mãos crispadas, olhava alternativamente para o judeu e para Sikes ; da cólera que gradualmente tinha ido crescendo nela, o rosto empalidecera.

— Vamos, Nancy ! — disse o judeu em tom mais suave, após um momento de silêncio, durante o qual êle e o snr. Sikes olharam desapontados um para o outro. — A menina . . . a menina está esta noite mais admirável do que nunca ; eh ! eh ! minha querida, representa admiravelmente.

— ¿ Na verdade ? — disse a rapariga. — Tenha cuidado que eu me não exceda, o que seria muito mau para si, Fagin ; portanto, advirto-o muito a tempo para se não meter comigo.

Uma mulher excitada, especialmente se à fôrça de tôdas as outras paixões junta os impulsos impetuosos da desgraça e do desespero, pode chegar a um grau de irritação que poucos homens gostam de provocar. O judeu compreendeu que seria inútil fingir por mais tempo que tomava a cólera de Miss Nancy por um ca-

pricho passageiro, e, recuando involuntariamente alguns passos, lançou a Sikes um olhar meio receoso, meio suplicante, como para lhe dizer que era elle naturalmente quem devia continuar o diálogo.

O snr. Sikes, comprehendendo esse mudo apêlo, e sentindo talvez o seu orgulho pessoal e a sua influencia interessados em que Miss Nancy entrasse immediatamente na razão, proferiu pelo menos umas duas dúzias de maldições e de ameaças, cuja rapidez e variedade faziam muita honra à fecundidade do seu inventivo espirito. Como tudo isso não produziu nenhum efeito visivel sôbre o objecto da sua cólera, recorreu a argumentos mais convincentes.

— ¿ Que queres tu dizer com isso ? — exclamou elle, apoiando a pergunta com uma imprecação vulgar em que se faz referênciã à mais bela de tôdas as feições humanas, imprecação que, se fôsse ouvida lá em cima unicamente uma vez por cinqüenta mil que é pronunciada cá em baixo, faria da cegueira uma doença tão vulgar como o sarampo. — ¿ Que queres tu dizer com isso ? O diabo me leve ! ¿ Não sabes quem és e o que és ?

— Sim ! sei ! sei muito bem ! — replicou a rapariga rindo com um riso nervoso e balouçando a cabeça dum lado para o outro, como se isso lhe fôsse indifferente.

— Bem ! Então está quieta, — acrescentou Sikes, resmungando, como tinha por costume fazer quando se dirigia ao cão — ou eu te farei estar quieta por muito tempo.

A rapariga pôs-se de novo a rir, e com mais sem-cerimônia do que antes ; depois, lançando a Sikes um olhar furtivo, voltou a cabeça e pôs-se a morder os lábios até fazer sangue.

— Como isso te fica bem ! — continuou Sikes, fitando-a com desprezo. — dar-te ares de bondade e de generosidade ! Que bela occasião para esta criança, como tu lhe chamas, de fazer de ti uma amiga !

— Que o Todo-Poderoso me ajude, sou-o, sim! — exclamou a rapariga com ardor — e agora antes queria ficar morta na rua, ou ter tomado o lugar daquêles junto de quem passamos esta noite, do que ter contribuído para trazer aqui esta criança. A partir desta noite não é mais do que um ladrão, um embusteiro, um demónio; não é isso bastante, e esse velho miserável acha ainda que é preciso moê-lo com pancadas?

— Vamos, vamos, Sikes; — disse o judeu, apelando para êle em tom de admoestação, e apontando-lhe os rapazes, que prestavam a mais viva atenção a tudo quanto se estava passando — devemos usar de têrmos delicados... têrmos delicados, Bill.

— Têrmos delicados! — exclamou a rapariga, exasperada. — Têrmos delicados, velho celerado! Sim, você merece-os bem de mim. Não tinha ainda metade da idade desta criança, e já roubava para você! e há doze anos que exerço êsse officio, e sempre para você! Não é isto verdade? Desembuche! Não é isto verdade?

— Bem, bem! — respondeu o judeu, procurando sossegá-la — mas se tens êsse officio, é dêle que vives.

— Com efeito, — retrucou a rapariga, mais deixando fluir as palavras do que falando, numa gritaria contínua e veemente — é a minha vida, como as ruas, ao frio, com a sua humidade e a sua imundície, são a minha morada. E foi você o miserável que me levou a isto há muito tempo e que nesta vida me manterá noite e dia até eu morrer!

— Acontecer-te-á coisa pior! — interrompeu o judeu estimulado por estas censuras — coisa pior, ouves, se dizes mais uma palavra!

Ela calou-se, mas, num transporte de frenesi, arrancava os cabelos e rasgava as roupas. Precipitou-se para o judeu, e ter-lhe-ia provavelmente deixado vestígios da sua vingança, se Sikes não intervisse a tempo,

segurando-a pelos pulsos ; fêz alguns vãos esforços para se desprender e caiu desmaiada.

— Assim é que ela está bem — disse Sikes, poisando-a no chão a um canto do quarto. — Tem uma fôrça extraordinária nos braços, quando está assim excitada.

O judeu enxugou a fronte e sorriu : sentia-se aliviado, vendo enfim esta cena terminada ; mas nem êle, nem Sikes, nem o cão, nem os rapazes, parecia terem visto nela mais do que um incidente ordinário e inerente ao officio.

— É o diabo ter de tratar com mulheres ; — disse o judeu, tornando a colocar o pau no seu lugar — mas são muito finas, e nada conseguiríamos sem elas. Charley, leva Oliveiros para se deitar.

— Suponho que êle não vestirá amanhã o seu fato novo, ¿ não é verdade, Fagin ? — perguntou Charley Bates.

— Não tenhas êsse receio — respondeu o judeu, num riso de escárnio, como aquêle com que Charley fizera a pergunta.

Mestre Bates, que deu mostras de ficar encantado com esta incumbência, pegou no pau que tinha a vela e conduziu Oliveiros a uma cozinha próxima, onde havia duas ou três camas semelhantes àquela em que Oliveiros dantes dormira. Ai, o snr. Bates, depois de ter rido com tôda a vontade, restituiu a Oliveiros os andrajos de que êle com tanta satisfação se desfizera em casa do snr. Brownlow. O acaso quisera que Fagin os reconhecesse nas mãos do judeu que os comprara, e esta circunstância fôra o primeiro indício que o pusera na pista do paradeiro de Oliveiros.

— Despe o teu belo fato ; — disse Charley — dá-lo-ei a Fagin, que cuidará dêle. Ah ! a boa farsa !

O pobre Oliveiros obedeceu, bem contra sua vontade ; mestre Bates enrolou as roupas novas, meteu-as debaixo do braço e saiu ; fechou a porta à chave e deixou Oliveiros às escuras.

As gargalhadas de Charley e a voz de Miss Betty, que chegou a propósito para borrfifar com água fria a sua amiga e fazê-la recuperar os sentidos, bastariam para impedir de conciliar o sono a muitas pessoas que se encontrassem em circunstâncias mais felizes do que aquelas em que se achava Oliveiros ; mas elle estava doente e extenuado de fadiga ; e não tardou a adormecer profundamente.

XVII

Como a sorte de Oliveiros continua a ser má, vem um grande homem a Londres denegrir a sua reputação

É costume no teatro, em todo o bom melodrama bem sangrento, apresentar alternativamente cenas trágicas e cenas cómicas entremeadas, como as camadas ora vermelhas ora brancas dum toucinho listrado. Mostra-se-nos, jazendo num grabato, o herói, esmagado sob o pêso das suas desgraças ; na cena seguinte, o seu fiel escudeiro, ignorando a sorte de seu amo, vem alegrar o auditório com uma canção cómica. Vemos comovidamente a heroína, á mercê dum barão cruel e orgulhoso, exposta a perder a honra ou a vida e puxando do punhal para salvar uma pelo preço da outra ; e, justamente quando o nosso interêsse chega ao mais alto ponto, ouve-se um assobio, e eis-nos transportados súbitamente a uma grande sala dum castelo, onde um velho senescal, de cabeleira grisalha, canta uma ária divertida, fazendo côro com um grupo ainda mais divertido de vassallos, que não têm outra coisa a fazer, e andam a errar pelo mundo em companhia, cantarolando perpétuamente.

Estas mudanças de cena parecem absurdas ; mas não são tão inverosímeis como poderíamos supôr á primeira vista. & Não nos apresenta a vida real tran-

sições semelhantes a estas? Agora alegrias, e instantes depois, um leito de morte; agora trajos de luto, logo adornos de festa. Mas então somos nós os actores, em vez de testemunhas passivas dos acontecimentos, e isso faz uma enorme diferença. Os actores que na vida do teatro nos apresentam cenas tão expressivas não fazem reparo nas transições violentas e nos súbitos transportes de paixão ou de sentimento que a vida real apresenta, mas se tais espectáculos se oferecem aos olhos de simples espectadores, tanto basta para que elles sejam condenados como despropositados e excessivos.

As mudanças súbitas de cena, de tempo e de lugar, não são unicamente sancionadas nos livros por um longo uso; são ainda consideradas por muita gente como sendo a grande arte da composição. Há mesmo certos criticos que só apreciam o talento de um autor na razão dos dilemas em que elle deixa os caracteres das suas personagens no fim de cada capítulo. Este curto preâmbulo talvez pareça inútil. Em todo o caso, deve ver-se nelle, da parte do historiador, uma maneira delicada de prevenir os seus leitores de que vai reconduzi-los à cidade natal de Oliveiros Twist, e que elle tem boas e substanciais razões para os obrigar a fazer essa viagem.

Uma bela manhã, muito cedo, o snr. Bumble saiu, de cabeça erguida, do asilo de mendicidade, e começou a subir a grande rua com passo majestoso. Caminhava em todo o brilho e esplendor da sua dignidade de prefeito. Os raios do sol nascente brincavam-lhe no tricórnio e no casaco; sustentava o bastão com a tenacidade vigorosa que só dão a saúde e a pujança. O snr. Bumble andava sempre de cabeça levantada; mas nessa manhã levava-a mais levantada do que nunca. Havia qualquer coisa de abstracto no seu olhar, e no seu porte uma altivez que annunciava que graves reflexões, demasiado importantes para serem comu-

níçadas a alguém, atravessavam o cérebro do prefeito.

O snr. Bumble não parou no caminho para conversar com os pequenos negociantes ou outras pessoas que lhe dirigiam respeitosamente a palavra; apenas respondia aos seus cumprimentos com um simples acêno de mão. Assim manteve a dignidade do seu porte até que chegou à granja onde a snr.^a Mann velava, com paroquial cuidado, sôbre as crianças pobres.

— Que vá para o diabo êsse prefeito! — exclamou a snr.^a Mann, ao ouvir os bem conhecidos empuxões dados à porta do jardim. — A esta hora da manhã, não pode ser senão êle! . . . Ah! snr. Bumble, eu bem sabia que não podia ser senão o senhor! que prazer me dá! Entre, senhor, faça favor.

As primeiras palavras dirigiam-se a Suzana, e as exclamações de alegria ao snr. Bumble, enquanto a boa dama abria a porta do jardim e fazia entrar o beleguim solícita e respeitosamente.

— Snr.^a Mann, — disse o snr. Bumble, deixando-se cair lentamente numa cadeira, em lugar de se sentar bruscamente, como qualquer labrego — bom dia, snr.^a Mann.

— Desejo-lhe muito bom dia, senhor, — respondeu a snr.^a Mann, com ar sorridente. — ¿ Tem passado bem, não é assim?

— Assim, assim, snr.^a Mann — respondeu o snr. Bumble. — Uma vida paroquial não é um leito de rosas, snr.^a Mann.

— Ah! snr. Bumble, ¿ a quem o diz? — respondeu esta.

E se as pobres crianças do asilo a ouvissem falar, poderiam ter feito côro com ela.

— A vida paroquial, senhora, — continuou o snr. Bumble, batendo com o bastão na mesa — é uma vida de apoquentações, de tormentos e de arrelias; mas muito bem sabemos que é destino de todos os fun-

cionários públicos serem sempre vítimas das perseguições.

A snr.^a Mann, sem compreender muito bem o que o snr. Bumble queria dizer, ergueu as mãos com ar compungido e suspirou.

— Ah ! tem razão em suspirar, snr.^a Mann ! — disse o prefeito.

Vendo que tinha feito bem, soltou um novo suspiro, com grande satisfação do funcionário, que, reprimindo um gracioso sorriso e contemplando o tricórnio com tôda a seriedade, deixou sair dos lábios estas palavras :

— Snr.^a Mann, vou a Londres !

— Como, snr. Bumble ! — disse ela, recuando dois passos.

— Sim, senhora, a Londres ! — continuou o inflexível prefeito. — Tomo a diligência e levo comigo dois pobres do asilo. Está-se em litigio para os colocar noutra parte, e o conselho de administração encarregou-me, a mim, — ¿ ouve, snr.^a Mann ? — de seguir a questão perante o tribunal de Clerkinwell. E eu pergunto a mim próprio, — acrescentou êle, empertigando-se — se os do tribunal de Clerkinwell não se verão parvos para se verem livres de mim.

— Oh ! senhor, não seja tão severo para com êles — disse a snr.^a Mann com tôda a sua lábia.

— Se o fôr, que o tribunal de Clerkinwell se queixe de si próprio ; — respondeu o snr. Bumble — e se o tribunal de Clerkinwell não terminar esta questão tão airosamente como espera, o tribunal de Clerkinwell só tem que agradecerê-lo a êle próprio.

O snr. Bumble pronunciou estas palavras com modo tão resoluto e mesmo tão ameaçador, que a snr.^a Mann mostrou-se assustada.

— ¿ Vai na diligência ? — perguntou ela emfim. — Julgava eu que era costume mandarem os pobres em carroças.

— Sim, snr.^a Mann, se estão doentes; — disse o prefeito. — Mandamos os pobres que estão doentes em carroças descobertas, quando chove; é para os impedir de se constiparem.

— Oh! — disse a snr.^a Mann.

— Quanto a estes dois, a diligência que faz concorrência encarrega-se deles e leva-os por preço módico — disse o snr. Bumble. — Estão ambos num estado lastimoso, e calculamos que as despesas de transporte custariam menos duas libras que as despesas do entêrro... com a condição, todavia, de que possamos colocá-los em outra paróquia. Espero que o conseguiremos, a não ser que eles se lembrem de morrer pelo caminho, para nos fazer arreluiar. Ah! ah! ah!

O snr. Bumble desatou a rir; os seus olhos deram, porém, com o tricórnio, e retomou o seu ar grave.

— Não esqueçamos os negócios, senhora — disse o prefeito. — Aqui está o seu estipêndio paroquial d'este mês.

O snr. Bumble tirou da carteira algumas moedas embrulhadas num papel, e pediu um recibo, que a snr.^a Mann fêz imediatamente.

— São verdadeiras garatujas, — disse ela — mas, seja como fôr, está em regra. Obrigada, snr. Bumble; muito obrigada, senhor.

Este respondeu com um ligeiro sinal de cabeça às reverências da snr.^a Mann, e pediu noticias das crianças.

— Os queridos tesoiros! — disse a snr.^a Mann, com voz comovida. — Passam admiravelmente, salvo dois, que morreram a semana passada. E o pequeno Dick.

— ¿ Esse rapaz não está melhor? — perguntou o snr. Bumble.

A snr.^a Mann abanou a cabeça.

— É uma criança que tem más disposições, viciosa, um carácter rebelde — acrescentou o snr. Bumble com irritação. — ¿ Onde está elle?

— Vou buscar-lho imediatamente, senhor — respondeu a snr.^a Mann. — Dick! Dick! venha depressa.

Ela encontrou rapidamente a criança, fêz-lhe pôr o rosto debaixo da bomba, enxugou-lho com o vestido; depois, Dick foi conduzido à presença do imponente snr. Bumble, prefeito.

A criança estava magra e pálida; tinha as faces cavadas e olhos brilhantes. O miserável uniforme da paróquia, essa libré de miséria, flutuava-lhe no corpo débil, e os membrosinhos eram definhados como os dum velho.

Tal era a pobre criança que tremia sob o olhar do snr. Bumble, sem ousar erguer os olhos, e receando ouvir a voz do prefeito.

— ¿ Faz o favor de olhar para este senhor, e não ser tão teimoso? — disse a snr.^a Mann.

A criança levantou timidamente a cabeça, e os seus olhos encontraram os do snr. Bumble.

— E então! filho da paróquia, Dick, ¿ que há de novo? — perguntou o snr. Bumble, tomando, muito a propósito, um tom chocarreiro.

— Nada, senhor — respondeu o pequeno com voz trémula.

— Creio-o bem — disse a snr.^a Mann, depois de ter rido com tóda a vontade do gracejo do prefeito. — Não precisa de nada, penso eu.

— Eu desejava muito . . . — balbuciou a criança.

— Como! — interrompeu a mulher. — ¿ És capaz de dizer que tens necessidade de alguma coisa, pequeno tratante?

— Um instante, snr.^a Mann, um instante! — disse o prefeito, levantando a mão com autoridade. — ¿ Que pede, senhor?

— Desejava muito — balbuciou a criança — que alguém que soubesse escrever, prantasse, por mim, algumas palavras num bocão de papel, o dobrasse,

fechasse e guardasse, depois que eu estiver debaixo da terra.

— ¿ Que quere dizer esta criança ? — exclamou o snr. Bumble, em quem o tom veemente e a aparência doentia de Ricardo haviam feito alguma impressão, embora endurecido como estava por tais espectáculos.

— ¿ Que quere dizer com isso, senhor ?

— Desejava — continuou a criança — deixar algumas palavras de amizade ao pobre Oliveiros Twist, e dar-lhe a saber quantas vezes chorei ao pensar que éle errava à aventura, durante as noites escuras, sem ninguém que o socorresse . . . E desejava também dizer-lhe — acrescentou a criança, juntando as mãozinhas e falando com grande fervor — que estou contente por morrer tão novo ; porque talvez, se tivesse vivido até ser homem e me fizesse velho, a minha irmãzinha, que está no céu, se esquecesse de mim ou não me reconhecesse : vale muito mais sermos ambos crianças lá em cima.

O snr. Bumble contemplava o pequeno orador dos pés à cabeça, num espanto indescritível e, dirigindo-se à snr.^a Mann, disse :

— Em todos é a mesma cantiga ; êsse descarado de Oliveiros desmoralizou-os a todos.

— ¿ Quem poderia suspeitá-lo, senhor ? — disse a snr.^a Mann, levantando as mãos e olhando para Dick com rancor. — Nunca vi um velhaquete tão endurecido !

— Leve-o, senhora ! — disse o snr. Bumble com autoridade. — Tem de se dar conta disto ao conselho de administração, snr.^a Mann.

— Espero que êsses senhores compreenderão que não tenho culpa nenhuma disto ! — disse a snr.^a Mann, choramingando.

— Esteja sossegada que compreenderão, senhora ; eles serão postos exactamente ao corrente da questão — disse o snr. Bumble. — Olhe, leve-o ; não posso suportar vê-lo.

Dick foi levado imediatamente e fechado à chave na loja do carvão; alguns instantes depois, o snr. Bumble saía para ir fazer os seus preparativos de viagem.

No dia seguinte de manhã, às seis horas, o snr. Bumble, depois de ter trocado o seu tricórnio por um chapéu redondo, e de se ter envolvido num casacão azul, com capuz, tomou lugar na imperial da diligência, na companhia dos dois criminosos de que a administração queria desfazer-se, e com os quais chegou a Londres, no devido tempo. Durante a viagem não experimentou mais dissabores que os que tinham origem no perverso procedimento dos dois indigentes, os quais se obstinavam em tremer e em queixar-se do frio, de maneira a fazerem dizer ao snr. Bumble que elles lhe faziam arrepios, e que estava transido, a-pesar do seu casacão.

Depois de se ter desembaraçado por essa noite dessas pessoas mal intencionadas, o snr. Bumble instalou-se no hotel onde tinha parado a diligência, e jantou modestamente um jantar bastante frugal de carne assada com mólho de ostras, que regou com uma garrafa de porter (1). Depois aproximou a cadeira do fogo, poisou sôbre a pedra da chaminé um copo com um grogue, e após várias reflexões morais sôbre a tendência culpável que têm os homens para murmurarem e se lastimarem, dispôs-se a ler o jornal com tôda a comodidade.

A primeira local que lhe caiu sob os olhos foi o anúncio seguinte :

CINCO GUINÉUS DE RECOMPENSA

* Um rapaz, chamado Oliveiros Twist, desapareceu na passada quinta-feira à noite, do seu domicílio em

(1) Cerveja preta forte. — N. T.

Pentonville, e desde então não se sabe o que foi feito d'ele. A recompensa acima mencionada será concedida a quem fornecer indicações que possam fazer encontrar o dito Oliveiros Twist, ou que lancem alguma luz sôbre a sua história anterior, que o anunciante, por várias razões, tem o maior interesse em conhecer*.

Seguiam-se os sinais de Oliveiros, com uma minuciosa descrição do seu fato e de t'oda a sua pessoa, das circunstâncias do seu desaparecimento e, emfim, o nome e a morada do snr. Brownlow com t'odas as letras.

O snr. Bumble abriu muito os olhos, leu e releu três vezes o anúncio, lenta e atentamente; e cinco minutos depois, dirigia-se para Pentonville, sem sequer ter bebido o seu grogue.

— ¿ O snr. Brownlow está em casa ? — perguntou êle à criada que lhe veio abrir a porta.

A esta pergunta, deu ela a resposta ordinária e evasiva :

— Não sei ; ¿ da parte de quem vem ?

Ainda o snr. Bumble não acabara de pronunciar o nome de Oliveiros e explicar o motivo da visita, e já a snr.^a Bedwin, que estava escutando à porta da sala, se precipitava ofegante no corredor.

— Entre, entre ; — disse ela — eu bem sabia que teríamos notícias d'ele, pobre criança ! eu bem o sabia ! tinha a certeza ! bem o tinha dito !

Assim falando, a bondosa dama voltou para a sala precipitadamente, lançou-se sôbre um sofá e desatou a chorar ; enquanto a criada, que não era tão impressionável ; corria a prevenir o snr. Brownlow e voltava a pedir ao snr. Bumble para a seguir imediatamente, ao que êle logo acedeu.

Introduziu-o no pequeno gabinete onde se encontravam o snr. Brownlow e o seu amigo snr. Grimwig, sentados a uma mesa, com jarros e copos diante de si.

— Um prefeito ! — exclamou êste último, vendo

entrar o snr. Bumble — é um prefeito de paróquia, ou eu comeria a minha cabeça.

— Tenha a bondade de nos não interromper nesta ocasião, — disse o snr. Brownlow. — Queira sentar-se, — ajuntou êle, dirigindo-se ao snr. Bumble.

Este obedeceu, muito perturbado com as maneiras originaes do snr. Grimwig; o snr. Brownlow colocou o candieiro de forma que a luz desse em cheio no rosto do beleguim, e disse com alguma impaciência:

— ¿ O senhor vem aqui em virtude de ter lido o anúncio, não é assim?

— Sim, senhor, — disse o snr. Bumble.

— ¿ E o senhor é prefeito de profissão, não é verdade? — perguntou o snr. Grimwig.

— Sou prefeito de paróquia, senhores, — respondeu o snr. Bumble, com orgulho.

— É isso; — observou o snr. Grimwig à-parte ao seu amigo — eu tinha a certeza; é um prefeito, sem tirar nem pôr.

O snr. Brownlow fêz um leve sinal de cabeça para impôr silencio ao seu amigo, e continuou:

— ¿ Sabe o que é feito dessa pobre criança?

— Tanto como o senhor, — respondeu o snr. Bumble.

— E então! ¿ o que sabe a seu respeito? — perguntou o velho. — Fale meu amigo, se sabe alguma coisa; ¿ o que sabe dêle?

— ¿ Provavelmente não tem nada de bom a dizer? — observou o snr. Grimwig mordazmente, após um atento exame das feições do prefeito.

O snr. Bumble não esperou que lho dissessem duas vezes e abanou a cabeça com ar profundo.

— Vê o senhor! — disse o snr. Grimwig, olhando para o seu amigo, com modo triunfante.

O snr. Brownlow contemplava com apreensão a fisionomia importante do prefeito, e pediu-lhe que expusesse, tão sucintamente quanto possível, tudo o que sabia a respeito de Oliveiros.

O snr. Bumble poisou o chapéu no chão, desabotoou o casaco, cruzou os braços, lançou a cabeça para trás, e, após alguns instantes de reflexão, começou a sua narrativa.

Supérfluo seria reproduzir aqui as próprias palavras do prefeito, que levou bem vinte minutos a discurrir. Em resumo, disse êle que Oliveiros era um enfeitado, nascido de pais obscuros e perversos; que desde o seu nascimento só havia mostrado perfídia, ingratitude e malícia; que terminara a sua curta estada na terra natal, tentando assassinar cobardemente um rapaz inofensivo, e que fugira de noite da casa de seu patrão. Para prova de que êle era realmente a pessoa que pretendia ser, o snr. Bumble estendeu sobre a mesa os papéis que trouxera consigo; depois, cruzando novamente os braços, esperou as observações do snr. Brownlow.

— Receio muito que tudo isso seja bem verdadeiro, — disse o velho gentleman tristemente, depois de ter examinado os papéis. — Aqui tem os cinco guinéus pelas suas informações; mas daria de boa vontade o triplo dessa quantia se elas tivessem sido favoráveis à criança.

Ê provável que, se o snr. Bumble soubesse isso mais cedo, teria dado à sua historiazinha uma côr muito diversa. Mas agora era demasiado tarde; fêz um profundo cumprimento, embolsou os cinco guinéus e saiu.

Durante alguns instantes, o snr. Brownlow pôs-se a passear dum lado para o outro pelo quarto com mostras tão evidentes da perturbação que lhe tinha causado a narração do prefeito, que o snr. Grimwig renunciou a contrariá-lo por mais tempo. Emfim, parou e agitou vivamente a campainha.

— Snr.^a Bedwin, — disse o snr. Brownlow, quando a governante appareceu — êsse pequeno, êsse Oliveiros, ê um impostor.

— É impossível, senhor, completamente impossível ! — disse a velha senhora, enérgicamente.

— Repito-lhe que é um impostor, — replicou o snr. Brownlow. — ¿ Que significa o seu : «É impossível ? » Acabamos de saber a sua história desde o seu nascimento, nunca foi mais tôda a sua vida que um patife de marca.

— Nunca acreditarei semelhante coisa, senhor, — respondeu a velha dama com firmeza. — Nunca !

— Vós outras, mulheres de idade, só acreditais nos charlatães e em contos da carochinha, — murmurou o snr. Grimwig. — Eu já sabia isso há muito tempo. ¿ Por que não me consultaram logo a princípio ? Tê-lo-iam feito, creio eu, se lhe não tivesse dado a febre. Isso tornava-o interessante, ¿ não é verdade ? Interessante ! que lástima !

— Senhor, — replicou a snr.^a Bedwin indignada — era uma criança amável, gentil e reconhecida ; sei bem o que são crianças, há quarenta anos que lido com elas ; e as pessoas que não podem dizer outro tanto fariam melhor se se calassem ; é a minha opinião.

Era uma alusão incisiva ao snr. Grimwig, que tinha ficado solteiro ; como êle se contentou em responder com um sorriso, a dama meneou a cabeça e ia provavelmente preparar-se para continuar a sua arenga, quando o snr. Brownlow lhe impôs silêncio.

— Cale-se ! — disse êle, fingindo uma ira que estava longe de sentir — que eu nunca mais oiça o nome dêsse rapaz ! Foi para lhe dizer isto que a chamei. Nunca, ouve, nunca, seja sob que pretexto fôr. Pode retirar-se, snr.^a Bedwin. Lembre-se bem disto. Não estou a gracejar.

Houve nessa noite dois corações bem tristes em casa do snr. Brownlow.

Quanto ao de Oliveiros, era prêsa da maior dôr, ao pensar nos seus bons amigos de Pentonville ; feliz-

mente para êle, ignorava o que lhes havia contado o prefeito ; porque, se o soubesse, teria estalado de desgosto.

XVIII

Como Oliveiros passava o tempo na companhia dos seus respeitáveis amigos

No dia seguinte, cêrca do meio-dia, depois que o Marau e mestre Bates saíram para tratarem das suas occupações ordinárias, o snr. Fagin aproveitou a occasião de ler a Oliveiros um longo sermão sôbre o medonho pecado da ingratição, e demonstrou-lhe claramente que êle tinha incorrido extraordinariamente no dito pecado, primeiro afastando-se voluntariamente da companhia dos seus amigos, que deixara inquietos, e depois tentando fugir-lhes de novo, depois dêles terem tido tanto trabalho e gasto tanto dinheiro para o encontrarem. O snr. Fagin insistiu principalmente sôbre a hospitalidade que dera a Oliveiros, e sôbre a amizade que lhe havia testemunhado ; fêz-lhe sentir que sem êsse socorro, êle teria provavelmente morrido de fome ; depois contou-lhe a medonha história dum garoto que êle tinha socorrido por caridade, em circunstâncias semelhantes, mas que se mostrara indigno da sua confiança, havia manifestado desejos de entrar em relações com a policia, e acabara desgraçadamente por se fazer enforcar uma bela manhã em Old Bailey. O judeu não procurou dissimular a parte que tomara nessa catástrofe ; mas deplorou, com as lágrimas nos olhos, a cruel necessidade a que o havia levado o mancebo em questão, o qual, pela sua má cabeça e pérfida conduta, tornara indispensável êsse lamentável desenlace para a segurança dêle, Fagin, e de alguns amigos escolhidos. O judeu terminou o seu discurso com a descrição pouco lisonjeira das sensaborias da

forca, e num tom afável e delicado, declarou que nutria a esperança de nunca se ver forçado a submeter Oliveiros Twist a essa desagradável operação.

Ouvindo estas palavras do judeu, o pequeno Oliveiros tremia como varas verdes, bem que só imperfeitamente compreendesse as sinistras ameaças nelas contidas. Sabia já por experiência que a justiça podia confundir o inocente com o culpado, quando por acaso os encontrava de companhia; recordando-se da natureza ordinária das altercações de Fagin com o snr. Sikes, era levado a crer que já o judeu pusera, mais de uma vez, em execução o seu plano para reprimir as indiscrições e fazer desaparecer as pessoas demasiado comunicativas. Havia já percebido certas alusões a alguma antiga maquinação desse género. Ao erguer timidamente os olhos e ao encontrar o olhar perscrutador do judeu, compreendeu que a sua palidez e o seu tremor não haviam escapado ao velho celerado, que não se mostrou aborrecido com isso.

Um medonho sorriso passou no rosto de Fagin; deu um carolo a Oliveiros e disse-lhe que se êle se conservasse bem sossegado e se desse ao trabalho, êle veria que ainda havia de ter ali bons amigos. Depois pegou no chapéu, cobriu-se com um velho casacão remendado, e saiu, fechando a porta à chave por trás de si.

Durante todo êsse dia e nos seguintes, Oliveiros ficou só, desde manhã cedo até à meia noite. Abandonado durante longas horas aos seus pensamentos, dirigia-os sem cessar para os seus bons amigos de Pentonville, e pensava com amargura na deplorável opinião que deviam formar dêle. Ao cabo duma semana, o judeu não continuou a fechar à chave a porta do quarto, e Oliveiros teve a liberdade de vaguear pela casa.

Era uma morada bem imunda. Os compartimentos de cima tinham altas guarnições de madeira, com lar-

gas portas, paredes almofadadas e cornijas que, embora ennegrecidas pelo tempo e cobertas de poeira, deixavam perceber vários ornatos. Oliveiros concluiu daí que outrora, muito tempo antes do nascimento do judeu, essa casa havia pertencido a pessoas duma classe mais elevada, e que talvez, longe de ser medonha e desmantelada como agora, deveria ter sido uma morada alegre e elegante.

As aranhas haviam tecido as suas teias em todos os ângulos das paredes e dos tetos; algumas vezes, enquanto Oliveiros percorria vagarosamente o quarto, um rato que se pusera a saltitar no soalho, fugia espantado para o seu buraco. Com estas excepções, não havia ali sinal visível ou audível de coisa viva; muitas vezes, quando a noite caía, e que estava fatigado de errar de quarto em quarto, ia encolher-se a um canto do corredor que dava para a rua, para estar tão perto quanto possível da sociedade dos vivos, e ficava aí, de ouvido à escuta, a contar as horas, até à chegada do judeu e dos seus discípulos.

Em todos os quartos, as portas carunchosas das janelas estavam cuidadosamente fechadas, e as trancas de ferro que as seguravam estavam fortemente aparafusadas à madeira; a luz só penetrava por alguns buracos redondos, o que dava aos aposentos um aspecto ainda mais sinistro, e os povoava de sombras extravagantes. Havia, numa trapeira do fundo, uma janela sem portas e com uma grade enferrujada; Oliveiros vinha muitas vezes instalar-se aí horas inteiras, olhando para o longe com melancolia; mas não podia ver mais que uma massa confusa de telhados e chaminés negras; algumas vezes, contudo, aparecia, no parapeito duma casa afastada, uma cabeça grisalha, mas não tardava a desaparecer. Demais, como a janela do observatório de Oliveiros estava fechada com pregos e os vidros embaciados pela chuva e pela fuligem, apenas podia distinguir as formas dos objectos

exteriores ; mas, quanto a tentar fazer-se ver ou ouvir, mais lhe valeria estar alojado na bola que encima a catedral de S. Paulo.

Um dia em que o Marau e mestre Bates deviam passar a noite fora, o primeiro destes j6vens gentlemans meteu-se-lhe em cabeça prestar ao seu vestu6rio mais cuidados do que habitualmente ; n6o tinha muitas vezes, deve dizer-se, fraquezas d6ste g6nero ; em consequ6ncia do que se dignou ordenar a Oliveiros que o ajudasse na sua *toilette*.

O pequeno sentia demasiada satisfa76o em se tornar 6til e demasiada sorte em ver rostos humanos, por muito pouco agrad6veis que 6les f6ssem, e ainda demasiado desejo em conciliar a afei76o dos que o rodeavam, quando podia faz6-lo dignamente, para hesitar um instante em satisfazer a vontade do Marau ; 6ste sentou-se s6bre a mesa, e Oliveiros, ajoelhando no ch6o, entregou-se a uma opera76o a que o snr. Dawkins chamava *envernizar os butes*.

Quere o Marau experimentasse 6sse sentimento de liberdade e de independ6ncia que pode imaginar-se que sente todo o animal racional, quando est6 indolentemente sentado s6bre uma mesa, a fumar o seu cachimbo e baloi76ando despreocupadamente uma perna, enquanto lhe engraixam as botas, sem sequer ser perturbado nas suas reflex6es pelo inc6modo de as ter descal76ado ou a perspectiva do aborrecimento de as ter de cal76ar novamente ; quer f6sse a excel6ncia do tabaco que lhe lisonjeasse os sentimentos, ou a boa qualidade da cerveja lhe influisse no humor, o certo 6 que se abandonou a um transporte de entusiasmo que contrastava singularmente com o seu car6cter habitual. Durante alguns momentos, baixou pensativamente os olhos s6bre Oliveiros, e depois, erguendo a cabe76a, disse, com um suspiro, meio 6 parte e meio para mestre Bates :

— Que pena que 6le n6o seja do oficio !

— Ah ! sim ; — disse Carlos Bates — mas êle não sabe o que lhe convém !

O Marau soltou outro suspiro e retomou o cachimbo. Charley fêz outro tanto, e ambos fumaram em silêncio durante alguns instantes.

— ¿ Aposto em como tu nem sequer sabes o que é o officio ? — disse o Marau, com ar de comiserção.

— Creio que sim ; — respondeu Oliveiros, levantando a cabeça — isso quere dizer rou . . . É o que os senhores fazem, ¿ não é verdade ? — perguntou êle contendo-se.

— Sim, — respondeu o Marau — e eu teria vergonha de fazer outra coisa.

Ao mesmo tempo pôs o chapéu sôbre a orelha com ar brigão, e olhou para mestre Bates, como para o convidar a dizer o contrário, se ousasse ; depois continuou :

— Sim, é o meu officio ; e é o de Charley, de Fagin, de Sikes, da Nancy, da Bety, de nós todos, a acabar pelo cão, que fecha a marcha.

— E que é o menos disposto a trair — ajuntou Charley Bates.

— Não seria êle — disse o Marau — que se lembraria de ladrar no banco das testemunhas e de ir comprometer-se ; mas se o prendessem e o deixassem quinze dias sem comer . . .

— Nada disso — observou Charley.

— É um cão patusco — continuou o Marau. — Quando está em sociedade, como êle olha ameaçadoramente para quem quer que seja que se ponha a rir ou a cantar ! E não rosna quando ouve tocar rabeca, nem detesta os cães de qualquer outra raça ! Oh ! não !

— É um perfeito cristão ! — disse Charley.

Mestre Bates queria apenas com isto prestar homenagem às qualidades do animal, mas era ainda uma observação muito apropriada noutro sentido, se mes-

tre Bates tivesse disso consciência; porque há um grande número de senhoras e de cavalheiros que reivindicam a honra de ser considerados como perfeitos cristãos, e que se assemelham bastante ao cão do sr. Sikes.

— Está bem, está bem — disse o Marau, voltando ao assunto da conversa, com aquela atenção natural ao seu officio que influencia em todos os seus actos. — Isto nada tem que ver com o jovem Verduras aqui presente.

— É verdade — disse Charley. — Oliveiros, ¿por que te não pões tu ao serviço de Fagin?

— Farias a tua fortuna! — ajuntou o Marau, rindo.

— Viverias dos teus rendimentos, e farias de cavalheiro, como eu tenciono, pela Páscoa ou pelo Espírito-Santo.

— Isso não me seduz — respondeu timidamente Oliveiros. — Desejava bem que me permitissem ir-me embora. Eu... eu... preferia ir-me embora.

— E Fagin prefere que tu fiques! — replicou Charley.

Oliveiros sabia-o muito bem, mas, julgando perigoso explicar-se mais claramente, suspirou e continuou a engraxar as botas do Marau.

— Ora vamos! — exclamou este. — ¿Tu não tens ânimo, tu não tens amor próprio? ¿Quererias viver á custa dos teus amigos?

— Oh! fora! — disse mestre Bates, tirando dois ou três lenços de sêda do bôlso e deitando-os para um armário. — Seria ignóbil!

— Quanto a mim, não poderia viver assim! — disse o Marau, com um ar de profundo desdém.

— O que o não impede de abandonar os seus amigos, — disse Oliveiros com um leve sorriso — e de os deixar punir em seu lugar.

— Quanto a isso, — respondeu o Marau, com um gesto do seu cachimbo — era por pura consideração para com Fagin, porque os bufos sabem que trabalha-

mos com êle, e se nós não nos tivéssemos safado, êle teria sofrido com isso. Foi êsse o único motivo, ¿ não é verdade, Charley ?

Mestre Bates fêz um sinal de assentimento, e ia responder quando a recordação da fuga de Oliveiros lhe acudiu tão inopinadamente ao espirito que desatou a rir e o fumo que estava engolindo o sufocou, subindo-lhe à cabeça e descendo-lhe à garganta, o que provocou um ataque de tosse, acompanhado de pontapés no chão, que durou cêrca de cinco minutos.

— Olha, vê isto ; — disse o Marau, tirando do bôlso um punhado de xelins e de meios pênis — eis o que se chama levar uma vida alegre ! ¿ E donde vêm todos êstes ganhos ? Há muito mais no sitio donde os fui tirar. ¿ Queres ou não queres ? Que precioso idiota que és !

— ¿ É bem feio, não é verdade, Oliveiros ? — perguntou Charley Bates. — Êle acabará por se fazer pendurar, ¿ não te parece ?

— Não sei o que isso quere dizer — respondeu Oliveiros.

— É assim pouco mais ou menos, meu velho — disse Charley. (Dizendo isto, agarrou numa ponta da gravata, e, sustentando-a no ar, inclinou a cabeça sobre o ombro, e fêz estalar os dentes de uma maneira singular, mostrando assim, com essa pantomima expressiva, que fazer-se pendurar ou fazer-se enforcar era uma e a mesma coisa). — Eis o que isso quere dizer — continuou Charley — mas olha, Jack, com que ar embasbacado êle me fita . . . Nunca vi um inocente como êste ! Êste rapaz há-de ser a causa da minha morte, vejo-o bem.

E mestre Carlos Bates, depois de se ter rido de novo até as lágrimas, continuou a fumar o seu cachimbo.

— Tu não fôste bem educado, Oliveiros — disse o Marau, olhando para as botas, que Oliveiros lhe tor-

nara lustrosas. — Contudo, Fagin fará alguma coisa de ti, ou serás tu o primeiro a não tirar nenhum proveito disto. Seria melhor que metesses mãos à obra imediatamente, porque lá virás a chegar um dia ou outro, sem dares por isso, e estás apenas a perder tempo.

Mestre Bates reforçou este conselho com várias reflexões morais da sua lavra, esgotadas as quais o seu amigo snr. Dawkins e êle entabularam: um longo diálogo sôbre os mil divertimentos da vida que levavam; insinuaram, repetidas vezes, a Oliveiros, que o melhor partido que tinha a tomar era merecer sem mais delongas a benevolência de Fagin, empregando os meios de que êles se tinham servido para a adquirir.

— E mete bem isto na cabeça, Nolly — disse o Marau, ouvindo o judeu abrir a porta — se tu não escamoteias grilos...

— De que serve falares-lhe assim? — objectou mestre Bates. — Êle nem sequer comprehende o que tu queres dizer!

— Se não escamoteias relógios e lenços, — continuou o Marau, servindo-se de expressões ao alcance da capacidade de Oliveiros — outros o farão; tanto pior para aquêles que o não fizerem, e tanto pior para ti também; ninguém apanha nem mais um real por isso, excepto quem lhe deitar a mão; e tu tens tanto direito a êles como os outros.

— Sem dúvida, sem dúvida; — disse o judeu, que tinha entrado, sem que Oliveiros desse por isso — tudo isso é uma frioleira (1), meu caro, podes acreditar o Marau. Ah! ah! até aquêle comprehende o catecismo da sua profissão!

Emquanto assim dava o seu assentimento ao arra-

(1) A letra: * tudo isso está numa casca de avelã (*it all lies in a nutshell*). — N. T.

zoado do Marau, o velho judeu esfregava as mãos com satisfação, e aplaudia-se da proficiência do seu discípulo.

A conversa ficou por aí, porque o judeu havia entrado em companhia de Miss Bety e dum cavalheiro que Oliveiros ainda não vira, mas que o Marau cumprimentou com o nome de Tom Chitling, e que, depois de ter estado na escada a dirigir alguns galanteios á dama, fizera a sua aparição.

O snr. Chitling era mais velho do que o Marau e contava cêrca de dezoito primaveras; mas tomava, para com o seu jovem confrade, um tom de deferência que parecia indicar que se reconhecia um pouco inferior a êle em génio e habilidade profissional. Tinha uns olhos pequeninos, que piscava constantemente, e o rosto picado das bexigas; um barrete de lontra, uma jaqueta de belbutina castanha, umas calças se-bentas de fustão e um avental, compunham todo o seu vestuário. A bem dizer, o seu guarda-roupa não estava já apresentável; mas desculpou-se para com os assistentes dizendo que acabara o seu « tempo » havia apenas uma hora, e que tendo usado o uniforme regulamentar durante seis semanas, não dispusera de tempo para se ocupar do seu. O snr. Chitling acrescentou, com fortes sinais de irritação, que haviam adoptado ali um novo sistema de fumigações para as roupas, sistema infernal e inconstitucional, que as queimava, sem que se pudesse recorrer de tal injustiça; protestou também enêrgicamente contra o uso regulamentar de cortar o cabelo ás pessoas, e declarou essa medida absolutamente ilegal; emfim, terminou as suas observações afirmando que, durante quarenta e dois mortais dias de trabalho forçado, não havia bebido uma gota fôsse do que fôsse, e que consentia em ser empalado, se não estivesse tão sêco como um cêsto de cal.

— Oliveiros, — perguntou o judeu, com um sorriso sardónico, enquanto os outros rapazes colocavam sôbre

a mesa uma garrafa de licor — ¿ donde pensas tu que vem este senhor ?

— Eu... eu... não sei, senhor — respondeu a criança.

— ¿ Quem é aquêle ? — perguntou Tom Chitling, lançando a Oliveiros um olhar desdenhoso.

— É um dos meus jóvens amigos, meu caro — replicou o judeu.

— Tem sorte — disse o mancebo, lançando a Fagin um olhar de inteligência. — Não te inquietes em saber donde venho, meu rapaz. Tu tomarás bem depressa o mesmo caminho, aposto uma coroa (1).

Os jóvens ladrões riram deste dito, e após alguns gracejos mais sôbre o mesmo assunto, trocaram com Fagin algumas palavras em voz baixa, e deixaram o quarto.

Depois de terem conversado alguns instantes em particular, o recém-chegado e Fagin foram assentar-se junto do fogo. O judeu disse a Oliveiros que se viesse sentar ao pé dêle, e fêz-se cair a conversa sôbre os assuntos mais próprios para interessar os seus ouvintes. Discorreu sôbre as grandes vantagens do officio, sôbre a proficiência do Marau, a amabilidade de Charley Bates e a liberalidade dêle, Fagin. Quando esgotou todos êsses assuntos, e como o snr. Chitling caísse de fadiga (efeito ordinário de uma demora de algumas semanas na casa de correcção), miss Bety retirou-se, e o grupo separou-se para ir dormir.

A partir dêsse dia, raramente deixaram Oliveiros sôzinho ; puseram-no quási continuamente em relações com os dois rapazes, que todos os dias se exercitavam com o judeu no seu divertimento favorito. ¿Seria para os tornar mais hábeis ou para habituar pouco a pouco Oliveiros ? A isto o snr. Fagin poderia responder me-

(1) Moeda inglesa, equivalente a 5 xelins. — N. T.

lhor do que ninguém. Algumas vezes, o velho contava-lhes histórias de roubos que elle tinha cometido na sua mocidade, e fazia-o de maneira tão divertida e curiosa, que Oliveiros não podia impedir-se de rir com tóda a vontade e de mostrar que, a respeito da delicadeza dos seus sentimentos, tais narrações não deixavam de o divertir.

Numa palavra, o astucioso velho apanhara a criança nas suas rédes; depois de a ter levado pela solidão e pela tristeza, a preferir qualquer companhia ao isolamento dessa lúgubre morada, sem outro pasatempo que não fôsem os seus tristes pensamentos, instilava-lhe pouco a pouco na alma o veneno com que contava para a corromper e contaminar para sempre.

XIX

Discussão e adopção dum plano de campanha

Por uma noite fria, húmida e ventosa o judeu, depois de ter abotoado até o pescoço o seu casacão e levantado a gola até ás orelhas, de modo a esconder-lhe a parte inferior do rosto, saiu da sua toca. Parou um instante no limiar, emquanto, por detrás d'ele, a porta se fechava á chave e se corriam os fechos; escutou para se assegurar de que os seus discípulos se desempenhavam bem dessas medidas de prudência, e, quando deixou de ouvir o ruído dos seus passos ao retirarem-se, afastou-se rapidamente.

A casa onde haviam conduzido Oliveiros era nas proximidades de Whitechapel. Chegando á esquina da rua, o judeu parou novamente, lançou em tórno um olhar desconfiado, depois passou para o outro lado, e dirigiu-se para Spitalfields.

Uma lama espessa cobria o pavimento; as ruas estavam mergulhadas no nevoeiro; a chuva caía lenta-

mente, o ar era frio, o solo escorregadio : parecia, numia palavra, uma noite feita expressamente para uma criatura tal como o judeu se ausentar de casa.

Caminhando assim pé-ante-pé, encostado às paredes ou dissimulando-se sob os alpendres, o hediondo velho assemelhava-se a um nojento réptil saído da lama e das trevas e rojando-se na sombra, à procura de alguns sobejos de imundície.

Percorreu um grande número de vielas estreitas e tortuosas, até que atingiu Bethnal Green ; depois, voltando repentinamente à esquerda, embrenhou-se num dédalo de miseráveis ruas sujas, como se encontram tantas nesse bairro escondido, mas populoso de Londres.

Ao judeu era evidentemente bastante familiar o terreno que atravessava para se desorientar o menos que fôsse pelo escuro da noite ou as complicações labirínticas do caminho. Percorreu a passos apressados numerosas ruas e bécos, e penetrou enfim numa rua illuminada por um único revérbero colocado na outra extremidade. Bateu à porta duma casa, e, depois de ter trocado algumas palavras em voz baixa com a pessoa que veio abrir, subiu a escada.

Na ocasião em que êle tocava no fecho da porta, um cão rosnou, e ouviu-se uma voz de homem perguntar :

— ¿ Quem vem lá ?

— Sou eu, Bill, só eu — disse o judeu, deitando um olhar para o quarto.

— Entre então — disse Sikes. — Deita-te aí, maldito animal ! ¿ Não conheces então o diabo, quando êle veste o seu casacão ?

O abafado de Fagin havia, sem dúvida, iludido o cão : porque, logo que o judeu o desabotoou e o poisou nas costas duma cadeira, o animal voltou para o seu canto, agitando a cauda e mostrando assim que estava tão satisfeito quanto a sua natureza o permitia estar.

— Então ? — disse Sikes.

— ¿ Então, meu amigo ? — respondeu o judeu. — Ah ! a Nancy.

O judeu dirigiu-se à rapariga com um certo embaraço, e como se duvidasse do acolhimento que lhe seria feito ; porque era a primeira vez que a via depois que ela intervieria em auxílio de Oliveiros. Mas as suas dúvidas, se as tinha, em breve se dissiparam pelo procedimento de Nancy para com êle ; retirou os pés do guarda-fogo, afastou a cadeira e disse a Fagin que aproximasse a sua, porque a noite estava glacial.

— Faz muito frio, minha querida Nancy — disse o judeu, aquecendo as magras mãos. — Parece que nos gela até a alma — acrescentou êle, levando a mão ao lado esquerdo.

— Seria preciso um famoso frio para lhe chegar até o coração — disse o snr. Sikes. — Nancy, dá-lhe qualquer coisa de beber. Avia-te, com mil trovões ! Faz-me doente ver esta magra e velha carcassa a tremer desta maneira, como um medonho espectro que tivesse saído agora mesmo da sepultura.

Nancy apressou-se a tirar uma garrafa de um armário em que havia muitas outras, e que, a julgar das suas diferentes formas, estavam cheias de várias espécies de licores. Sikes encheu um copo de aguardente e convidou o judeu a esvaziá-lo.

— Basta, Bill ; obrigado — disse o judeu, poisando o copo depois de ter apenas humedecido os lábios.

— Como ! ¿ você tem medo de que lhe dêmos cabo da pele ? — perguntou Sikes, olhando fixamente para o judeu. — Uf !

O snr. Sikes, com o mais profundo desprezo, pegou no copo e lançou nas cinzas o resto do líquido que êle continha ; depois encheu-o novamente e esvaziou-o dum trago.

Emquanto o seu companheiro encheu pela segunda vez o copo, o judeu relanceou a vista em tórno do

quarto, não por curiosidade, porque o tinha visto já muitas vezes, mas com essa expressão inquieta e desconfiada que lhe era habitual. Estava pobremente mobilado, e só os objectos contidos no armário indicavam que não era ocupado por um simples operário. Nada podia despertar as suspeitas, salvo duas ou três grandes mocas colocadas a um canto, e um cacete pendurado por cima do fogão.

— Vamos, — disse Sikes fazendo estalar os beiços — agora estou às suas ordens.

— ¿ Para falar de negócios? — perguntou o judeu.

— Sim, para falar de negócios — respondeu Sikes. — Portanto, diga o que tem a dizer.

— A propósito dessa casa de Chertsey, Bill — disse o judeu, aproximando a cadeira e falando muito baixo.

— Sim; ¿ e então? ¿ o que há? — perguntou Sikes.

— Ah! você bem sabe o que eu quero dizer, meu caro — respondeu o judeu. — ¿ Não é verdade, Nancy, que êle sabe o que eu quero dizer?

— Não, êle não sabe nada, — disse, em ar de escárnio, o snr. Sikes — ou não quer saber, o que é a mesma coisa. Fale, e dê às coisas o seu nome. Não se me ponha para aí a piscar os olhos e a falar-me por enigmas, como se não fôsse você quem primeiro teve a idéia dêsse roubo. Explique-se, que diabo!

— Silêncio, silêncio, Bill! — disse o judeu, que havia tentado inutilmente moderar a indignação do snr. Sikes. — Poderiam ouvir-nos, meu caro, poderiam ouvir-nos.

— E então! que nos ouçam! — replicou Sikes. — ¿ Que me importa?

Compreendeu todavia que importava, porque baixou a voz ao pronunciar estas palavras e tornou-se mais calmo.

— Vamos, vamos, — disse o judeu com tôda a sua

lábria — era só por prudência . . . nada mais. Agora, meu caro, falemos dessa casa de Chertsey ; ¿ quando se dá o golpe, hein, Bill ? ¿ Quando se dá o golpe ? Tanta prata, meu caro, tanta prata ! — continuou êle, esfregando as mãos e elevando as sobranceiras, como se já tivesse em seu poder o tesouro.

— Não há nada a fazer — disse friamente Sikes.

— Nada a fazer ! — repetiu o judeu, encostado às costas da cadeira.

— Não, nada — replicou Sikes. — Pelo menos, não é negócio arrumado, como nós esperávamos.

— Então, é porque não se trabalhou bem — disse o judeu, pálido de cólera. — Não me diga mais nada.

— Mas eu quero dizer-lhe — replicou Sikes. — ¿ Quem é você para se recusar a ouvir-me ? Digo-lhe que há quinze dias que Tobias Crackit ronda em volta da casa, e não pôde fazer escorregar um criado.

— ¿ Quere dizer com isso, Bill, — interrompeu o judeu, serenando à medida que o seu companheiro se exaltava — que se não pôde seduzir nenhum dos dois criados ?

— Sim, era isso que eu lhe queria dizer — respondeu Sikes. — Há vinte anos que estão ao serviço da velha, e nem que lhes dessem quinhentas libras, queriam ouvir coisa nenhuma a tal respeito.

— Mas, meu caro, — observou o judeu — ¿ e as mulheres ? ¿ Não se pôde conseguir alguma coisa por êsse lado ?

— Absolutamente nada — respondeu Sikes.

— ¿ Nem mesmo por intermédio do sedutor Tobias Crackit ? — disse o judeu com incredulidade. — Bem sabe o que são as mulheres, Bill.

— Não, nem mesmo por intermédio do sedutor Tobias Crackit, — respondeu Sikes. — Êle diz que pôs umas suíças postiças e um colete côr de canário durante todo o tempo que por ali andou, e que não deu nada.

— Deveria ter pôsto uns bigodes e usar umas calças de militar, meu caro — disse o judeu.

— Assim fêz também, — replicou Sikes — mas não surtiu mais efeito.

A estas palavras o judeu pareceu ficar desconcertado, e, depois de ter reflectido alguns instantes com o queixo apoiado no peito, levantou a cabeça para dizer, com um fundo suspiro, que se o relatório do sedutor Tobias Crackit era exacto, seria para recear que o negócio fôsse pela água abaixo.

— E todavia, — ajuntou o velho, poisando as mãos sôbre os joelhos — é uma coisa deplorável, meu caro, perder tantas riquezas que julgávamos já possuir.

— É verdade ; — disse o snr. Sikes — é azar !

Um longo silêncio se seguiu, durante o qual o judeu se conservou mergulhado em profunda reflexão ; as suas feições contraídas tinham uma expressão verdadeiramente diabólica. Sikes observava-o de vez em quando furtivamente, e Nancy, receando sem dúvida irritar o bandido, conservava-se imóvel, com os olhos fixos no fundo do fogão, como se não tivesse ouvido uma palavra da conversa.

— Fagin, — disse Sikes, rompendo sùbitamente o silêncio — ¿dar-me-á cinqüenta soberanos além da minha parte, se conseguirmos alguma coisa pelo lado de fora ?

— Sim — disse o judeu, como se saísse sùbitamente dum sonho prolongado.

— ¿ Está dito ? — perguntou Sikes.

— Sim, sim, meu caro — replicou o judeu, apertando a mão de Sikes.

Os olhos brilhavam-lhe, e todos os músculos do rosto traíam a emoção que lhe causava êste pedido.

— Nesse caso, — disse Sikes, repelindo a mão do judeu com um certo desdém — far-se-á a coisa quando quiser. Na noite de anteontem, eu e Tobias escalámos o muro do jardim, e examinamos as portas das janelas

e os batentes da porta. A casa é aferrolhada de noite como uma prisão, mas há um lugar onde podemos arrombar sem ruído.

— ¿ Onde é, Bill? — perguntou o judeu com interesse.

— Você sabe, — disse Sikes muito baixo — depois de se ter atravessado o tabuleiro de relva . . .

— Sim, sim — disse o judeu, avançando a cabeça e abrindo muito os olhos.

— Hum! — fez Sikes, parando súbitamente a um leve sinal de cabeça da rapariga, que lhe fazia notar a expressão do rosto do judeu. — ¿ Que lhe importa saber onde é? Você nada pode fazer sem mim, bem o sei; mas é bom estar sempre de prevenção quando se trata consigo.

— Como quiser, meu caro, como quiser — respondeu o judeu. — ¿ Não há necessidade de mais ninguém do que de você e Tobias?

— Não, — disse Sikes — bastamos nós dois, com uma broca e um pequeno; a primeira temo-la nós: compete-lhe a si encontrar o segundo.

— Um pequeno! — exclamou o judeu. — Oh! ¿ então é preciso introduzir-se por uma almofada, hein?

— Não se importe com isso! — replicou Sikes. — Preciso dum pequeno e que não seja alentado. Meu Deus! — continuou êle, após um instante de reflexão — se eu tivesse ao menos o rapazito de Ned, o limpachaminés! . . . Êle impedia-o propositadamente de crescer, e alugava-o nas ocasiões; mas o pai deixou-se agarrar, e então a Sociedade dos Jovens Delinquentes chega, tira o rapaz dum officio onde êle estava a fazer dinheiro, manda-o aprender a ler e a escrever, e com o tempo faz dêle um aprendiz. É assim que êles procedem, — continuou o snr. Sikes, a quem esta recordação excitava a cólera — eis como êles procedem; e se tivessem conseguido bastante dinheiro (o que, graças

a Deus, não aconteceu), no fim dum ano ou dois não nos deixariam meia dúzia de rapazes para o officio.

— É verdade — apoiou o judeu, que, enquanto Sikes falava, se tinha conservado absorvido nos seus pensamentos, e só ouvira as últimas palavras. — Bill !

— ¿ O que é ? — perguntou Sikes.

O judeu fêz um sinal com a cabeça, mostrando Nancy, que se conservava imóvel diante do fogão ; dava assim a entender a Sikes que devia dizer-lhe para abandonar o quarto. Êste encolheu os ombros com impaciência, como se julgasse a precaução desnecessária, mas acedendo ao desejo do judeu, pediu a Miss Nancy que lhe fôsse buscar um jarro de cerveja.

— Tu não queres cerveja nenhuma ! — disse Nancy, cruzando os braços e conservando-se tranqüilamente no seu lugar.

— Já disse que sim ! — respondeu Sikes.

— Ora adeus ! — replicou ela, com sangue-frio. — Continue, Fagin. Eu sei o que Bill vai dizer ; não se importem comigo.

O judeu hesitava ainda. Quanto a Sikes, olhava para um e para o outro com alguma surpresa.

— ¿ Em que é que esta rapariga o pode incomodar, Fagin ? — perguntou êle afinal. — Você conhece-a há tempo sufficiente para ter confiança nela, ou então, com todos os diabos ! Ela não é mulher para dar com a língua nos dentes ; ¿ não é verdade, Nancy ?

— Parece-me bem que não — respondeu a rapariga, aproximando a cadeira da mesa e poisando nela os cotovelos.

— Bem sei, bem sei, minha querida, não duvido disso ; — disse o judeu — mas . . .

E calou-se outra vez.

— ¿ Mas qué ? — perguntou Sikes.

— Não sei se ela estará ainda tão mal disposta, meu caro, como estava a outra noite — respondeu o judeu,

Ao ouvir esta confissão, Miss Nancy deu uma grande gargalhada, e, bebendo de um trago um copo de aguardente, sacudiu a cabeça com ar de desafio e pôs-se a soltar exclamações incoerentes: « Sempre fixe ! Uma pessoa nunca se deixa ir abaixo das pernas ! » e outras semelhantes, o que pareceu tranqüilizar completamente os dois homens. O judeu abanou a cabeça com ar satisfeito e tornou a sentar-se ; o snr. Sikes fez outro tanto.

— Agora, Fagin, — disse Nancy rindo — conte imediatamente a Bill os seus projectos sôbre Oliveiros.

— Ah ! minha querida, és uma finória, és a rapariga mais esperta que conheço ! — disse o judeu, dando-lhe uma palmada no pescoço. — Era justamente de Oliveiros que eu vinha falar, não tenham dúvida. Ah ! ah ! ah !

— ¿ Para quê ? — perguntou Sikes.

— É o rapaz que lhe convém, meu caro — respondeu o judeu em voz baixa, poisando um dedo sôbre o nariz e arreganhando os dentes num riso sardónico.

— Ele ! — exclamou Sikes.

— Aceita, Bill ! — disse Nancy. — No teu lugar, é o que faria ; talvez houvesse outros que conviessem melhor ; ¿ mas que importa isso se se trata apenas de te abrir uma porta ? Asseguro-te que podes contar com êle, Bill.

— É verdade ; — continuou Fagin — há algumas semanas que tem tido um bom treino, e é tempo de começar a ganhar o seu pão. Demais, os outros são muito gordos.

— Está bem ; êle é justamente do tamanho que eu preciso — disse o snr. Sikes, depois de ter reflectido.

— E fará tudo do que precisar, meu caro ; — interrompeu o judeu — nem poderá deixar de fazer, contanto-que lhe meta bastante mêdo.

— Meter-lhe mêdo ! — repetiu Sikes — não terá

pouco, tenha a certeza. Se, durante o trabalho, êle se descuida, se dá um passo em falso, você não o torna a ver vivo, Fagin, pense nisto antes de mo mandar. Note bem as minhas palavras! — acrescentou o bandido, brandindo uma alavanca que acabava de tirar de debaixo da cama.

— Pensei em tudo isso — disse o judeu enérgicamente. — Tenho-o . . . tenho-o debaixo do ôlho, meus amigos, de perto, muito de perto. Que êle sintá por uma vez que é dos nossos; que se convença de que roubou, e pertencer-nos-á . . . pertencer-nos-á por tôda a vida! Oh! isto não podia vir mais a propósito!

O velho cruzou os braços sôbre o peito, enterrou a cabeça entre os ombros e estremeceu de alegria.

— Pertence-nos! — disse Sikes. — Pertence-lhe, quere você dizer.

— Talvez assim seja, meu caro — disse o judeu, sufocando o riso. — Pertence-me, se assim o quere, Bill.

— Mas por que razão, — disse Sikes fitando o seu agradável amigo, com aspecto carrancudo — por que razão se inquieta você tanto com êsse fédelho pálido como cêra quando sabe que há tôdas as noites cinquentá como êle que vagueiam nos arredores de Common Garden, e entre os quais só teria o trabalho de escolher?

— Porque êles não me servem para nada, meu caro — respondeu o judeu, um pouco embaraçado. — Não vale a pena que se tome conta dêles; quando se deixam apanhar, basta-lhes o rosto para depor contra êles, e perco-os a todos. Pelo contrário, com êste rapaz, bem conduzido, meus amigos, posso fazer o que não faria com vinte dos outros. Além disso — disse o judeu, recuperando o domínio de si próprio, — se êle consegue pír-se outra vez, pode perder-nos; é, pois, indispensável que embarque no mesmo bote. Que êle tome parte num roubo, não é preciso mais para que me

pertença inteiramente, é tudo o que eu preciso. Vale mais isso do que ser obrigado a desfazer-me desse pobre pequeno ; isso poderia ser perigoso, e perderíamos com isso, ainda por cima.

— ¿ Para quando é isso ? — perguntou Nancy, na ocasião em que o snr. Sikes ia protestar violentamente e exprimir o profundo desgosto que lhe inspiravam os fingimentos humanitários de Fagin.

— Ah ! é verdade ; — disse o judeu — ¿ para quando é isso, Bill ?

— Combinei com Tobias que fôsse depois de amanhã à noite — respondeu Sikes com voz sombria. — A não ser que lhe dê contra-ordem.

— Bom ; — disse o judeu — não há luar.

— Não — corroborou Sikes.

— ¿ E está tudo disposto para transportar a bolada ? — perguntou Fagin.

Sikes fêz um sinal de cabeça afirmativo.

— E você pensou . . .

— Oh ! Tudo está planeado ; — replicou Sikes, interrompendo-o — não se preocupe com os pormenores. Será melhor que traga o pequeno para aqui amanhã à noite ; abalarei ao romper do dia. Portanto, cale-se e prepare o cadinho : é tudo o que tem a fazer.

Após uma discussão em que as três personagens tomaram parte activa, ficou decidido que no dia seguinte, depois da noite fechada, Nancy iria a casa do judeu e traria Oliveiros. Fagin observou sensatamente que, se o rapaz sentisse repugnância pela empresa, seguiria melhor Nancy do que qualquer outra pessoa, visto que ela interviiera recentemente em seu favor. Estipulou-se formalmente que o pobre Oliveiros seria confiado, sem reserva, para os fins da projectada expedição, aos cuidados e à guarda do snr. Guilherme Sikes, e ainda que o dito Sikes procederia com êle como entendesse, sem assumir qualquer responsabilidade para com o judeu do que pudesse acontecer de

desagradável ou de mau ao rapaz, nem de qualquer castigo que elle julgasse necessário infligir-lhe, com a condição, bem entendido, de que as asserções do snr. Sikes, quando voltasse, seriam confirmadas e corroboradas, em todos os pormenores importantes, pelo testemunho do sedutor Tobias Crackit.

Quando estes preliminares ficaram concluidos, o snr. Sikes pôs-se a beber aguardente copo sobre copo e a brandir a alavanca de maneira pouco tranqüilizadora, cantando a tôda a voz cantigas onde bem pouca música havia, ou proferindo selváticas imprecações. Por fim, num acesso de entusiasmo profissional, fêz empenho em mostrar a sua caixa de utensilios; mas apenas a abriu para explicar a natureza e propriedades das diversas ferramentas que continha, e elogiar o mérito especial do seu fabrico, caiu no soalho sobre a caixa e adormeceu no sítio em que caíra.

— Boa noite, Nancy — disse o judeu, embuçando-se no seu casacão.

— Boa noite.

Os seus olhos encontraram-se, e Fagin lançou á rapariga uma vista de olhos perscrutadora. Ela nem pestanejou. Era tão fiel e tão séria, neste caso, como o próprio Tobias Crackit. O judeu deu-lhe novamente as boas noites, e agraciando, enquanto ella lhe voltava as costas, sorrateiramente, com um pontapé, o snr. Sikes, que continuava estendido no soalho, desceu a escada ás apalpadelas.

— É sempre a mesma coisa — murmurava o judeu entre os dentes, tomando o caminho de casa. — O que há de pior nas mulheres é que um nada lhes recorda um sentimento há muito esquecido; mas o que ellas têm de bom é que isso dura pouco. Ah! ah! o homem contra a criança, por um sacco de oiro!

Iludindo o tempo com estas agradáveis reflexões, o snr. Fagin encaminhou-se, por sobre lamaçais e atoleiros, para a sua escura toca, onde o Marau,

ainda a pé, esperava com impaciência o seu regresso.

— ¿ Oliveiros está deitado ? preciso de lhe falar — foi a primeira frase do judeu ao descer a escada.

— Há muito tempo — respondeu o Marau, abrindo uma porta. — Ei-lo.

A criança, profundamente adormecida, repousava sôbre um grosseiro colchão estendido no soalho. A inquietação, a tristeza, o aborrecimento do cativo, haviam-no tornado pálido como a morte, não tal como ela se nos mostra sob a mortalha e no esquite, mas tal como se nos apresenta no momento em que a vida acaba de se extinguir ; quando uma alma jovem e bondosa acaba de voar para o céu e que o ar impuro dêste mundo não teve ainda tempo de soprar sôbre o pó instável que ela animava.

— Agora não — disse o judeu, afastando-se sem ruído. — Amanhã, amanhã.

XX

Oliveiros é entregue ao snr. Guilherme Sikes

De manhã, quando acordou, Oliveiros não ficou pouco surpreendido encontrando junto da sua cama, em lugar do seu velho calçado, um par de sapatos novos, com umas boas e grossas solas. Esta descoberta alegrou-o a principio, na esperança de que seria talvez o prelúdio da sua libertação ; mas essa esperança em breve se desvaneceu. Ao almoço, como estivesse só com o judeu, êste disse-lhe, com um tom e modo que mais aumentaram os seus receios, que nessa mesma noite viriam buscá-lo para o levarem para casa de Bill Sikes.

— ¿ Para . . . para . . . lá ficar, senhor ? — perguntou Oliveiros ansiosamente.

— Não, não meu amigo, para lá ficar não ; — respondeu o judeu — nós não quereríamos perder-te. Não tenhas medo, Oliveiros, tu voltarás outra vez para o pé de nós. Ah ! ah ! ah ! não teríamos a crueldade de te mandar embora, meu caro ; oh ! isso não !

O velho, que, enquanto assim zombava de Oliveiros, estava agachado junto do fogo, fazendo torrar uma fatia de pão, pôs-se a rir para mostrar que sabia perfeitamente que o pequeno ficaria encantado em lhe escapar, se pudesse.

— ¿ Suponho — continuou êle, olhando-o fixamente — que desejarás saber por que vais para casa de Bill, hein ?

Oliveiros còrou involuntariamente, vendo que o velho ladrão lera no seu pensamento, mas respondeu altivamente, sem hesitar :

— É verdade ; desejaria saber.

— ¿ Não desconfias o que possa ser ? — perguntou Fagin, iludindo a questão.

— Devo-lhe dizer — que não, senhor — respondeu Oliveiros.

— Ora ! — disse o judeu, voltando-se com modo desapontado, depois de ter perscrutado atentamente o rosto da criança. — Nesse caso, espera que Bill te ponha ao corrente.

O judeu parecia muito contrariado por ver que Oliveiros não testemunhava mais curiosidade a êste respeito ; mas, na verdade, êste, embora devorado pela inquietação, estava tão perturbado pelo olhar investigador de Fagin e pelos seus próprios pensamentos, que não pôde perguntar mais nada nesse momento. A ocasião não tornou a oferecer-se, porque o judeu conservou-se taciturno e silencioso até à noite, e depois que anoiteceu preparou-se para sair.

— Podes acender uma vela, — disse o judeu, poisando uma sôbre a mesa — e aqui tens um livro para tu leres, até que te venham buscar. Boa noite.

— Boa noite — respondeu docemente Oliveiros.

O judeu dirigiu-se para a porta, examinando o pequeno por cima do ombro ; depois parou bruscamente e chamou-o pelo seu nome.

Oliveiros levantou a cabeça ; o judeu, mostrando-lhe com o dedo a vela, fêz-lhe sinal para que a acendesse. Elle assim fêz, e quando colocava o castiçal sôbre a mesa, viu que o judeu, com as sobranceiras contraídas, o examinava atentamente do fundo do quarto.

— Tem cuidado, Oliveiros ! tem cuidado ! — disse o velho com um gesto que dizia mais do que as palavras. — É um homem duro, e quando lhe dá a tramontana não recua perante coisa alguma ! Aconteça o que acontecer, não digas nada e faz tudo o que elle quiser. Reflecte bem no que te digo !

Acentuou muito estas últimas palavras ; o seu rosto mostrou uma horrível carantonha sardónica ; fêz um sinal de cabeça e saiu.

Quando o velho desapareceu, Oliveiros encostou a cabeça nas mãos, e reflectiu com angústia nas palavras que acabava de ouvir : quanto mais pensava na recomendação do judeu, mais se perdia em conjecturas sôbre o sentido e o alcance dêsse aviso. ¿Se tinham a seu respeito intenções criminosas, não podiam pô-las em execução tanto em casa de Fagin como na de Sikes ? Pensando bem, acabou por concluir que o haviam escolhido para desempenhar em casa do último algumas funções domésticas, até que elle encontrasse outro rapaz que lhe conviesse mais ; estava demasiadamente habituado a sofrer, e tinha sofrido demasiado em casa do judeu, para que a perspectiva duma mudança se lhe antolhasse muito severa. Conservou-se alguns instantes mergulhado nos seus pensamentos, depois espevitou a vela suspirando, e, abrindo o livro que o judeu lhe deixara, começou a lê-lo.

A princípio folheou-o distraidamente ; mas em breve encontrou uma passagem que lhe chamou a

atenção, e acabou por ficar completamente absorvido na leitura. Era a história da vida e do julgamento dos grandes criminosos; o livro tinha sido tão folheado, que as páginas estavam manchadas e ennegrecidas. Leu a narração de crimes horríveis, de fazer arripiar os cabelos: de assassinios cometidos secretamente em caminhos desviados; de histórias de cadáveres lançados em fossos ou em poços que, embora muito profundos, os não puderam esconder para sempre: ao cabo de alguns anos tinham sido encontrados, e, à sua vista, os assassinos haviam perdido a cabeça, confessado o crime e pedido a grandes gritos que o patíbulo lhes viesse acabar os tormentos. Mais adiante, falava-se de homens que, deitados nos seus leitos no silêncio profundo da noite, tinham sido tentados (como eles diziam) pelos seus maus pensamentos a uma sangueira tão horrível que só a lembrança deles faz arripiar os cabelos e cair inanes os membros. Essas terríveis descrições eram tão reais e tão impressivas que as páginas do livro tomaram aos olhos de Oliveiros uma côr de sangue coalhado, e julgou ouvir os gemidos abafados das vítimas.

O terror da criança foi tal, que fechou o livro e o lançou para longe de si; caiu de joelhos e pediu ao céu com fervor que lhe poupasse tais feitos; e que de preferência lhe enviasse a morte num ápice a permitir que ele se tornasse assim criminoso. Pouco a pouco tranqüilizou-se, e, com voz fraca e trémula, conjurou o céu a que o socorresse no meio dos perigos que o ameaçavam, que tivesse piedade duma pobre criança abandonada que nunca conhecera a afeição dum parente nem dum amigo, e que o amparasse nesse momento em que, desolado e sem apoio, se encontrava só no meio de malvados e delinquentes.

Terminara a sua prece, mas conservava-se ainda de joelhos, com a cabeça escondida entre as mãos, quando um leve ruído o fêz estremecer.

— ¿ Quem é ? — exclamou, levantando-se e notando que estava uma figura junto da porta — ¿ quem está aí ?

— Sou eu, eu só — respondeu uma voz trémula.

Oliveiros levantou a vela acima da cabeça e olhou para o lado da porta : era Nancy.

— Abaixa essa luz, — disse a rapariga, desviando a cabeça — faz-me mal aos olhos.

Oliveiros viu que ela estava muito pálida, e perguntou-lhe delicadamente se estava doente. A rapariga deixou-se cair numa cadeira, de costas voltadas para êle, e torceu as mãos ; mas não respondeu.

— Deus me perdôe ! — disse ela, após um silêncio. — Nunca teria suposto isto !

— ¿ Aconteceu-lhe alguma coisa ? — perguntou Oliveiros — ¿ posso ser-lhe útil ? Se estiver na minha mão, fá-lo-ei. Estou pronto, fale !

Ela agitou-se na cadeira, levou a mão à garganta, soltou um gemido surdo e fêz esforços para respirar.

— Nancy ! — exclamou Oliveiros — ¿ o que tem ?

A rapariga bateu com as mãos nos joelhos e com os pés no chão ; depois sossegou súbitamente, envolveu-se no chale e começou a tremer de frio.

Oliveiros avivou o fogo ; ela aproximou a cadeira do fogão e ficou alguns instantes em silêncio ; emfim levantou a cabeça e olhou em tórno de si.

— Não sei o que me vem às vezes ; — disse ela affectando estar occupada em compor o vestuário — é o efeito dêste quarto sujo e húmido, creio eu. ¿ E agora, Nolly, estás pronto ?

— ¿ Eu vou consigo ? — perguntou Oliveiros.

— Sim — respondeu ela. — Venho da parte de Bill ; tens que vir comigo.

— ¿ Para quê ? — perguntou Oliveiros, recuando dois passos.

— ¿ Para quê ? — repetiu a rapariga, fitando o

pequeno, mas baixando os olhos ao encontrar o seu olhar. — Oh ! para nada de mal !

— Duvido — disse Oliveiros, que a observava atentamente.

— Como quizeres — replicou a rapariga, com riso affectado. — Para nada de bom, então.

Oliveiros pôde ver que exercia alguma influência sôbre a sensibilidade da rapariga, e teve por instantes o pensamento de apelar para a sua comiseração ; mas lembrou-se súbitamente de que eram apenas onze horas, que havia ainda gente nas ruas, e que encontraria sem dúvida alguém que desse crédito às suas palavras. Logo que esta reflexão lhe ocorreu, avançou para a porta e disse, um pouco arrebatadamente, que estava pronto a partir.

Nem essa breve reflexão nem o projecto da criança escaparam a Nancy. Emquanto êle falava, ela examinava-o atentamente ; e lançou-lhe um olhar que bem indicava que adivinhava perfeitamente o que se passava no seu espirito.

— Escuta ! — disse ela inclinando-se para Oliveiros e mostrando-lhe com o dedo a porta, enquanto olhava em roda com precaução. — Tu não podes fugir. Fiz por ti tudo o que pude, mas não houve meio. Estás cercado por todos os lados, e se alguma vez conseguires escapar-te, não é nesta ocasião.

Impressionado pelo seu tom enérgico, Oliveiros contemplou-a com grande surpresa. Parecia dizer a verdade. Estava pálida e agitada, e tremia como varas verdes.

— Já te evitei maus tratos, — tornou ela — e evitar-tos-ei ainda ; é para isso que aqui estou : porque, se fôsse outra pessoa que te viesse buscar, ter-te-ia levado mais rudemente. Prometi que tu estarias quieto e calado ; se o não estiveres, o único resultado será prejudicares-te a ti e a mim também, e talvez isso seja a minha morte. Olha ! vê o que eu já sofri por

tua causa, tão verdade como é certo Deus estar-nos vendo !

Ao mesmo tempo mostrava a Oliveiros o pescoço e os braços cobertos de pisaduras. E continuou, com grande rapidez :

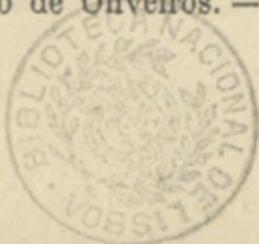
— Não esqueças isto, e não procures neste momento fazer-me sofrer mais por causa de ti ; se pudesse ajudar-te, bem o quereria ; mas isso vai além do meu poder. Não têm a intenção de te fazer mal, e seja o que fôr que te mandem fazer, não é tua a culpa. Cala-te ! cada palavra tua é uma pancada que me dá. Dá-me a tua mão. Depressa ! a tua mão !

Agarrou na mão que Oliveiros lhe estendia maquinalmente, apagou a luz, e arrastou a criança pela escada acima. A porta abriu-se rapidamente, impelida por alguém oculto na escuridão, e fechou-se após terem passado com a mesma rapidez com que se abrira. Esperava-os um trem de aluguel ; Nancy fêz subir Oliveiros com a mesma veemência que tinha mostrado em conduzi-lo, sentou-se junto d'ele e baixou as cortinas. O cocheiro não perguntou para onde iam, e em menos dum segundo o cavalo partiu a tóda a pressa.

Nancy continuava a segurar a mão de Oliveiros e reiterava-lhe em voz baixa os seus conselhos e recomendações. Tudo isto foi questão dum momento ; tivera apenas tempo de pensar onde estava, e o que lhe tinha acontecido, e já a carruagem parava á porta da casa para onde o judeu se dirigira na noite anterior.

Oliveiros lançou um rápido olhar para a rua deserta, e esteve a ponto de gritar por socorro. Mas a rapariga falava-lhe ao ouvido, e supplicava-lhe tão instantemente para se lembrar do que ela lhe dissera, que elle não teve coragem para gritar. Enquanto hesitava, passara a oportunidade ; estava dentro de casa, e a porta fechara-se.

— Por aqui ! — disse a rapariga, largando pela primeira vez a mão de Oliveiros. — Bill !



— Lá vai ! — respondeu Sikes, aparecendo ao cimo da escada com uma vela na mão. — Oh ! tudo vai bem. Subam !

Para um individuo da tèmpera do snr. Sikes, eram palavras que exprimiam uma clara aprovação e um acolhimento extraordinariamente cordial. Nancy mostrou-se-lhe muito sensível, e cumprimentou-o amigavelmente.

— Mandei sair o Turco com Tom ; — observou Sikes, alumiando-lhes — incomodar-nos-ia.

— É justo — replicou Nancy.

— Então sempre trouxeste o cabrito ! — disse Sikes, fechando a porta, logo que entraram no quarto.

— Sim, aqui o tens — respondeu Nancy.

— ¿ Conservou-se sossegado ? — perguntou Sikes.

— Como um cordeiro ! — respondeu Nancy.

— Folgo em o ouvir — disse Sikes, lançando um olhar medonho a Oliveiros — por causa da tua pequena carcassa ; porque de outra forma ela ter-se-ia ressentido. Anda cá, pequeno, e deixa-me dar-te uma lição : é preciso que fiques sabendo isto duma vez para sempre.

Dirigindo-se assim ao seu novo discípulo, o snr. Sikes tirou-lhe a boina, que atirou para um canto ; depois, segurando Oliveiros pelo ombro, assentou-se junto da mesa e colocou a criança diante d'ele.

— Em primeiro lugar, ¿ sabes o que isto é ? — perguntou Sikes, pegando numa pistola de bôlso que estava em cima da mesa.

Oliveiros respondeu afirmativamente.

— Bom, então repara ! — continuou Sikes. — Isto é pólvora, isto uma bala, e isto um pedaço de chapéu velho, para servir de bucha.

Oliveiros murmurou em voz baixa que conhecia o uso d'esses diversos objectos, e o snr. Sikes principiou a carregar a pistola com todo o cuidado.

— Agora está carregada — disse êle, quando terminou.

— Sim, bem vejo, senhor — disse Oliveiros.

— Pois bem ! — disse o bandido, apertando fortemente o pulso de Oliveiros e applicando-lhe o cano da pistola tão próximo da fronte, que a criança não pôde deixar de estremecer. — Se quando saíres comigo para além destas portas, dizes uma palavra, a não ser que eu me dirija a ti, meto-te uma bala na cabeça, sem outro preâmbulo. Assim, se te quiseses dar ao luxo de falares sem permissão, faze primeiro as tuas orações.

Para dar ainda mais fôrça a estas palavras, o snr. Sikes proferiu uma praga sôbre o objecto desta advertência, e continuou :

— Tanto quanto posso saber, ninguém no mundo viria procurar notícias tuas, se fôsses despachado desta para melhor ; portanto, eu não teria necessidade de quebrar a cabeça a dar-te tôdas estas explicações, se não fôsse para teu bem. ¿ Compreendes, hein ?

— Quere isto dizer muito simplesmente, — disse Nancy, acentuando tôdas as palavras como para chamar para elas a atenção de Oliveiros — que se tu és embaraçado por êle no negócio que tens entre mãos, tu impedi-lo-ás para sempre de ir dar à língua a êsse respeito, fazendo-lhe saltar os miolos, e que correrás desta maneira o risco de vir a balouçar na fôrça, assim como expões a cada instante a vida por obrigação do teu officio.

— É isso ! — observou o snr. Sikes, com ar approvador. — As mulheres sabem sempre dizer as coisas em poucas palavras, excepto quando lhes sobe o sangue à cabeça . . . porque então, nunca acabam. E agora, que êle está ao facto, dá-nos alguma coisa de cear e tratemos de dormir um sono antes de partir.

Imediatamente Nancy estendeu a toalha, e, depois de se ter ausentado por alguns minutos, voltou com uma caneca de cerveja e um prato de cabeças de car-

neiro, o que deu ocasião a algumas agradáveis facécias da parte do snr. Sikes, fundadas na singular coincidência da palavra inglesa *jammies* ser um termo de gíria que se aplica tanto aos peraltas como a um engenhoso utensílio muito usado na sua profissão. De facto, o honrado homem, estimulado talvez pela perspectiva duma expedição imediata, entregou-se a um acesso de alegria e de bom humor. Por exemplo, achou divertido beber a cerveja tóda dum só trago, e não praguejou talvez mais que umas oitentas vezes durante a refeição.

Acabada a ceia (concebe-se fácilmente que Oliveiros não tivesse grande apetite para ela), o snr. Sikes bebeu dois copos de licor côm água e lançou-se sôbre o leito, ordenando a Nancy, com mil imprecações para o caso em que ela o não fizesse, que o chamasse às cinco horas em ponto. Ordenou a Oliveiros que se deitasse vestido sôbre um colchão estendido sôbre o sobrado. A rapariga atijou o fogo e assentou-se diante do fogão, preparando-se para os acordar à hora combinada.

Oliveiros esteve muito tempo acordado, a pensar que não seria impossível que Nancy aproveitasse aquela ocasião de lhe dar em voz baixa algum novo conselho ; mas a rapariga conservou-se imóvel diante do fogo salvo, uma ou outra vez, para espevitar a luz. Cansado pela insónia e pela ansiedade, o pequeno acabou por adormecer profundamente.

Quando acordou, havia sôbre a mesa um serviço de chá e Sikes occupava-se em meter diversos objectos nas algibeiras do seu casacão, que estava pendurado nas costas duma cadeira, enquanto Nancy, muito atarefada, preparava o almôço. Ainda não era dia ; a vela continuava a arder, e lá fora era ainda escuro. Uma chuva áspera batia nas vidraças, e o céu parecia negro e coberto de nuvens.

— Vamos ! vamos ! — resmungou Sikes, enquanto

Oliveiros se levantava. — Cinco horas e meia ! Avia-te, ou não terás almoço ; porque é tarde como burro.

Oliveiros não gastou muito tempo a fazer a *toilette* ; comeu alguma coisa e disse que estava pronto.

Nancy, que mal o fitava, atirou-lhe um lenço para agasalhar o pescoço, e Sikes deu-lhe um grande cabeçação de pano ordinário para cobrir os ombros. Assim ataviado, o pequeno deu a mão ao bandido, que parou um instante para lhe mostrar, com gesto ameaçador, que tinha a pistola no bôlso do casacão ; depois, apertando com fôrça na sua a mão de Oliveiros, disse adeus a Nancy e saiu.

Quando transpunham o limiar, Oliveiros voltou a cabeça um instante, na esperança de encontrar um olhar da rapariga ; mas ella retomara o seu lugar diante do lume, e conservava-se completamente imóvel.

XXI

A expedição

Era uma manhã sombria quando se puseram a caminho ; o vento soprava com violência e a chuva caía a torrentes ; nuvens velavam o céu e indicavam a tormenta. A noite tinha sido muito chuvosa, porque grandes poças de água cobriam as ruas, e as valetas trasbordavam. No céu, uma pálida claridade anunciava a aproximação do dia, mas isso mais aumentava do que diminuía o sombrio do cenário ; essa débil luz apenas servia para enfraquecer o brilho dos lampiões, sem iluminar melhor os telhados húmidos e as ruas lúgubres. Parecia que ninguém se levantara ainda nesse bairro da cidade ; tôdas as janelas estavam fechadas, e as ruas que atravessaram conservavam-se desertas e silenciosas.

Quando alcançaram Bethnal-Green, o dia começou

a despontar. Já numerosos candieiros estavam apagados; algumas carroças dirigiam-se lentamente para Londres; de tempos a tempos, uma diligência coberta de lama passava a tôda a brida, e o postilhão, à maneira de aviso, dava, ao passar, uma chicotada ao pesado carroceiro que, não tendo tomado a direita da calçada, o expunha a chegar à estação meio minuto mais tarde. As tabernas, interiormente iluminadas a gás, estavam já abertas. Pouco a pouco outras lojas se abriram também, e encontravam-se alguns transeúntes: bandos de operários que se dirigiam para o trabalho; homens e mulheres levando à cabeça cestos de peixe; carroças de legumes puxadas por jumentos; carrinhos de mão cheios de carne; leiteiras com as suas bilhas; enfim, um concurso ininterrupto de gente que se dirigia com mercadorias de tôda a espécie para os subúrbios orientais da cidade. À medida que se aproximavam da cidade, o ruído e o movimento aumentavam, e, quando penetraram nas ruas situadas entre Shoreditch e Smithfield, encontraram-se no meio dum verdadeiro tumulto. Era tão claro como o poder ser emquanto não vem a noite; e metade da população de Londres tinha-se entregue às suas ocupações da manhã.

Depois de ter descido Sun Street e Crown Street, e atravessado Finsbury Square, o snr. Sikes tomou por Chiswellt Street, Barbican e Long-Lane, e alcançou Smithfield, donde se ergueu um alarido de sons dissonantes que encheu Oliveiros Twist de surpresa.

Era dia de mercado; havia lama até aos tornozelos; um vapor espesso se exalava do corpo dos animais, e confundia-se com o nevoeiro em que desapareciam as chaminés. Todos os cercados, no meio deste vasto recinto, estavam cheios de carneiros; haviam mesmo ajuntado um grande número de cercados provisórios, e prendido a estacas ao longo da valeta, em longas filas, um grande número de bois e de gado de tôda a

espécie. Camponeses, magarefes, boieiros, vendedores ambulantes, crianças, ladrões, ociosos, vagabundos de toda a espécie, formavam uma massa confusa. O assobio dos boieiros, o latir dos cães, o mugido dos bois, o balido dos carneiros, o grunhido e os guinchos dos porcos, os gritos dos vendedores ambulantes, as exclamações, as pragas, as rixas, o som dos chocalhos e o alarido de vozes que saíam de cada taberna, o ruído das pessoas que iam e vinham, que se apertavam, se empurravam, se acotovelavam, se batiam, faziam uma algazarra bárbara; o sussurro que se elevava de cada canto do mercado, o movimento de tantos homens de rosto sujo e esquelético e de barba intonsa, agitando-se em todos os sentidos, acotovelando-se e empurrando-se, tudo contribuía para fazer desse espectáculo uma cena atordoante e desorientadora: havia motivo para ficar aturdido.

Arrastando Oliveiros após elle, o snr. Sikes abria violentamente passagem no mais espesso da multidão, e prestava bem pouca atenção a esse tumulto, que era para a criança uma coisa nova e surpreendente. Por duas ou três vezes cortejou um ou outro conhecido que passava, e resistindo a numerosos convites que recebeu para matar o bicho, avançou rapidamente até que saíram do tumulto e alcançaram Hosier Lane e Holborn.

— Vamos, mancebo! — disse elle, olhando para o relógio da igreja de Santo André. — Estão quasi a betar as sete horas! é preciso dar a perna. Não te deixes ficar para trás, ao menos; parece que andas a cair de lazeira!

Dizendo isto, o snr. Sikes sacudiu bruscamente o braço de Oliveiros, e este, apressando o passo, ou, antes, pondo-se a correr, regulou a sua marcha, o melhor que pôde, pelas grandes pernadas do bandido.

Conservaram esse andamento rápido até além de Hyde-Park, na estrada de Kensington. Sikes demorou

o passo e esperou que uma carroça vazia que vinha a pequena distância atrás deles os alcançasse. Vendo escrito na placa : *Hounslow*, pediu ao carroceiro, com tôda a delicadeza de que era susceptível, se fazia o favor de os levar até *Isleworth*.

— Suba — disse o carroceiro. — É seu êsse pequeno ?

— Ê, sim — respondeu Sikes, olhando de través para Oliveiros e levando a mão ao bôlso onde estava a pistola.

— Teu pai anda um pouco de-pressa para as tuas pernas, ¿ não é verdade, meu homem ? — perguntou o carroceiro, vendo Oliveiros arquejante.

— Qual história ! — objectou Sikes — êle está habituado a isto. Vamos, dá-me a mão, Ned (1) ; sobe de-pressa !

Ao mesmo tempo fazia subir o pequeno para a carroça ; o carroceiro apontou-lhe para um monte de sacos, sôbre os quais lhe disse que se deitasse para descansar.

Vendo succederem-se na estrada os marcos miliários, Oliveiros perguntava a si próprio com espanto onde é que o seu companheiro o levaria. Tinham já deixado para trás *Kensington*, *Hammersmith*, *Chiswick*, *Kew-Bridge*, *Brentford*, e continuavam a caminhar, como se ainda há pouco tivessem começado a sua jornada. Emfim chegaram a uma estalagem que tinha por tabuleta : *A diligência e os cavalos* ; um pouco mais longe a estrada era cortada por um caminho transversal.

A carroça parou.

Sikes apeou-se precipitadamente, sem largar a mão de Oliveiros ; depois ajudou-o a descer, lançando-lhe um olhar furioso e levando a mão, duma maneira significativa, ao bôlso da pistola.

(1) Diminutivo de *Edward* (Eduardo). — N. T.

— Até à vista, rapaz ! — disse o homem.

— Ele é acanhado ; — respondeu Sikes, dando-lhe um abanão — é acanhado. Um brutinho. Não faça caso.

— Eu não — retorquiu o outro, subindo para a sua carroça. — Está um bonito dia, afinal.

Fustigou o cavalo e afastou-se. Sikes esperou que elle se perdesse de vista ; então disse a Oliveiros que podia olhar em tórno de si, se quisesse, e continuaram o seu caminho.

A pouca distância da estalagem voltaram à esquerda, depois à direita, e caminharam muito tempo em linha recta. Belos jardins e elegantes casas de campo orlavam ambos os lados da estrada. Só pararam para tomarem um pouco de cerveja, e chegaram afinal a uma povoação onde Oliveiros viu escrito em grandes letras na parede duma casa : *Hampton*. Vaguearam pelos campos durante algumas horas ; por fim, voltaram à povoação, entraram numa velha estalagem com uma tabuleta já meio delida, e fizeram-se servir de jantar na cozinha, ao canto do fogão.

Era um velho aposento de teto baixo, com uma grande trave ao meio d'ele, e diante da chaminé havia bancos de encôsto altos em que se sentavam alguns rudes homens de blusa, a beber e a fumar. Não deram por Oliveiros e mal repararam em Sikes. Sikes, por seu lado, não lhes prestou atenção, foi instalar-se num canto com o seu jovem companheiro, e não foi importunado pela companhia.

Serviram-lhes carne fria. Depois do jantar o snr. Sikes fumou três ou quatro cachimbadas, e conservou-se por tanto tempo à mesa que Oliveiros começou a acreditar que não iriam mais longe. Fatigado por uma tão longa marcha e por se ter levantado tão cedo, e atordoado pelo fumo do tabaco, o pequeno caiu numa modorra que em breve se transformou em profundo sono.

Era noite fechada quando Sikes o despertou bruscamente. Abrindo os olhos, viu o seu companheiro em estreita camaradagem e de conversa com um camponês, em cuja companhia bebia um quartilho de cerveja.

— ¿ Visto isso, o senhor vai ao Baixo Halliford, não é assim? — perguntou Sikes.

— Sim, vou — respondeu o homem, que parecia estar um pouco pior — ou, se se quiser, melhor — pelas bebidas — e não me levará muito tempo. O meu cavalo não vai carregado na volta, como vinha esta manhã, e fará o caminho num instante. É uma sorte para ele! É um animal catita!

— ¿ Poderia o senhor levar-nos até lá, a mim e ao meu rapaz? — perguntou Sikes, deitando de beber ao seu novo conhecido.

— Sim, se o senhor partir imediatamente — respondeu o homem. — ¿ Vai para Halliford?

— Vou até Shepperton — disse Sikes.

— Estou às suas ordens até o meu destino — replicou o outro. — ¿ Está tudo pago, Becky? (1)

— Sim, o outro senhor pagou — respondeu a rapariga.

— Olhe lá! — disse o camponês no tom grave dum homem que bebeu um gole a mais — ¿ isso não pode ser assim, entende?

— ¿ Por que não? — disse Sikes. — O senhor presta-nos um serviço; poupa-nos a sensaboria de ficarmos aqui; ¿ não vale isso então um quartilho ou dois?

O desconhecido pesou maduramente o valor desse argumento, depois do que deu um apêto de mão a Sikes, declarando que ele era um verdadeiro homem de bem. Ao que este respondeu que ele estava gracejando; e, se o camponês tivesse sido sóbrio, bem fortes razões havia para que o tivesse acreditado.

(1) Diminutivo de Rebeca. — N. T.

Depois de terem trocado mais alguns cumprimentos, deram as boas noites à sociedade e saíram, enquanto a criada arrumava as canecas e os copos, e vinha, com as mãos cheias, encostar-se à porta para os ver partir.

O cayalo, à saúde do qual se bebera, estava diante da porta, atrelado à carroça. Oliveiros e Sikes subiram para ela sem mais cerimónia, e o camponês, depois de se ter expandido em novos encómios sôbre o seu cavallo, e de ter desafiado o estalajadeiro e o mundo inteiro a encontrar um igual, subiu também. Então disseram ao moço da estalagem para pôr a cabeçada ao cavallo; e, sendo-lhe posta essa cabeçada, o animal fêz um uso bastante desagradável dela, atirando-a para o ar com um grande desdém e fazendo-a entrar pelas janelas das casas. Depois de ter praticado estas proezas, empinou-se sôbre as pernas traseiras e partiu a galope, saindo da povoação com tôda a galhardia.

A noite estava muito escura. Um nevoeiro espêsso elevava-se do rio e do terreno pantanoso das circunvizinhanças, e espalhava-se pelos campos tristonhos. O frio era penetrante. Tudo tinha um aspecto sombrio e sinistro; os viajantes não trocaram uma palavra, porque o condutor dormitava e Sikes não tinha desejos de entabolar conversa. Oliveiros, encolhido a um canto, devorado pela inquietação e pelo receio, julgava ver nas árvores descarnadas, cujos ramos se balouçavam tristemente, outros tantos fantasmas no meio desta natureza desolada.

Ao passarem diante da igreja de Sunbury, o relógio da tórre deu sete horas. Uma luz brilhava na janela da casa da portagem, e a sua claridade projectava-se no caminho, o bastante para deixar entrever um teixo que ensombrava alguns túmulos. A pouca distância ouvia-se o ruído surdo duma queda de água, e a folhagem da árvore carcomida agitava-se docemente ao

sôpro do vento da noite. Dir-se-ia uma música monótona para repouso dos mortos.

Depois de terem atravessado Sunbury, encontraram-se na estrada solitária. Duas ou três milhas adiante, a carroça parou. Sikes desceu, tomou Oliveiros pela mão e recomeçaram a andar.

Em Shepperton não pararam em parte alguma, como o teria desejado a criança, exausta de fadiga; continuaram a sua marcha, no meio da lama e das trevas, por vielas sombrias e sôbre baldios desertos, até que distinguiram as luzes duma povoação a não grande distância. Olhando atentamente em frente, Oliveiros viu que o rio lhe corria aos pés e que estavam junto duma ponte.

Sikes tomou a direcção da ponte, e, quando iam entrar nela, voltou bruscamente à esquerda e desceu para a beira da água.

— O rio ! — pensou Oliveiros, semi-morto de terror. — Trouxe-me a êste lugar deserto para me matar !

Ia lançar-se ao chão e tentar um supremo esforço para salvar a vida, quando viu que paravam diante duma casa isolada e em ruínas. Havia uma janela de cada lado da porta desmantelada, e um só andar por cima; nenhuma luz se via. O edificio era sombrio e desmantelado, e, segundo tôdas as aparências, deshabitado.

Sikes, segurando sempre a mão de Oliveiros, dirigiu-se vagarosamente para o portal e levantou o fecho; a porta cedeu, e entraram ambos.

XXII

Tentativa de roubo nocturno

— ¿ Quem está aí ? — disse, muito alto, uma voz rouquenha, logo que elles puseram os pés dentro de casa.

— Não faças tão grande barulho ! — disse Sikes, correndo os fechos da porta. — Trás luz, Toby.

— Ah ! ¿ és tu, camarada ? — replicou a mesma voz. — Traz luz, Barney ! Mostra o caminho a este senhor ; e trata de acordar, se isso é possível.

A pessoa que falava atirou provavelmente com um descalçador, ou qualquer outro objecto semelhante, àquêle a quem se dirigia, para o arrancar ao sono : porque se ouviu o ruído dum pedaço de madeira caindo com fôrça, e depois o resmungar indistinto duma pessoa meio adormecida.

— ¿ Ouves ou não ? — disse a mesma voz. — Bill Sikes está no corredor, sem ninguém para o receber, e tu estás para aí a dormir como se tivesses bebido láudano ! ¿ Tens os olhos abertos, ou é preciso que eu te atire à cabeça com o castiçal de ferro, para te despertar completamente ?

A estas palavras, ouviu-se um ruído de chinelos no soalho ; depois uma vela, mal acesa, appareceu a uma porta à direita, e emfim viu-se desenhar a forma dum individuo que nós já apresentamos como sofrendo duma enfermidade que o fazia falar pelo nariz, e desempenhava o officio de criado na taberna de Saffron Hill.

— O snr. Sikes ! — exclamou Barney, com uma alegria real ou fingida. — Endre, senhor, endre !

— Vamos, para diante ! — disse Sikes, fazendo passar Oliveiros adiante de si. — Mais de-prêssa ! senão piso-te !

Sempre resmungando contra a lentidão do pequeno,

o snr. Sikes empurrou-o para a porta e entraram em um quarto baixo e escuro, em que havia um fogão fumarento, duas ou três cadeiras quebradas, uma mesa e um velho canapé carunchoso, sôbre o qual um individuo, com as pernas mais altas do que a cabeça, e fumando num comprido cachimbo de barro, estava estendido a todo o comprimento. Vestia casaco dum castanho acinzentado, elegantemente talhado, com grandes botões brilhantes, gravata côr de laranja, colete com rebuços de côr vistosa e calções de briche. O snr. Crackit (porque era êle) tinha pouco cabelo, tanto na cabeça como na cara; mas o pouco que tinha era duma côr ruiva e frisado em compridos caracóis, nos quais passava de vez em quando os dedos pouco limpos, enfeitados com grandes anéis ordinários. A sua estatura era um pouco acima da mediana, e parecia ter as pernas bastante fracas, o que o não impedia de admirar as botas de montar, que contemplava com visível satisfação.

— Bill, meu rapaz, — disse êle, voltando a cabeça para a porta — estou encantado de te ver; quasi receava que tivesses renunciado, e nesse caso ter-me-ia arriscado só... Olá!...

Soltou essa exclamação num tom de grande surpresa ao ver Oliveiros; sentou-se e perguntou o que aquilo queria dizer.

— É o pequeno — respondeu Sikes, aproximando a cadeira do lume.

— Um dos aprendizes do snr. Fagin! — exclamou Barney, rindo.

— De Fagin? — disse Tobias, contemplando Oliveiros. — Isto daria um rapaz sem igual para roubar os bolsos das senhoras velhas nas igrejas; há-de-fazer fortuna.

— Basta... deixemo-nos de histórias — interrompeu Sikes com impaciência.

E, inclinando-se para o seu amigo, disse-lhe ao ou-

vido algumas palavras que fizeram rir imensamente o snr. Crackit, ao mesmo tempo que examinava Oliveiros com grandes mostras de espanto.

— Agora, — disse Sikes, tornando a sentar-se — se nos pudesse dar de comer e de beber enquanto esperarmos, não nos faria nenhum mal ; a mim, pelo menos, com certeza. Assenta-te perto do lume, pequeno, e descansa ; porque ainda terás de sair connosco esta noite, embora não seja para longe.

Oliveiros olhou Sikes com muda e tímida surpresa ; aproximou uma cadeira do fogão, encostou as mãos a cabeça ardente, e ficou imóvel, mal compreendendo onde estava e o que em tórno d'ele se passava.

— Vamos, — disse Tobias, enquanto o moço judeu poisava sôbre a mesa uma garrafa e algumas provisões — ao êxito da empresa !

Levantou-se para fazer honra ao brinde, poisou cuidadosamente a um canto o cachimbo, aproximou-se da mesa, encheu um copo de licor e esvaziou-o dum trago. O snr. Sikes fêz outro tanto.

— Um copo para o pequeno — disse Tobias, enchendo até meio um copo dos de vinho. Enborca, inocência.

— Mas, — disse Oliveiros, olhando tristemente para Tobias — mas eu . . .

— Emborca, já te disse ! — repetiu Tobias. — ¿ Então tu pensas que eu não sei o que te faz bem ? Diz-lhe para beber, Bill.

— É o melhor que tem a fazer ! — disse Sikes, levando a mão ao bolso. — Irra ! o diabo me leve se êle não dá mais trabalho que uma família inteira de Maraus . . . Bebe, brejeiro ! bebe !

Assustado pelos gestos ameaçadores dos dois homens, Oliveiros bebeu dum trago o licor contido no copo, e imediatamente lhe sobreveio um violento ataque de tosse, o que muito divertiu Tobias Crackit e Barney, e fêz até sorrir o feroz snr. Sikes.

Feito isto, quando o snr. Sikes saciou a fome (Oliveiros não pôde comer mais do que um bocado de pão, que o obrigaram a engolir), os dois homens encostaram-se nas cadeiras para dormitar alguns instantes. Oliveiros conservou-se assentado junto do lume, e Barney, embrulhando-se num cobertor, estendeu-se no soalho junto do fogão.

Dormiram, ou pareceram dormir, durante algum tempo; ninguém se mexeu, a não ser Barney, que se levantou uma ou duas vezes para deitar carvão no lume. Oliveiros caíra numa profunda modorra, e imaginava-se ainda percorrendo vielas sombrias, ou errando de noite no cemitério, ou recordava alguma das cenas da véspera, quando foi despertado por Tobias Crackit, que se levantou bruscamente, declarando que era hora e meia.

— Num instante os dois outros homens estavam a pé, e todos se ocuparam activamente em fazer os seus preparativos. Sikes e o seu companheiro embrulharam o pescoço e o queixo em grandes mantas escuras e vestiram os seus casacões, enquanto Barney, abrindo um armário, tirava d'ele diversos objectos com que lhes enchia os bolsos apressadamente.

— Dá-me os ladradores, Barney — disse Tobias Crackit.

— Aqui estão — respondeu Barney, apresentando-lhe um par de pistolas. — Foi o senhor mesmo quem os carregou.

— Está bem! — retrucou Tobias, metendo-os no bolso. — ¿ E os persuasores?

— Tenho-os eu — disse Sikes.

— ¿ Chaves falsas, brocas, lanternas de furta-fogo, nada esquece? — perguntou Tobias, prendendo uma pequena alavanca a uma aselha colocada na orelha do seu casacão.

— Tudo está em regra — respondeu o seu companheiro. — Traga os marmeleiros, Barney; é só o que nos falta.

A estas palavras, tomou das mãos de Barney um cajado grosso ; Tobias fez o mesmo.

— Para a frente ! — disse Sikes, estendendo a mão a Oliveiros.

Este, abatido pela fadiga da marcha, atordoado pelo ar livre e pelo licor que o haviam obrigado a beber, pôs maquinalmente a mão na que Sikes lhe estendia.

— Pega-lhe na outra mão, Tobias — disse Sikes. — Dá uma vista de olhos lá fora, Barney.

Este foi à porta e voltou a anunciar que tudo estava tranqüilo. Os dois ladrões saíram, com Oliveiros entre elles, e Barney, depois de ter cuidadosamente fechado a porta, enrolou-se novamente no cobertor e continuou a dormir.

A escuridão era agora profunda, o nevoeiro muito mais espesso do que no principio da noite, e a atmosfera tão húmida que, embora não chovesse, os cabelos e as sobrancelhas de Oliveiros inteiriçaram-se em alguns instantes, impregnados pela humidade glacial que reinava fora. Transpuseram a ponte e dirigiram-se para as luzes que precedentemente tinham visto ; não estavam longe, e como caminhavam com passo rápido, em breve atingiram Chertsey.

— Atravessemos a aldeia ; — disse Sikes, em voz baixa — não haverá esta noite viv'alma que nos veja !

Tobias anuiu, e enfiaram precipitadamente pela rua principal da povoação, completamente deserta a essa hora avançada da noite. Numa ou noutra janela de algum quarto de dormir, entremostrava-se uma frouxa claridade ; e por vezes o ladrar dos cães vinha perturbar o silêncio da noite ; mas ninguém andava por fora. Quando saíam da aldeia, soavam duas horas na torre da igreja.

Apressaram o passo e deixaram a estrada para tomarem um caminho à esquerda. Depois de terem andado pouco mais ou menos um quarto de milha, para-

ram diante duma habitação isolada, cujo jardim era fechado por muros; sem mesmo tomar alento, Tobias Crackit escalou a parede num abrir e fechar de olhos.

— Agora o pequeno, — disse êle a Sikes. — Iça-mo, que eu lhe deitarei a mão.

Antes que Oliveiros tivesse tido tempo de fazer um movimento, sentiu-se agarrar por debaixo dos braços, e, três ou quatro segundos depois, estava com Tobias sôbre a relva, do outro lado do muro. Sikes em breve se lhes juntou, e dirigiram-se furtivamente para a casa.

Foi então que, pela primeira vez, Oliveiros, quasi louco de pena e de terror, compreendeu que os objectivos da expedição eram o arrombamento, o roubo e talvez o assassinio. Torceu as mãos e deixou escapar involuntariamente um grito de horror. Passou-lhe uma nuvem pelos olhos, cobriu-lhe o rosto um suor frio, as pernas dobraram-se-lhe sob o pêscoço do corpo, e caiu de joelhos.

— De pé! — murmurou Sikes, trémulo de cólera e tirando a pistola da algibeira. — De pé ou faço-te saltar os miolos.

— Oh! pelo amor de Deus, deixe-me ir embora! — disse Oliveiros — deixe-me fugir para muito longe e morrer no meio dos campos; nunca mais me aproximarei de Londres; nunca mais! nunca mais! Oh! suplico-lhe, tenha piedade, e não me faça roubar. Por todos os anjos do céu, tenha piedade de mim!

O homem a quem se dirigia esta súplica proferiu uma praga medonha, e engatilhara já a pistola quando Tobias lha arrancou, e levando a mão à boca da criança a arrastou para a casa.

— Silêncio! — disse êle — não te ponhas com respostas. Diz uma palavra mais, e quebro-te a cabeça com o meu cacete; não faz barulho, e o efeito é o mesmo. Olha, Bill, faz saltar a porta da fresta. Há muitos assim, podes ter a certeza. Já os vi de mais

idade que elle, que, por uma noite assim fria, tomavam os mesmos modos.

Invocando terríveis imprecações sobre a cabeça de Fagin, por ter mandado Oliveiros a essa expedição, Sikes introduziu uma alavanca sob a porta e apoiou vigorosamente, mas quasi sem ruido. Depois de alguns esforços, auxiliados por Tobias, a porta cedia e girava nos gonzos.

Era uma pequena fresta gradeada, nas traseiras da casa, a uns cinco pés e meio do solo, e que pertencia a um celeiro ao fundo do corredor da entrada. A abertura era tão estreita que os donos da casa haviam julgado talvez inútil defendê-la mais seguramente; uma criança do talhe de Oliveiros podia contudo passar por ella. Um breve exercício da arte do snr. Sikes bastou para fazer saltar o fecho da grade, e bem de-pressa ella ficou aberta de par em par.

— Agora, cordeirinho, atenção ao que te vou dizer; — murmurou elle em voz baixa, tirando do bôlso uma lanterna de furta-fogo, da qual dirigiu a luz para o rosto de Oliveiros — vou fazer-te passar por esta fresta; tu vais pegar na lanterna, subir devagar os degraus que ficam em frente, atravessar o vestibulo, e abrir-nos a porta da entrada.

— Há no cimo da porta um ferrólho a que não poderás chegar; — observou Tobias — subirás a uma cadeira; há três no vestibulo, Bill, com as armas da velha dama, um grande unicórnio azul e um forcado de oiro.

— ¿ Não quererás calar-te? — retrucou Sikes, com ar ameaçador — ¿ a porta do quarto está aberta, não é verdade?

— De par em par; — respondeu Tobias, depois de ter lançado um olhar pela janela para se certificar — o que há de bom, é que a deixam sempre aberta para que o cão, que tem a casota por aqui em qualquer parte, possa vaguear á sua vontade quando está

de atalaia. Ah! ah! Barney desembaraçou-nos dêle esta noite. Coisa asseada!

Embora o snr. Crackit risse muito baixo e pronunciasse estas palavras com voz mal intelligivel, Sikes ordenou-lhe imperiosamente que se calasse e pusesse mãos à obra; Tobias obedeceu e poisou a lanterna no chão; depois colocou-se com firmeza com a cabeça apoiada à parede, debaixo da fresta, e as mãos sôbre os joelhos, de maneira a que as suas costas servissem de escada. Sikes trepou imediatamente sôbre êle, fêz passar cautelosamente Oliveiros pela fresta, e sem lhe largar mão da gola, fez-lhe poisar os pés no interior.

— Pega nesta lanterna, — disse-lhe êle lançando um golpe de vista ao aposento. — ¿ Vês a escada em frente?

— Sim, — murmurou Oliveiros, mais morto que vivo.

Sikes apontou-lhe a porta da entrada com o cano da pistola, e advertiu-o de que se lembrasse que estaria sempre ao alcance da arma, e que, se hesitasse, caíria morto nesse mesmo instante.

— Ê negócio dum minuto; — disse Sikes, sempre em voz baixa — eu vou deixar-te; faze o que se te disse; atenção!

— ¿ O que é? — murmurou Crackit.

Escutaram atentamente.

— Nada; — disse Sikes, largando a mão de Oliveiros — vamos! é agora!

No pouco tempo que tivera para reunir as suas idéias, a criança tomara a firme resolução, devesse ela custar-lhe a vida, de fazer um esforço para alcançar a escada e de dar alarme à gente da casa. Todo entregue a essa idéia, dirigiu-se para os degraus, mas furtivamente.

— Para trás! — exclamou súbitamente Sikes em voz alta. — Para trás! para trás!

Esta súbita exclamação, no meio dum silêncio de

morte e um grito pungente que a seguiu, assustaram Oliveiros a ponto tal, que deixou cair a lanterna e não soube mais se devia avançar ou recuar.

Um segundo grito se fêz ouvir; brilhou uma luz no cimo da escada; surgiu diante dos seus olhos a vista de dois homens apavorados, semi-nus, no pátio... um clarão... um ruído forte... fumo... uma detonação, mas vinda não sabia donde... depois cambaleou e caiu de costas.

Sikes desaparecera em instante; mas levantara-se outra vez, e, antes que o fumo se houvesse dissipado, agarrara o pequeno pela gola do casaco. Descarregou a pistola sôbre os dois homens que já batiam em retirada, e puxou por Oliveiros.

— Aperta-me com mais fôrça, — dizia-lhe Sikes, fazendo-lhe transpôr a fresta. — Dá-me cá um chale, Tobias. Eles atingiram-no. Depressa! Maldição! como o rapaz se desfaz em sangue!

O ruído duma campainha agitada vivamente veio misturar-se ao estrondo das armas de fogo e aos gritos das pessoas da casa. Oliveiros sentiu que o transportavam com passo rápido por um caminho desigual. Pouco a pouco o ruído perdeu-se ao longe; um frio mortal apoderou-se dêle; e não viu nem ouviu mais coisa nenhuma.

XXIII

Curiosa conversa do snr. Bumble e de uma dama. Onde se mostra que um prefeito pode ser susceptível em algumas coisas.

A noite estava glacial; a neve cobria o solo, gelada numa espessa crosta, de modo que o vento que soprava com violência apenas fazia redemoinhar os flocos que flutuavam nas esquinas das ruas ou ao longo

das casas. Era uma dessas noites escuras e dum frio penetrante em que as pessoas bem alojadas e bem alimentadas se comprimem em tórno dum bom fogo e agradecem a Deus o não estarem fora de casa ; e em que os desgraçados sem abrigo e sem pão adormecem para não mais despertar ; em que mais dum pária das nossas cidades, abatido pela fome, fecha os olhos sôbre o pavimento das nossas ruas para só os abrir num mundo que, quaisquer que tenham sido os seus crimes, difficilmente pode ser pior do que este.

Tal era a situação no exterior, quando a snr.^a Corney, a regente do asilo de mendicidade onde já fizemos penetrar o leitor como o lugar natalício de Oliveiros Twist, veio instalar-se no seu pequeno quarto, diante dum bom fogo, e se pôs a contemplar com satisfação uma mesinha redonda sôbre a qual estava colocada uma bandeja com todos os objectos necessários á mais agradável colação que possa fazer uma regente. Com effeito, a snr.^a Corney ia reconfortar-se com uma chávena de chá ; olhava para a mesa, depois para o lume onde a mais pequena de tódas as chaleiras que é possível imaginar cantava uma cantiguinha numa voz bem flébil, e cada vez dava mostras de maior satisfação ; tanto, na verdade, que a snr.^a Corney chegou a sorrir.

— Realmente, — disse a regente, poisando o cotovêlo sôbre a mesa e olhando pensativamente para o fogo — não há ninguém neste mundo que não devaabençoar a Providência. Ninguém, se quiser pensar nos dons que ela lhe dispensa. Ah !

A snr.^a Corney abanou a cabeça tristemente, como se deplorasse a cegueira dos pobres que desconheciam esses dons ; depois, introduzindo uma colher de prata (que era sua propriedade particular) numa pequena caixa de chá, continuou a preparar a infusão.

Como basta uma coisa insignificante para perturbar a serenidade da nossa alma ! A chaleira, como era

muito pequena e estava muito cheia, extravasou enquanto a snr.^a Corney se entregava às suas reflexões morais, e a água escaudou levemente a mão da snr.^a Corney.

— O demónio leve a chaleira ! — disse a digna mulher, poisando-a vivamente sobre o fogão. — Que coisa estúpida que são estas chaleiras, que apenas levam umas duas chávenas ! Para que servem elas, seja lá para quem fôr ! A não ser — disse, após um silêncio, a snr.^a Corney — para uma pobre criatura abandonada como eu, ai de mim !

A estas palavras, a regente deixou-se cair na cadeira, encostou novamente o cotovelo à mesa, e meditou na sua existência solitária. A pequena chaleira e uma simples chávena tinham-lhe despertado no espirito tristes recordações do falecido Corney, que ela havia enterrado vinte e cinco anos antes, e caiu numa profunda melancolia.

— Nunca mais apanharei outro ! — disse ela de mau humor — nunca mais apanharei outro... como elle.

Ninguém poderia dizer se a exclamação da snr.^a Corney se dirigia a seu marido ou ao bule ; é possível que fôsse a éste, porque olhou ao mesmo tempo para elle e o colocou sobre a mesa. Tinha acabado de levar a sua primeira chávena aos lábios, quando sentiu que batiam brandamente à porta.

— Entre lá ! — disse ella ásperamente — é capaz de ser alguma das velhas que morre, suponho eu ; morrem sempre quando estou à mesa ; entre de pressa e feche a porta para que o frio não penetre no quarto. ¿ Então, o que é ?

— Nada, minha senhora, nada, — respondeu uma voz de homem.

— Bondade divina ! — exclamou a regente num tom muito mais doce ; ¿ é o snr. Bumble ?

— Para a servir, minha senhora, — disse o snr.

Bumble, que tinha ficado fora a limpar os pés no capacho e a sacudir a neve que lhe cobria o casaco, mas que agora fazia a sua entrada, tendo numa das mãos o tricórnio e na outra um embrulho. — ¿ Devo fechar a porta, minha senhora ?

A dama hesitou modestamente em responder, com receio de que houvesse alguma inconveniência em conversar à porta fechada com o snr. Bumble. Este aproveitou-se dessa hesitação, e, como estava gelado, fechou a porta sem esperar mais tempo pela permissão.

— Que medonho tempo, snr. Bumble ! — disse a regente.

— Medonho, na verdade, senhora, — respondeu o prefeito — é um tempo anti-paroquial. ¿ Acreditará, snr.^a Corney, que distribuimos, neste dia abençoado, coisa de vinte pães de quatro arráteis e queijo e meio?... e contudo êsses pobres não estão contentes !

— A grande maravilha ! ¿ então êles estão alguma vez contentes ? — disse a regente, saboreando o seu chá.

— Ah ! é bem certo, senhora, — replicou o snr. Bumble. — Olhe, há um individuo, ao qual, em consideração pela sua numerosa familia, se concedeu um pão de quatro arráteis e um bom arrátel de queijo bem pesado. ¿ Pois julga que êle está reconhecido, senhora ? ¿ Está reconhecido ? Não merecem nem um ceutil ! (1) ¿ Sabe o que êle fez, senhora ? pediu um pouco de carvão, ainda que não fôsse mais do que o que pudesse conter um lenço. Carvão ! ¿ para que é que êle queria o carvão ? ¿ Sabe para quê ? para tostar o seu queijo com êle e vir depois pedir mais ! É o que é esta cambada dos pobres, minha senhora ; dá-se-lhes hoje um avental cheio de carvão, e êles virão

(1) Um *copper farthing*, um *farthing* de cobre : o *farthing* é a 4.^a parte dum dinheiro ou péni. — N. T.

pedir mais dois dias depois ; não têm vergonha nenhuma.

A regente exprimiu a sua inteira concordância com estes ditos, e o beleguim continuou :

— Nunca vi nada como ao que isto chegou ; ainda anteontem . . . a senhora foi casada (posso, portanto, entrar nestes pormenores), um homem, apenas com uns andrajos em cima das costas (a snr.^a Corney baixou os olhos), apresenta-se à porta do nosso fiscal, que tinha justamente convidados ao jantar, e disse que era preciso que o socorressem, snr.^a Corney. Como elle recusasse ir-se embora, e o seu traje escandalizasse os assistentes, o nosso fiscal mandou dar-lhe um arrátel de batatas e meio de farinha de aveia. * Meu Deus ! disse esse monstro de ingratição, ¿para que é que isto me serve ? mais valeria dar-me uns óculos. * — Muito bem, disse o nosso fiscal tornando a guardar as provisões, não terá coisa alguma. — * ¿ Terei então de morrer na rua ? * disse o vagabundo. — * Oh ! não, você não morrerá, disse o fiscal *.

— Ah ! ah ! é admirável, — interrompeu a regente. — Essa é bem do snr. Grannet. ¿ E depois ?

— Depois, senhora, — continuou o prefeito — partiu e morreu na rua. Aqui tem o que se chama um teimoso !

— Isso excede tudo aquilo em que eu poderia acreditar ; — observou a regente com energia — ¿ mas não lhe parece, snr. Bumble, que os socorros dados fora do asilo não dão bons resultados ? O senhor é um homem experiente e pode julgar.

— Snr.^a Corney, — disse o prefeito sorrindo como sorriem os que têm a consciência da sua superioridade — os socorros distribuidos fora do asilo, se são dados com discernimento, ¿ compreende, senhora ? com discernimento, são a salvaguarda das paróquias. O principio fundamental da assistência fora do asilo, é dar aos pobres justamente aquilo de que elles não precisam, e então, elles cansam-se de nos importunar.

— É isso, é isso, — exclamou a snr.^a Corney — essa também é boa, na verdade !

— Sim. Seja dito aqui para nós, senhora, — replicou o snr. Bumble — é esse o grande princípio, e é em virtude desse princípio que se socorrem as famílias doentes, como dizem esses atrevidos dos jornalistas que se intrometem naquilo que lhes não diz respeito como fatias de queijo. É este princípio, snr.^a Corney, que está actualmente em vigor em todo o país. Todavia, — ajuntou elle, abrindo o embrulho que tinha na mão — isto são segredos officiais, senhora, sobre os quais se não deve falar, salvo entre funcionários paroquiais, como nós, por exemplo. Aqui está o vinho do Pôrto que a administração manda vir para a enfermaria ; é um Pôrto de uma excelente qualidade, natural, puro de qualquer mistura, tirado do casco esta manhã mesmo, claro como água da rocha, e sem depósito algum.

Depois de ter aproximado uma das duas garrafas da luz, e de a ter agitado para mostrar a excelência do vinho, o snr. Bumble poisou-as ambas sobre uma cómoda, dobrou o lenço que as envolvia, meteu este no bolso, e pegou no chapéu como para se ir embora.

— Vai sentir muito frio pelo caminho, snr. Bumble, — disse a regente.

— Está um vento que corta o rosto, — respondeu este, levantando a gola do casaco.

A regente olhou para a pequena chaleira, depois para o prefeito, que se dirigia para a porta ; e como este tossia e ia desejar-lhe uma boa noite, ella perguntou-lhe timidamente . . . se não queria tomar uma chávena de chá.

Imediatamente o snr. Bumble abaixou a gola, poisou o chapéu e o bastão sobre uma cadeira, e aproximou outra cadeira da mesa ; sentou-se vagarosamente, olhando sempre para a dama. Esta fixou os olhos no

pequeno bule. O snr. Bumble tossiu outra vez e sorriu levemente.

A snr.^a Corney levantou-se para tirar do armário uma chávena e um pires. Quando se sentou, os seus olhos encontraram outra vez os do galante prefeito; còrou e pôs-se a preparar o chá. O snr. Bumble tossiu ainda outra vez e com mais fôrça do que antes.

— ¿ Gosta dêle doce, snr. Bumble? — perguntou a regente, pegando no açucareiro.

— Sim, minha senhora, muito doce, — respondeu o snr. Bumble.

Ao dizer estas palavras, fixou os olhos na snr.^a Corney; e, se algum dia um prefeito deitou a alguém um olhar terno, o snr. Bumble foi nesse momento êsse prefeito.

Deitou-se o chá e foi servido em silêncio. O snr. Bumble pôs um lenço sôbre os joelhos, para que as migalhas de pão não alterassem o brilho dos seus calções, e principiou a comer e a beber, por vezes. No meio dêsse exercício, soltava um profundo suspiro que, contudo, não exercia nenhum detrimento sôbre o seu apetite, antes, pelo contrário, parecia facilitar-lhe as funções que tinha a exercer no que diz respeito ao chá e às torradas.

— A senhora tem uma gata, ao que vejo, — disse o snr. Bumble, notando uma grande gata rodeada de filhos, que se aquecia diante do fogo . . . — e gatinhos também, palavra de honra!

— Gosto tanto dêles, snr. Bumble! — respondeu a governanta. — Nem faz idéia. Êles são tão divertidos, tão ágeis, tão engraçados! É uma verdadeira companhia para mim.

— São animæis encantadores, senhora — disse o snr. Bumble, em tom aprovador — e que se afeiçoam à casa.

— Oh! sim! — fêz a snr.^a Corney com entusiasmo — afeiçoam-se à casa dumã maneira que dá gôsto.

— Snr.^a Corney, minha senhora, — disse lentamente o prefeito, batendo o compasso com a colher — eu ousou dizer, senhora, que, se qualquer gato ou gatinho que pudesse viver consigo, minha senhora, se não afeiçoasse à casa, seria necessário que fôsse um burro, minha senhora.

— Oh ! snr. Bumble ! — disse a snr.^a Corney, em ar de admoestação.

— É inútil disfarçar a verdade, minha senhora, — replicou o snr. Bumble balançando a colher numa atitude ao mesmo tempo digna e terna que tornava mais impressivas as suas palavras — eu afogá-lo-ia com as minhas mãos, com muito prazer.

— Então o senhor é um homem cruel, — disse vivamente a regente, estendendo o braço para pegar na xícara do prefeito. — Deve ter um coração bem duro.

— Coração duro, senhora ! — disse o snr. Bumble — duro !

Estendeu a sua chávena à snr.^a Corney sem dizer mais palavra, aproveitando o momento em que ela lhe pegava para lhe apertar o dedo mínimo ; depois, pondo a mão sôbre o colete agalocado, soltou um profundo suspiro, e afastou, um quási nada, a cadeira do fogo.

A mesa era redonda, e, como a snr.^a Corney e o snr. Bumble estavam sentados diante do lume, um em frente do outro e bastante próximos, compreende-se que o snr. Bumble, afastando-se do fogão e conservando-se à mesa, aumentava a distância que o separava da snr.^a Corney. Esta maneira de proceder excitará, sem dúvida, a admiração de alguns prudentes leitores, que verão nela um acto de grande heroísmo da parte do snr. Bumble ; a hora, o lugar, a ocasião, teriam podido tentá-lo a proferir certas delicadas ninharias que, se podem ficar bem nos lábios dos estouvados e dos levianos, parecem ficar imensamente abaixo da dignidade dum magistrado, dum membro do Parlamento,

dum ministro de Estado, dum lord-mayor (1), e de outros grandes funcionários públicos, mas ainda mais, da dignidade e da gravidade dum prefeito, que (como é bem sabido) deve ser de todos os funcionários o mais severo e o mais inflexível.

Quaisquer que fôsem as intenções do snr. Bumble (e sem nenhuma dúvida elas eram excelentes), a desgraça quis, como já por duas vezes foi observado, que a mesa fôsse redonda. Portanto, o snr. Bumble, afastando pouco a pouco a sua cadeira, começou em certa altura a diminuir a distância que o separava da regente, e, continuando a executar esta viagem de circunavegação em volta da periferia do círculo, chegou, em certa altura, a encostá-la mesmo rente à da snr.^a Corney; as duas cadeiras acabaram por se tocar, e então o snr. Bumble parou.

Nesta situação, se a regente fizesse mover a cadeira para a direita, metia-se no fogão; se o fizesse para a esquerda, caía nos braços do snr. Bumble. Esta alternativa não escapou à sua perspicácia, e, como mulher judiciosa que prevê as consequências a que isso a poderia levar, não se mexeu, e ofereceu ao snr. Bumble uma segunda chávena de chá.

— Coração duro, snr.^a Corney! — repetiu o snr. Bumble, mexendo o chá e olhando para a regente. — E a senhora, tem também o coração duro, snr.^a Corney?

— Meu Deus! — exclamou ela — que singular pergunta da parte dum celibatário! Que lhe importa isso, snr. Bumble?

Êste, sem responder, esvaziou a sua chávena até o último gole, engoliu uma torrada, sacudiu as miga-

(1) *Lord-mayor* é o primeiro magistrado duma corporação municipal, correspondente ao nosso Presidente da Câmara e aos nossos antigos alcaides; nas grandes cidades, como Londres, tal função é considerada como uma grande dignidade. — N. T.

lhas de pão que lhe tinham caído nos joelhos, limpou os lábios, e beijou corajosamente a regente.

— Snr. Bumble! — exclamou a discreta dama, num murmúrio, porque o assombro lhe tirava quasi a voz — snr. Bumble, eu vou gritar!

Este não respondeu, e, com lentidão e dignidade, passou o braço em volta da cinta da regente.

Como a dama havia manifestado a intenção de gritar, ia, sem dúvida, a esta nova ousadia, dar cumprimento á sua ameaça, quando tal diligência foi tornada desnecessária por alguém que batia vivamente á porta; num volver de olhos, o snr. Bumble precipitou-se ágilmente para as garrafas, e pôs-se a limpá-las activamente, enquanto a regente perguntava com secura: «¿ Quem está aí? » Deve notar-se, e é este um exemplo curioso da efficácia duma surpresa súbita para atenuar os efeitos dum grande terror, que a sua voz havia retomado súbitamente a sua aspereza official.

— Com sua licença, senhora, — disse uma pobre bastante velha e mirrada, medonhamente feia, mostrando a cabeça á porta — a velha Sally está nas últimas!

— ¿ E então, o que tenho eu com isso? — perguntou a regente com mau humor. — ¿ Posso, por acaso, impedi-la de morrer?

— Não, não, senhora, — respondeu a velha — ninguém o pode; aquella já não tem remédio. Tenho visto morrer muita gente, bebézinhas e homens na fôrça da vida, e sei muito bem, infelizmente, quando a morte chega. Mas ella está muito agitada; quando os acessos lhe deixam algum momento de repouso, o que não acontece muitas vezes, porque a sua agonia é bastante dolorosa, diz que tem uma coisa para lhe dizer, que é preciso absolutamente que a senhora saiba. Não morrerá tranqüila se a senhora a não fôr ver.

Ao ouvir isto, a digna snr.^a Corney resmungou mil invectivas contra as velhas que não podem sequer

morrer sem deliberadamente importunar os seus superiores ; lançou sôbre os ombros um grande chale em que se envolveu, pediu ao snr. Bumble que esperasse até que voltasse, e, conjurando a mensageira a andar depressa e a não a obrigar a subir tôda a noite as escadas, saíu de má vontade, e dirigiu-se resmungando para o quarto da moribunda.

O procedimento do snr. Bumble, ao ficar só, foi um tanto inexplicável. Abriu o armário, contou as colheres de chá, tomou o péso às conchas do açúcar, examinou atentamente uma leiteira de prata para se assegurar da qualidade do metal ; e, depois de ter satisfeito a sua curiosidade sôbre todos êsses pontos, pôs o tricórnio às três pancadas, e deu quatro voltas em tórno da mesa, dançando gravemente na ponta dos pés. Depois de se ter entregue a êsse extravagante exercício, tirou novamente o tricórnio, e, estendendo-se diante do lume de costas para o fogão, pareceu ocupar-se mentalmente em fazer um minucioso inventário da mobília.

XXIV

Trata-se dum assunto insignificante, mas que é contado em poucas palavras e cujo conhecimento poderá ser julgado de alguma importância para esta história.

Era uma importuna mensageira de morte a que viera perturbar a quietude do aposento da regente. Estava curvada pela idade ; um tremor contínuo lhe agitava os membros, e o rosto contraído por movimentos convulsivos, assemelhava-se mais a uma caricatura feita por algum lápis extravagante que a uma obra da natureza.

Ai ! como são poucos os rostos cuja beleza conserve os seus encantos. Os cuidados, os pesares, os sofrimentos do mundo alteram as feições ao mesmo

tempo que o coração ; e é só quando as paixões adormecem e perdem a sua força para sempre, que as nuvens se dissipam e restituem à frente a sua serenidade celestial. Tal é muitas vezes o efeito da morte : frio e gelado, o rosto retoma essa expressão serena e tranqüilla que tinha na manhã da vida. Tão serena e tranqüilla que, aquêles que conheceram os mortos na sua feliz infância, ajoelham junto do seu esquife, cheios de respeito pelo anjo que julgam ver na terra.

A velha subiu a escada cambaleando, e caminhou coxeando ao longo dos corredores, resmungando algumas respostas ininteligíveis aos remoques que lhe dirigia a sua companheira. Afinal, foi obrigada a parar para tomar fôlego, e entregou a luz à regente, passando para trás dela e seguindo-a na medida das suas forças ; não tardou que a superiora, mais ágil, entrasse no quarto onde jazia a moribunda.

Era uma mansarda desguarnecida que um mau candeeiro mal alumiaava. Outra velha velava junto do leito, enquanto o praticante do farmacêutico da paróquia, de pé, diante do fogão, fazia um palito duma pena de ave.

— Que noite tão fria, snr.^a Corney ! — disse o manco, vendo entrar a matrona.

— Está realmente frio, senhor, — respondeu a dama com a sua voz mais delicada, e fazendo uma reverência.

— Devia exigir dos seus fornecedores carvão de melhor qualidade ; — disse o praticante, aticando o fogo com as tenazes enferrujadas — este não convém de forma nenhuma para semelhante tempo.

— É o conselho que o escolhe — retorquiu a regente. — Ele deveria pelo menos aquecer-nos convenientemente ; as nossas funções são já bastante penosas.

A conversa foi aqui interrompida por um gemido da moribunda.

— Oh ! — disse o mancebo olhando para o lado do leito, como se estivesse esquecido de que havia ali uma doente. — É o fim, snr.^a Corney.

— ¿ Julga isso, senhor ? — perguntou esta.

— Ficaria surpreso se ela durasse ainda algumas horas, — disse o praticante, aguçando a ponta do seu palito. — Tem todo o organismo arruinado. Diga-me, ó velha, ¿ ela está a dormir ?

A enfermeira inclinou-se sôbre a cama para se certificar e fêz sinal que sim.

— Acabará talvez assim, se não fizerem barulho, — disse o mancebo. — Poise a luz no chão ; ela não a verá.

A velha obedeceu, abanando, porém, a cabeça, como para dar a entender que a doente não morreria tão tranqüilamente ; depois retomou o seu lugar junto da outra enfermeira, que acabara de entrar. A regente embrulhou-se no chale com uma expressão de impaciência, e sentou-se ao pé do leito.

O praticante, depois de ter acabado a manufactura do palito, instalou-se diante do fogão ; mas ao cabo de dez minutos pareceu aborrecer-se, desejou á snr.^a Corney que tivesse muito prazer na sua empreitada e saiu na ponta dos pés.

As duas velhas, depois de terem ficado por algum tempo silenciosas, ergueram-se da cama e vieram acoorar-se diante do lume, a cujo calor expuseram as descarnadas mãos. A chama projectava-lhes nos rostos lívidos um clarão sinistro, e fazia-lhes realçar a hedionda fealdade ; assim agachadas, começaram a conversar em voz baixa.

— ¿ Ela disse alguma coisa mais enquanto eu estive lá fora ? — perguntou a mensageira.

— Nem uma palavra ; — respondeu a outra — pôs-se a torcer durante algum tempo os braços ; mas eu segurei-lhe as mãos, e ela cedeu de-pressa ; já não tem fôrças, e não me foi difícil fazê-la sossegar. Não

sou tão fraca como poderia sê-lo para a minha idade, a-pesar do regime do asilo ! não sou ! não !

— ¿ Ela bebeu o vinho quente que o médico tinha dito para tomar ? — perguntou a primeira.

— Tentei fazer-lho engolir, — respondeu a outra — mas tinha os dentes tão apertados, e agar-rava com tanta fôrça a caneca, que me custou a tirar-lha. Por isso fui eu que o bebi, e fêz-me muito bem.

Depois de terem olhado em roda com precaução para se assegurarem de que as não ouviam, as duas velhas agacharam-se ainda mais junto do lume e continuaram a sua tagarelice.

— Ainda me lembra do tempo — disse a primeira — em que ela teria feito a mesma coisa, e depois ainda havia de fazer chacota.

— Olá se faria ; — replicou a outra — ela era uma pessoa alegre. Quantos cadáveres ela amortalhou ! Brancos como a cêra. Vi-os com êstes olhos... ai ! e toquei-lhes com estas mãos ; porque quantas dúzias de vezes eu a ajudei nesse trabalho !

Assim falando, estendia os dedos e sacudia-os, exultante, em frente do rosto, e, apalpando no bôlso, tirou uma velha caixa de rapé desbotada pelo tempo, e de que tirou uma pitada para a pôr na mão aberta da sua companheira e outra para a pôr na sua. Neste momento, a parteira, que havia impacientemente esperado até então que a moribunda saísse do seu estado de modorra, aproximou-se também do fogo e perguntou-lhes desabridamente quanto tempo teria ainda de ficar ali à espera.

— Não muito tempo, senhora — respondeu a segunda mulher, cravando-lhe os olhos na face. — Nenhum de nós dos que aqui estamos tem de esperar muito tempo pela morte. Paciência ! paciência ! Ela virá bem depressa para todos nós.

— Cale-se, velha tonta ! — disse a matrona seve-

ramente. — Diga-me, Marta, ¿ ela já esteve assim alguma vez ?

— Muitas vezes — respondeu a primeira mulher.

— Mas esta é bem a última vez ; — ajuntou a outra — quer dizer : ela não acordará mais que uma vez ; e tenha a certeza, minha senhora, que não será por muito tempo.

— Muito ou pouco, — disse a regente com mau modo — não me encontrará aqui quando acordar ; ¿ e tenha cuidado, ouviu ? de não vir importunar-me outra vez para coisa nenhuma. Não faz parte das minhas obrigações vir assistir à morte de tódas as velhas da casa ; portanto, que isto não aconteça mais ; é muito forte, na verdade ! Tomem nota disto que lhes digo, velhas marafonas ! Se se lembrarem de me irem outra vez incomodar, eu as ensinarei, juro-lhes !

Ia precipitar-se para fora do quarto, quando um grito das duas velhas lhe fêz voltar a cabeça. A moribunda levantara-se na cama e estendia-lhes os braços.

— ¿ Quem é ? — exclamou ela com voz cavernosa.

— Caluda ! caluda ! — disse uma das mulheres, inclinando-se sôbre a cama. — Deita-te, deita-te !

— Não me deitarei mais enquanto tiver vida ! — disse a doente, debatendo-se. — É preciso que eu lhe fale ! Aproxime-se . . . mais perto ; quero falar-lhe ao ouvido !

Agarrou no braço da regente e obrigou-a a sentar-se numa cadeira junto da cama. Ia já a falar, quando notou que as duas velhas continuavam ao pé dela, com o corpo inclinado, na atitude de quem escuta ávidamente.

— Mandem-as embora ! — disse a moribunda com voz extinta. — Depressa ! depressa !

As duas velhas principiaram a lamentar-se, qual delas mais alto e melhor, dizendo que a pobre doente estava tão mal que já não reconhecia as suas melhores amigas, e protestando que nunca a abandonariam ;

mas a regente fê-las sair, fechou a porta e voltou para junto do leito. Uma vez fora, as duas velhas mudaram de tom e puseram-se a gritar pelo buraco da fechadura que a velha Sally estava embriagada; o que, com efeito, não era absolutamente impossível: porque, além duma moderada dose de ópio receitada pelo farmacêutico, a doente tinha que lutar contra os efeitos dum último grogue, que as duas prestantes velhas, por pura bondade, lhe haviam administrado por seu próprio alvedrio.

— Agora escute-me... — disse a moribunda em voz alta, como se fizesse um grande esforço para encontrar ainda algumas forças. — Neste mesmo quarto... nesta mesma cama... assisti outrora a uma criatura muito linda e muito nova, que haviam transportado para o asilo com os pés dilacerados pelas fadigas duma longa marcha, e tôda manchada de sangue e de poeira. Deu à luz uma criança, e morreu. Deixe-me pensar... a ver se me recordo em que ano foi.

— Pouco importa o ano... — disse impaciente a governanta — ¿ onde quere chegar?

— Ah! sim! — murmurou a doente, caindo outra vez em sonolência — onde queria eu chegar... onde queria... Já sei! — exclamou ela, endireitando-se violentamente.

O rosto animou-se-lhe e os olhos saíam-lhe das órbitas.

— Eu roubei-a, foi o que foi, — continuou a doente — ainda ela não estava fria! Digo-lhe que ainda não estava fria quando a roubei!

— ¿ Roubou o quê? pelo amor de Deus! — exclamou a governanta, fazendo um gesto como para chamar por socorro.

— Isso! — respondeu a moribunda, pondo a mão sobre a bôca da outra — a única coisa que ela possuía. Não tinha roupa para se abrigar do frio, nem pão para comer, mas tinha guardado isso no seio. Era oiro,

digo-lho eu. ! oiro de lei, que teria podido servir para lhe salvar a vida !

— Oiro ! — repetiu a governanta, inclinando-se vivamente para a moribunda, que caiu novamente exausta sobre a cama. — Continue, continue... sim... ¿ e depois ? ¿ Quem era essa parturiente ? ¿ Quando foi isso ?

— Ela tinha-me encarregado de o guardar preciosamente — continuou a velha, soltando um gemido lastimoso. — Confiou-mo, porque só eu estava junto dela. Desde o primeiro momento em que mo mostrou e lho vi ao pescoço, tinha-lho roubado já em intenção, e a morte da criança... sou talvez eu a causa dela ! Tê-lo-iam tratado melhor, se soubessem isto tudo !

— ¿ Se soubessem o quê ? — perguntou a outra. — Fale !

— O rapaz, quando cresceu, dava tantos ares à mãe, — continuou a moribunda, sem atentar na pergunta — que eu não podia vê-lo sem me lembrar dela. Pobre rapariga ! pobre rapariga ! Ela era tão nova ! tão meiga ! Espere... tenho mais a dizer. Não lhe disse ainda tudo, ¿ não é verdade ?

— Não, não ! — respondeu a governanta, aplicando o ouvido, para não perder as palavras que a moribunda pronunciava com voz cada vez menos inteligível. — Aprese-se, ou poderá ser demasiado tarde !

— A mãe, — continuou a mulher, fazendo um esforço ainda mais violento do que os outros — a mãe, quando sentiu que ia morrer, disse-me ao ouvido que, se o seu filho nascesse vivo, e fôsse criado, um dia viria talvez em que êle poderia ouvir pronunciar, sem côrar, o nome de sua pobre mãe. « Oh ! meu Deus ! », dizia ela, juntando as mãos emmagrecidas, « seja rapaz ou rapariga, veja se consegue que êle tenha alguns amigos neste mundo de miséria e tenha piedade duma pobre criança abandonada e só no mundo ! »

— ¿ O nome do rapaz ? — perguntou a regente.

— Chamam-lhe Oliveiros — respondeu a mulher, com voz apagada. — O oiro que eu roubei era . . .

— Sim, sim ! ¿ o quê ? — exclamou a outra.

Inclinou-se vivamente sôbre a moribunda a-fim-de ouvir a resposta ; mas recuou instintivamente, vendo-a levantar-se ainda outra vez, lenta e penosamente, apertar a coberta nas mãos crispadas, murmurar alguns sons inarticulados e cair sem vida sôbre o leito.

.....
 — Morta ! — disse uma das velhas, precipitando-se no quarto logo que a porta se abriu.

— E tudo isto para nada dizer, afinal ! — retorquiu a regente, afastando-se com um ar de indiferença.

As duas velhas estavam talvez demasiadamente ocupadas com os deveres fúnebres que tinham a desempenhar, para darem qualquer resposta ; e ficaram sós junto do cadáver.

XXV

Onde encontramos novamente o snr. Fagin e o seu bando

Emquanto êstes acontecimentos se passavam no asilo de mendicidade, o snr. Fagin estava no seu antro (o mesmo onde a rapariga viera buscar Oliveiros). Aí, inclinado sôbre um lume morto e fumoso, tinha sôbre os joelhos um fole, com o qual sem dúvida tentara ver se activava o fogo ; mas caíra numa profunda meditação, e, com os braços cruzados e o queixo inclinado sôbre o peito, contemplava distraidamente a guarda enferrujada do fogão.

Por detrás dêle, o Astuto Marau, mestre Carlos Bates e o snr. Chitling estavam sentados diante duma mesa e muito atentos a uma partida de whist ; o Marau fazia o morto contra o snr. Bates e o snr. Chitling.

A fisionomia daquê, particularmente intelligente em todos os momentos, estava ainda mais interessante de contemplar do que habitualmente, devido à atenção escrupulosa que prestava ao jôgo e ao cuidado que punha em aproveitar a ocasião para lançar de tempos a tempos um rápido olhar às cartas do snr. Chitling, tendo a prudência de regular o seu jôgo pelo resultado das suas observações sôbre as cartas do seu vizinho.

Como fazia frio, conservava o chapéu na cabeça, o que, de resto, era seu costume dentro de casa ; tinha entre os dentes um cachimbo de barro, que só tirava da bôca o tempo estritamente indispensável para tomar um refresco de uma caneca duma quarta (1) cheia de genebra com água, e que estava sôbre a mesa para regalo da companhia.

O snr. Bates estava também atento ao jôgo ; mas, como era dum natural mais buliçoso do que o seu digno amigo, recorria mais vezes à caneca de genebra com água e permitia-se ainda por cima numerosos gracejos e observações deslocadas, inteiramente indignos dum jogador que joga cientificamente o whist. O Marau, aproveitando-se da estreita amizade que os unia, permitiu-se por mais duma vez fazer ao seu companheiro graves censuras a êsse respeito, censuras que mestre Bates recebia com a melhor sombra do mundo, limitando-se a pedir ao seu amigo que fôsse fazer-se pentear ou meter a cabeça num saco. A oportunidade destas respostas e de outras semelhantes, tão espirituosas como bem construídas, excitava vivamente a admiração do snr. Chitling. Deve notar-se que êste e o seu parceiro perderam sempre invariavelmente ; esta circunstância, longe de excitar o mau humor de mestre Bates, parecia, pelo contrário, divertí-lo até o

(1) Uma quarta (*quart*), querê dizer, a quarta parte dum *gallon* ou galão, equivale a 11,076. — N. T.

último ponto ; no fim de cada jôgo ria ainda mais que de costume e declarava que na sua vida nunca tinha sentido tanto prazer em jogar.

— Perdemos a partida dupla — disse o snr. Chitling, fazendo uma cara de palmo e meio e tirando meia coroa (1) da algibeira do colete. — Nunca vi uma sorte como a sua, Jack ! Ganha sempre ! Por melhores cartas que tenhamos, nem eu nem Charley podemos fazer nada com elas.

Esta observação, ou talvez o tom brusco com que ela foi feita, divertiu por tal forma Charley Bates, que as suas risadas tiraram o judeu da sua meditação, e perguntou de que é que se tratava.

— De quê, Fagin ! — exclamou Carlos. — Gostaria que tivesse seguido o jôgo. Tom Chitling não fêz ainda um ponto, e eu era seu parceiro contra o Marau.

— Ah ! ah ! — disse o judeu, com um sorriso que bem mostrava que lhe não era difícil compreender a razão. — Meta-se com êles, Tom, meta-se outra vez com êles.

— Obrigado, já estou satisfeito, Fagin — respondeu o snr. Chitling. — Já tenho a minha conta. Êste Marau tem uma sorte contra a qual não se pode lutar.

— Ah ! ah ! meu caro, — replicou o judeu — é preciso ser muito fino para ganhar ao Marau.

— Ser muito fino ! — disse Charley Bates — e pôr um telescópio em cada ôlho e um binóculo por detrás, se lhe quisermos ganhar !

O snr. Dawkins recebeu êstes belos cumprimentos com muita modéstia e ofereceu-se para tirar uma figura cortado o baralho, a um xelim de cada vez. Como ninguém aceitasse o desafio e o cachimbo se lhe tivesse apagado, divertiu-se a desenhar sôbre a mesa com o pedaço de giz de que se servira para marcar os

(1) Moeda de 2 xelins e meio, ou 2 xelins e 6 dinheiros. — N. T.

pontos um plano de Newgate; enquanto desenhava assobiava com um silfo particularmente agudo.

— Que tempo desagradável este para você, Tom! — disse êle, interrompendo o longo silêncio que se fizera, e dirigindo-se ao snr. Chitling. — ¿Em que é que julga o senhor que êle está a pensar, Fagin?

— ¿Como é que o hei-de saber? — respondeu o judeu, poisando o fole. — No que perdeu, talvez, ou então na casa de campo que acaba de deixar. Ah! ah! ¿é isso, meu caro?

— Nada disso! — replicou o Marau, sem dar tempo ao snr. Chitling de responder. — ¿Que dizes tu, Charley?

— Eu digo, — respondeu mestre Bates com um sorriso escarninho — que êle estava singularmente terno com Betsy. Olhe! veja como êle cora! Meu Deus! é possível! aqui temos nós um homem que está pelo beijo! Tom Chitling apaixonado! oh Fagin, Fagin, que divertido que isto é!

O snr. Bates, sufocado à força de rir, com a idéia de que o snr. Chitling fôsse vítima duma terna paixão, encostou-se tão violentamente na cadeira, que perdeu o equilibrio e caiu ao comprido no soalho, sem que este acidente diminuisse em nada as suas gargalhadas, que recommçaram com mais força quando se levantou.

— Não faça caso do que êles dizem, meu caro — disse o judeu, piscando o olho ao snr. Dawkins e dando a mestre Bates com o tubo do fole, uma pancada de admoestação. — Betsy é uma linda rapariga: faça-lhe a côrte, Tom, faça-lhe a côrte!

— Só tenho uma coisa a dizer, Fagin: — respondeu o snr. Chitling, corando muito — é que com isso ninguém tem nada que ver.

— Sem dúvida; — disse o judeu — Charley é um tagarela; não dê atenção ao que êle diz. Betsy é uma linda rapariga; faça o que ela lhe disser, Tom, e será feliz.

— A prova de que faço tudo o que ela me pede, — respondeu o snr. Chitling — é que não teria sido engravetado se não seguisse os seus conselhos; mas isso foi um bom negócio para si, ¿ não é verdade, Fagin? E depois, ¿ o que são seis semanas assim passadas? Sempre é preciso passar por isso um dia ou outro, e mais vale então que seja no inverno, quando há menos ocasião de dar um bom passeiozinho lá por fora, ¿ hein, Fagin?

— Ah! sem dúvida, meu caro! — respondeu o judeu.

— E ser-lhe-ia indiferente voltar para lá, ¿ não é verdade, Tom, — perguntou o Marau, piscando o olho a Charley e ao judeu — contanto-que tudo corresse bem com Bety?

— ¿ E então? sim, era-me indiferente! — respondeu Tom, com enfado. — Bem desejaria eu saber quem poderá dizer outro tanto, ¿ hein, Fagin?

— Ninguém, meu caro — disse o judeu. — Nenhum deles, Tom; só você, esteja certo!

— Eu teria podido livrar-me bem de embaraços se quisesse dar com a língua nos dentes a propósito dela, ¿ não é verdade, Fagin? — continuou o pobre lórpa, no mesmo tom enfadado — bastava que eu tivesse querido dizer uma palavra, ¿ hein, Fagin?

— Sem dúvida, meu caro — respondeu o judeu.

— ¿ Mas não dei à língua, hein, Fagin? — perguntou Tom, que acumulava pergunta sobre pergunta com grande volubilidade.

— Não, não, seguramente! — respondeu o judeu. — Você tem uma alma nobre demais para essas coisas... nobre demais, meu caro!

— Talvez tenha razão; — respondeu Tom, olhando em torno — e se assim é, não vejo que seja caso para rir, ¿ hein, Fagin?

O judeu, percebendo que a mostarda subia ao nariz do snr. Chitling, apressou-se a afirmar-lhe que ninguém

zombava dêle, e, como prova do que avançava, apelou para o testemunho de mestre Bates, o principal ofensor, mas desgraçadamente, na ocasião em que Charley abria a bôca para declarar que nunca tinha estado mais sério na sua vida, não pôde deixar de soltar uma tal gargalhada que o snr. Chitling, julgando-se insultado, precipitou-se sem mais cerimônia sôbre o galhofeiro e arrumou-lhe um murro que êste teve a destreza de evitar, mas que atingiu o jocoso velho em pleno peito, fazendo-o cambalear e atirando-o contra a parede, onde ficou alguns instantes até retomar fôlego, enquanto o snr. Chitling mostrava a mais intensa consternação.

— Atenção ! — exclamou sùbitamente o Marau — ouvi o guizo.

Pegou na vela e subiu sem ruído a escada. A campainha, agitada por mão impaciente, fêz-se ouvir novamente, enquanto o grupo ficou às escuras. O Marau voltou em breve, e com ar misterioso disse algumas palavras ao ouvido do judeu.

— Como ! — disse Fagin — ¿ êle vem só ?

O Marau fêz sinal que sim, e pondo a mão diante da vela, deu a entender a Carlos Bates que era tempo de acabar com os seus acessos de alegria. Depois de ter desempenhado êsse dever de amigo, olhou fixamente para o judeu e esperou as suas ordens.

O velho pôs-se a morder os seus dedos amarelados e pensou maduramente durante alguns segundos. A agitação do rosto denunciava que êle receava alguma notícia muito má. Emfim, ergueu a cabeça.

— ¿ Onde está êle ? — perguntou.

O Marau apontou para o teto e fêz menção de se afastar.

— Sim, — disse o judeu, como respondendo a uma pergunta subentendida — fá-lo descer . . . Caluda ! . . . silêncio, Carlos ! devagar, Tom ! Safem-se sem barulho.

Carlos Bates e o seu recente antagonista obedeceram imediatamente a essa ordem. Tudo estava silencioso quando o Marau desceu a escada, com a vela na mão, seguido dum homem de blusa, que, depois de ter lançado um olhar assustado em tórno da sala, tirou uma grande man'a que lhe escondia a parte inferior do rosto, e mostrou as feições do flamante Tobias Crackit, mas pálido, desfigurado, com a barba comprida e o cabelo em desalinho.

— ¿ Como vai isso, Fagin ? — disse o belo Tobias, fazendo um sinal de cabeça ao judeu. — Ah ! Marau, mete essa manta dentro do meu chapéu, para que eu saiba onde ela está quando me raspar. Bem ! darás um famoso aprendiz, e excederás os velhos !

Assim falando, levantou a blusa, meteu as mãos nos bolsos, aproximou uma cadeira do fogão e pôs os pés nas guardas.

— Veja, Fagin ! — disse êle, apontando tristemente para as botas de cano alto — nem uma gota de graixa desde . . . o senhor sabe quando . . . Mas não me olhe assim ! tudo virá a seu tempo ; não posso conversar de negócios antes de ter bebido e comido ; portanto, apresente a subsistência, e deixe-me tomar uma enfiada sossegadamente, pela primeira vez há três dias.

O judeu fêz sinal ao Marau que pusesse os víveres que havia sôbre a mesa ; depois, sentando-se em frente do ladrão, esperou que a êste aprovesse encetar a conversa.

A julgar pelas aparências, Tobias não tinha muita pressa em encetar a conversa. Ao princípio, o judeu contentou-se em observar-lhe pacientemente a fisionomia, para ver se da sua expressão tirava algum indício das novidades que êle trazia : mas em vão. Tinha uma aparência fatigada e abatida, mas o rosto estava tão calmo como de costume, e, a-pesar-de sujo, e da barba, e das suíças, o flamante Tobias Crackit mostrava-se contente da sua pessoa. Em seguida, o judeu,

no cúmulo da impaciência, pôs-se a espíá-lo a cada momento, a seguir cada bocado que êle metia na bôca, e percorrer o aposento em todos os sentidos, num estado de agitação irreprimível. Tudo foi inútil. Tobias continuou a comer com a aparência da mais absoluta indiferença, até não poder comer mais; então disse ao Marau que saísse, fechou a porta, preparou um grogue e pôs-se em disposições de começar a narração.

— Para principiar pelo princípio, Fagin . . . — disse Tobias.

— Sim, sim! — interrompeu o judeu, aproximando a cadeira.

O snr. Crackit fêz uma pausa para engolir uma parte do seu grogue, e declarou que a genebra era excelente; depois, pondo os pés sôbre a guarda do fogão de forma a ficarem-lhe as botas ao nível dos olhos, continuou tranqüilamente:

— Para principiar pelo princípio, Fagin, ¿ que é feito de Bill?

— Como? — exclamou o judeu, levantando-se bruscamente.

— O quê! quer dizer com isso que . . . — começou Tobias, empalidecendo.

— Que quero dizer! . . . — explicou o judeu, batendo furiosamente com o pé no chão. — ¿ Onde estão êles? Sikes e o pequeno! ¿ Onde estão êles? ¿ Onde têm estado? ¿ Onde estão escondidos? ¿ Por que não estão aqui?

— O negócio falhou — disse Tobias, em voz sumida.

— Já sei — respondeu o judeu, tirando do bôlso um jornal e apontando para êle. — ¿ E que mais?

— Fizeram fogo e atingiram o pequeno; batemos em retirada através dos campos, com êle no meio de nós ambos . . . sempre a direito, transpondo sebes e fossos. Faziam-nos uma verdadeira montaria. Com mil diabos! tôda aquela gente estava a pé e os câis corriam sôbre nós.

— ¿ E o pequeno ? — perguntou o judeu, com voz abafada.

— Bill tinha pegado nêle às costas e corria como o vento. Paramos para o levarmos ambos ; tinha a cabeça pendente e estava frio de neve. Os que nos perseguiram aproximavam-se. Cada um por si, quando se trata de força, fugimos e deixamos o pequerrucho estendido num fôssco. ¿ Morto ou vivo ? não sei.

O judeu não quis ouvir nem mais uma palavra ; soltou um rugido medonho, ergueu as mãos ao ar, torcendo-as, e de um salto pôs-se na rua.

XXVI

Aparece em cena uma personagem misteriosa. — Personagens importantes, estreitamente ligados à continuação desta história.

O velho chegara à esquina da rua antes de se ter refeito da comoção que lhe tinham causado as notícias trazidas por Tobias Crackit. Não só não demorara a sua marcha ordinária, mas apressava o passo ainda mais do que habitualmente, dum modo furioso e inteiramente desordenado ; uma carruagem lançada a todo o galope esteve a ponto de o derrubar, e só os gritos dos transeúntes à vista do perigo que correria lhe fizeram tomar o passeio. Evitando, tanto quanto possível, as grandes ruas, e tomando apenas por veredas e vielas, chegou enfim a Snow Hill. Aí principiou a caminhar ainda mais rapidamente, e só afrouxou a corrida depois de ter penetrado num beco, onde, como se enfim tivesse consciência de se encontrar no seu elemento, retomou o seu passo ordinário e pareceu respirar mais livremente.

Próximo ao ponto de junção entre Snow Hill e Holborn Hill, à mão direita saindo da cidade, encontra-se

uma passagem estreita e suja que leva a Saffron Hill. Ai, podeis ver, em miseráveis barracas, fardos enormes de lenços de sêda em segunda mão, de todos os tamanhos e feitios. É ai que habitam os receptadores que os compram aos larápios. Centenas dêsses lenços, pendurados em cabides, pendem dos mostradores ou por cima das portas; e as prateleiras do interior estão cheias dêles. Restritos como são os limites de Field Lane, ela tem o seu barbeiro, o seu café, a sua taberna, a sua loja de frituras. É uma colónia comercial com existência própria — o empório da gatunice de baixa estofa (1), visitado de manhã cedo ou ao lusco-fusco, por negociantes silenciosos, que traficam nos interiores sombrios das lojas e partem um pouco misteriosamente como vieram. Ali, o adelo, o remendão de calçado, o ferro-velho, expõem a sua mercadoria como tabuletas para o larápio de pouca monta, e montões de ossos e de ferragens, pedaços de tecidos de lã e de linho já muito velhos, apodrecem ou se enferrujam em imundos subterrâneos.

Era nesse sítio que o judeu acabava de entrar. Era bem conhecido dos imundos habitantes do lugar, porque todos os que estavam em observação no limiar das portas, vendedores ou compradores, o saúdvam familiarmente, com um sinal de cabeça, à sua passagem.

Correspondeu da mesma maneira aos cumprimentos, mas não revelou mais familiaridade com as gentes senão quando atingiu a extremidade da passagem, para dirigir a palavra a um adelo de pequena estatura, sentado, tanto pelo menos quanto o podia estar, numa cadeira de criança, e fumando o seu cachimbo diante da loja.

— Na verdade, senhor Fagin, só o vê-lo nos cura

(1) *Feira da ladra*, em Lisboa. — N. T.

duma oftalmia ! — respondeu o respeitável negociante ao judeu, que lhe pedia informações sobre a sua saúde.

— A vizinhança estava um pouco quente, Lively — disse Fagin, levantando as sobranceiras e cruzando os braços.

— É verdade ! já ouvi algumas pessoas lastimarem-se por várias vezes, — respondeu o adelo — mas isso arrefece de-pressa ; 4 não lhe parece ?

Fagin fez um sinal de cabeça afirmativo, e, estendendo a mão na direcção de Saffron Hill, perguntou :

— 4 Há alguém acolá esta noite ?

— 4 Nos Três Coxos ? — perguntou o homem.

O judeu fez sinal que sim.

— Espere ; — continuou o negociante, pondo-se a matutar, — eles são bem uma meia dúzia, ao que eu saiba ; mas creio que o seu amigo não está nesse número.

— 4 Sikes não está lá, supõe você ? — perguntou o judeu, desapontado.

— *Non est vendus*, não veio, como diz a gente da justiça — respondeu o homenzinho, sacudindo a cabeça e tomando um ar singularmente astuto. — 4 Tem alguma coisa esta noite que me possa servir ?

— Não tenho nada para esta noite — disse o judeu, afastando-se.

— 4 Vai aos Três Coxos, Fagin ? — perguntou o homenzinho, chamando-o. — Espere ; tenho vontade de ir lá dar uma volta consigo !

O judeu voltou a cabeça e fez-lhe sinal com a mão de que preferia estar só ; além de que, como o homenzinho não podia facilmente sair da sua cadeira, a firma dos Três Coxos ficou por essa vez privada da presença do snr. Lively ; no tempo que lhe foi preciso para se levantar, o judeu havia desaparecido. O snr. Lively, depois de se ter erguido inutilmente na ponta dos pés com a esperança de o ver ainda, enterrou-se novamente na sua pequena cadeira, e, depois de ter trocado com

uma dama, da loja em frente, um sinal de cabeça que exprimia a dúvida e a desconfiança, retomou o seu cachimbo e continuou a fumar gravemente.

Os Três Coxos, ou antes, os Coxos, que era o nome por que o estabelecimento era familiarmente conhecido pelos seus patronos, era essa mesma taberna onde o snr. Sikes e o seu cão já figuraram. Fagin fêz um sinal rápido a um homem sentado ao balcão, subiu a escada, abriu uma porta, introduziu-se cautelosamente na sala e lançou em roda um olhar inquieto, pondo a mão sôbre os olhos, como se procurasse alguém.

A sala era iluminada por dois bicos de gás cuja luz não podia ser vista do exterior, graças às portas bem fechadas e às cortinas, dum vermelho desbotado, cuidadosamente corridas diante da janela. O teto fôra pintado de escuro, para que o fumo dos candeeiros lhe não alterasse a côr. Na sala havia uma nuvem tão espessa de fumo de tabaco, que, ao princípio, se não podia distinguir mais nada ; por vezes, todavia, quando a porta, abrindo-se, deixava escapar um pouco de fumo, descobria-se uma estranha reunião de cabeças tão confusas como os sons que nos vinham ferir o ouvido ; a vista acostumava-se pouco a pouco a êste espectáculo e acabava por distinguir uma numerosa reunião de homens e de mulheres, comprimidos em tórno duma comprida mesa, na extremidade da qual tomava assento um presidente, tendo na mão um martelo, insignia das suas funções. A um canto, diante dum detestável piano, estava sentado um cavalheiro profissional, de nariz roxo, e cujo rosto estava cuidadosamente embrulhado por causa duma dôr de dentes.

No momento em que Fagin, sem chamar a atenção sôbre si, se introduzia na sala, o artista, correndo os dedos sôbre o teclado à maneira de prelúdio, occasionou um rumor geral : todos pediam uma canção ; quando a algazarra abrandou, uma dama ainda nova veio divertir a companhia com uma balada em quatro

coplas, entre cada uma das quais o que a acompanhava ao piano tocava a melodia com tóda a sua fôrça. Quando isto terminou, o presidente fêz um sinal de aprovação, depois do que dois artistas colocados um à direita e outro à esquerda do presidente atacaram um dueto, que cantaram com muitos aplausos da assistência.

Eram curiosas de observar algumas das figuras que se destacavam dêste grupo. Havia primeiro o presidente, que era nem mais nem menos que o dono da casa, um tipo rude, tósco e alentado que, enquanto cantavam, volvia os olhos em tódas as direcções, e que, parecendo entregar-se ao prazer da funçanata, tinha olhos para tudo o que se fazia e ouvidos para tudo o que se dizia; e bastante agudos, por sinal. Perto dêle estavam os cantores, recebendo com indiferença profissional os cumprimentos que lhes dirigiam e bebendo sucessivamente uma dúzia de grogues que lhes ofereciam os seus mais veementes admiradores. Na assistência, os rostos tinham o cunho de quási todos os vícios em quási todos os seus graus, e chamavam a atenção à fôrça de serem repugnantes. A velhacaria, a ferocidade, a embriaguez em todos os seus graus, mostravam-se ali sob o seu mais hediondo aspecto. Mulheres, umas com as últimas tintas da sua frescura primeva quási a desbotar à vista de quem as olhasse, outras com todos os sinais e todo o cunho do seu sexo revelando uma profunda alteração e não apresentando mais que um espelho vivo de devassidão e de crime — umas delas raparigas, outras já mulheres, mas tódas ainda na flor da idade — formavam a parte mais triste e mais sombria dêsse medonho quadro.

Fagin, a quem nada disto parecia comover, passava rápidamente em revista todos os rostos, mas, ao que parecia, sem encontrar aquêle que procurava. Conseguindo emfim encontrar o olhar do individuo que

presidia, fêz-lhe com a mão um leve sinal, e saíu da sala tão silenciosamente, como entrara.

— ¿ O que é que quere, snr. Fagin ? — perguntou o homem, que saíra imediatamente atrás do judeu. — ¿ Não quere fazer-nos companhia ? Todos ficariam encantados, com certeza !

O judeu agitou a cabeça com impaciência e perguntou em voz baixa :

— ¿ *Ele* está aqui ?

— Não ! — respondeu o homem.

— ¿ E não há notícias de Barney ? — perguntou Fagin.

— Nenhumas — respondeu o dono da taberna dos Coxos, porque era *êle* próprio. — Não dará sinal de si até que tudo esteja sossegado. Pode ter a certeza de que lhe seguem a pista, e que, se apparecesse, seria bem de-prensa apanhado. Tudo vai bem com Barney ; do contrário, teria ouvido falar d'êle : juraria que Barney está a caminho de se tirar de embaraços o melhor possível. *Êle* não é péco, vamos.

— ¿ *Êle* virá cá esta noite ? — perguntou o judeu, insistindo muito particularmente na palavra *êle*.

— Monks, ¿ não é assim ? — perguntou o taberneiro com alguma hesitação.

— Caluda ! — fêz o judeu. — Sim !

— Sem dúvida — respondeu o homem, tirando do bôlso um relógio de oiro. — Esperava-o mesmo mais cedo ; se quiser esperar dez minutos, *êle* estará . . .

— Não, não ! — apressou-se a dizer o judeu, como se, a-pesar do seu desejo de ver a pessoa de quem falava, sentisse algum alívio em a não encontrar. — Diga-lhe que vim aqui para o ver, e que vá a minha casa esta noite. Não, antes amanhã : visto que não está aqui, irá muito a tempo amanhã.

— Está bem ! — disse o homem. — ¿ Mais nada ?

— Nem mais uma palavra por agora ! — disse o judeu, descendo a escada.

— A propósito, — disse o outro em voz baixa, inclinando-se sobre o corrimão — que boa ocasião para fazer uma venda ! Tenho aqui Phil (1) Barker, e por tal forma embriagado, que até uma criança o lograria !

— Ah ! ah ! — disse o judeu, levantando a cabeça. — Mas não é esta a ocasião de Phil Barker ; Phil tem ainda alguma coisa a fazer antes que seja possível tratarmos com elle ; portanto, vá reunir-se à companhia, meu caro, e diga-lhes que levem boa vida, emquanto têm vida . . . Ah ! ah ! ah !

O taberneiro pôs-se também a rir, e foi reunir-se aos seus hóspedes. Logo que o judeu ficou só, a sua fisionomia readquiriu a sua expressão inquieta e agitada. Após um instante de reflexão, tomou um trem e disse ao cocheiro que o levasse para os lados de Bethnal Green. Apeou-se a um quarto de milha aproximadamente da morada do snr. Sikes, e fêz a pé o resto do trajecto.

— Agora, — murmurou elle, batendo à porta — a nós dois, minha filha, e se se trama aqui algum conluio tenebroso, saberei bem fazer-te falar, por muito fina que sejas !

Disseram a Fagin que Nancy estava no seu quarto ; subiu sem ruído a escada e entrou sem bater ; a rapariga estava só, com a cabeça apoiada sobre a mesa e os cabelos soltos.

— Ela bebeu, — pensou o judeu friamente — ou talvez seja porque sente a sua desgraça.

Emquanto fazia esta reflexão, o velho judeu voltou-se para fechar a porta, e o ruído despertou a rapariga. Nancy olhou-o fixamente, perguntou-lhe se sabia alguma coisa de novo e escutou a narração que elle lhe fêz das aventuras de Tobias Crackit ; quando acabou, ella retomou a sua primitiva attitude, sem dizer

(1) *Phil*, abreviatura de *Philipp* (Filipe). — *N. T.*

uma palavra. Empurrou a vela com impaciência, e uma ou duas vezes, mudando febrilmente de posição, se pôs a esfregar os pés no soalho ; mas foi tudo.

Durante êste silêncio, o judeu espriava em volta do quarto olhares inquietos, como para se assegurar de que Sikes não teria voltado a occultas ; satisfeito, sem dúvida, com o seu exame, tossiu duas ou três vezes e tentou entabolar conversa ; mas a rapariga não lhe deu mais atenção do que se êle fôsse feito de pedra. Fazendo afinal uma última tentativa, e esfregando as mãos, disse, no seu tom mais conciliador :

— ¿ E onde julgas tu que Bill possa estar agora, minha querida ?

A rapariga murmurou, em voz queixosa, uma resposta mal inteligivel, mas que queria dizer afinal que não sabia ; e ao que, parecia, soluçava.

— ¿ E o rapaz, afinal ? — disse o judeu, fixando nela o olhar, para lhe ler na expressão da fisionomia. — Pobre rapazito ! abandonado num fôssó, Nancy ; uma coisa destas !

— O pequeno — disse ela, levantando vivamente a cabeça — está melhor lá onde estiver do que entre nós ; e, se de aí não resultar nada de desagradável para Bill, faço votos por que êle esteja morto no fôssó, e que os seus ossos lá apodreçam.

— O quê ! — exclamou o judeu, estupefacto.

— Sim, é assim mesmo ! — retrucou a rapariga, olhando-o fixamente. — Julgar-me-ia feliz se o tivesse para sempre longe da minha vista e soubesse que os seus trabalhos acabaram. Não posso suportá-lo junto de mim ; só a sua vista me faz ter ódio a mim própria e a todos vós !

— Apre ! — disse o judeu desdenhosamente. — Tu estás embriagada.

— Eu ! — disse ela com amargura. — Não é sua a culpa, se o não estou ; o senhor estimaria bem ver-me sempre nesse estado, excepto talvez nesta ocasião,

¿ Parece que a disposição em que me encontrou não lhe convém, não é verdade ?

— Não ! — replicou o judeu furiosamente — não me convém.

— Mude-a então ! — respondeu a rapariga, com uma gargalhada.

— Mude-a ! — exclamou o judeu, exasperado, além de todos os limites, pela inesperada obstinação da sua interlocutora e pelos dissabores dessa noite. — Sim, eu a mudarei ! Escuta, marafona ! Escuta-me bem, a mim, a quem basta dizer seis palavras para fazer estrangular Sikes tão seguramente como se tivesse neste momento entre as minhas mãos o seu pescoço de toiro ! Se êle voltar e não trazer o pequeno, se o deixou fugir, se mo não restitui vivo ou morto, assassina-o tu se queres arrancá-lo ao carrasco, e isso logo que êle puser os pés neste quarto, ou, acredita-me, depois será muito tarde !

— ¿ O que quere dizer tudo isso ? — exclamou involuntariamente a rapariga.

— ¿ O que quere dizer tudo isto ? — continuou Fagin furiosamente. — Quando êsse pequeno pode render-me centenas de libras, tenho que perder eu uma ocasião tão boa, um proveito tão certo, por culpa dum bando de bêbedos a quem poderia fazer cortar o gasete, e sujeitar-me a um demónio a quem só falta a vontade, mas que tem o poder de . . . de . . .

Ofegante, o velho já não pronunciava, gaguejava as palavras ; súbitamente, o seu acesso de cólera acalmou-se e o seu porte mudou completamente. Êle, que um instante antes torcia as mãos, com os olhos dilatados, o rosto lívido de furor, agora, caído numa cadeira, curvava-se sôbre si próprio e tremia com receio de ter traído alguma oculta vilania. Após um curto silêncio, aventurou-se a olhar para a sua companheira. Pareceu tranquilizar-se ao vê-la na mesma atitude negligente em que a encontrara ao entrar no quarto.

— Nancy, minha querida! — murmurou o judeu, retomando o seu tom de voz ordinário. — ¿ Prestaste atenção ao que te disse?

— Não me esteje a maçar, Fagin! — respondeu a rapariga, levantando indolentemente a cabeça. — Se Bill não tirou resultado desta vez, êle o tirará outro dia; já lhe fêz mais dum bom trabalho, e ainda fará outros quando puder. Ninguém é obrigado a fazer mais do que o que pode; portanto não falemos mais nisso.

— ¿ E quanto ao pequeno, minha querida? — tornou o judeu, esfregando as mãos nervosamente.

— O pequeno deve correr os mesmos riscos que os outros — atalhou logo Nancy. — Demais, repito, espero que êle esteja morto e ao abrigo de todos os males e longe de vocês... Contanto que nada venha a acontecer a Bill. Mas visto que Tobias se saúu bem, é provável que êle tenha escapado também, pois que vale bem por dois como Tobias.

— ¿ E a respeito do que eu lhe dizia, minha querida? — perguntou o judeu, fitando na rapariga um olhar perscrutador.

— Será preciso que mo diga outra vez, se é alguma coisa que quer que lhe faça; — respondeu Nancy — e, se assim é, seria melhor esperar até amanhã: o senhor despertou-me um instante, mas sinto que vou tornar-me novamente estúpida.

Fagin fêz-lhe ainda algumas outras perguntas, tôdas com o fito de se assegurar de que ela se não tinha aproveitado das suas imprudentes insinuações; mas ela respondeu-lhe tão naturalmente, e conservou-se tão impassível sob os olhares investigadores do judeu, que êste ficou plenamente convencido da sua primeira impressão, de que tudo aquilo era o efeito dela se ter metido nas bebidas espirituosas. Com efeito, Nancy não era isenta dum defeito que era bastante vulgar entre as raparigas que eram discípulas do judeu, e para

o qual, desde a infância, mais as impelliam do que as desviavam. A desordem do seu vestuário e um forte cheiro de genebra espalhado pelo quarto, vinham em apoio dessa suposição; e quando, após um instante de energia, ela recaiu no mesmo torpor, ora vertendo lágrimas, ora exclamando: «Uma pessoa nunca se dá por vencida!», ou proferindo palavras incoerentes, o snr. Fagin, que tinha muita experiência destes assuntos, viu com grande satisfação que ela estava muito longe do que elle receara.

Tranquillizado por esta descoberta, e tendo attingido o duplo fim que se propusera, de informar a rapariga das noticias que acabava de saber e assegurar-se pelos seus próprios olhos de que Sikes não voltara, o snr. Fagin retomou o caminho de sua casa, deixando a sua jovem amiga adormecida com a cabeça apoiada sobre a mesa.

Era cerca da uma hora da manhã; a noite estava escura, o frio penetrante; nada o tentava a entreter-se pelo caminho: o vento áspero, que varria as ruas, parecia ter varrido tanto os passeantes como a poeira e a lama; não se via quasi ninguém, e as poucas pessoas que se viam pareciam ter pressa de voltar a casa. O vento soprava precisamente no rosto do judeu, que caminhava tremendo e tiritando a cada nova lufada.

Tinha já chegado à esquina da rua em que habitava e mexia no bolso para tirar a chave da casa, quando um individuo saiu de debaixo dum alpendre que ficava no escuro, atravessou a rua e deslizou até junto d'elle sem ser notado.

— Fagin! — murmurou-lhe uma voz ao ouvido.

— Ah! — disse o judeu, voltando-se vivamente — é...

— Sim! — interrompeu o desconhecido. — Há duas horas que estou ali à sua espera; ¿ onde diabo esteve?

— A tratar dos seus negócios, meu caro — respon-

deu o judeu, olhando para o seu companheiro com embaraço, e afrouxando o passo. — Estive a tratar dos seus negócios tôda a noite !

— Oh ! naturalmente ! — disse o desconhecido com ironia. — E então ! qual foi o resultado ?

— Nada de bom ! — disse o judeu.

— Nada de mau, espero eu ! — disse o desconhecido, parando súbitamente e lançando ao seu companheiro um olhar inquieto.

O judeu abanou a cabeça, e ia responder, quando o desconhecido, interrompendo-o, apontou para a casa diante da qual tinham chegado enquanto falavam, e observou-lhe que mais valia conversarem a coberto ; que estava gelado por estar à espera tanto tempo e que o vento lhe fustigava o rosto.

Fagin parecia bastante disposto a escusar-se a receber um visitante a-deshoras, e murmurou que não tinha lume ; mas o seu companheiro reiterou o pedido duma maneira tão peremptória, que o outro abriu a porta e pediu ao desconhecido que a fechasse devagar, enquanto elle acendia uma vela.

— Está aqui escuro como breu ; — disse o homem, dando alguns passos às apalpadelas — avie-se.

— Feche a porta — disse Fagin em voz baixa, do fundo do corredor.

Emquanto falava, fechou-se ella com grande ruído.

— Não fui eu ; — disse o outro, procurando orientar-se na escuridão — foi o vento, ou então ella fechou-se por si ; não há meio termo. Alumie de-pressa, ou quebrarei a cabeça em qualquer parte nesta maldita caverna !

Fagin desceu sem ruído a escada da cozinha e voltou em breve com uma vela acesa, depois de se ter assegurado de que Tobias Crackit dormia profundamente no quarto interior de baixo, e os jóvens gatunos na sala da frente. Fêz sinal ao desconhecido para que o seguisse, e precedeu-o até ao cimo da escada.

— Podemos dizer aqui o pouco que temos para nos dizer, meu caro — disse o judeu, impelindo uma porta que dava sôbre o primeiro patamar. — Como ha buracos nas portas das janelas, e nós nunca deixamos ver luz aos vizinhos, será melhor que a vela fique na escada . . . Por aqui!

O judeu abaixou-se, poisou a vela no último degrau, justamente em frente da porta, e entrou primeiro no quarto, onde não havia outros móveis além duma poltrona quebrada e, detrás da porta, um velho divã ou sofá que nem sequer estava coberto. O desconhecido lançou-se sôbre êle como um homem exausto de fadiga, e tendo o judeu aproximado a sua cadeira, acharam-se sentados um em frente do outro. A escuridão não era completa, porque a porta estava entreaberta, e a vela, poisada na escada, projectava uma fraca claridade na parede do fundo.

Conversaram algum tempo em voz baixa. Bem que se não pudessem perceber da conversa mais que uma vez por outra, algumas palavras entrecortadas, alguém que os ouvisse teria fácilmente notado que Fagin parecia defender-se contra certas observações do desconhecido, e que êste estava num estado de considerável irritação. Havia pouco mais ou menos um quarto de hora que assim conversavam, quando Monks (nome por que o judeu várias vezes designara o desconhecido durante o colóquio) disse, elevando um pouco a voz:

— Repito-lhe que isso foi planeado estúpidamente. ¿ Por que o não conservou aqui com os outros? ¿ Por que não fêz dêle imediatamente um gatuno pelintra e choramingas?

— Mas ouça-me! — exclamou o judeu, erguendo os ombros.

— ¿ Vai dizer-me que o não poderia fazer, embora o quisesse? — perguntou Monks em tom brusco. — ¿ Não o tem conseguido você dúzias de vezes com outros rapazes? ¿ Se tivesse tido um ano de paciên-

cia, quando muito, não teria podido fazê-lo condenar e deportar, talvez por tôda a vida ?

— ¿ A quem teria isso aproveitado, meu caro ? — perguntou humildemente o judeu.

— A mim ! — respondeu Monks.

— Mas não a mim ! — disse o judeu submissamente. — Ele poderia tornar-se-me útil. Quando há duas partes interessadas em um negócio, é de tôda a justiça que se consultem os interesses duma e doutra ; ¿ não é verdade, meu bom amigo ?

— ¿ E depois ? — perguntou Monks.

— Eu vi que não era fácil metê-lo ao trabalho — replicou o judeu. — Não se parecia absolutamente nada com outros rapazes nas mesmas circunstâncias.

— Maldito seja ele ! não ! — murmurou Monks. — Se assim não fôra, há muito tempo que seria ladrão.

— Eu não tive influência sôbre ele para o corromper — continuou o judeu, observando com inquietação a fisionomia do seu companheiro. — Ele nunca havia metido a mão no saco ; não tinha meio algum de o assustar, como fazemos sempre nestes princípios ; de outra forma perdemos o nosso tempo. ¿ Que podia eu fazer ? ¿ Mandá-lo trabalhar com o Marau e Charley ? Ficamos satisfeitos da primeira vez, meu caro ; tremi por todos nós !

— Não foi minha a culpa ! — observou Monks.

— Não, não, meu amigo ! — assentiu o judeu. — E eu não me lastimo, porque, se isso não tivesse acontecido, nunca o senhor teria tido ocasião de reparar nesse pequeno, e não teria chegado a descobrir que era ele a quem procurava. Foi para si que eu o tornei a apanhar por meio da Nancy, e agora é ela que começa a tomar partido por ele.

— E então ! estrangule essa rapariga ! — disse Monks com impaciência.

— Não é esta a ocasião, meu caro — respondeu o judeu, sorrindo. — E demais êsse género de negócios

não é da nossa competência, de outra forma tê-lo-ia eu feito um destes dias com muito prazer. Mas eu conheço estas raparigas, vamos, Monks. Assim que o pequeno se interessar pelo officio, ella não se importará mais com elle do que com um bocadinho de pau. O senhor quer que elle seja ladrão; se está vivo, eu lhe prometto que farei d'elle o que pretendo, e se... se... — continuou o judeu, aproximando-se de Monks — não é provável... mas, enfim, para vermos as coisas pelo peor... se elle morreu...

— Não será minha a culpa! — interrompeu Monks com terror, apertando com mão trémula o braço do judeu. — Lembre-se bem, Fagin, de que nenhuma parte tive nisso! «Tudo, salvo a morte», disse-lhe eu desde o principio; não quero verter sangue, isso descobre-se cedo ou tarde, e por outro lado ficamos sempre com um fantasma junto de nós; se elle foi ferido de morte, não é minha a culpa, entende? Maldito seja este infernal covil! ¿O que é aquillo?

— ¿O quê? — exclamou o judeu, segurando com ambos os braços o poltrão, que acabava de se lhe lançar aos pés. — Onde? ¿o que é?

— Além! — respondeu o outro, indicando com o olhar a parede em frente. — A sombra... vi a sombra duma mulher, com uma capa e um chapéu, passar como um raio ao longo do fôrro da parede!

O judeu largou Monks e os dois arremessaram-se precipitadamente para fora do quarto. A vela, agitada pela corrente de ar, estava no mesmo lugar em que a haviam poisado. Mas ella mostrou-lhes apenas a escada deserta e os seus próprios rostos pálidos. Escutaram atentamente, mas um profundo silencio reinava em toda a casa.

— Foi uma imaginação sua! — disse o judeu, pegando na luz e voltando-se para o seu companheiro.

— Juraria que a vi! — respondeu Monks todo tré-

mulo. — Ia dobrada para diante quando a vi, e quando falei, desapareceu !

O judeu fitou desdenhosamente o rosto lívido do seu associado, dizendo-lhe que o seguisse, se quera, e subiu a escada. Percorreram todos os aposentos; estavam frios, nus e vazios; desceram ao corredor da entrada, depois aos subterrâneos; uma humidade esverdeada ressumava ao longo das paredes; os rastos das lesmas e dos caracóis brilhavam à luz da vela; mas por tôda a parte reinava um silêncio de morte.

— ¿ Que pensa agora ? — disse o judeu, quando voltaram ao corredor. — Salvo nós dois, Tobias e os rapazes, que estão em lugar seguro, não há viva alma em casa, ora veja !

E, em apoio destas palavras, o judeu tirou duas chaves do bôlso, e acrescentou que, para prevenir qualquer intercessão na conferência, fechara a sua gente à chave da primeira vez que descera a escada.

Tantas provas reunidas tranqüilizaram o terror do sr. Monks; os seus protestos tornaram-se cada vez menos veementes, à medida que avançavam nas suas investigações sem nada encontrarem; acabou por se rir do seu terror e confessou que devera ter sido apenas uma alucinação. Recusou todavia reatar a conversa durante o resto da noite, e recordou-se súbitamente de que já passava da uma hora. E assim se separaram as nossas duas amáveis personagens.

XXVII

Repara-se uma indelicadeza dum capítulo anterior, que havia abandonado uma dama sem cerimónia

Como de forma nenhuma seria decente que um humilde escritor fizesse esperar a seu belprazer uma personagem tão elevada como um prefeito, com as costas

voltadas para o lume e as abas do casaco apanhadas nos braços ; e como seria ainda mais inconveniente e mais indigno da sua gentileza, envolver na mesma desatenção uma dama a quem o prefeito lançara um olhar affectuoso e terno, e ao ouvido da qual elle havia murmurado palavras tão amáveis, que, vindas de quem vinham, teriam comovido o coração duma donzela ou duma regente de qualquer condição que fôsse ; o historiador cuja pena escreve estas palavras — sabendo o que deve a si próprio, e fiel aos seus sentimentos reverentes por aquêles a quem neste mundo é confiada uma grande e importante autoridade, — apressa-se a render-lhes o respeito que a sua posição reclama e a tratá-los com tôda a deferência que o seu elevado pôsto e por consequência as suas grandes virtudes lhe exigem imperiosamente. Com êsse intento, tinha-se proposto introduzir neste lugar uma dissertação sôbre o direito divino dos prefeitos, e demonstrar que um prefeito não pode proceder mal ; isso não deixaria de ser tão agradável como útil ao leitor judicioso ; mas é infelizmente obrigado, por falta de tempo e de lugar, a adiar êsse projecto para melhor occasião. Logo que ella se offereça, estará habilitado a demonstrar que um prefeito, normalmente constituído, isto é, um prefeito paroquial, agregado a um asilo paroquial e a uma igreja paroquial, é, de direito, e em virtude das suas funções, dotado de tôdas as qualidades, digamos melhor, de tôdas as perfeições da natureza humana ; e que os prefeitos agregados às companhias, aos tribunais ou às capelas filiais não podem pretender ter o menor direito a semelhantes perfeições : os beaguins das capelas filiais occupam, é certo, o segundo lugar, mas, a-pesar-de isso, estão numa condição muito inferior.

O snr. Bumble tinha, pois, contado e tornado a contar as colheres de chá, pesado e tornado a pesar a concha do açúcar, examinado escrupulosamente a leiteira e procedido à inspecção minuciosa da mobilia, até se

assegurar da maneira como tôdas as cadeiras eram estofadas. Havia recommençado esse exame cinco ou seis vezes antes de se lembrar de que se faziam horas de a snr.^a Corney voltar. Uma idéia puxa idéia, e como nenhum ruído indicasse a volta da snr.^a Corney, ocorreu ao snr. Bumble que seria uma inocente e virtuosa maneira de passar o seu tempo satisfazer ainda mais completamente a sua curiosidade, lançando um rápido golpe de vista ao interior da cômoda da snr.^a Corney.

Tendo aplicado o ouvido ao buraco da fechadura, para se assegurar de que ninguém se aproximava, o snr. Bumble, começando por baixo, pôs-se ao facto do conteúdo das três grandes gavetas, bem cheias de roupas de bom corte e tecido, cuidadosamente cobertas com jornais e semeadas de alfazema seca; isto pareceu dar-lhe uma viva satisfação. Chegando, no decurso das suas investigações, à gaveta de cima, à mão direita, onde estava uma chave, notou ali uma pequena caixa fechada a cadeado; sacudindo-a, ela fêz ouvir um som muito agradável, como dum tinir de moedas. Feito isto, o snr. Bumble voltou lentamente para o fogão, retomou a sua primeira atitude e disse em tom grave e resoluto:

— O meu partido está tomado!

Após esta notável declaração, pôs-se a abanar a cabeça como um homem satisfeito de si, e a contemplar as pernas, de perfil, com ar de grande contentamento e interesse.

Estava ainda plácidamente ocupado neste exame quando a snr.^a Corney entrou precipitadamente no quarto, se lançou ofegante sobre uma cadeira junto do fogo e pôs uma das mãos sobre os olhos e a outra sobre o coração, como uma mulher que está sufocada.

— Snr.^a Corney, — disse o snr. Bumble, curvando-se sobre a parteira — ¿ o que tem, minha senhora? ¿ Aconteceu-lhe alguma coisa, minha senhora? Responda-me, suplico-lhe! Estou sobre... sobre...

O snr. Bumble, não encontrando, na sua perturbação, a palavra « brasas », disse : — Estou sôbre cacos !

— Oh ! snr. Bumble ! — exclamou a dama — estou tão perturbada !

— Perturbada, senhora ! — exclamou o snr. Bumble. — ¿ Quem teria a audácia de . . . ? Compreendo ! — acrescentou êle, retomando o seu ar majestoso — foram essas viciosas mendigas !

— É uma coisa em que faz mal pensar ! — disse a dama, estremecendo.

— Então não pense mais nisso, senhora ! — respondeu o snr. Bumble.

— Não posso deixar de o fazer ! — lamuriou a dama.

— Então tome alguma coisa, senhora ! — disse o snr. Bumble, meigamente. — ¿ Um pouco de vinho ?

— Por nada dêste mundo ! — respondeu a snr.^a Corney. — Não posso . . . Oh ! na prateleira de cima, à direita . . . Oh !

E a boa dama mostrava com o dedo o armário, recaindo ao mesmo tempo nos seus espasmos.

O snr. Bumble precipitou-se para o armário, tomou uma garrafa verde da prateleira indicada, encheu uma chávena de chá com o seu conteúdo, e aproximou-a dos lábios da dama.

— Estou melhor agora, — disse a snr.^a Corney, recostando-se novamente na cadeira, depois de ter bebido metade da chávena.

O snr. Bumble ergueu piedosamente os olhos para o teto, em acção de graças, e dirigindo-os para a borda da chávena, leyrou-a ao nariz.

— É hortelã-pimenta, — exclamou a snr.^a Corney numa voz desfalecida, sorrindo graciosamente ao prefeito. — Prove-a ; tem pouco . . . com mais alguma coisa.

O snr. Bumble provou a droga com um ar indeciso, fêz estalar os beiços, provou novamente, e esvaziou a chávena.

— É muito reconfortante, — disse a snr.^a Corney.

— Muito, com efeito, senhora, — disse o prefeito; depois aproximou a sua cadeira da da regente, e perguntou-lhe ternamente o que lhe havia acontecido para assim a afligir.

— Nada; — respondeu a snr.^a Corney — é que eu sou uma criatura tão impressionável, tão sensível, tão frágil!

— Oh! frágil não! — replicou o snr. Bumble, aproximando um pouco mais a cadeira. — É porventura a senhora uma criatura frágil, snr.^a Corney?

— Todas nós somos frágeis criaturas, — disse a snr.^a Corney, estabelecendo um princípio geral.

— É bem certo, — disse o beleguim.

Durante um ou dois minutos guardou-se silêncio de parte a parte, e ao cabo dêsse tempo o snr. Bumble tinha dado razão ao princípio, passando o seu braço esquerdo, das costas da cadeira da snr.^a Corney, onde o colocara primeiro, para a cinta do avental da snr.^a Corney, que a pouco e pouco foi enlaçando.

— Somos todas criaturas frágeis, — disse o snr. Bumble.

A snr.^a Corney suspirou.

— Não suspire, snr.^a Corney, — disse o snr. Bumble.

— É superior às minhas fôrças, — disse a snr.^a Corney, e suspirou novamente.

— É muito confortável este quarto, senhora, — disse o snr. Bumble, percorrendo o aposento com o olhar. — Outro quarto como este, fariá uma coisa completa.

— Seria demais para uma pessoa só, — murmurou a dama.

— Mas não para duas, senhora, — replicou o snr. Bumble com voz terna. — Que lhe parece, snr.^a Corney?

A estas palavras do beleguim, a snr.^a Corney baixou

a cabeça, e o prefeito baixou também a sua, para ver o rosto da snr.^a Corney. Esta, com grande decôro, voltou a cabeça e desprendeu a mão para procurar o lenço, mas foi-a colocando de novo insensivelmente na do snr. Bumble.

— A administração fornece-lhe carvão, ¿ não é verdade, snr.^a Corney? — perguntou o prefeito, apertando-lhe affectuosamente a mão.

— E luz, — respondeu a snr.^a Corney, correspondendo levemente à pressão.

— Carvão, luz e alojamento, — disse o snr. Bumble. — Oh! snr.^a Corney, que anjo que a senhora é!

A dama não pôde resistir a êste transporte de ternura. Caíu nos braços do snr. Bumble, e êste, na sua comoção, depôs um apaixonado beijo no casto nariz da snr.^a Corney.

— Que perfeição paroquial! — exclamou o snr. Bumble, com transporte. — ¿ Sabe, minha adorada, que o snr. Slout está pior esta noite?

— Sim! — respondeu timidamente a snr.^a Corney.

— Não passará desta semana, diz o doutor, — continuou o snr. Bumble. — Ele está à testa desta casa; a sua morte trará uma vaga, e será necessário preencher essa vaga. Oh! snr.^a Corney! que perspectiva! que ocasião para unir dois corações e formar um só lar!

A snr.^a Corney soluçou.

— Diga a palavrinha! — continuou o snr. Bumble, dobrando-se sôbre essa beleza tímida. — Uma só palavrinha, tão pequenina, tão pequenina, minha encantadora Corney.

— Si . . . m . . . ! — suspirou a parteira.

— Outra ainda, — continuou o prefeito. — Vença a sua comoção para me responder apenas uma palavra mais . . . ¿ Para quando?

Duas vezes a snr.^a Corney tentou falar, e duas vezes a voz lhe faltou. Por fim, reúnindo tôda a sua cora-

gem, lançou os braços em volta do pescoço do snr. Bumble, dizendo-lhe que logo que elle quisesse, porque lhe era impossivel resistir-lhe.

Regulados assim os negócios a contento e satisfação das duas partes, rectificou-se solenemente o contrato com uma nova chávena de hortelã-pimenta, que não podia vir mais a propósito no estado de agitação e de comoção em que se encontrava a dama. Enquanto deitava o licor, informou o snr. Bumble da morte da velha.

— Muito bem ; — disse o cavalheiro, saboreando a sua hortelã-pimenta — vou passar, quando me fôr embora, por casa do Sowerberry, para que elle mande o caixão amanhã pela manhã. ¿ Foi isso que lhe meteu medo, meu amor ?

— Não foi nada de particular, meu amigo, — respondeu evasivamente a dama.

— Deve ter sido alguma coisa, meu amor, — insistiu o snr. Bumble. — ¿ Não quiere dizê-lo ao seu Bumble ?

— Agora não ; — respondeu ella — daqui a alguns dias. Quando estivermos casados, meu amigo.

— Quando estivermos casados ! — exclamou o snr. Bumble. — Por acaso algum desses pobres do asilo terá tido a impudência de . . .

— Não, não, meu amor, — apressou-se a dizer a dama.

— Se eu julgasse tal coisa, — continuou o snr. Bumble — se eu pudesse supor que um deles tinha ousado lançar um olhar dos seus olhos vulgares sobre esse amável rosto . . .

— Não teriam ousado, meu amor, — respondeu a dama.

— E fazem bem, — disse o snr. Bumble mostrando o punho. — Muito desejaria ver um individuo, parochial ou extra-parochial, que se permitisse fazê-lo ; posso dizer-lhe que o não faria segunda vez.

Se uma gesticulação violenta não houvesse embelezado estas palavras, a dama poderia ter parecido que elas não eram muito lisonjeiras para os seus encantos; mas, como o snr. Bumble proferia esta ameaça com muitos gestos belicosos, ela ficou vivamente comovida por esta prova de dedicação, e declarou com grande admiração que êle era de facto um verdadeiro pombo.

O pombo levantou a gola do casaco, pôs o tricórnio, trocou com a sua futura metade um longo e terno abraço, e saiu para afrontar mais uma vez o vento glacial da noite. Apenas se demorou alguns instantes na sala dos pobres do sexo masculino para os maltratar um pouco, a-fim-de se assegurar de que podia realmente desempenhar as funções de director dum asilo de mendicidade com todo o rigor necessário. Tendo verificado que possuia essa aptidão, o snr. Bumble saiu do edificio com o coração leve e todo esperançado com a brilhante perspectiva duma próxima promoção, pensamento que o ocupou todo o caminho até à loja do agente de funerais.

O snr. e a snr.^a Sowerberry tinham ido cear à cidade, e, como o snr. Noé Claypole nunca estava disposto a mover-se mais do que o necessário para um conveniente desempenho das duas funções de comer e beber, a loja continuava ainda aberta, embora a hora ordinária de encerramento tivesse já passado. O snr. Bumble bateu por várias vezes com a bengala sôbre o balcão; mas, como ninguém apparecesse e notasse uma claridade por detrás da porta envidraçada do pequeno aposento das traseiras, decidiu-se a ir ver o que se passava por lá; e quando viu o que se passava por lá não ficou pouco estupefacto.

A toalha estava posta para a ceia, e sôbre a mesa havia pão com manteiga, pratos, copos, um jarro com cerveja preta e uma garrafa de vinho. No tópo da mesa, pavoneava-se indolentemente numa cadeira de braços o snr. Noé Claypole, com as pernas pendendo

sôbre um dos braços da cadeira, uma faca de ponta e moia numa das mãos, e um grande naco de pão com manteiga na outra. Ao lado d'êle estava Carlota, ocupada em abrir ostras, que tirava dum barril e que o snr. Claypole condescendia em engolir, com uma avidez notável. O nariz mais vermelho que de ordinário e um certo pestanejar do olho direito anunciavam que estava um pouco embriagado, e o que confirmava êsses sintomas, era o intenso gôsto com que saboreava as ostras, de que apreciava, sem dúvida nenhuma, as propriedades refrigerantes, em casos de inflamação interna.

— Olhe, Noé, — disse Carlota — aqui tem uma muito boa e gorda. Saboreie-me isto... Ainda esta para acabar.

— Que deliciosa coisa que é uma ostra! — observou o snr. Claypole, depois de a ter engolido — que pena que se não possam comer muitas sem fazerem mal! ¿ Não é verdade, Carlota?

— É uma verdadeira crueldade, — disse Carlota.

— É bem certo, — continuou o snr. Claypole. — ¿ Não gostas de ostras?

— Nem por isso, — respondeu Carlota. — Gosto mais de lhas ver comer, meu caro Noé, do que de comê-las eu própria.

— Toma! — disse Noé, reflectindo. — É realmente singular!

— Mais uma; — disse Carlota — está aqui uma com uma barba tão linda e tão delicada!

— Nem mais uma; — disse Noé. — E tenho pena. Vem cá, Carlota, quero dar-te um beijo.

— O quê! — disse o snr. Bumble, precipitando-se no aposento. — Diga isso outra vez, senhor.

Carlota soltou um grito e escondeu o rosto no avental. Quanto ao snr. Claypole, sem fazer outra alteração na sua posição do que em consentir que as suas pernas atingissem o solo, olhava para o prefeito num terror de bêbedo.

— Diga isso outra vez, seu miserável, seu atrevido !
— disse o snr. Bumble. — ¿ Como ousa pronunciar semelhantes palavras, senhor ? ¿ E como lhe consente essa ousadia, sua desvergonhada ? Um beijo ! — exclamou o snr. Bumble, no cúmulo da indignação. — Fora !

— Era só por dizer ! — disse Noé, com as lágrimas nos olhos — é ela que quer estar sempre a beijar-me, mesmo quando eu não quero.

— Oh ! Noé ! — exclamou Carlota, em tom de censura.

— Sim, é verdade, bem sabes que assim é ; — replicou Noé — ela está-me sempre com coisás, snr. Bumble, snr. Bumble, ela vem fazer-me carícias de baixo da barba, e faz-me tôda a sorte de festas.

— Silêncio ! — disse severamente o snr. Bumble — desça já para a cózinha, senhora ! E o snr. Noé, feche a loja, e nem mais uma palavra ; quando seu amo voltar, diga-lhe que o snr. Bumble veio preveni-lo de que tem de mandar amanhã, depois do almoço, um caixão para uma vélha ; ¿ entende, senhor ? Um beijo ! — continuou êle levantando as mãos — a perversidade, a imoralidade das classes baixas, nesta circunscricção paroquial é simplesmente medonha ! Se o parlamento não toma em consideração êstes abomináveis procedimentos, o país está perdido, e os antigos costumes aldeãos desaparecerão para sempre !

Tendo pronunciado estas palavras, o prefeito saiu da loja com um ar carregado e majestoso.

E agora que o temos seguido quási até à sua porta, e que fizemos todos os preparativos necessários para o funeral da anciã, vamos informar-nos da sorte do jovem Oliveiros Twist, e saber se êle continua a jazer no fôssô em que o deixou Tobias Crackit.

XXVIII

Volta-se a Oliveiros. — Continuação das suas aventuras

— Que o diabo vos leve ! — murmurou Sikes, rangendo os dentes. — Bem desejaria ter-vos nas unhas ; far-vos-ia berrar ainda mais.

Proferindo estas imprecações com todo o furor que comportava a sua feroz natureza, dobrou o joelho, pôs sobre elle a criança ferida, e voltou um instante a cabeça para ver se avistava os que o perseguiam.

Não havia meio, com o nevoeiro e as trevas ; mas, de todos os lados se ouviam os gritos dos homens, os ladridos dos cães e as badaladas da sineta de alarme.

— Pára, poltrão ! — exclamou o bandido, apontando a pistola a Tobias Crackit, que, aproveitando-se o mais que podia das suas compridas pernas, tomara já a dianteira. — Pára !

Tobias parou imediatamente, porque não tinha bem a certeza de estar fora do alcance da pistola, e Sikes não estava em disposições de gracejar.

— Vem dar a mão ao pequeno ; — exclamou Sikes, acenando furiosamente ao seu cúmplice. — Para trás !

Tobias fêz menção de voltar para trás, mas resmungando, com a voz cansada e com a menor diligência possível.

— Mais depressa, — exclamou Sikes poisando o pequeno num fôso sem água que ali havia, e tirando uma pistola do bolso. — Não te faças asno comigo.

Neste momento o ruído tornou-se mais forte, e Sikes, olhando em roda, pôde entrever que aquêles que o perseguiam tinham já escalado a barreira do campo onde se encontravam, e lançado dois cães em sua perseguição.

— Salve-se quem puder, Bill ; — disse Tobias — deixa aí o pequeno, e mostra-lhes os calcanhares.

Ao mesmo tempo, o snr. Crackit, preferindo a probabilidade de ser morto pelo seu amigo à certeza de ser apanhado pelos seus inimigos, voltou as costas e deitou a fugir.

Sikes, rangendo os dentes, lançou em tórno um olhar rápido, deitou sôbre Oliveiros inanimado a capa em que o envolvera à pressa, avançou correndo ao longo da sebe, como para desviar a atenção dos que o perseguiram do lugar onde jazia a criança, parou um segundo diante de outra sebe que fazia com a primeira um ângulo recto, descarregou a pistola para o ar, e fugiu.

— Olá ! olá ! — gritou ao longe uma voz trémula.
— Pincher, Neptuno, aqui, aqui !

Os cães, que não pareciam ter mais gôsto por êste divertimento do que os donos obedeceram à primeira ordem ; e três homens, que tinham avançado a alguma distância no campo em questão, pararam para deliberar.

— A minha opinião, ou para melhor dizer, a minha ordem, — disse o mais gordo dos três — é que volte-mos imediatamente para casa.

— Tudo o que o snr. Giles julgar conveniente, julgo eu também, — respondeu um homenzinho rechonchudo, que estava muito pálido e muito atencioso, como o são quási sempre as pessoas que têm medo.

— Eu não serei tão descortês que vos contradiga, senhores, — disse o terceiro, que tinha chamado os cães. — O snr. Giles sabe o que faz.

— Sem dúvida, — replicou o homenzinho — e não seremos nós que iremos contra o que diz o snr. Giles ; não, não, eu conheço a minha situação ! Graça a Deus, eu conheço a minha situação.

A dizer a verdade, o homenzinho parecia conhecer realmente muito bem a sua situação, e saber perfeitamente que ela não era invejável, porque o medo fazia-lhe bater o queixo.

— ¿ Você tem medo, Brittles ? — disse o snr. Giles.

— Não, — disse Brittles.

— Sim, — disse Giles.

— É falso, snr. Giles, — disse Brittles.

— É você que mente, Brittles, — disse o snr. Giles.

Se o snr. Giles deu a Brittles essas respostas e estes remoqueos um pouco vivos, é porque estava indignado por lançarem sobre êle, sob a forma dum cumprimento, a responsabilidade da retirada. O terceiro individuo pôs fim à discussão por uma observação muito filosófica.

— Olhem, senhores ! se querem que eu lhes diga, todos nós temos medo.

— Fale por si, senhor, — disse o snr. Giles, que era o que estava mais pálido dos três.

— É isso o que eu faço ; — respondeu êle — nada mais simples, mais natural do que ter medo em tais circunstâncias ; eu tenho-o.

— E eu também ; — disse Brittles — mas não se diz isso assim, à má cara, a um homem.

Estas confissões cheias de franqueza apaziguaram o snr. Giles, que concordou que também êle tinha medo como os outros ; após o que todos três voltaram costas e deitaram a fugir, com a mais completa unanimidade, até que o snr. Giles, cujo fôlego era mais curto, e que se via embaraçado na fuga por um forçado com que se armara, pediu delicadamente um momento de descanso para se desculpar das suas vivacidades de linguagem.

— É pasmoso, — disse êle, depois de ter dado as suas explicações — o que um homem é capaz de fazer quando lhe sobe o sangue à cabeça ; eu teria cometido um assassinio, estou certo disso, se tivéssemos apanhado um desses patifes.

Como os dois outros eram da mesma opinião, e o seu sangue, como o de Giles, se tinha acalmado, puseram-se a especular sobre a causa de tão súbita mudança no seu temperamento.

— Eu sei o que foi, — disse o snr. Giles — foi a barreira.

— Não me espantaria nada, — exclamou Brittles, agarrando a idéia.

— Tenho a certeza, — disse Giles — que foi a barreira que pôs um freio ao nosso ardor; eu senti o meu abandonar-me repentinamente no momento em que saltava a barreira.

Por uma coincidência notável, os dois outros tinham experimentado a mesma desagradável sensação, justamente nesse mesmo momento. Era, pois, evidente para todos três, que fôra a barreira, tanto mais que nenhuma dúvida havia sôbre o momento preciso em que essa mudança se produzira nêles, porque todos três se recordavam de que fôra ao saltar a barreira que tinham dado de vista com os ladrões.

Êste diálogo tivera lugar entre os dois homens que haviam surpreendido os bandidos e um caldeireiro ambulante que tinha estado a dormir num alpendre e a quem haviam despertado, bem como aos seus dois cães de guarda, para se lhes juntar na perseguição. O snr. Giles desempenhava as duplas funções de dispenseiro e de mordomo, junto da velha senhora, proprietária do solar. Quanto a Brittles, era para todo o serviço; como entrara muito criança para a casa, tratavam-no ainda como um rapaz que dava esperanças, embora já tivesse coisa de trinta anos feitos.

Conversavam, pois, como vimos, para incutirem-se coragem; mas caminhavam apertados uns contra os outros, e lançavam em tórno de si olhares inquietos, por pouco que o vento agitasse os ramos. Dirigiram-se precipitadamente para uma árvore junto da qual tinham deixado a lanterna, que apagaram com receio de que a sua claridade indicasse aos ladrões o ponto para onde deviam fazer fogo. Depois continuaram a dirigir-se para casa, mais correndo do que andando, e, muito tempo depois de já não ser possível distingui-los,

entrevia-se ainda a sua sombra móvel agitar-se e dançar ao longe, bastante semelhante a um vapor que se eleva do solo húmido.

O ar tornava-se cada vez mais frio à medida que o dia avançava, e o nevoeiro cobria a terra como de uma espessa nuvem de fumo. A erva estava húmida; os caminhos e os lugares baixos não eram mais que lama e água, e um vento húmido e insalubre fazia ouvir o seu triste lamento. Oliveiros continuava imóvel e insensível, no lugar onde Sikes o deixara.

O dia erguia-se lentamente. O ar fêz-se mais agudo e penetrante; uma pálida claridade brilhou no céu, marcando mais o fim da noite do que o principio do dia. Os objectos que, na obscuridade, pareciam assustadores e terríveis, tornavam-se cada vez mais distintos e retomavam pouco a pouco o seu aspecto habitual. A chuva caía miúda e persistente, e açoitava os arbustos desfolhados; mas Oliveiros não a sentia, e continuava jazendo, sem sentidos e sem socorro, no seu leito de argila.

Emfim, um débil grito de dôr quebrou êsse longo silêncio, e, soltando-o, a criança despertou. O braço esquerdo, rudemente enrolado numa manta, pendia-lhe sem força, e o pano que o envolvia estava coberto de sangue. Estava tão fraco que foi com dificuldade que se sentou, e, quando o conseguiu, olhou debilmente em tôrno de si em procura de socorro, e a dôr arrançou-lhe gemidos. Trémulo de frio e de cansaço, fêz um esforço para se levantar; mas um calafrio o sacudiu da cabeça aos pés, e caiu novamente por terra.

Depois de ter voltado alguns instantes ao estado de prostração em que estivera por tanto tempo mergulhado, Oliveiros, sentindo um vivo sofrimento, preságio duma morte certa, se ficasse onde estava, pôs-se em pé e tentou andar. Sentia vertigens, e cambaleava como um homem embriagado; conseguiu, todavia, sustentar-se de pé, e, com a cabeça inclinada lânguida-

mente sôbre o peito, avançou com passo incerto, sem saber para onde ia.

Uma multidão de idéias extravagantes e confusas se lhe cruzavam na mente. Parecia-lhe que caminhava ainda entre Sikes e Crackit, que questionavam violentamente, e que as suas palavras lhe feriam o ouvido; se, no seu delírio, fazia um violento esforço para não cair, parecia-lhe súbitamente que conversava com êles. Depois, estava só com Sikes, percorrendo o terreno como o fizera na véspera, e julgava sentir ainda a pressão dos dedos do bandido sôbre o seu pulso tôdas as vezes que uma ou outra pessoa sombria passava junto dêle. De súbito recuou ao ruído da detonação duma arma; gritos e tiros se elevavam no ar; brilhavam-lhe luzes diante dos olhos; tudo era ruído e tumulto, e parecia-lhe que uma mão invisível o arrastava a tôda a pressa. A tôdas essas visões rápidas, vinha juntar-se uma consciência indefinida e penosa de sofrimento que o consumia e o atormentava sem cessar.

Avançou assim cambaleando, abrindo maquinalmente passagem entre as barreiras e as sebes que encontrava no caminho, e chegou enfim a uma estrada; aí a chuva começou a cair com tanta fôrça que o fêz voltar a si.

Olhou em roda e viu a pouca distância uma casa, até à qual poderia talvez arrastar-se. Vendo o seu estado, teriam, sem dúvida, piedade dêle, e no caso contrário, mais valia ainda, pensou, morrer junto de seres humanos, que no abandôno dos campos à luz das estrélas. Reünuiu as poucas fôrças que lhe restavam para esta última tentativa, e avançou com passo incerto.

Ao aproximar-se dessa casa, pareceu-lhe vagamente que já a tinha visto; não se lembrava de nenhum pormenor, mas a forma e o aspecto do edificio não lhe eram estranhos.

Êsse muro de jardim! sôbre a relva, do outro lado,

tinha êle caído de joelhos na passada noite, e havia implorado a compaixão dos dois bandidos; era bem essa a casa que êles tinham tentado roubar.

Reconhecendo o lugar onde estava, Oliveiros sentiu um tal receio, que esqueceu por um instante as torturas que o ferimento lhe fazia sentir, e só pensou em fugir. Fugir! como, se com dificuldade se sustentava de pé; e, embora estivesse na plenitude de tôdas as capacidades da sua organização débil mas jovem, ¿ para onde poderia êle fugir? Impeliu a porta do jardim; não estava fechada à chave e rodou nos gonzos; transpôs penosamente o tabuleiro de relva, subiu os degraus da escada, bateu devagarinho à porta e, tendo-se-lhe esgotado as fôrças, caiu prostrado contra um dos pilares do pequeno pórtico.

Aconteceu que nessa ocasião, os snr. Giles, Brittles e o caldeireiro estavam na cozinha, e restabeleciam-se das fadigas e dos terrores da noite, com chá e seus acompanhamentos; não que estivesse muito nos hábitos do snr. Giles permitir demasiada familiaridade aos criados inferiores, aos quais antes tratava com uma benevolência altiva, de maneira a não lhes deixar esquecer a superioridade da sua posição social; mas, perante a morte, o incêndio, e as tentativas de arrombamento, todos os homens são iguais. O snr. Giles estava, pois, sentado na cozinha, com as pernas cruzadas diante do lume, o braço esquerdo apoiado na mesa, enquanto gesticulava com o braço direito e fazia do ataque nocturno uma narração pormenorizada e minuciosa, que todos os auditores, e principalmente a cozinheira e a criada do quarto, escutavam ávidamente.

— Era cêrca das duas horas e meia, — disse o snr. Giles — não jurarei, todavia, que não fôsse mais perto das três quando acordei, e voltando-me na cama, assim, (aqui o snr. Giles voltou-se na cadeira e puxou para si a extremidade da toalha, para simular os lençóis) pareceu-me que ouvia um certo ruído.

Neste ponto da narrativa, a cozinheira empalideceu e pediu à criada de quarto que fôsse fechar a porta; a criada de quarto dirigiu-se a Brittles e êste ao caldeireiro, que fingiu não ter ouvido.

— Parece-me que ouvia um certo ruído, — continuou o snr. Giles. — É uma ilusão, pensei eu a princípio, e ia continuar a dormir quando ouvi de novo o ruído, mais distinto.

— ¿ Que género de ruído? — perguntou a cozinheira.

— Uma espécie de ruído surdo, — respondeu o snr. Giles, passeando os seus olhares pela assistência.

— Ou antes o ruído dum ralador numa barra de ferro, — observou Brittles.

— Talvez, no momento em que você o ouviu; — replicou o snr. Giles — mas na ocasião em que eu falo, era um ruído surdo; atirei com a roupa (e ao mesmo tempo o snr. Giles afastou a toalha), sentei-me na cama e escutei.

A cozinheira e a criada do quarto exclamaram ao mesmo tempo: « Deus do céu! » e aproximaram as cadeiras uma da outra.

— Ouvi então o ruído, de maneira a não poder duvidar, — continuou o snr. Giles. — Estão, disse eu comigo, a forçar uma porta ou uma janela; ¿ que há a fazer? Vou prevenir êsse pobre Brittles para impedir que o assassinem no seu leito; de outra forma, digo eu, cortar-lhe-iam com certeza a garganta dum a orelha à outra, sem que êle o sentisse.

Aqui todos os olhos se dirigiram para Brittles, que tinha os seus postos no narrador, e o contemplava com a bôca aberta e um rosto que exprimia o mais franco horror.

— Repeli os lençóis, — disse Giles, atirando para longe se si a toalha e olhando fixamente para a cozinheira e para a criada de quarto — saltei muito de manso abaixo da cama, calcei um par de . . .

— Estão aqui senhoras, snr. Giles, — murmurou o caldeireiro.

— De sapatos, senhor ; — disse Giles voltando-se para êle e acentuando a palavra — , pego na pistola carregada que está sempre na escada perto do cêsto de prata, e dirigi-me nos bicos dos pés para o seu quarto. Brittles, disse-lhê eu depois de o ter acordado, não tenha mêdo !

— É perfeitamente exacto, — observou Brittles a meia-voz.

— Somos homens mortos, segundo creio, Britlès ; — disse-lhe eu — mas não se inquiete.

— ¿ Ele teve muito mêdo ? — perguntou a cozinheira.

— Absolutamente nenhum ; — respondeu o snr. Giles — foi tão corajoso . . . olhe, quási tão corajoso como eu.

— Se tem sido comigo, eu teria morrido ali logo, tenho a certeza — observou a criada de quarto.

— É que a senhora é uma mulher, — replicou Brittles, que recobrou um pouco de ânimo.

— Brittles tem razão, — disse o snr. Giles, com um sinal de cabeça aprovador. — De uma mulher, não se deve esperar outra coisa ; mas nós, que somos homens, pegamos numa lanterna de furta-fogo que estava sôbre o fogão de Brittles, e descemos as escadas às apalpadelas, na escuridão, assim.

O snr. Giles levantara-se e dera dois ou três passos com os olhos fechados para juntar o gesto apropriado à palavra, quando de súbito estremeceu violentamente, bem como tôda a companhia, e voltou rápidamente para a sua cadeira. A cozinheira e a criada de quarto soltaram um grito.

— Bateram à porta, — disse o snr. Giles, affectando uma perfeita serenidade. — Vá alguém abrir.

Ninguém se mexeu.

— É bastante singular que venham bater à porta

a esta hora da manhã, — disse o snr. Giles, examinando os rostos pálidos dos que o rodeavam e empalidecendo também; — mas é preciso abrir a porta; ouvem, alguém?

O snr. Giles, falando assim, olhava para Brittles; mas este mancebo, sendo naturalmente modesto, não se considerava provavelmente como *alguém*, e persuadiu-se de que essa ordem lhe não dizia respeito; em todo o caso, não respondeu coisa alguma. O snr. Giles fez sinal ao caldeireiro, mas esse súbitamente adormeceu. Quanto às mulheres, nem pensar nisso.

— Se Brittles prefere abrir a porta em presença de testemunhas, — disse o snr. Giles, após um curto silêncio — estou pronto a acompanhá-lo.

— E eu também, — disse o caldeireiro, — acordando tão rapidamente como tinha adormecido.

Brittles capitulou a estas condições, e a sociedade, algum tanto tranqüilizada depois de ter descoberto, abrindo as portas, que era dia claro, subiu a escada, formando os cães a guarda avançada e as duas mulheres a refaguarda, porque tinham medo de ficar sós no andar de baixo. Por conselho do snr. Giles, todos falavam muito alto, a-fim-de mostrar que eram muitos, se estivesse à porta algum mal intencionado; e outra idéia luminosa atravessou o espirito do engenhoso snr. Giles: foi apertar o rabo aos cães no vestibulo, para os fazer ladrar com tóda a fôrça.

Tomadas estas precauções, o snr. Giles agarrou o braço do caldeireiro (para o impedir de fugir, disse êle gracejando), e deu ordem de abrir a porta. Brittles obedeceu, e todos, apertando-se timoratamente uns contra os outros, não viram mais formidável objecto que o pobre pequeno Oliveiros Twist, extenuado e sem voz, que erguia penosamente os olhos e mudamente implorava compaixão.

— Um rapaz! — exclamou o snr. Giles, empurrando enérgicamente o caldeireiro para o fundo do cor-

redor. — Que é... Olha!... Brittles... veja...
¿ não o reconhece?

Brittles que, ao abrir a porta, tivera o cuidado de se conservar por trás dela, mal viu Oliveiros soltou um alto grito. O snr. Giles, agarrando o pequeno por uma perna e por um braço (felizmente não foi o braço quebrado), levou-o para o vestibulo e depô-lo ao comprido no chão.

— Agarrámo-lo! — exclamou Giles, do fundo da escada, num estado de grande excitação. — Aqui está um dos ladrões, minha senhora! agarrámos um ladrão, menina!... ferido, menina! Fui eu que atirei sôbre êle, menina, e Brittles segurava na luz.

— Numa lanterna, menina! — exclamou Brittles, pondo uma das mãos perto da bôca, para dar mais alcance à voz.

As duas criadas subiram a escada correndo, para levarem acima a notícia de que o snr. Giles tinha capturado um ladrão, e o caldeireiro tratou de fazer despertar Oliveiros do seu desmaio, receando que êle morresse sem ser enforcado. No meio de todo êste alarido e dêste bulício, ouviu-se uma doce voz de mulher, e tudo se apaziguou num instante.

— Giles! — disse a voz do alto da escada.

— Estou aqui, menina! — respondeu êste. — Não tenha mêdo, menina, não estou muito magoado; êle não fêz uma resistência desesperada, menina; viu bem de-pressa que éramos muitos contra um só!

— Silêncio! — replicou a jovem. — Você assusta minha tia tanto ou mais do que os ladrões! ¿ Êsse pobre homem está muito ferido?

— Ferido mortalmente, menina! — respondeu Giles, com indescritivel satisfação.

— Parece que está mesmo a ir-se, menina! — exclamou Brittles. — Não quiere vir vê-lo, menina, no caso em...

— Silêncio, peço-lhe! — replicou a donzela. — Espere um instante que eu vá falar a minha tia.

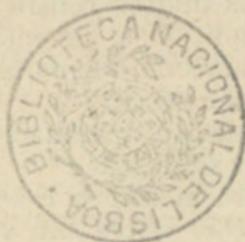
Com tanta suavidade e graça no andar como na voz, a jovem afastou-se e voltou em breve com a ordem de transportarem com todo o cuidado o ferido para o quarto do snr. Giles, e dizer a Brittles que se-lasse o pônei e partisse imediatamente para Chertsey, para chamar a tôda a pressa um oficial de paz (1) e um médico.

— ¿ Mas quere dar-lhe uma vista de olhos, menina ? — perguntou o snr. Giles com tanto orgulho como se Oliveiros fôsse alguma ave de plumagem rara, morta por um tiro que fizesse honra à sua destreza. — ¿ Sómente uma vista de olhos, menina ?

— Não ! por nada dêste mundo ! — respondeu a donzela. — Pobre rapaz ! Oh ! trate-o com bondade, Giles, ainda que não seja senão por mim.

O velho criado viu-a afastar-se com tanto orgulho e admiração como se fôsse sua própria filha ; depois, inclinando-se sôbre Oliveiros, ajudou a transportá-lo até ao cimo da escada, com o cuidado e a solicitude duma mulher.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME



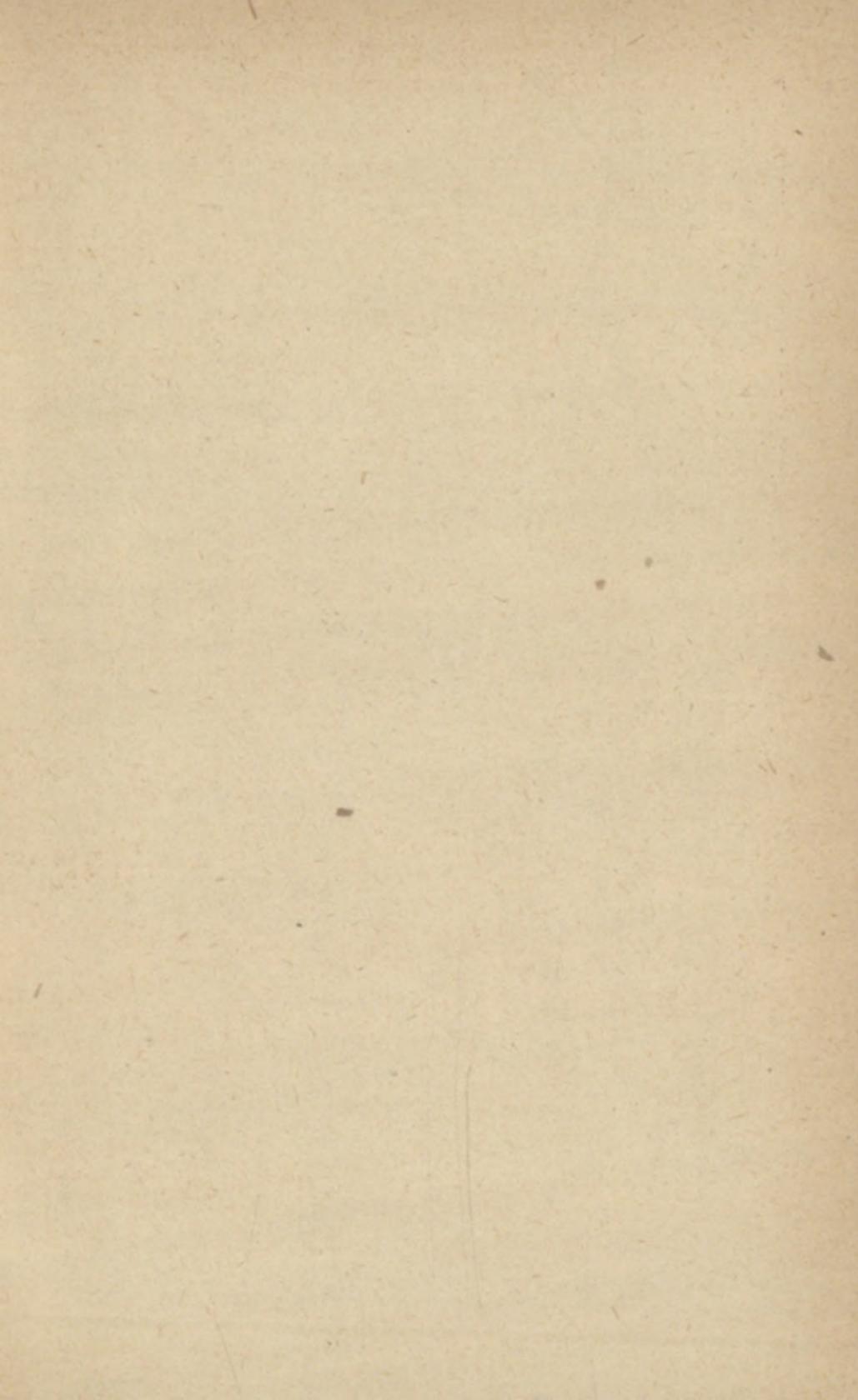
(1) *Constable*, em inglês. — N. T.



ÍNDICE

	Pág.
I — Do lugar onde nasceu Oliveiros, e das circunstâncias que acompanharam o seu nascimento	5
II — Como Oliveiros Twist cresceu e como foi criado	9
III — Como Oliveiros Twist esteve a ponto de apanhar um lugar que não seria uma sinecura	22
IV — Oliveiros encontra outro lugar e faz a sua entrada no mundo	33
V — Oliveiros toma novos conhecimentos, e a primeira vez que assiste a um funeral concebe uma idéia desfavorável do modo de vida de seu amo	42
VI — Oliveiros, acirrado pelos sarcasmos de Noé, dá-lhe batalha e derrota o seu inimigo	56
VII — Oliveiros persiste na rebelião	63
VIII — Oliveiros vai a Londres e encontra no caminho um singular mancebo	71
IX — Onde se encontrarão novas informações sobre o agradável velho e sobre os seus discipulos, mancebos de grandes esperanças	82
X — Oliveiros trava mais amplo conhecimento com os seus novos companheiros, e adquire experiência á sua custa, o que constitui, um breve, um muito importante capítulo da sua história	89
XI — Em que se trata do snr. Fang, commissário de policia, e em que se encontrará uma pequena amostra da sua maneira de administrar justiça.	96

	Pág.
XII — Oliveiros é tratado melhor do que nunca o fóra. — Novas informações sôbre o amável judeu e seus jóvens discípulos	105
XIII — Apresentação feita ao leitor inteligente de alguns novos conhecimentos acêrca dos quais são rela- tadas particularidades divertidas pertencentes a esta história	117
XIV — Mais pormenores sôbre a estada de Oliveiros em casa do snr. Brownlow. — Profecia notável de um certo snr. Grimwig sôbre o rapazito, ao êste sair a desempenhar-se de certa missão	127
XV — Em que se verá quanto o chistoso judeu e miss Nancy eram afelcoados a Oliveiros	140
XVI — O que aconteceu a Oliveiros, depois de ter sido re- clamado por Nancy	149
XVII — Como a sorte de Oliveiros continua a ser má, vem um grande homem a Londres denegrir a sua reputação	161
XVIII — Como Oliveiros passava o tempo na companhia dos seus respeitáveis amigos.	173
XIX — Discussão e adopção de um plano de campanha	183
XX — Oliveiros é entregue ao snr. Guilherme Sikes.	195
XXI — A expedição.	205
XXII — Tentativa de roubo nocturno.	213
XXIII — Curiosa conversa do snr. Bumble e de uma dama. Onde se mostra que um prefeito pode ser sus- ceptível em algumas coisas	221
XXIV — Trata-se dum assunto insignificante, mas que é con- tado em poucas palavras e cujo conhecimento poderá ser julgado de alguma importância para esta história.	231
XXV — Onde encontramos novamente o snr. Fagin e o seu bando	238
XXVI — Aparece em cena uma personagem misteriosa. — Pormenores importantes estreitamente ligados à continuação desta história.	246
XXVII — Repara-se uma indelicadeza dum capítulo anterior, que havia abandonado uma dama sem cerimô- nia	261
XXVIII — Volta-se a Oliveiros. — Continuação das suas aven- turas	271



EXTREMADURA



DECUS
IN
LABOR
RE



